

SETE DIAS

Jonathan Tropper

SEM

ELE PERDEU A ESPOSA, O EMPREGO E O PAI.

FIM

E FOI AÍ QUE REENCONTROU SUA FAMÍLIA.



SETE DIAS SEM FIM



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SETE DIAS

Jonathan Tropper

SEM FIM



Título original: *This Is Where I Leave You*

Copyright © 2009 por Jonathan Tropper

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Regina Lyra

preparo de originais: Sheila Louzada

revisão: Cristiane Pacanowski, Magda Tebet e Milena Vargas

diagramação: Abreu's System

capa: Christiano Menezes

adaptação para e-book: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T77t Tropper, Jonathan

Sete dias sem fim [recurso eletrônico] / Jonathan Tropper [tradução de Regina Lyra]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: This is where I leave you
ISBN 978-85-8041-156-0
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lyra, Regina II. Título

CDD: 813

13-1624

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

CAPÍTULO 1

— P_{APAI MORREU} — diz Wendy sem a menor cerimônia, como se isso já tivesse acontecido antes, como se acontecesse todo dia. Às vezes dá nos nervos esse jeito dela de nunca se abalar, mesmo diante da pior tragédia. — Faz duas horas.

— Como está mamãe?

— Ah, daquele jeito dela, né? Queria saber quanto dar de gorjeta ao legista.

Sou obrigado a sorrir, embora eu sempre me irrite com a evidente incapacidade da nossa família de expressar emoção em momentos dramáticos. Não existe ocasião solene ou tensa que os Foxmans não consigam minimizar com a maior rapidez usando suas capacidades geneticamente desenvolvidas de ironia e fuga. Seja aniversário, festa, casamento ou doença, seguimos inabaláveis em nossas provocações, brincadeiras sarcásticas e ofensas. Agora papai morreu e Wendy está bancando a engraçadinha. O que é muito bem feito, já que ele foi uma espécie de pioneiro na vanguarda da repressão emocional.

— E a coisa só melhora — acrescenta Wendy.

— Melhor? Meu Deus, Wendy, você ouviu o que disse?

— Tudo bem, eu me expressei mal.

— Jura?

— Ele pediu que cumpríssemos a shivá.

— Quem pediu?

— De quem estamos falando? Papai! Ele queria que a gente cumprisse a shivá.

— Papai morreu.

Wendy solta um suspiro, sugerindo que é definitivamente muito cansativo desbravar a densa floresta da minha estupidez.

— Exatamente. Pelo visto esta é a ocasião ideal para isso.

— Mas papai é ateu.

— Papai *era* ateu.

- Está me dizendo que ele aceitou Deus antes de morrer?
- Não, estou dizendo que ele morreu e que você deveria conjugar o verbo no tempo correto.

Se parecemos dois babacas insensíveis é porque fomos criados assim. Para ser justo, porém, é preciso dizer que já estávamos vivenciando esse luto fazia algum tempo, com maior ou menor intensidade, desde que ele recebera o diagnóstico, um ano e meio antes. Papai vinha sentindo dores de estômago e esquivara-se dos apelos de mamãe para que consultasse um médico. Em vez disso, preferira aumentar a quantidade dos mesmos antiácidos que tomava havia anos. Consumia-os como se fossem balas, largando pedacinhos de papel laminado por onde quer que passasse, o que deixava os carpetes brilhando feito asfalto molhado. Até que suas fezes saíram vermelhas.

– Seu pai não está se sentindo bem – disse minha mãe ao telefone, fazendo uso de um eufemismo notável.

– Estou cagando sangue – resmungou ele ao fundo.

Nos quinze anos que se passaram desde que saí de casa, papai nunca falou comigo ao telefone. Sua voz só soava ao fundo, contribuindo com algum comentário ocasional quando lhe convinha. E pessoalmente era a mesma coisa. Mamãe sempre assumia o papel principal. Casar com ela foi, para ele, como se tornar um figurante.

Na tomografia computadorizada, os tumores brotavam como flores no duodeno de meu pai. Ao seu lendário estoicismo agora somava-se o fato de ele ter passado um ano tratando câncer metastático de estômago com pastilhas para azia. Vieram então as cirurgias, como era de se esperar, depois a radioterapia, e finalmente as sessões de químio, já no tudo ou nada, que supostamente deveriam reduzir os tumores, mas acabaram encolhendo meu pai. Seus ombros, antes largos, se transformaram em um mero cabide esquelético, mal visível sob a pele flácida. Seguiu-se o definhamento dos músculos e das forças do corpo, e depois o controle da dor extrema, que culminou no coma, do qual sempre soubemos que ele não sairia. E de que adiantaria sair? Por que acordar para a dolorosa e execrável realidade de um câncer terminal de estômago?

Ele levou quatro meses para morrer, três a mais do que os oncologistas tinham previsto. “Seu pai é um guerreiro”, diziam os médicos quando o visitávamos, o que era uma besteira, pois ele já fora completamente derrotado. Se estivesse consciente, papai com certeza ficaria de saco cheio por demorar tanto para fazer uma coisa tão simples como morrer. Ele não

acreditava em Deus, mas sempre fora um devotado membro da Congregação do ou Trepá ou Sai de Cima.

Portanto, sua morte propriamente dita foi mais um derradeiro detalhe triste que um acontecimento em si.

– O enterro é amanhã de manhã – informa Wendy. – Vou pegar um voo com as crianças hoje à noite. Barry está em São Francisco para uma reunião. Vai pegar o corujão.

O marido de Wendy, Barry, é gerente de um grande fundo de investimentos. Pelo que sei, ele é pago para viajar pelo mundo em aviões particulares e perder partidas de golfe para homens mais ricos do que ele que talvez precisem do dinheiro de seu fundo. Há alguns anos, a empresa o transferiu para Los Angeles, o que não faz sentido, já que ele viaja o tempo todo e Wendy certamente preferiria morar na Costa Leste, onde os tornozelos inchados e as gordurinhas pós-gravidez são menos condenados. Por outro lado, porém, minha irmã está sendo muito bem recompensada pelo incômodo da mudança.

– Vai levar as crianças?

– Eu acharia melhor não, pode acreditar, mas uma semana é tempo demais para deixá-las sozinhas com a babá.

As crianças são Ryan e Cole, de 6 e 3 anos – meninos obedientes, de angelicais bochechas rosadas, que jamais encontraram um aposento que não conseguissem destruir em dois minutos –, e Serena, a bebezinha de 7 meses.

– Uma semana?

– É o tempo da shivá.

– A gente não vai mesmo fazer isso, vai?

– Foi o último desejo dele – diz Wendy, e nesse instante penso ouvir a dor nua e crua lá no fundo de sua garganta.

– Paul concordou com isso?

– Foi ele mesmo que me contou.

– O que ele disse?

– Que papai queria que a gente cumprisse a shivá.

Paul é meu irmão, um ano e quatro meses mais velho que eu. Mamãe sempre insistiu em dizer que eu não fui um acidente, que a intenção dela fora exatamente essa, engravidar novamente apenas sete meses depois de ter tido Paul. Só que eu nunca engoli isso, principalmente depois de ouvir meu pai, a língua destravada pelos *schnapps* de pêssego do jantar de sexta-feira, admitir melancolicamente que naquela época eles acreditavam que a mulher não

engravidava durante o período de amamentação. Quanto a mim e a Paul, nos damos bem desde que estejamos longe um do outro.

– Alguém falou com Phillip? – pergunto.

– Deixei recado em todos os números de telefone dele que tenho. Se, por alguma chance remota, ele ouvir alguma das mensagens e não estiver preso, drogado ou morto numa sarjeta, existe uma pequena possibilidade de ele aparecer.

Phillip é nosso irmão caçula, nove anos mais novo que eu. É difícil entender a lógica procriadora dos meus pais. Wendy, Paul e eu, todos nascidos no intervalo de quatro anos, e então Phillip, quase uma década depois, incorporado à prole como um apêndice meio esquisito. Ele é o Paul McCartney da família: mais bonito que nós, sempre olhando para o outro lado nas fotos e de vez em quando dado como morto. Quando bebê, era ora mimado, ora ignorado, o que talvez tenha contribuído significativamente para ele ter se tornado um adulto tão problemático. No momento mora em Manhattan, onde seria preciso procurar com muito afincado caso alguém quisesse encontrar uma droga que ele não tenha usado ou uma modelo com quem não tenha transado. Phillip fica sumido por meses, até surgir do nada na sua casa para jantar, quando então menciona, ou não, que esteve na cadeia, ou no Tibete, ou que acabou de se separar de uma atriz quase famosa. Não o vejo há mais de um ano.

– Tomara que apareça – comento. – Ele ficaria arrasado se perdesse o enterro.

– Falando em irmãozinhos problemáticos, como vai a sua tragédia grega?

Às vezes essa falta de tato mordaz de Wendy é divertida, quase charmosa, mas, se existe uma linha que separe grosseria e crueldade, ela nunca reparou. Em geral eu a suporto, mas os últimos meses me deixaram um caco e minhas defesas se esgotaram.

– Tenho que desligar – digo, tentando ao máximo não dar a impressão de que estou prestes a desmoronar.

– Nossa, Judd. Só estava mostrando que me preocupo com você.

– Na sua cabeça pareceu isso, com certeza.

– Ah, não se faça de vítima. Já chega o que eu engulo do Barry.

– Vejo você lá em casa.

– ã-hã, até lá – diz ela, aborrecida. – Tchau.

Fico esperando.

– Ainda está aí? – pergunta Wendy finalmente.

– Não.

Desligo e a imagino batendo o telefone enquanto solta um palavrão atrás do outro como uma metralhadora.

QUARTA-FEIRA

CAPÍTULO 2

ESTOU ARRUMANDO A bagagem no carro para a viagem de duas horas até Elmsbrook quando Jen aparece em seu utilitário branco e estaciona. Ela desce rápido, antes que eu possa escapar. Não a vejo faz algum tempo, não retorno suas ligações nem paro de pensar nela. E aqui está, imaculada como sempre em sua roupa de ginástica colada ao corpo, o cabelo tingido de um tom louro-mel, os cantos da boca ligeiramente erguidos para dar a sugestão de um sorriso de menininha. Conheço todos os sorrisos de Jen, o que significam e aonde levam.

O problema é que toda vez que a vejo me lembro instantaneamente da primeira vez que a vi, cruzando o campus naquela bicicleta vermelha desconjuntada, as pernas compridas pedalando, cabelos ao vento, o rosto corado de animação – todas as coisas em que ninguém quer pensar quando encontra a futura ex-esposa. Postulante a ex-esposa. Ex-esposa eleita. Os livros e os sites de autoajuda ainda não formularam um título adequado para os cônjuges que vão parar no purgatório dos divórcios, aquele destinado a servir de sala de espera até que o tribunal ratifique oficialmente a sua tragédia pessoal. Como sempre acontece ao ver Jen, fico imediatamente mortificado, não porque ela com certeza descobriu que estou morando numa porcaria de porão alugado, mas porque desde que saí de casa basta vê-la para que eu sinta que fui flagrado em um constrangedor momento pessoal – assistindo a um vídeo pornô com a mão dentro da calça ou cantando Air Supply enquanto tiro meleca no sinal fechado.

– E aí? – diz ela.

Jogo a bagagem dentro do porta-malas.

– E aí? – respondo.

Fomos casados durante nove anos. Agora nos cumprimentamos com “e aí?” e evitamos nos encarar.

– Deixei alguns recados na sua secretária eletrônica.

– Andei ocupado.

– Claro.

Seu tom irônico detona em mim o familiar impulso de beijá-la com ardor e ao mesmo tempo apertar seu pescoço até deixá-la roxa. Nenhuma das duas coisas é uma opção a esta altura, por isso me contento em fechar o portamalas com mais força que o necessário.

– Precisamos conversar, Judd.

– Agora não é uma boa hora.

Ela se apressa e se encosta na porta do motorista, me lançando seu sorriso mais sedutor, o mesmo que sempre afirmei me deixar apaixonado como da primeira vez. Só que hoje ela calculou mal, porque no momento esse sorriso só consegue me fazer recordar tudo o que perdi.

– Não há motivo para essa separação não ser amigável – diz ela.

– Você está transando com o meu chefe. Esse é um ótimo motivo.

Jen fecha os olhos, invocando a gigantesca reserva de paciência necessária para lidar comigo. Eu costumava beijar essas pálpebras enquanto ela pegava no sono, sentir entre meus lábios os cílios macios se agitando como asas de borboleta, sua respiração suave me fazendo cócegas no queixo e no pescoço.

– Você tem razão – concorda ela, esforçando-se para não parecer entediada. – Sou uma pessoa imperfeita. Eu estava infeliz e fiz uma coisa imperdoável. Ainda assim, por mais que você possa me odiar por arruinar sua vida, fazer papel de vítima não está adiantando muito para você.

– Ei, eu estou ótimo.

– Ah, é. Você está ótimo.

Jen contempla ostensivamente o lugar caindo aos pedaços onde estou morando – no subsolo. Parece a típica casinha que as crianças desenham: um triângulo sobre um quadrado, com fileiras de tijolos desleixadamente encaixados, uma única janela francesa e uma porta. Os imóveis vizinhos, de ambos os lados, são igualmente decrepitos, em nada semelhantes à pequena e bela construção colonial que compramos com as economias de Jen e onde ela ainda mora, sem precisar pagar aluguel e dormindo com outro homem na cama que era minha.

Os proprietários são os Lees, um inescrutável casal chinês de meia-idade que vive em um estado de mudez perpétua. Jamais ouvi a voz de nenhum dos dois. Ele pratica acupuntura na sala; ela varre a calçada três vezes ao dia com uma vassoura de palha feita à mão que mais parece um objeto cenográfico. Acordo e durmo embalado pelo sussurro de suas frenéticas varridas no cimento. Fora isso, os dois parecem não existir, e muitas vezes me pergunto

por que se deram o trabalho de emigrar. Sem dúvida não faltam nervos a serem espetados e poeira a ser varrida na China.

– Você não compareceu à audiência de conciliação – diz Jen.

– Não gosto do mediador. Ele não é imparcial.

– Claro que é.

– Não diante dos seus peitos.

– Ah, pelo amor de Deus, isso é ridículo.

– Bom, gosto não se discute.

Eu poderia relatar o restante da conversa, mas seria apenas mais do mesmo: duas pessoas cujo amor se tornou tóxico atirando granadas de ressentimento uma na outra.

– Não dá para conversar quando você está assim – conclui Jen, e se afasta do carro bufando.

– Eu sou sempre assim. Este sou eu.

Meu pai morreu!, é o que quero gritar para ela, mas não o faço, porque senão Jen vai começar a chorar e, se ela chorar, eu provavelmente vou chorar também, e aí ela vai encontrar uma abertura e não pretendo permitir que a muralha que eu ergui seja invadida por um cavalo de Troia de compaixão. Vou para casa enterrar meu pai e enfrentar minha família. Ela deveria ir comigo, mas não é mais minha esposa. A gente se casa para ter um aliado contra a própria família, e agora lá vou eu para o front sozinho.

Jen balança a cabeça com tristeza e posso ver seu lábio inferior tremer, uma lágrima começando a brotar no canto do olho. Não posso tocá-la, beijá-la, amá-la ou, pelo que estou vendo, nem mesmo ter uma conversa que em menos de três minutos não descambe para recriminações furiosas. Mas ainda consigo deixá-la triste e por enquanto tenho que me contentar com isso. Seria mais fácil, muito mais fácil, se ela não insistisse em ser tão irritantemente bonita, tão sarada, loura, meiga e vulnerável. Porque mesmo agora, depois de tudo o que ela me fez, ainda existe algo em seus olhos que me faz querer protegê-la a qualquer custo, embora eu saiba que na verdade quem precisa de proteção sou eu. Seria muito mais fácil se ela não fosse Jen. Mas ela é, e onde antes havia o amor mais puro existem agora um covil de fúria e ressentimento e um novo amor, sombrio e distorcido, que dói mais que todo o resto junto.

– Judd.

– Tenho que ir – digo, abrindo a porta do carro.

– Eu estou grávida.

Nunca levei um tiro, mas é bem provável que a sensação seja a mesma:

aquela fração de segundo de total vazio imediatamente antes que a dor alcance a bala. Jen já engravidou antes. Chorou e me beijou enquanto dançávamos feito dois idiotas no banheiro. Mas nosso bebê morreu antes de nascer, estrangulado pelo cordão umbilical três semanas antes da data prevista para o parto.

– Parabéns. Tenho certeza que Wade será um pai formidável.

– Sei que isso é difícil para você. Só achei que seria melhor saber por mim.

– Agora eu já sei.

Entro no carro. Ela para bem na frente, me impedindo de partir.

– Diga alguma coisa. Por favor.

– Tudo bem. Vá se foder, Jen. Espero que o filho de Wade tenha mais sorte aí dentro que o meu. Quer me dar licença agora?

– Judd – insiste ela, com a voz baixa e meio trêmula. – Não é possível que você me odeie tanto assim.

Olho diretamente em seus olhos com toda a sinceridade que consigo invocar.

– É possível, sim.

E talvez seja o luto pela morte do meu pai que finalmente começou a afetar meus nervos, ou apenas o jeito como Jen recua como se tivesse levado um tapa, mas o fato é que a dor intensa que surge de súbito por trás daqueles olhos enormes como piscinas, vulneráveis nesse exato e único instante, quase basta para me fazer amá-la de novo.

CAPÍTULO 3

MEU CASAMENTO ACABOU da mesma forma como acabam todos os outros: com paramédicos e cheesecake.

Casamentos terminam. Todos têm suas razões, mas ninguém sabe exatamente por quê. Jen e eu nos casamos cedo. Talvez o erro tenha sido esse. No estado de Nova York, é permitido uma pessoa se casar legalmente antes mesmo de ter idade para tomar uma dose de tequila. Sabíamos que poderia ser difícil, mas do mesmo jeito que sabíamos que crianças morrem de fome na África: um fato trágico, mas a muitos mundos de distância da nossa realidade. Com a gente seria diferente. Manteríamos a chama acesa e seríamos melhores amigos que transariam enlouquecidamente todas as noites. Evitaríamos as armadilhas da complacência; iríamos permanecer jovens no espírito e na aparência, continuar com os beijos demorados e intensos e com a barriga sarada, andar de mãos dadas, conversar aos sussurros em plena madrugada, dar uns amassos no cinema e continuar nos devorando sexualmente até que as limitações artríticas da idade avançada tornassem essa atividade pouco recomendável.

– Você ainda vai me amar quando eu estiver velha? – costumava perguntar Jen, em geral quando estávamos na cama em seu quarto no alojamento da universidade, deitados meio sonolentos no colchão, respirando o ar que recendia a sexo, ela de bruços e eu de lado, passando um dedo preguiçoso pelas suas costas até o ponto em que se erguiam as curvas protuberantes de sua linda bunda.

Eu sentia um orgulho babaca daquela bunda quando éramos namorados. Abria portas para Jen só para vê-la rebolar à minha frente, empinada e durinha e perfeitamente proporcional dentro da calça jeans. Pensava: *Isso é que é uma bunda que vale a pena manter ao lado até ficar velho*. O traseiro de Jen era como uma realização pessoal minha. Queria apresentar sua bunda aos meus pais.

– Quando meu peito cair e eu perder os dentes e estiver seca e enrugada

como uma uva-passa? – insistia ela.

– Claro que sim.

– Não vai me trocar por uma garotinha?

– Claro que vou. Mas vou me sentir mal por fazer isso.

E ríamos da impossibilidade de tudo aquilo.

O amor nos fez sócios no narcisismo. Falávamos sem parar sobre como éramos próximos, como era perfeita nossa conexão, como se fôssemos as primeiras pessoas da história a fazer aquilo direito. Fomos esse tipo de casal durante algum tempo, idiotas nauseantemente inabaláveis, ocupados em fitar os olhos um do outro enquanto todos em volta tentavam se divertir. Quando penso em como fomos bobos, como teimamos em ignorar a realidade que nos aguardava, quero encontrar de novo aquele garoto magricela e arrogante com o coração inflado e uma ereção perene e quebrar a cara dele.

Tenho vontade de dizer àquele garoto que ele e o amor da sua vida escorregarão lentamente para a rotina; que o sexo, embora ainda muito bom, se tornará tão lugar-comum que não será absurdo imaginar adiá-lo em prol de um programa de TV ou de um lanchinho de fim de noite. Que os dois deixarão de mascarar estrategicamente seus gases e de fechar a porta do banheiro para fazer xixi; que ele vai se sentir cada vez mais desconfortável ao contar histórias divertidas para os amigos na frente dela, porque ela já ouviu todas elas; que ela não vai achar graça das piadas dele do jeito que os outros acham e vai começar a passar cada vez mais tempo ao telefone com as amigas à noite. Que os dois vão travar brigas terríveis pelos motivos mais triviais: não ter trocado o rolo de papel higiênico, ter deixado na pia uma tigela com restos de mingau que vão grudar e nunca mais sair, não administrar direito as finanças. Que um sistema tácito de contagem de pontos entrará em cena, com cada um dos lados anotando o placar segundo suas próprias regras, todas complicadas. Quero me materializar na frente daquele merdinha metido a besta como o Espírito dos Natais Futuros e arrancar dele o impulso matrimonial. *Esqueça essa ideia de casamento*, bradarei. *Contente-se com a tequila*. Depois o levarei em uma viagem no tempo e lhe mostrarei a expressão em meu rosto...

...quando entrei no meu quarto e encontrei Jen na cama com outro homem.

Àquela altura, eu provavelmente já deveria ter desconfiado de alguma coisa. O adultério, como qualquer outro crime, gera indícios, como acontece

com as plantas e seu oxigênio, ou com os humanos e sua... bom, sua merda. Portanto, sem dúvida não faltaram pistas que poderiam ter me levado a imaginar o que estava acontecendo, poupando-me do trauma indizível de efetivamente testemunhar a cena. As pistas já vinham se amontoando havia algum tempo: e-mails não lidos estando a apenas um clique de serem abertos, um número desconhecido na conta do celular dela, um telefonema rapidamente encerrado quando eu entrava no quarto, o recibo de algum pagamento inexplicado, uma leve marca de mordida na base do pescoço que eu não me lembrava de ter feito, sua libido consideravelmente reduzida. Nos dias que se seguiram ao flagra, revi o último ano do nosso casamento como se faz com as fitas da câmera de segurança depois de um assalto, imaginando como eu podia ter sido tão burro, como havia sido necessário que eu topasse com eles para compreender a situação. E mesmo então, enquanto eu observava os dois se contorcendo e gemendo na minha cama, levei um tempinho para ligar os pontos.

Porque o negócio é o seguinte: por mais que a gente goste de sexo, tem alguma coisa chocante e curiosamente perturbadora em se testemunhar o sexo de terceiros. A natureza deu muito duro para determinar o processo da cópula de forma que não tivéssemos uma visão muito clara do ato quando o praticássemos. Porque, sejamos francos, sexo é uma coisa suja, bruta, quase sempre grotesca de se ver: os pelos; as carnes vermelhas unidas; os orifícios escancarados; os órgãos despidoradamente expostos. E a violência do ato em si, primitiva e elementar, nos recordando que somos todos apenas animais burros agarrados ao nosso posto na cadeia alimentar, comendo, dormindo e fodendo o máximo possível antes que algo maior apareça e nos devore.

Por isso, quando cheguei mais cedo do trabalho no dia do 33º aniversário de Jen e a vi deitada de pernas abertas na cama, enquanto a bunda grande e roliça de um homem se mexia sobre ela no ritmo universal da procriação, as mãos debaixo da bunda dela, erguendo-a a cada investida, os dedos dela deixando marcas brancas ao apertarem as costas dele... Bem, levou algum tempo até minha mente processar o que eu estava presenciando.

Não registrei de imediato que era Jen ali na cama. Eu só sabia que aquela era a minha cama e que o único homem com direito de fazer sexo ali era eu. Considerei por um instante a possibilidade de estar na casa errada, mas ela me pareceu remota, e bastou uma rápida olhada para a foto de Jen na mesinha de cabeceira, jovem e radiante em seu vestido de noiva, para eu ter a confirmação de que era o lugar certo. O que na verdade não foi um grande

alívio, embora chegar a cometer esse erro de entrar na casa do vizinho e subir até o quarto sem perceber o equívoco pudesse ser um sinal de que se pode esperar o pior de um eletroencefalograma. Se eu tivesse flagrado os vizinhos trepando que nem cachorros no meio da tarde, duvido que o pedido mais sincero de desculpas fosse aceito, sem contar que eu jamais conseguiria encará-los de novo, muito menos pedir que pegassem minha correspondência quando eu estivesse viajando. Para completar, nossos vizinhos, os Bowens, tinham quase 70 anos, e o Sr. Bowen vinha se dedicando a comer o suficiente para sofrer seu terceiro infarto. Mesmo que continuasse sexualmente ativo, o que me parecia pouco provável, dada a circunferência de sua barriga gelatinosa, o efeito de uma intrusão tão intempestiva seguramente lhe causaria uma parada cardíaca. Assim, levando tudo isso em consideração, talvez não fosse de todo ruim o fato de eu estar na minha própria casa.

Só que, nesse caso, a situação criava algumas possibilidades perturbadoras. A mais óbvia delas era a de que a mulher se contorcendo na cama em uma poça do próprio suor, inserindo o indicador, com sua unha francesinha, no ânus do amante, fosse minha esposa, Jen.

O que, é claro, eu já sabia desde o instante em que pisara no quarto. Meu cérebro, porém, me protegera contra a verdade, fornecendo pequenos pensamentos desconexos a serem processados com a única finalidade de me manter distraído enquanto, nos bastidores, meu inconsciente tentava juntar os fatos e preparar uma estratégia de controle de danos. Por esse motivo, em vez de pensar imediatamente *Jen está transando com alguém, meu casamento acabou*, ou algo do gênero, meu pensamento seguinte na verdade foi: *Jen nunca enfia o dedo no meu rabo durante o sexo*. Não que eu quisesse isso, sobretudo agora que eu via em primeira mão, digamos assim, por onde aquele dedo andava. A gente fazia umas coisas divertidas e marotas de vez em quando, Jen e eu – posições, objetos, sobremesas cremosas etc. –, mas eu me encaixava direitinho naquela categoria de homens que simplesmente nunca sentem o desejo de botar a própria bunda no pacote de inovações. Não que eu julgue os que sentem esse desejo. Com exceção do homem que agora se encontrava empalado até a falangeta do indicador da minha mulher, o dedo vizinho daquele usado por ela para fazer um gesto obsceno na semana anterior, quando fomos cortados na pista seletiva, e a dois dedos de distância daquele que ostentava a aliança de brilhantes que eu lhe dera no nosso aniversário de cinco anos de casamento. Esse homem eu julgava impiedosamente, para ser franco. Tão impiedosamente que levei um

tempinho extra para me dar conta de que ele era, na verdade, Wade Boulanger, uma celebridade do rádio que, além de estar comendo minha mulher e aparentemente gostando daquele estímulo anal, era meu chefe.

Wade é o astro de um popular programa matinal da rádio WIRX chamado *Bolas em jogo com Wade Boulanger*. Ele fala de sexo, carros, futebol e dinheiro. Mas sobretudo de sexo. Conversa no ar com atrizes pornô, strippers e prostitutas. Recebe telefonemas de homens e mulheres que lhe contam, em detalhes sórdidos, suas vidas sexuais. Anuncia e depois avalia os próprios peidos. Aos ouvintes com dor de cotovelo e sedentos de sexo que ligam para o programa, ele diz: “Honre suas bolas!” Existem camisetas, canecas e adesivos com esse bordão. Trata-se de um babaca profissional, filiado a doze sindicatos. Os anunciantes fazem filas como cordeirinhos.

Não estou desdenhando o programa. Eu era o produtor. Selecionava os convidados. Supervisionava os estagiários que filtram as ligações e os nerds da informática que gerenciam o site. Fazia reuniões com os chefões da emissora para tratar de formato e patrocínio. Era o elemento de ligação com os setores jurídico, de RH e de publicidade. Encomendava o almoço e acionava o sinal para abafar os palavrões.

Eu tinha acabado de me formar e estava trabalhando como assistente na WRAD, uma pequena estação de rádio local, quando a carreira de Wade começou a deslanchar. Por algum motivo, ele gostou de mim. Seu produtor tinha sido demitido por conta de um problema com a agência reguladora dos meios de comunicação, então Wade me contratou. Tínhamos longos almoços depois do programa e passávamos tardes inteiras em restaurantes à custa da emissora, tomando martinis e bolando tiradas. Wade dizia que eu era a voz da razão para ele, valorizava minha opinião e me levou junto quando saiu da afiliada local para a WIRX. E quando o programa passou a ser transmitido em cadeia nacional, ameaçou dar o fora porque a emissora torceu o nariz para o meu contrato.

Wade é alto e musculoso, tem cabelo escuro e espetado e uma covinha que faz seu queixo parecer uma bunda minúscula. Seus dentes são de um tom de branco inexistente na natureza. Aos 40 anos, ele ainda faz menção aos colegas de fraternidade da época da universidade como se isso fosse importante, avalia em voz alta os peitos que passam por ele e os chama de tetas. Wade é desse tipo. É fácil imaginá-lo como universitário, virando

canecas de chope e sendo aplaudido, humilhando os tímidos e botando tranquilizantes nos copos plásticos das calouras bonitas durante as chopadas.

Não há nada na vida, nada mesmo, que nos prepare para a experiência de ver nossa mulher trepando com outro homem. É um daqueles acontecimentos surreais que imaginamos em um ou outro momento, mas sem qualquer definição, como morrer ou ganhar na loteria. Quando se trata de como reagir, esse é um território desconhecido. Assim, na ausência de qualquer reação, fiquei ali congelado, olhando para o rosto de Jen enquanto Wade entrava e saía dela como o pistão de um motor grande e peludo. A cabeça dela estava jogada para trás, o queixo apontando para cima, e ela ofegava pesadamente pela boca escancarada, os olhos quase fechados em uma nítida expressão de prazer. Tentei lembrar se algum dia ela parecera tão intensamente envolvida, tão lindamente vadia enquanto transávamos, mas não dava para saber. Nunca estive naquele privilegiado posto de observação. Além do mais, fazia séculos que não transávamos durante o dia, e à noite é difícil enxergar as nuances da expressão do parceiro. Então Jen deixou escapar um gemido longo, urgente, que começou grave e depois se elevou, subindo algumas oitavas até virar uma espécie de uivo de filhotinho de cachorro machucado. Tive certeza absoluta de que jamais a ouvira fazer um som daqueles. E enquanto ela uivava, suas mãos deslizaram pelas costas de Wade para lhe agarrar o traseiro e fazê-lo penetrá-la mais fundo.

Então me peguei pensando no pau de Wade Boulanger.

Para ser mais específico, me perguntei: será que é maior que o meu? Mais grosso? Mais duro? Seria levemente encurvado, alcançando pontos dentro do corpo dela que o meu nunca atingira, pedacinhos de tecido macio até então intocados, levando-a a gritar daquele jeito? Será que Wade era mais habilidoso na cama? Teria estudado técnica tântrica? Sem dúvida já dormira com prostitutas e atrizes pornô suficientes para adquirir orientação prática. De onde eu estava, Wade definitivamente parecia saber o que fazia, mas, para ser justo, eu nunca me vira trepando. Jen e eu nunca nos filmamos, como fazem alguns casais, e agora eu meio que me arrependia disso. Rever as fitas de vez em quando talvez tivesse sido útil. Pelo que eu sabia, eu era tão convincente quanto ele. Mas aquele uivo... Havia mais de dez anos que eu e Jen fazíamos todo tipo de sexo e ela jamais uivara assim. Eu me lembraria.

Percebi que já estava pensando em como iria contar tudo aquilo a Jen – à

minha Jen –, como descreveria aquela insanidade para ela, à noite, quando chegasse em casa. Mas eu já estava em casa. E a minha Jen não existia mais. Tinha evaporado no ar bem diante dos meus olhos. E aquela nova Jen, aquela Jen que uivava e gritava e enfiava o dedo no ânus alheio, não precisava que eu lhe contasse coisa nenhuma. Ela é que tinha algumas coisinhas para me contar.

Senti uma profusão de pontadas no estômago, a primeira pista de que a angústia começava a se formar nos recônditos mais sombrios das minhas entranhas. Era só um começo, mas eu já podia sentir o calor intenso subindo para o meu peito como um raio laser concentrado, e logo vi que quando o mundo voltasse a girar, a angústia iria explodir em um lampejo incandescente e me incinerar.

E os dois continuavam trepando, vai e vem, sobe e desce, ai ui, como se tentassem bater um recorde, e, como pano de fundo para tudo aquilo, aqueles sons em que não pensamos, o gruda-desgruda, o ruído de sucção semelhante a um pum, os barulhos da cópula, o ar denso com o odor pungente do sexo deles. E eu ali, parado, deixando aquilo tudo acontecer, tremendo como vara verde. Então Wade ergueu a perna esquerda de Jen acima da própria cabeça e a deixou cair sobre a direita, virando minha mulher de lado sem jamais perder o ritmo. Esse pequeno número de acrobacia sexual não era uma manobra fácil de realizar sem interromper a penetração, mas a facilidade com que Wade o fez e o jeito como Jen se deixou virar prontamente deixavam claro que os dois já haviam tentado aquilo antes. Foi quando cogitei quanto tempo fazia que aquilo vinha acontecendo: um mês? Seis meses? Quantas posições eles já haviam dominado com maestria? Quanto do meu próprio casamento era uma mentira? Jen estava trepando de ladinho com Wade Boulanger na minha cama, sobre o edredom Ralph Lauren, agora todo amassado, que ela comprara na Nordstrom quando nos mudamos para aquela casa. Minha vida, tal como eu a conhecia, estava acabada.

Acho que este é um bom momento para mencionar que eu estava segurando uma grande torta de aniversário.

Eu saíra mais cedo do trabalho para ir buscar a torta, um cheesecake de chocolate e morango, o favorito de Jen. Ela sempre faltava ao trabalho no dia do seu aniversário. Íamos jantar fora mais tarde, mas eu chegara antes da hora

para fazer uma surpresa com a torta. Antes de entrar em casa, abri a caixa e plantei 33 velas nela além de uma extra, para dar sorte. Parei no hall para acendê-las com um comprido acendedor de forno comprado especialmente para essa finalidade. Já estava ouvindo barulhos lá em cima, por isso me liberei da caixa e subi a escada devagar e na ponta dos pés, como um gatuno, com o máximo de cuidado a cada passo para manter as velas acesas. Agora elas já estavam pela metade e pingos de cera vermelha derretida maculavam a cobertura branca, como sangue na neve. Se as coisas tivessem corrido de acordo com o planejado, Jen já as teria soprado. Depois tiraria um naco da cobertura com o dedo e o lamperia, me beijando com sabor de cream cheese nos lábios, e então viveríamos felizes para sempre. Mas eu não me programara para aquele imprevisto, e agora a torta já era.

Mais tarde, eu sabia, haveria um rosário de perguntas dolorosas que não levariam a lugar nenhum. Como ela pudera fazer aquilo? Desde quando aquilo vinha acontecendo? Por quê? Os dois estavam apaixonados ou só interessados na emoção do sexo ilícito? Que resposta eu preferia?

Eu não queria realmente saber a resposta a nenhuma dessas perguntas. Quando se é testemunha da cópula ilícita da própria esposa, muito provavelmente é mais fácil encerrar a questão com uma Magnum 357 à queima-roupa do que pelo método científico. Mas eu sabia que perguntaria mesmo assim, porque é o que se faz. Eu tinha sido enfiado à força em um filme, e não havia alternativa a não ser seguir o roteiro. Mas naquele momento, naquele exato instante, me ocorreu, como uma revelação, a pergunta mais importante a se fazer – e cuja resposta eu tinha absoluta certeza de que logo descobriria. A pergunta, em sua forma mais simples, era: Qual a extensão do estrago que eu conseguiria produzir enfiando na bunda de Wade Boulanger um cheesecake de chocolate e morango com 33 velas acesas, além de uma extra para dar sorte?

Um puta de um estrago, como ficou constatado.

A partir de então, muita coisa aconteceu, rápida e simultaneamente.

A primeira delas foi que Wade gritou. Não porque de repente sua bunda se encheu de cheesecake de chocolate e morango, embora sem dúvida isso já fosse um bom motivo. Graças a um paramédico indiscreto, descobri que Wade gritou porque, antes de penetrar minha mulher, ele aplicara no pau um creme anunciado em seu programa de rádio que prometia melhorar o

desempenho sexual e que, embora ele não soubesse, era altamente inflamável. Agora, graças às 33 velas de aniversário, além de uma extra para dar sorte, seus testículos estavam em chamas. O rótulo do produto não trazia alerta algum, provavelmente porque a maioria dos homens tem o costume de manter a própria genitália longe de chamas. Assim, Wade berrou enquanto alçava voo de cima – e de dentro – de Jen, rolando na cama agarrado ao escroto incandescente e se colocando de barriga para cima. Para piorar a situação, ele estava a poucos segundos de gozar quando pegou fogo, e agora, mesmo ao se contorcer de dor, continuava ejaculando para o ar tirinhas de sêmen cozido.

Enquanto Wade gritava, ardia e gozava calorosamente nas mãos, Jen também gritava, rolando na cama o mais rápido possível na direção oposta. Ela gritava, em primeiro lugar, porque Wade saíra dela com muita força, batendo com a testa em seu nariz com tanta violência que os olhos dela se encheram de lágrimas. Depois, através do prisma caleidoscópico das próprias lágrimas, ela me viu de pé diante da cama, as mãos cobertas de gosma de queijo vermelha e marrom; por isso seu grito foi, ao mesmo tempo, de surpresa e vergonha, acrescentando-se a isso a dor de quando ela rolou para fora da cama e aterrisou como uma trouxa no chão sobre o salto do mocassim de 400 dólares de Wade, que, virado ao contrário, se enterrou dolorosamente em sua coxa.

E eu gritei também, porque o que senti naquela hora foi bem pior do que uma queimadura no saco ou uma fratura no nariz – que Jen mais tarde descobriria que sofrera. Aquele cômodo desfigurado tinha sido meu quarto; aquela cama lambuzada de cheesecake e fluidos corporais fora minha; e aquela mulher nua, acovardada e encolhida no chão havia sido minha esposa. E agora, em questão de segundos, eu perdera tudo isso.

Então todos pararam de gritar e seguiu-se um daqueles momentos de silêncio mortal em que você simplesmente fica parado sentindo o planeta girar debaixo dos seus pés até perder o equilíbrio. O cheiro de sexo e de escroto queimado enchia o ar como um vazamento de gás, e juro que se alguém acendesse um fósforo teria havido uma explosão.

– Judd! – gritou Jen, do chão.

Ainda gemendo de dor, os olhos brilhando de terror diante dos danos inimagináveis que seus testículos podiam ter sofrido, Wade se levantou de qualquer jeito da cama e correu para o banheiro, batendo a porta. Homens nus não deveriam correr. Dava para ouvir, mesmo com a porta fechada, o barulho

da água pontuado pelos palavrões guturais de Wade.

Olhei para Jen, sentada nua no chão, as costas apoiadas na mesinha de cabeceira e os joelhos erguidos, esmagando os seios. Ela soluçava com a cabeça nas mãos, e tive o impulso de me ajoelhar e puxá-la para meus braços, que seria o que eu faria em praticamente qualquer outra circunstância. Na verdade, cheguei a me pegar indo em sua direção, mas me obriguei a parar. Fazia apenas um minuto ou pouco mais que eu entrara no quarto, e meu cérebro ainda não havia se adaptado àquele mundo repentinamente transformado, no qual eu não mais consolava Jen porque tinha ódio dela. Eu não passava de um redemoinho de reflexos ultrapassados e impulsos violentos e não tinha a mais vaga ideia do que fazer. A vontade de sair correndo dali era sufocante, mas deixar aqueles dois na minha casa me parecia uma rendição incondicional. Eu precisava escapar, me esconder, dar o fora dali, chorar, enfiar os dedos nos olhos de Wade e esmagá-los nas órbitas, abraçar Jen, estrangular Jen, me matar, dormir e acordar de novo aos 20 anos, tudo ao mesmo tempo. Um colapso nervoso não estava fora de cogitação.

Devastada, Jen ergueu os olhos vermelhos e cheios de lágrimas para mim. Sangue e coriza escorriam do seu nariz e desciam pelo queixo até cair no peito. Senti pena dela, de verdade, e me odiei por isso.

– Não acredito que você fez isso – ouvi-me dizer.

– Eu sinto tanto... – desculpou-se ela, estremecendo dentro dos próprios braços.

– Ponha uma roupa e tire esse cara da minha casa.

Essa foi toda a nossa conversa. Nove anos de casamento encerrados num piscar de olhos, e não havia muito que dizer. Saí do quarto batendo a porta atrás de mim com força suficiente para fazer alguma coisa cair, produzindo um ruído metálico. Fiquei parado no corredor por um momento, abalado e perdido, soltei finalmente o ar que eu não me dera conta de estar prendendo e desci a escada para transformar em cacos a porcelana da avó dela, tarefa que eu ainda não terminara quando a polícia e a ambulância chegaram.

– E agora? – perguntou Jen.

Estávamos de pé na cozinha, tentando ter uma conversa em meio às copiosas ruínas da porcelana em pedaços.

– Cale a boca.

– Sei que não faz diferença alguma para você neste momento, mas não

consigo nem dizer quanto lamento tudo isso.

– Pare de falar.

A conversa não estava indo muito bem.

– Não existe desculpa para o que eu fiz. Eu já estava infeliz havia tanto tempo, sabe, me sentindo meio perdida, e...

– Será que dá para você calar a boca, porra? – gritei.

Jen se encolheu como se achasse que eu fosse bater nela. Seu nariz já inchava bastante e começava a adquirir uma feia tonalidade de roxo no ponto em que fora atingido pela testa de Wade. Quando as fofocas sobre os nossos problemas se espalhassem pela vizinhança, aqueles hematomas no rosto de Jen virariam tema de especulação incessante para as donas de casa sussurrarem entre si enquanto tomavam seus cafezinhos com adoçante.

Fechei os olhos e massageei as têmporas.

– Vou lhe fazer algumas perguntas e quero que você responda com o mínimo de palavras possível. Entendeu?

Ela assentiu.

– Há quanto tempo você e Wade estão trepando?

– Judd...

– Responda à pergunta!

– Pouco mais de um ano.

Seria de imaginar, depois dos acontecimentos da última meia hora, que eu já estaria imune a choques. Pouco mais de um ano não era um casinho, uma simples puladinha de cerca. Era um relacionamento. Significava que Jen e Wade haviam comemorado um aniversário. No nosso primeiro aniversário de casamento, nos hospedamos em uma pousada em Newport. Jen vestiu um robe lilás e eu li para ela um poema bobo que a fez chorar tanto que no final do dia eu ainda podia sentir o gosto salgado das lágrimas no seu rosto. Como será que Jen e Wade tinham comemorado seu primeiro ano juntos? Aliás, a partir de que data haviam começado a contagem? A partir do primeiro flerte? Do primeiro beijo? Da primeira trepada? Da primeira vez em que algum dos dois dissera “eu te amo”? Jen era não só sentimental como meticulosa em relação ao calendário, portanto sem dúvida ela sabia as datas exatas de cada um desses marcos.

Durante o último ano, então, Jen vinha aproveitando todas as possibilidades para escapular e transar com Wade Boulanger, meu chefe excessivamente atlético, o macho alfa em pessoa. Para mim isso era inconcebível, tão inconcebível quanto descobrir de repente que Jen era uma

assassina em série, o que na verdade seria preferível. Eu assistiria ao julgamento, assentindo, tristonho, quando saísse o veredicto de culpada, contaria minha história na revista *People* e seguiria em frente com a minha vida. Ao menos eu teria a certeza de onde iria dormir aquela noite.

– Pouco mais de um ano – repeti. – Meio mentirosa você, hein?

– Sim, me tornei uma mentirosa – concordou Jen, enfrentando meu olhar com uma expressão de quase desafio.

– Você ama esse sujeito?

Ela desviou o olhar.

Por isso eu não esperava, e doeu.

Jen suspirou, um suspiro longo, dramático, de autopiedade, enquanto eu ponderava as possíveis consequências de cortar sua garganta com um caco de porcelana.

– Nossos problemas começaram muito antes dessa história com Wade.

– Bom, nada que se compare aos problemas que temos agora.

Talvez ela tenha dito alguma coisa depois disso, mas eu já não estava mais ouvindo. Notei apenas o ruído da porcelana sendo esmagada pelos meus pés quando atravessei a cozinha, o rangido lamentoso da porta da casa quando a abri e o súbito sibilar do ar que expeli quando finalmente meu corpo se lembrou de voltar a respirar.

E agora, o que vai ser?

Permaneci sentado no carro, ainda parado na entrada da casa, segurando o volante com tanta força que os nós dos meus dedos estavam brancos. Fiquei paralisado pela indecisão. Não há nada mais triste do que se ver em um carro sem ter para onde ir. Exceto, talvez, estar sentado em um carro na entrada da casa que de repente não é mais sua. Porque, em geral, mesmo quando não se tem para onde ir, no mínimo se pode ir para casa. Jen não havia apenas me traído, tinha me deixado sem teto. Uma raiva fumegante coloriu meu medo como sangue na água, me fazendo tremer. Eu queria esganar Jen, sentir seu pescoço se quebrar sob meus polegares. Queria apunhalar Wade com uma daquelas facas curvas criadas pelas tribos aborígenes para estripar seres humanos, cravá-la no esterno dele e descer pelo peito para perfurar órgãos vitais, ver o sangue escuro, engrossado por pedacinhos de tecido arrastados no caminho, sair em golfadas pela sua boca. Queria cometer um suicídio dramático, atravessando com o carro a mureta da ponte sobre o rio Hudson,

deixando Jen paralisada por uma culpa que a assombraria pelo resto da vida, da mesma forma que – eu tinha certeza – daquele momento em diante eu seria eternamente assombrado pela visão de Wade metendo nela. Mas Jen provavelmente apenas voltaria para a terapia, talvez até para aquele psicanalista que ela abandonara por ele ter a mania de abraçá-la bem apertado ao final de cada sessão, um freudiano tentando tirar uma casquinha. De alguma forma ele a convenceria de que era ela a vítima em tudo aquilo, que voltar a ser feliz era uma dívida consigo própria, e assim minha morte teria sido em vão. O melhor que eu poderia esperar era que ela traísse Wade com o terapeuta tarado, mas dava para chamar de traição sendo o traído um amante? Eu era novo nisso tudo e não conhecia o protocolo.

Pelo retrovisor eu via a fachada da casa, os cantos inferiores da janela da sala, a linha na qual a fundação de pedra cedia espaço para os tijolos vermelhos imbricados. Toda a minha vida, a soma total da minha existência, se achava contida atrás daquela parede; eu sentia que deveria ser capaz de sair do carro, adentrar a casa pela porta da frente e simplesmente reivindicá-la. A porta emperraria; isso sempre acontecia nos meses mais quentes, e era preciso forçar com o ombro, empurrando a madeira maciça e girando a maçaneta ao mesmo tempo. As chaves estavam bem à mão, chacoalhando de encontro ao volante que eu não sabia para onde virar.

Mas que merda de bosta de caralho eu faço agora?

Consultei o relógio, o Rolex Cosmograph Daytona de ouro branco que Jen me dera de presente pelos meus 30 anos. Para mim, meu velho Citizen estava ótimo, eu até sentia falta dele depois que ela me deu aquele cebolão chamativo, mas coisas assim eram importantes para Jen. Ela se adaptara ao subúrbio chique como uma atriz entrando em um novo personagem e sempre fizera questão de que nós dois nos esmerássemos em nossos papéis.

– Podíamos fazer uma viagem incrível pelo preço deste relógio – objetei na época.

– Ainda podemos fazer uma viagem incrível – argumentou ela. – Viagens vêm e vão. Um relógio como esse é um patrimônio.

Eu era jovem demais para ter patrimônio. A palavra invocava imagens de velhos presos à cama, com as unhas dos pés muito grossas e os pulsos esqueléticos, murchando em quartos bolorentos que cheiravam a desinfetante e decomposição.

– São cinco prestações da casa – insisti.

– É um presente – disse Jen, ficando toda irritada como às vezes acontecia

com ela.

– Um presente pago com o meu dinheiro.

Eu já estava casado havia tempo suficiente para saber que a observação era feia e rude e em nada construtiva, mas fui em frente e disse mesmo assim. Eu fazia isso às vezes. Não saberia nem começar a explicar por quê. O casamento produz certos padrões de comportamento específicos para cada casal. Jen era geneticamente incapaz de fazer qualquer tipo de pedido de desculpas verbal. Eu às vezes dizia umas merdas que não eram de todo propositalis. Aceitávamos esses defeitos em nós mesmos e um no outro, menos nos momentos em que eles surgiam em tempo real, ocasiões em que precisávamos resistir bravamente ao impulso de acabar com a raça um do outro.

– Quer dizer que o nosso dinheiro é seu? – indagou Jen, os olhos se iluminando com o júbilo da indignação.

E assim, sem mais nem menos, ela conseguia nos transferir com perfeita fluidez para outra briga. Esse era um talento que ela aperfeiçoara com o tempo, como um boxeador que investe contra o outro e logo salta para trás antes que venha o contragolpe. Discutir com Jen sempre foi uma receita infalível para me deixar zozinho.

No final, acabei ficando com o relógio; nunca houve, de fato, alternativa. O Citizen foi relegado ao pequeno compartimento da minha gaveta de meias em que eu guardava as chaves do nosso antigo apartamento, uns dois ou três celulares velhos, minha carteira de estudante da faculdade, um par de estrelas de arremesso japonesas da minha breve fase ninja no ensino médio, a bola lançada fora por Lee Mazzilli que peguei no Shea Stadium quando era garoto e um punhado de outros artefatos pertencentes a versões de mim mesmo havia muito mortas e devidamente enterradas.

E agora o Rolex dizia que eram três horas da tarde. Eu precisava de algum tempo para pensar, para refletir sobre a situação, definir o que fazer em seguida. Apertei alguns botões no meu celular, dei uma olhada na agenda de telefones, mas já sabia que não ligaria para ninguém. Talvez Jen e eu ainda pudssemos contornar a situação, e se isso acontecesse não iríamos querer que nos olhassem de banda. Eu sabia que danos irreparáveis haviam sido causados, que a inocência fora perdida e a confiança, esfaqueada, mas, ainda assim, restava o enigma atemporal: se a sua mulher dorme com o seu patrão mas ninguém sabe, será que isso aconteceu mesmo? Não havia ninguém para quem ligar, nenhum amigo que não fosse também amigo de Jen. Pensei em

telefonar para minha mãe, mas meu pai estava em coma e isso já era problema suficiente para ela. Minha vida estava em queda livre e eu não tinha a quem recorrer. Uma fria sensação de desamparo se instalou em algum lugar no fundo da minha garganta e de repente não me vi mais furioso ou arrasado, e sim morrendo de medo da imensa e latejante solidão que só agora começava a apertar meus órgãos como um torno.

Atravessei de carro o pequeno bairro comercial de Kingston, passei pela estação ferroviária e cheguei à passagem de nível 1-87. Parei no acostamento e fiquei observando a estrada durante um tempo, os caminhões gigantesco e o pessoal que sai um pouco mais cedo do trabalho, todos passando em disparada, tentando se antecipar ao tráfego da volta para casa que logo engarrafaria a pista no sentido norte. Cogitei pegar aquela estrada e seguir rumo ao norte, parando apenas para abastecer e comer uns donuts até alcançar o Maine. Eu encontraria uma cidadezinha costeira, alugaria uma casinha e recomeçaria do zero. Os invernos seriam difíceis de enfrentar, mas eu trocaria meu Lexus por uma picape bem robusta com correntes nos pneus. Arrumaria um emprego, quem sabe algo que envolvesse trabalho manual, beberia no bar local, adotaria um labrador de um olho só e faria amizade com os pescadores, que implicariam comigo por causa da minha origem e talvez até me apelidassem de “Nova York”. Com o tempo eu desenvolveria um leve sotaque compatível com o local. Haveria uma mulher lá, vinda de um outro lugar, também fugindo de um passado feio. Ela seria bonita e vulnerável e nos tornaríamos íntimos imediatamente, nos amaríamos com intensidade, do jeito que só gente de passado atribulado consegue amar. Nada mais teria importância. Todos na cidade iriam ao casamento, que seria realizado no coreto cercado de grama da praça principal. Receberíamos os cumprimentos sob a marquise do restaurante local, bem ao lado do quadro que anuncia os pratos do dia.

Mas então a realidade voltou a se impor. Não haveria casinha no Maine, nem labrador de um olho só, nem uma mulher bonita de olhos escuros para juntar os cacos do que sobrara de mim. Por um instante fiquei ali, lamentando essa perda. Até que finalmente dei meia-volta com o carro, ainda tremendo – não havia parado de tremer desde que saíra de casa –, e voltei para a cidade, dizendo a mim mesmo que a autoestrada continuaria lá amanhã, mas que por enquanto eu teria que descobrir uma opção um pouquinho mais perto de casa.

Não me orgulho de muita coisa do que se passou durante as semanas seguintes. Entrei em hibernação no porão úmido que aluguei dos Lees, criando raízes no sofá desconjuntado que o anúncio chamava de “canapé”. O cômodo cheirava a mofo e a sabão em pó, e quando havia silêncio eu escutava o barulho da lâmpada, a única no aposento, chiando no bocal, já que não tinha lustre nem nada. Via TV praticamente 24 horas por dia. Quase não tomava banho e deixei a barba crescer. Praticava uma masturbação fúnebre. Raspei a barba, deixando apenas um cavanhaque, e engordei 6 quilos. Escrevi longos e humilhantes e-mails para Jen, críticas raivosas e súplicas patéticas, teclando furiosamente no meu BlackBerry até sentir os polegares arderem, xingando, censurando, pedindo, implorando e, afinal, deletando. Ficava ali deitado à noite olhando para o teto enquanto o encanamento velho da casa chacoalhava e rangia com violência por trás da parede fina, e imaginava Jen e Wade trepando como astros pornô no ritmo dos barulhentos canos: *Bang! Bang! Bang!* Então vinha o clímax, que era o som da água correndo por dentro das paredes toda vez que um dos Lees dava descarga, o que acontecia basicamente a cada quinze minutos. Deus do céu, aqueles dois só sabiam mijar. A noite toda, a intervalos regulares, eu os ouvia lá em cima, os passinhos rápidos da Sra. Lee, o arrastar dos chinelos do Sr. Lee, a batida pesada do assento de plástico da privada e depois a descarga, que soava tal qual uma cachoeira ultraveloz atrás da parede de gesso do porão. Eu tinha 34 anos, perdera minha casa e agora me via deitado num sofá-cama velho num porão alugado, ouvindo os proprietários cagarem e mijarem no meio da noite enquanto minha ex-mulher e meu ex-patrão assombravam minha mente em posição de 69. Eu tinha chegado ao fundo do poço e ainda estava cavando.

CAPÍTULO 4

12h15

O COVEIRO É A própria imagem de Papai Noel, e tenho plena certeza de que ele sabe disso. Com sua barba branca e comprida e seu corpanzil, o sujeito não pode ignorar o efeito que causa em seu impermeável vermelho e branco e como é imprópria sua figura ali no cemitério Mount Zion. Quando se passa a vida acomodando cadáveres debaixo da terra, imagino que seja preciso encontrar diversão onde for possível. Esta manhã, porém, ao enterrarmos meu pai debaixo de um temporal atroz, Papai Noel é a imagem da eficiência, ainda que sua capa ridícula o faça destacar-se como uma mancha de sangue debaixo desse céu da cor de dente podre. Em silêncio, ele orienta os homens que carregam o caixão a posicioná-lo na armação hidráulica montada sobre a cova recém-aberta. Paul e eu seguramos o caixão por uma das extremidades e o marido de Wendy, Barry, pelo meio, do lado oposto ao lugar vazio onde estaria Phillip caso tivesse aparecido. Meu tio Mickey e seu filho Julius, que acabaram de chegar de Miami, estão na outra ponta. Não víamos Mickey fazia décadas – ele e papai romperam relações por conta de um dinheiro que papai lhe emprestou –, e Julius não passa de um estranho para nós. Os dois, tio e primo, mais parecem dois gângsteres bronzeados atrás dos desnecessários óculos escuros de grife, ambos com o cabelo penteado para trás, cheio de gel, e portando idênticos anéis de brilhante no mindinho.

– Para a direita – orienta Papai Noel. – Todos juntos agora. Ninguém começa a baixar ainda. Vocês aí atrás... Mais uns passinhos. Pronto. Agora, quando eu disser já, vamos baixá-lo. Cavalheiros aí na ponta, perto do pé, vocês primeiro, e cuidado com os dedos...

É comum que diretores de cinema filmem enterros na chuva. Os enlutados, de pé em seus ternos escuros, se abrigam sob enormes guarda-chuvas pretos, do tipo que nunca temos à mão na vida real, enquanto a chuva cai simbolicamente ao redor das pessoas, sobre a grama, os túmulos e os carros,

produzindo todo um clima. O que eles não mostram é que a barra das calças dos ternos, emplastradas de pedacinhos de grama, grudam, ensopadas, nos nossos tornozelos, e que mesmo debaixo dos guarda-chuvas os pingos conseguem atingir nossas cabeças, escorrendo crânio abaixo e passando pelo colarinho como lesmas molhadas, de forma que, em vez de contemplar as lembranças do falecido, que é o que deveríamos fazer, acompanhamos mentalmente aquele fiozinho de água que desce pelas nossas costas. Os filmes não nos dão a ideia de como a terra ensopada e lamacenta engole, que nem areia movediça, os sapatos finos dos carregadores do caixão, de como a água, penetrando o pinho do ataúde, espalha o cheiro de morte e decomposição, nem de como o monte de terra destinado a encher o túmulo se transforma numa pilha de lama molhada que vai espirrar com cada movimento da pá e aterrisar sobre o caixão com um ruído audível. E assim, em vez de um lento e digno adeus, todo mundo só pensa em ver logo o defunto debaixo da terra e correr o mais rápido possível para o carro.

Nós, os carregadores do caixão, nos afastamos do túmulo, ensopados e enlameados, e nos juntamos ao considerável grupo reunido ao redor, onde um ineficaz toldo de armar foi erguido para nos proteger da chuva. Amigos, vizinhos e parceiros de negócios disputam, todos, um lugar sob o toldo, os menos afortunados sendo relegados às extremidades, onde a água empoçada no toldo jorra em cascatas. Paul se posiciona ao lado da esposa, Alice, que o consola enquanto ele chora. Barry vai para junto de Wendy, que lhe devolve seu BlackBerry, e ele não resiste em dar uma olhadinha antes de colocá-lo no suporte encaixado no cinto, como um atirador. Vou ficar ao lado de minha mãe, cujos olhos vermelhos estão opacos em consequência do Valium que ela decidiu tomar inteiro hoje. Seu cabelo, grisalho na raiz e castanho-avermelhado em todo o comprimento, está preso em um coque apertado. Seu tailleur preto é bem justo e, como sempre, deixa visível uma porção exagerada do decote cirurgicamente avantajado. A altura do seu salto agulha, bem como o volume de suas próteses mamárias, é imprópria tanto para sua idade quanto para a ocasião. Ela aperta minha mão, evitando fitar meus olhos, e sinto a ausência de Jen como uma ferida purulenta.

- Não tenha vergonha de chorar – diz mamãe, baixinho.
- Tudo bem.
- Nem de rir. Não existe reação emocional correta.
- Obrigado, mãe.

Mamãe é psicóloga, claro. Mas não é só isso. Vinte e cinco anos atrás ela

escreveu um livro chamado *Do berço a tudo: um guia para a criação dos filhos*. A obra foi um fenômeno nacional e transformou minha mãe em uma espécie de celebridade especializada em educar a prole. Como era de esperar, meus irmãos e eu viramos um bando de perturbados.

O livro é bem conhecido, grosso como um almanaque, com os cantos em vermelho e preto, e a capa ostenta um bebê pelado se metamorfoseando em adolescente. Os capítulos vão desde amamentação e retirada da fralda até a puberdade (da defecação à masturbação, como dizíamos), aconselhando mães no mesmo tom franco, maternal e gratuitamente chocante que ela usava bastante conosco. Na quarta capa há uma foto de mamãe em uma pose lânguida no sofá de nossa sala. Existem edições de décimo, décimo quinto e vigésimo aniversários, e no ano que vem sairá uma versão atualizada de vigésimo quinto. Mamãe fará uma turnê de autógrafos por vinte cidades e será recebida em todos os principais programas de entrevistas. Correm boatos sobre sua participação na Oprah e existe a possibilidade de ela se submeter a um lifting facial antes da turnê.

– Hoje damos adeus a Morton Foxman, amado marido e pai, querido irmão e caríssimo amigo.

O orador é Ereto Grodner. Ele foi o melhor amigo de Paul na infância. Agora é o rabino Charles Grodner do Templo Israel, mas para os que cresceram com ele e que eram convidados a se sentar lá no fundo do ônibus escolar, onde Ereto presidia sessões privadas de pornografia furtiva com a vasta coleção de revistas do pai, ele jamais deixará de ser chamado pelo apelido. Quando não estava fumando maconha com Paul e tentando entender as mensagens ocultas nas músicas do Led Zeppelin, Ereto discorria sem a menor vergonha sobre os prós e os contras de variados atos sexuais.

– Mort nunca foi muito fã de rituais... – prossegue ele.

– Dê só uma olhada nisso – diz Wendy, me cutucando.

Sigo seu olhar, que atravessa o cemitério e chega à via de acesso, onde um Porsche preto acabou de parar ruidosamente. No primeiro instante não reconheço o homem que tenta dar o nó na gravata enquanto corre pelo gramado molhado em uma calça social amassada e uma jaqueta de motociclista, como se estivesse concluindo uma maratona. Até que, sim, eu o reconheço, por causa do jeito como ele vem desabalado em nossa direção, sem um pinga de decoro. Por incrível que pareça, está de mocassins.

– Phillip – diz minha mãe com ternura, fazendo um sinal para Ereto parar.

A essa altura, Phillip já desistiu da gravata, que pende desatada de seu

pescoço. Ele vem correndo pelo gramado e finaliza o percurso com uma deslizada, como costumávamos fazer no gramado ligeiramente íngreme da nossa casa quando chovia, parando bem na frente da minha mãe.

– Mãe! – fala, estendendo os braços úmidos da chuva para abraçá-la.

– Você veio! – exclama ela, mal cabendo em si de felicidade.

Phillip é o bebezinho dela, e passou a vida aproveitando toda a folga que mamãe não cansa de lhe dar.

– Claro que vim – responde ele. Afastando-se um pouco, ele olha para mim. – Judd.

– Oi, Phillip.

Ele me pega com força e me puxa para um abraço dramático. Phillip, meu caçulinha, que se enfiava na minha cama, cheirando a xampu infantil de lavanda, e encostava a macia e roliça bochecha na minha, brincando de puxar os pelinhos do meu braço enquanto eu lhe contava histórias. Ele adorava prever qual seria a moral das fábulas de Esopo. Agora cheira a cigarro e enxaguante bucal e engordou uns bons 5 quilos desde a última vez que o vi, quase tudo no rosto. Sinto aquela sensação familiar de perda e arrependimento que aparentemente sempre acompanha nossos raros encontros. Eu daria tudo para vê-lo de novo com 5 anos, feliz e inteiro.

Ele estende a mão e aperta a de Paul, atrás de mim, que retribui rápida e acanhadamente, tentando apressar as coisas e voltar ao procedimento do enterro. Phillip beija Wendy no rosto.

– Você engordou – sussurra ela.

– Você envelheceu – retruca em um murmúrio teatral, alto o bastante para todos ouvirem.

Atrás dele, Ereto pigarreia. Phillip se vira e ajeita a jaqueta.

– Opa, me desculpe, Ereto. Por favor, continue – diz meu irmão. Wendy lhe dá um tapa na nuca. – Charlie! Perdão. Rabino Grodner – emenda ele rapidamente, mas risinhos já pipocaram no grupo e o rosto de Ereto estampa uma expressão homicida.

– Antes de pedir ao primogênito de Mort, Paul, que nos recorde de seu pai, gostaria de ler um pequeno salmo...

– Eu não devia ter usado o apelido dele – sussurra Phillip para mim, os olhos esbugalhados. – Droga.

– Foi sem querer.

– Foi falta de respeito.

Sou tentado a observar que aparecer meia hora atrasado no enterro do pai

talvez também pudesse ser interpretado como falta de respeito, mas seria inútil. Phillip sempre foi alegremente impermeável a conselhos e críticas.

– Calem a boca! – sibila Paul para nós dois.

Phillip pisca o olho para mim.

E aqui estamos, ao pé do túmulo de papai, os três Foxmans, todos forjados na mesma bigorna mas burilados por processos de acabamento diferentes. Todos temos o cabelo escuro e cacheado de papai e seu queixo quadrado e com covinha, mas ninguém nos tomaria por trigêmeos. Paul se parece comigo, só que é mais alto, mais largo e mais zangado: uma versão minha anabolizada. Phillip também se parece comigo, só que é mais magro e muito mais bonitão, as feições mais graciosas, o sorriso amplo e naturalmente sedutor.

Quando Ereto termina de ler seu salmo, Paul se aproxima dele para fazer o que supostamente seria uma eulogia, mas que na verdade mais se assemelha a um discurso de quem recebeu o prêmio de Filho Mais Dedicado. Ele agradece a papai por lhe ensinar como tocar os negócios; agradece à esposa, Alice, por ter tirado uma licença de seu emprego como higienista dental para ajudar nas lojas quando papai caiu doente; agradece à mamãe por cuidar de papai e depois fala à vontade sobre como foi trabalhar com o pai na administração da Foxman Artigos Esportivos, a primeira cadeia de lojas desse tipo no vale do Hudson. Não faz menção a nenhum dos irmãos, todos eles molhados, morrendo de frio e torcendo para que seu número no palco acabe e apareça logo, sei lá, uma orquestra.

Quando finalmente conclui, Paul se mostra surpreso com a ausência de aplausos. Papai Noel aperta um botão na estrutura hidráulica e o caixão é baixado lentamente à sepultura. Terminado isso, Ereto dá um passo à frente e solenemente entrega a Paul uma comprida pá de jardim.

– É costume que os membros da família joguem, cada um, um punhado de terra na sepultura, cumprindo a obrigação de enterrar um ente querido – diz ele. – Nossos mestres afirmam que o ato de enterrar alguém é considerado a forma mais sincera de bondade e respeito, já que o falecido não poderá agradecer por isso.

O que é meio engraçado, na verdade, pois papai não era exatamente propenso a expressar gratidão aos filhos quando vivo. Ou estávamos fazendo merda ou éramos invisíveis. Papai era calado e severo de um jeito que levava qualquer um a esperar dele um sotaque do Leste Europeu. Tinha suaves olhos azuis e braços incomumente grossos, e quando fechava a mão dava a

impressão de que seu soco seria capaz de furar qualquer coisa. Cortava a própria grama, lavava o próprio carro e pintava a própria casa. Fazia tudo isso com competência e esmero e de uma forma que equivalia a uma crítica velada a quem pagava a um terceiro para realizar tais tarefas. Raramente achava graça em piadas, apenas assentindo com a cabeça para mostrar que entendera, como se já estivesse mesmo esperando aquele desfecho. Claro que ele era muito mais que isso, só que nada mais me ocorre neste momento. A certa altura a gente perde de vista os nossos pais, passando a ver apenas um apanhado de histórias e questões não resolvidas.

Paul enfia a pá no monte de terra e atira um punhado lamacento na cova. Então me entrega o instrumento e faço o mesmo, e quando a terra bate no caixão sinto algo dentro de mim balançar. Fecho os olhos e vejo papai, reclinado numa espreguiçadeira em nosso jardim, segurando firme o pulverizador de plantas e atirando nos alvos em movimento que são seus filhos pequenos. Corremos de uma trincheira para outra enquanto ele imita o barulho de uma metralhadora. Ele gostava de nós quando éramos crianças. Foi quando crescemos que nos tornamos enigmas para ele. A infância parece algo muito permanente, como se fosse o mundo todo, e então um dia essa fase acaba e você se vê jogando terra em cima do caixão do seu pai, pasmo diante da efemeridade de tudo. Entrego a pá a Wendy, que a enche com o equivalente a uma colher de sopa ou pouco mais de terra molhada e consegue errar por completo a cova aberta. Phillip, que é congenitamente incapaz de moderação, ergue com a pá um monte de terra que chega a ser cômico de tão grande e que por acaso traz de lambuja uma pedra. A pedra atinge o caixão como um tiro, assustando todos nós, e o silêncio cinzento é rompido por um longo uivo quando Paul cai de joelhos, soluçando.

– Papai! – grita ele, enquanto o restante dos presentes o assiste desmoronar, todos em um horror mudo e, muito provavelmente, com uma pontinha de inveja.

CAPÍTULO 5

13h55

NOS REUNIMOS EM Knob's End, o beco sem saída onde fica a casa dos meus pais. A casa, colonial e branca, fica no centro do beco, onde o asfalto betuminoso termina em um círculo amplo, ideal para hóquei urbano e ciclismo. West Covington é uma artéria importante que corta Elmsbrook, passando por shopping centers e centros empresariais antes de finalmente se transformar numa zona residencial em cujo extremo, após a última rotatória, se encontra Knob's End. Quando alguém indica o caminho para qualquer casa ou loja em West Covington, nossa residência é usada como marco negativo: se você vir a enorme casa branca é sinal de que foi longe demais. E é isso precisamente que me ocorre quando paro de carro em frente ao portão.

Papai era obsessivo quanto à manutenção da casa. Sempre com a mão na massa, vivia pintando e lustando, limpando as calhas, trocando os canos, lavando o pátio. Formado como eletricista, ele desistiu do ofício para entrar nos negócios, portanto sentia falta de trabalhar com as mãos, não podia passar um fim de semana sem realizar algum trabalho braçal. Agora, porém, a pintura está descascada e se soltando dos batentes das janelas, há uma feia mancha marrom de umidade logo abaixo do telhado, as lajotas do caminho que levam do portão à casa balançam como dentes moles e as treliças cobertas de rosas estão despencando, desgrudadas da casa, como se tentassem fugir. O gramado não tem recebido água suficiente e está queimado em alguns pontos, mas as árvores gêmeas em que costumávamos subir se acham em plena floração, as folhas encarnadas se estendendo como um toldo por sobre a entrada. Consumida pela morte lenta de papai, mamãe se esqueceu de cancelar o serviço de manutenção da piscina, razão pela qual a piscina no pátio cintila com sua água perfeitamente azul, mas o mato já começa a brotar por entre o revestimento de pedras à volta. A casa é como uma mulher que a gente considera bonita a distância. Quanto mais nos aproximamos, mais nos

perguntamos onde estávamos com a cabeça.

Linda Callen, nossa vizinha e melhor amiga de mamãe, abre a porta e nos abraça, um a um, quando entramos. É uma mulher com corpo em formato de pera e de sorriso fácil, e algo nela lembra um roedor. Não que ela tenha uma aparência animalesca, é mais que parece uma sábia mãe ratazana saída de um desenho da Disney, do tipo que se senta numa cadeirinha de balanço, usa minúsculos óculos de rato e fala com a voz de Judy Dench ou Helen Mirren. Uma ratazana bondosa, régia e ganhadora de um Oscar. Ela nos conhece desde o berço e nos considera seus filhos. Seu filho, Horry, está de pé logo atrás dela, olhando para os próprios pés enquanto pega nossos casacos.

– Oi, Judd – diz ele.

– Oi, Horry.

Ele fica rígido quando lhe dou uma palmadinha nas costas.

– Sinto muito pelo seu pai.

– Obrigado.

Quando Horry era bem pequeno, o pai dele, Ted, tomou um porre e sabe-se lá como conseguiu se afogar na piscininha inflável do filho enquanto Linda fazia compras no mercado. Ao chegar em casa, ela encontrou Horry na piscina tremendo de frio e gritando histericamente por conta do pai morto e parcialmente submerso. Depois disso, eram apenas os dois, morando logo ali no mesmo quarteirão ou, o que era muito frequente, na nossa casa. Um ano à frente de Paul e um ano atrás de Wendy na escola, Horry se integrou perfeitamente à nossa família. No ensino médio, apaixonou-se por Wendy, como todos em Elmsbrook a uma altura ou outra, mas, como ele tinha acesso privilegiado, durante um ano ou mais vivíamos pegando os dois em flagrante em quartos escuros. Mas, no último ano da faculdade, Horry se meteu numa briga de bar – os detalhes são nebulosos – e acabaram lhe acertando um taco de beisebol na cabeça, de forma que agora Horry é um homem de 36 anos que mora com a mãe e não consegue dirigir nem se concentrar em coisa alguma por mais de alguns segundos. Às vezes ele tem essas miniconvulsões em que fica rijo e perde a fala. Todo dia meu pai passava para pegá-lo e levá-lo para a loja, onde Horry ajudava no almoxarifado e anotava os pedidos de almoço de todo mundo. Agora imagino que vá trabalhar para Paul.

Quando vê Horry, Wendy o abraça antes mesmo de tirar a capa, e ele deixa cair todos os casacos que já recolheu para retribuir o abraço.

– Oi, Girassol.

– Horry – sussurra Wendy no pescoço dele.

A camisa de Horry fica salpicada de pingos de chuva da capa de Wendy. Ele beija o cabelo molhado dela, e quando minha irmã se afasta, seus olhos estão vermelhos.

- Não chore – diz ele.
- Não estou chorando – garante ela, antes de explodir em lágrimas.
- Tudo bem, tudo bem – diz Horry, piscando de nervoso, enquanto se abaixa para pegar os casacos que deixou cair.

14h07

Serena, a bebezinha de Wendy, grita como se estivesse sendo esfaqueada. Todos podemos ouvi-la em som estereofônico durante o almoço, graças à babá eletrônica de última geração que minha irmã deixou ligada sobre a mesa no hall de entrada, mas Wendy não parece nem um pouco disposta a subir para acalmar a filha.

– Estamos deixando que Serena chore à vontade – anuncia ela, como se esse fosse o maior desejo não realizado de um bebê.

Se vão deixar a criança chorar, não vejo sentido na babá eletrônica, mas essa é uma daquelas perguntas que aprendi a não fazer, pois só vou conseguir que me olhem daquele jeito condescendente que todos os pais reservam para quem não tem filhos, a fim de nos recordar de que ainda não somos uma pessoa completa.

E o bebê a gritar é o de menos. Ryan, o filho de 6 anos de Wendy, descobriu o piano da sala, desafinado há décadas, e está produzindo uma cacofonia latejante socando o teclado com ambos os punhos. Barry, que chegou à conclusão de que este é o momento ideal para retornar alguns telefonemas de trabalho, anda para lá e para cá entre a sala de jantar e a de estar, discutindo em voz alta os detalhes de algum negócio que sem dúvida há de fazer crescer ainda mais sua já assustadora fortuna. Por estar usando um fone de ouvido sem fio, ele parece um lunático brigando consigo mesmo.

– Os japoneses nunca vão topa isso – diz ele, sacudindo a cabeça. – Estamos dispostos a ceder, mas o preço do papel é inaceitável.

O problema das pessoas que trabalham com finanças é considerar seu emprego infinitamente mais importante do que qualquer outra coisa ou pessoa, o que torna perfeitamente legítimo ignorar todo mundo porque têm

uma *conference call* com Dubai. Bilhões de dólares estão em jogo, por isso o aniversário do filho ou a morte do sogro simplesmente não encabeçam a lista de prioridades. Barry quase nunca está presente, e quando está, ou não sai do telefone ou não para de olhar para seu BlackBerry com o cenho franzido de alguém que se dedica a questões tão superiores que reduzem a pó os assuntos dos outros. Se ele se sentasse ao lado do presidente dos Estados Unidos durante um ataque nuclear, continuaria a olhar fixamente para seu BlackBerry com essa expressão-padrão, que traz implícita a pergunta: *Você acha que tem problemas?* Pelo que sei, ele não é muito legal com Wendy, mal reparando em sua existência e deixando para ela todo o trabalho pesado com as crianças. Ela, porém, herdou o imperativo genético de nossa mãe de que se deve manter as aparências. Tudo está formidável. Ponto final.

– Pare com isso, Ryan! – vocifera Barry na direção do piano, cobrindo o microfone do headset com a mão.

Não porque o barulho seja desagradável, não porque os parentes do morto talvez possam querer um pouco de paz e sossego, mas porque “O papai está ao telefone”. Ryan para por um segundo e dá a impressão de ponderar sinceramente o pedido do pai. Não vendo, porém, o que pode ganhar com isso, retoma sua sonata a dois punhos.

– Wendy! – grita Barry, e do jeito que a exclamação escorre de sua língua, rápida e queixosa, soa menos como o nome da esposa e mais como um tique a ser polidamente ignorado em público, e é precisamente isso o que minha irmã faz.

Linda serve de almoço salmão cozido e purê de batatas. Ela circula em torno da mesa distribuindo porções generosas logo que vê o fundo branco de um prato, e no caminho vai driblando Barry, que continua a andar de um lado para o outro e a gritar impropérios ao celular. Alice ajuda Linda, porque Alice é nora e tecnicamente não faz parte do grupo de enlutados. Barry não ajuda, porque Barry é tecnicamente um babaca.

Alice e Paul vêm tentando ter um filho já faz algum tempo, sem muito sucesso. Ela toma remédios para fertilidade que a fazem engordar e hormônios que a fazem chorar por estar gorda. Isso segundo Wendy, que também me disse que, quando Alice acha que está ovulando, fica na cama e obriga Paul a passar em casa na hora do almoço.

– Já imaginou? – comenta Wendy. – O pobre do Paul tem que mandar ver duas vezes por dia...

Neste exato momento Alice está fazendo uma careta enquanto observa

Ryan ao piano. É na verdade um sorriso forçado, que diz *Não tenho problema algum de curtir as gracinhas do filho dos outros mesmo não conseguindo ter o meu*. Ela lança ao marido um olhar carregado de significado, mas Paul não percebe por estar muito ocupado em enfiar o purê de batata na boca e evitar encarar os irmãos.

Tudo indica que Ryan tenha encontrado outra coisa para destruir, e o piano se cala ao mesmo tempo que a babá eletrônica. O silêncio repentino soa embaraçoso, como se antes estivéssemos todos nos escondendo atrás do barulho.

Bitches ain't shit but hos and trix!

O som do rap explode a todo vapor sobre a mesa, ao que Phillip rapidamente leva a mão ao bolso da camisa e, sem graça, puxa o celular.

– Nunca me lembro de trocar esse toque – desculpa-se ele, abrindo o flip. – Oi... O quê? Não, isso é ótimo! Bem na hora. – Fechando o flip, ele olha para nós com uma expressão intensa. – Ela chegou – anuncia, como se todos estivéssemos à espera. Como se fizéssemos alguma ideia do que ele está falando.

Então ele sai decidido da sala de jantar e vai correndo até a porta da casa. Todos corremos para a cozinha a fim de espiar pela janela que dá para a rua, onde uma mulher acabou de descer do banco traseiro de um sedã Lincoln escuro. A mulher misteriosa não tem tatuagens visíveis, nem implantes de silicone aparentes, não usa sapatos de saltos ostensivamente vulgares, nem tem uma “bunda melancia” – como Phillip costuma se referir ao traseiro de sua preferência – apertada numa saia curta sob a qual não há calcinha. Mesmo a distância fica claro que essa mulher, em seu terninho bem talhado, seu cabelo louro preso em um coque Grace Kelly bem-feito, é alguém que usa calcinha. Calcinhas caras, imagino, talvez até calcinhas sexy, da Victoria's Secret ou La Perla. Ela é definitivamente atraente, mas lustrosa e polida, como aço escovado. Em outras palavras, precisamente o tipo de mulher que ninguém imagina que queira se envolver com Phillip. Sofisticada, refinada e, pelo que vejo, significativamente mais velha que ele.

- Quem é essa? – pergunta minha mãe.
- De repente é a advogada dele – palpita Wendy.
- Phillip tem uma advogada? – pergunta Alice.
- Só quando está com algum problema.
- E ele está com algum problema?
- Tudo indica que sim.

A essa altura, Phillip já a alcançou. Os dois não trocam um aperto de mão nem um beijinho no rosto: atacam um ao outro com bocas famintas e línguas molhadas.

– Bom, pelo visto não é a advogada dele – diz Alice, talvez com uma pontinha de sarcasmo.

Com Alice, nunca se sabe. Ela não gosta de Wendy. Nem morre de amores por nenhum de nós. Vem de uma família certinha, em que os irmãos e os cunhados trocam afetuosos beijos ao chegarem e se despedirem e não esquecem os aniversários uns dos outros e ligam para os pais só para dar um oi, telefonemas que terminam com ternos eu-te-amo carregados de sinceridade e naturalidade. Para ela, nós, os Foxmans, somos uma raça selvagem, alienígenas trogloditas que não expressam afeição e observam com desfaçatez pela janela da cozinha o caçulinha da família apertar o traseiro de uma estranha.

– Vou passar os índices para você por e-mail – diz Barry às nossas costas.
– Já foram invertidos duas vezes.

Tendo, por ora, trocado uma quantidade suficiente de saliva, Phillip e sua convidada misteriosa se dirigem à porta de casa, e nos afastamos da janela. Wendy, como sempre, contribui com a última palavra:

– Seria bem típico de Phillip estar comendo a própria advogada.

14h30

– Esta é Tracy – anuncia Phillip com orgulho, de pé à cabeceira da mesa, onde estamos todos novamente sentados, tendo corrido de volta depois que ele encerrou a sessão de amassos e a conduziu para dentro de casa. – Minha noiva.

Provavelmente nossos queixos não caíram realmente nos pratos, mas a sensação foi essa. De perto, fica evidente que a moça é uns bons quinze anos mais velha que ele, uma quarentona muito bem conservada.

– Noiva ainda não oficial – corrige Tracy com carinho, de um jeito que sugere uma grande experiência na tarefa de corrigir Phillip.

As mulheres que Phillip em geral namora não são do tipo que o corrige. São strippers, atrizes, garçonetes, cabeleireiras, damas de honra que erguem as anáguas para ele no estacionamento durante a festa de casamento e uma

vez, memoravelmente, a própria noiva. “Não pude evitar”, justificou-se ele comigo, por entre lábios inchados e feridos, na cama de hospital onde posteriormente foi parar, depois que os padrinhos do noivo saíram em seu encalço. “Simplesmente aconteceu.” Esse “Simplesmente aconteceu” sempre foi a justificativa-padrão de Phillip para quase tudo, o epitáfio perfeito para um homem que sempre deu a impressão de ser um inocente espectador da própria vida.

– Oi, gente – cumprimenta Tracy, confiante e digna. – Lamento nos conhecermos em circunstâncias tão tristes.

Ela não dá risadinhas de adolescente nem estoura a bola do chiclete. Phillip põe o braço ao redor dos seus ombros, sorrindo de orelha a orelha como se tivesse acabado de contar uma ótima piada. Ninguém diz nada durante um bom tempo, portanto Phillip começa a chamada:

– Esta é minha irmã, Wendy – diz ele, apontando.

– Belo terninho – diz Wendy.

– Obrigada.

– Aquele cara ali falando sozinho é o marido dela, Barry.

Barry olha direto para Tracy e diz:

– Talvez eu consiga vender mais um oitavo de ponto a eles. Talvez. Mas eles vão querer garantias bem sólidas. Já passamos por isso antes.

– Barry é meio babaca.

– Phillip!

– Tudo bem, amor. Ele não está ouvindo. Este é meu irmão Paul, e a mulher dele, Alice. Eles não gostam muito de mim.

– Só porque você é um grande pentelho – diz Paul.

É a primeira coisa que ele diz, acho, desde o discurso no enterro. Não tem como saber o que o está emputecendo neste instante. Na minha família, não temos o hábito de pôr para fora nossas mágoas, apenas chafurdamos nelas. Ódio e ressentimento são cumulativos.

– Prazer em conhecê-la – diz Alice.

Ela usa um tom extradoce destinado a se desculpar por Paul, pelo restante de nós, pelo fato de estar oito quilos acima do peso e de não ser tão elegante e fleumática quanto Tracy. *Eu já fui como você*, sua voz alega. *Tamanho P e cabelo perfeito. Vamos nos dar muito bem.*

– E este é meu irmão Judd. Na verdade, ultimamente ele tem gostado de mim, se não me falha a memória.

– Oi, Judd.

– Oi.

– Judd foi corneado recentemente.

– Obrigado por ressaltar esse ponto, Phil – digo.

– Só estou querendo evitar constrangimentos mais tarde – diz Phillip. – Tracy é uma de nós agora.

– Caia fora enquanto é tempo! – brinca Alice, meio alto demais.

Seu sorriso nervoso é uma fissura torta e comprida que vai de uma bochecha à outra, ampliando-se dolorosamente antes de vacilar e sumir por completo.

– Já passamos por isso antes – diz Barry. – Não tem como dar certo.

– E esta é minha mãe – prossegue Phillip, virando Tracy de frente para nossa mãe, que está sentada ao lado de Linda com um sorriso forçado no rosto.

– Como vai, Tracy? Espero que não repare no nosso comportamento. É um dia difícil.

– Por favor, Sra. Foxman. Eu é que devo me desculpar por chegar sem avisar num momento tão penoso.

– E por que não se desculpa? – indaga Wendy.

– Wendy! – intervém mamãe.

– Ele chamou Barry de babaca.

– Bom, me desculpe – diz Phillip. – Já faz algum tempo. É totalmente possível, embora altamente improvável, que Barry não seja mais um babaca.

– Phillip. – O nome é dito por Tracy de forma severa, com controle e convicção, e meu irmão se cala como um cachorro treinado. – Phillip está nervoso. Isso é difícil para ele. Obviamente seria preferível que essas apresentações se dessem em circunstâncias melhores, mas, além de noiva de Phillip, sou também sua *coacher* de vida, e nós dois achamos que num momento tão difícil ajudaria muito se eu estivesse aqui.

– Defina “*coacher* de vida” – diz mamãe, num tom cortante e cheio de insinuações.

– Tracy era minha terapeuta – explica Phillip, cheio de orgulho.

– Você começou a namorar Phillip sendo terapeuta dele? – indaga Wendy.

– Assim que percebemos o que sentíamos um pelo outro, eu encaminhei Phillip a outro terapeuta.

– E isso é ético?

– Soubemos lidar com a situação – responde Tracy.

– Simplesmente aconteceu – emenda Phillip ao mesmo tempo.

Então o pequeno Cole desce as escadas, nu da cintura para baixo, segurando o velho penico branco que estava guardado debaixo da pia do banheiro desde que Phillip deixou de usá-lo. Cole está no que Wendy chama de fase E.T., na qual ele vagueia pela casa como o E.T., explorando e quebrando tudo a seu alcance, produzindo ruídos estranhos ao fazer isso. Ele se aproxima de Barry, que finalmente encerrou a ligação e sentou-se à mesa, e oferece o penico para inspeção.

– Olhe, pai, é um T!

Barry baixa os olhos, sem entender.

– O que ele quer? – indaga, como se jamais tivesse visto o filho de 3 anos antes.

– T! – grita, triunfante, o menino.

De fato, o cocô no penico tem o formato parecido com a letra T. Cole, então, se inclina e levanta o penico acima de sua cabeça, descrevendo um amplo arco que faz com que o recipiente bata na mesa de jantar com toda força, quebrando copos e fazendo voar talheres. Alice grita, Horry e eu corremos em busca de abrigo, e o conteúdo do penico de Cole aterrissa no prato de Paul como se fosse uma porção de batatas que ele tivesse pedido como acompanhamento. Paul dá um salto para trás como se tivesse sido atingido por uma granada, com tamanha violência que, sabe-se lá como, carrega Alice junto para o chão, num emaranhado de pernas e cadeiras.

– Meu Deus do céu, Cole! – grita Barry. – O que deu em você?

– Pare de gritar! – grita Wendy.

Cole olha para seus pais esgotados e inúteis e, sem preâmbulos, dá início a um sonoro e genuíno acesso de choro. E, como nenhum dos dois parece disposto a consolá-lo, exerço meus privilégios de tio e o pego no colo para que ele soluce no meu pescoço, seu bumbunzinho infantil pegajoso grudando no meu braço.

– Muito bem, rapazinho – digo –, usou direitinho o penico.

Tudo pelo reforço positivo, sabe como é. Depois desse trauma, é bem provável que o menino use fralda até os 10 anos.

– Eu fez um T – diz ele por entre os soluços, enxugando a coriza no meu paletó.

Nada mais fofo que uma criancinha falando com essa sinceridade esganiçada e seu sotaque de imigrante. Nunca fui apaixonado por crianças como são algumas pessoas, mas posso ouvir Cole falar o dia inteiro. Claro que, como tio, não sou eu o responsável por tirar sua merda da mesa.

– Isso mesmo, Cole – confirmo, olhando para o prato de Paul. – É um T. Um belo T, aliás.

Paul e Alice se levantam, zonzos e nauseados. Estamos todos de pé agora, posicionados em torno da mesa como um quadro, toda a família Foxman menos um, contemplando a bosta fresquinha e erudita depositada no prato de Paul. É totalmente inconcebível que consigamos sobreviver sete dias juntos aqui, desviando-nos uns dos outros como moléculas girando em uma solução química. Não há como saber como tudo vai acabar, mas, em termos de metáfora, não dá para imaginar coisa muito melhor do que defecar em porcelana fina.

CAPÍTULO 6

SE VOCÊ JÁ viveu um casamento fracassado – e, considerando as estatísticas, há uma boa chance de ter vivido, ou, caso contrário, viver em breve –, então sabe que a primeira coisa que se faz no fim é refletir sobre o início. Talvez seja uma espécie de encerramento reverso, ou apenas aquela tendência básica humana para o sentimentalismo – ou quem sabe para o masoquismo –, mas ao se ver ali, em estado de choque em meio às ruínas calcinadas da própria vida, nossa mente invariavelmente viaja de volta no tempo até o momento em que tudo começou. E não importa que você não tenha se apaixonado na década de 1980, porque a sua cabeça vai estar em clima oitentista: tudo inocente e onírico, com cores brilhantes, ombreiras e Pat Benatar ou The Cure como trilha sonora. Lá está você, cuidando da própria vida, atravessando o campus para chegar à aula, ou entrando num bar para tomar um café, ou dançando num casamento, ou bebendo com amigos. Então você a vê, rindo da piada de alguém, prendendo o cabelo atrás da orelha ou subindo no palco com uma amiga para cantar no karaokê uma versão levemente embriagada de “99 Red Balloons” (e a embriaguez é suficiente para que ela admita saber a letra em alemão também). Ou a vê encostada à parede, as sobancelhas atenciosamente erguidas e um copo de cerveja na mão, observando o ambiente, ou caminhando sozinha sem casaco em meio à neve que cai, as mangas da blusa puxadas para baixo para cobrir as mãos na falta de luvas, ou...

... cruzando o campus de bicicleta, a caminho da aula. Eu já a vira antes, com a pequena mochila de couro, o rabo de cavalo louro balançando ao vento enquanto ela passava em sua Schwinn vermelha. Éramos do mesmo período, mas não fazíamos nenhuma aula juntos e provavelmente em breve passaríamos a nos cumprimentar apenas com um aceno de cabeça. Naquele dia, porém, quando ela passou por mim pedalando, gritei:

– Ei, Garota da Bicicleta!

Ela freou com força demais e acabou ralando o tornozelo no pedal ao

escorregar do selim.

– Ai! Droga!

– Opa, que merda, me desculpe – falei. – Não era para você realmente parar.

Ela me olhou perplexa.

– Mas você me chamou.

Seus olhos eram de um verde incandescente. Desconfiei de que fossem lentes de contato, mas mesmo assim me deu vontade de compor uma música sobre aqueles olhos ali mesmo. Eu me postaria do lado de fora do seu quarto no alojamento com um violão e faria uma serenata para ela, enquanto suas amigas assistiriam, sorrindo com aprovação em seus pijamas sem graça.

– É, acho que chamei. Não consigo controlar meus impulsos, me desculpe. Na verdade, eu nem tinha planejado o que dizer depois.

A risada dela foi sonora e grave. Ela ria como uma menina que sabia como rir, que tinha uma longa relação com o riso. E ela olhou para mim, aquela loura linda, o tipo de garota da qual eu estava condicionado a receber uma rejeição sorridente embora não menos firme, e disse:

– Você tem cinco segundos para bolar um plano.

Isso era inédito, e o milagre me encorajou:

– Só achei que a gente teria bastante assunto para conversar – falei.

– Sei.

– Esta bicicleta, por exemplo. Você é a única garota do campus que anda de bicicleta.

– E daí?

– Acho que você faz isso por uma questão de ironia.

– Está me acusando de praticar o ciclismo irônico?

– É um esporte em alta. Já solicitaram que ele fosse incluído nas Olimpíadas.

– Seu cabelo é sempre assim?

Eu tinha um cabelo grosso e cacheado que lembrava molas soltas, e na faculdade eu meio que dava carta branca aos fios para serem como bem quisessem.

– Quanto mais alto o cabelo, mais perto de Deus.

– Eu manco – disse ela.

– O quê?

– É por isso que eu uso a bicicleta para atravessar o campus. Nasci com uma perna mais curta que a outra.

– Não me venha com essa.

– Pior que é verdade.

Ela desceu da bicicleta e me mostrou o tênis especial que usava.

– Está vendo esta sola quase 2 centímetros mais grossa que a outra?

– Merda. Sou um babaca.

– Tudo bem. Não foi sua intenção.

– Meu nome é Judd, aliás. Judd Foxman.

– O meu é Jen.

– Se não se importar, acho que vou continuar chamando você de Garota da Bicicleta por mais um tempinho.

– Por quê?

– Só passo a chamar de Jen depois de conseguir um beijo.

Ela parecia habituada a esse tipo de ousadia.

– E se isso nunca acontecer?

– Aí não vai fazer diferença mesmo.

– Você está eliminando a possibilidade de amizade.

– Imagino que uma garota como você já tenha amigos suficientes.

– E que tipo de garota sou eu, exatamente?

– Uma ciclista irônica.

Aquele riso de novo, do nada, como se estivesse circulando dentro dela, à espera de ser solto. Fazia sessenta segundos que eu a conhecia e já a fizera rir duas vezes – àquela altura, eu já lera bastante *Playboy* para saber que mulheres bonitas querem um homem que as faça rir. Claro que o que elas querem mesmo é um homem que as faça rir depois de lhes propiciar múltiplos orgasmos em um iate particular com seu pau de 23 centímetros, mas eu estava numa maré de sorte, e a esperança abria as asas timidamente em meu peito, preparando-se para alçar voo.

Eu sabia que ela era muito bonita e bem-ajustada demais para mim. Ao longo dos anos anteriores, eu forjara um nicho para mim mesmo no campus: as garotas perturbadas que usavam batom escuro e montanhas de brincos, e que lidavam com seus traumas de infância bebendo em excesso e dando para inofensivos garotos judeus de cabelo ridículo. Isso havia efetivamente acontecido exatas duas vezes em exatos dois anos, mas já que era o máximo de ação que me acontecera, eu gostava de pensar nisso como um nicho. E eu não era nem de longe o tipo de Jen. Só que o tipo de Jen – rapazes com porte de homem, geneticamente privilegiados, donos de carros esporte caros e de corpos lisinhos como os modelos da Abercrombie, e com ações na bolsa de

valores – não vinha dando muito certo para ela nos últimos tempos. Seu último namorado, Everett – esse era o nome verdadeiro dele, e ele era exatamente desse jeito aí que você está imaginando, só não tão alto –, dissera a Jen que sua postura ruim a deixava sem graça. Isso vindo de um cara, ela viria a se queixar comigo mais tarde, com um peito côncavo e um pau da finura de um lápis. O anterior a esse, David, ao voltar das férias de fim de ano, foi lhe contar que ficara noivo e que ia se casar ainda naquele ano. Jen vivia agora num torvelinho, lidando com problemas de autoestima e uma tentativa fracassada de mergulhar na anorexia. Eu estava no lugar certo na hora certa, e os deuses finalmente tinham resolvido me dar uma colher de chá.

Mas eu ainda não sabia de nada disso. Tudo o que eu sabia era que uma conversa que já deveria estar encerrada parecia ter adquirido vida própria, e que uma garota que, segundo as leis do universo, não deveria me lançar nem um segundo olhar estava agora inclinando-se na minha direção, sua boca sorridente mirando, sem dúvida alguma, a minha. Foi um selinho rápido, meigo, mas senti rendição em seus lábios, uma sugestão de maciez aveludada logo abaixo da superfície, e me apaixonei. Sério. Assim de repente.

– Não consigo controlar meus impulsos – disse ela, orgulhosa da própria audácia.

– Jen.

Expirei lentamente, correndo a língua pelo interior dos meus lábios, saboreando o resíduo esquisito de seu brilho labial.

– Judd.

– Acho que vou chamar você de Garota da Bicicleta até a gente ir para a cama.

Ela riu novamente, e nisso já era a terceira vez, e olhe que eu era um azarão. Muito mais tarde, Jen haveria de jurar que aquele foi o momento em que soube que se casaria comigo. Esse é o problema dos universitários. Culpo Hollywood por distorcer a perspectiva deles, fazendo parecer que a vida não passa de uma grande comédia romântica: basta um primeiro contato divertido para se concluir que os dois vão viver felizes para sempre. Então lá estávamos nós, a linda loura usando seu levíssimo defeito congênito a fim de parecer problemática e mais interessante, e o garoto nervoso de cabelo ridículo tentando ao máximo umas tiradas inteligentes, os dois hipnotizados pelos ritmos sincopados dos nossos corações furiosamente disparados e dos genitais latejantes. Aquele garoto bobo, desesperado e excitado que eu era,

parado ali ingenuamente na linha do pênalti do seu amor embriônico,
ignorava que na verdade o que deveria fazer era fugir como o diabo da cruz.

CAPÍTULO 7

15h43

ERETO APARECE EM nossa casa com três voluntários da Sociedade Hebraica de Enterros para distribuir apetrechos de luto. Eles rearrumam a mobília e fazem os preparativos com uma silenciosa precisão militar, e Ereto reúne os quatro irmãos Foxmans na sala. Cinco cadeiras dobráveis baixas com acabamento de madeira espessa e encosto de vinil desbotado estão alinhadas em frente à lareira. O espelho acima foi coberto com algum tipo de spray branco fosco. Os móveis foram todos arrastados para a extremidade da sala, e umas trinta cadeiras brancas de plástico foram armadas e arrumadas em três fileiras, de frente para as cinco cadeiras baixas. Duas travessas de prata para coleta de doativos foram postas sobre o piano. Aqueles que vierem dar os pêsames à família podem fazer contribuições em dólar para a Sociedade de Enterros ou para uma sociedade local de câncer infantil. Umas poucas notas estão dispostas sobre cada um dos pratos para servirem de dica. No corredor de entrada, acenderam uma vela grossa dentro de um copo alto sobre a mesa, ao lado da babá eletrônica de Wendy. É a vela da shivá, e a quantidade de cera é suficiente para que a vela arda no copo durante sete dias.

Phillip alisa uma das cadeiras baixas com o dedão do pé.

– Muita gentileza do Yoda nos emprestar as cadeiras dele.

– São cadeiras para a shivá – diz Ereto. – Sentar bem perto do chão é um sinal de luto. Antigamente os enlutados se sentavam no chão, mas com o tempo o conceito evoluiu.

– Ainda falta evoluir um bocado – resmunga Phillip.

– O que houve com o espelho? – quer saber Wendy.

– É costume retirar ou cobrir todos os espelhos da casa enlutada – explica Ereto. – Embaçamos todos os espelhos nos banheiros também. Este é um período em que se deve evitar todo e qualquer impulso de vaidade e refletir apenas sobre a vida do pai de vocês.

Todos assentimos, da mesma forma que faríamos para um guia de museu que fala demais, optando pela menor resistência para chegar mais rápido à lojinha de suvenires.

– Faz um tempo, o pai de vocês me chamou ao hospital – diz Ereto.

Ereto foi um garoto gorducho e tenso e agora é um homem forte e tenso, com bochechas rosadas que o fazem parecer eternamente zangado ou envergonhado. Não sei exatamente quando foi que Ereto encontrou a Deus; perdi contato com ele depois do ensino médio. Com Ereto, não com Deus. Perdi contato com Deus quando entrei para a Liga Infantil e não pude mais assistir às aulas de hebraico no Templo Israel, a sinagoga que frequentávamos uma vez por ano, na época do Rosh Hashaná.

– O pai de vocês não era um homem religioso, mas já perto do fim ele se arrependeu da ausência das tradições em sua vida e do jeito como tinha criado os filhos.

– Isso não é muito a cara do papai – digo.

– Na verdade, é bastante comum que as pessoas recorram a Deus quando estão diante da morte – prossegue Ereto, no mesmíssimo tom didático e autoritário que empregava quando menino para nos explicar o que era um boquete.

– Papai não acreditava em Deus – diz Phillip. – Por que ele iria recorrer a algo em que não acreditava?

– Pelo visto ele mudou de ideia – rebate Ereto, e não consigo perceber se continua ressentido com Phillip pelo deslize do apelido hoje mais cedo.

– Papai nunca mudava de ideia – insisto.

– O último desejo dele foi que a família observasse a shivá para marcar a ocasião do seu falecimento.

– Ele estava dopado – observa Wendy.

– Ele estava perfeitamente lúcido. – O rosto de Ereto começa a ficar vermelho.

– Mais alguém estava presente quando ele disse isso? – pergunta Phillip.

– Phillip – diz Paul.

– O que foi? Só estou dizendo que talvez Ere... que Charlie pode ter se confundido.

– Eu não me confundi – afirma Ereto, irritado. – Conversamos muito sobre isso.

– Não tem gente que faz uma shivá só de três dias? – pergunto.

– Isso! – exclama Wendy.

– Não! – grita Ereto. – A palavra “shivá” significa “sete”. São sete dias. Por isso se chama shivá. O pai de vocês foi muito específico.

– Bom, eu não posso me afastar dos negócios por sete dias – diz Paul. – Acredite, papai jamais iria querer isso.

– Ouça, Charlie – digo, dando um passo à frente. – Você deu o recado. Cumpriu a sua parte. Vamos conversar sobre o assunto agora e chegar a um consenso. Ligamos para você se tivermos alguma dúvida.

– Parem com isso!

Todos nos viramos e vemos minha mãe e Linda de pé sob o arco que dá para a sala.

– Isso é o que o pai de vocês queria – diz mamãe num tom severo, entrando na sala. Ela tirou o casaco do tailleur, de forma a revelar aquele infame decote. – Ele não foi um homem perfeito nem um pai perfeito, mas foi um homem bom e fez o que pôde. E nenhum de vocês tem sido um filho modelo ultimamente.

– Tudo bem, mãe. Fique calma – diz Paul, estendendo a mão para ela.

– Não me interrompa. Seu pai passou mais da metade do último ano numa cama, moribundo. Quantas vezes vocês vieram visitá-lo, qualquer um de vocês? Claro que sei, Wendy, que Los Angeles não fica ali na esquina, e, Judd, você enfrentou um período difícil, eu entendo. E, Phillip... Bom, só Deus sabe o que você tem aprontado. É como se um filho meu tivesse sido mandado com as tropas para o Iraque. Se bem que nesse caso eu pelo menos saberia do seu paradeiro. Mas o pai de vocês expressou esse último desejo, e nós vamos cumpri-lo. Todos nós. Vai ficar apertado e desconfortável e vamos dar nos nervos uns dos outros, mas durante os próximos sete dias vocês são todos meus filhos de novo. – Ela dá mais alguns passos na direção do centro da sala e sorri. – E estão todos de castigo.

Minha mãe então gira sobre um dos saltos agulha e se aboleta qual uma criança numa das cadeiras baixas.

– Muito bem – diz ela. – O que estão esperando?

– Hã, Sra. Foxman... – diz Ereto, pigarreando. – Na verdade, não se deve usar salto alto durante a shivá.

– Eu tenho pé chato – responde minha mãe, lançando sobre Ereto um olhar tão afiado que é quase como se ele estivesse sendo submetido a uma circuncisão.

A única reminiscência da prática judaica que meus pais mantinham, e mesmo assim de forma capenga, era hospedar a família para o Rosh Hashaná, o ano-novo judeu. Todo ano, na época em que o verão estava desaguando no outono, vinha o telefonema, mais uma convocação que um convite, e todos partíamos para Knob's End, onde discutíamos quem iria dormir onde, comparecíamos de má vontade ao culto no Templo Israel e partilhávamos uma refeição comemorativa extremamente tensa durante a qual, rezava a tradição, no mínimo uma pessoa saía porta afora num acesso de fúria teatral. Quase sempre era Alice ou Wendy, embora havia alguns anos esse papel tivesse cabido a Jen, algo inédito. Isso porque meu pai, já bem calibrado de *schnapps* de pêssego e sem nenhum motivo específico, disse que o nosso bebê morto não teria sido tecnicamente judeu, já que ela era uma gentia. Isso se deu apenas alguns meses depois de Jen dar à luz nosso filho natimorto, portanto ninguém a condenou por atirar o prato no sogro e se retirar furiosa. “O que é que deu nela?”, indagou ele. O lado bom foi que Jen insistiu para que voltássemos imediatamente para casa, o que me poupou de assistir aos intermináveis cultos no Templo Israel na manhã seguinte, em que a voz lenta e operística de tenor do chantre Rothman faz qualquer um cair de joelhos e aceitar Jesus como seu Senhor e Salvador.

16h02

Alice e Tracy estão ajudando Linda na cozinha. Horry, cumprindo ordens de Paul, voltou para a loja a fim de encerrar o expediente. A loja de Elmsbrook é a matriz e fica aberta até as nove da noite todos os dias. Barry está lá em cima, assistindo a um vídeo com os meninos. Assim, somos apenas nós quatro e mamãe, sentados nas cadeiras baixas, nos sentindo meio envergonhados e desconfortáveis.

- E então – começa Phillip –, o que acontece agora?
- As pessoas vão começar a chegar – responde mamãe.
- Como elas sabem a que horas vir?
- Não somos os primeiros no mundo a cumprir a shivá – resmunga Paul.
- Elas virão – afirma mamãe.
- “Ah, as pessoas virão, Ray” – profere Phillip, em sua melhor imitação de James Earl Jones em *Campo dos sonhos*. – Sem dúvida, as pessoas virão.

Phillip é um depositário de trechos aleatórios de diálogos de filmes e letras de música. Para abrir espaço para tudo isso em seu cérebro, aparentemente ele precisou limpar todas as áreas onde coisas como lógica e bom senso costumam ficar guardadas. Quando está sob pressão, ele cita naturalmente, como uma espécie de erudito.

Paul ergue os olhos e me flagra olhando fixo para a cicatriz em sua mão direita. É uma grossa linha cor-de-rosa que sobe pela lateral carnuda da palma, atravessa o pulso e termina numa massa disforme na parte interna do braço. Há também uma outra, mais feia, em seu ombro, que se irradia até o pescoço em gavinhas em alto-relevo e cor de carne morta, onde o rottweiler por um triz não pegou sua jugular. Sempre que o vejo, não consigo deixar de olhar para as cicatrizes, procurando as marcas de dentes que sei que estão lá.

Incomodado, ele vira o braço ao contrário, escondendo a cicatriz, e me lança um olhar de censura. Paul não falou comigo diretamente desde que cheguei. É raro ele se dirigir a mim se não for necessário. Isso se deve a uma combinação de fatores, sendo o principal o ataque que ele sofreu do rottweiler, incidente que encerrou sua carreira no beisebol universitário antes mesmo que ela começasse e pelo qual ele me culpa. Paul jamais disse isso claramente, lógico. Com exceção de Phillip, os homens da minha família jamais falam as coisas com clareza. Por isso não tenho certeza se foi nesse momento que Paul começou a me odiar ou se foi quando ele simplesmente começou a odiar todo mundo.

Outro possível fator é que perdi minha virgindade com Alice no ensino médio, e ela comigo, o que não é assim tão esquisito quanto parece. Ela era da minha turma no ensino médio e só foi aparecer no radar de Paul muitos anos depois, quando executou um clareamento dental nele. Paul usou com ela o clássico “Você não costumava sair com meu irmão caçula?”, que sempre funcionava. Àquela altura eu já saíra de Elmsbrook havia muito tempo e já estava noivo de Jen, por isso se alguém tem culpa é Paul, não eu. Ele sabia, ao entrar nessa, que eu já tinha entrado ali primeiro. Pelo que me consta, é até possível que ele tenha começado a dormir com Alice para, não sei como, se vingar de mim pelo ataque do cão, o que seria muito oblíquo e muito idiota, assim como bem típico de Paul. Portanto, toda vez que Paul me vê agora, seu inconsciente lhe diz que eu deflorei sua esposa, que vi Alice nua, que beijei o sinal de nascença cor de vinho e em formato de ponto de interrogação que começa abaixo da virilha dela e termina na junção das pernas. Tudo aconteceu dezessete anos atrás, mas os homens não esquecem esse tipo de

coisa. E toda vez que Alice e eu nos vemos, não conseguimos reprimir as lembranças, que vêm, em um flash instantâneo, daqueles quatro meses que passamos transando em carros, porões, moitas e uma vez, tarde da noite, no pequeno túnel de plástico acima de um escorrega no parquinho da escola primária. A primeira vez a gente nunca esquece, por mais que se queira.

– Como vão as coisas na loja? – pergunto a ele.

Ele olha para mim e reflete sobre a pergunta.

– Tudo na mesma.

– Algum plano para expandir, abrir em outros lugares?

– Não. Não temos planos de expandir. Estamos em recessão, você não lê jornal?

– Só fiz uma pergunta.

– Embora eu imagine que uma recessão seja o menor dos seus problemas, não é, Judd?

– O que está querendo dizer com isso, Paul?

Estamos encerrando nossas frases com o nome do outro, o que equivale àquele primeiro momento de uma luta em que os oponentes se estudam, avaliando a hora certa para desferir o primeiro golpe.

– Paul – intervém mamãe

– Tudo bem, mãe – falo. – Só estamos botando o papo em dia.

– Esqueça – emenda Paul.

– Não. Tudo bem – insisto. – O que você quis dizer foi que, estando desempregado e tendo uma mulher que dá para todo mundo, eu tenho coisas mais sérias em que pensar do que a economia do país, certo?

– Sem dúvida essa é uma interpretação.

– Fiquei surpreso por não receber uma ligação sua depois do que aconteceu – prossigo. – Saí de casa tem quase oito semanas. Quer dizer, nenhum de vocês me ligou. O que já é meio esperado, na verdade. Se não me ligaram quando perdemos o bebê, por que eu iria esperar que ligassem só porque meu casamento acabou? Mas achei que você ligaria, Paul, só para dar uma sacaneada. Foi sorte papai morrer agora, senão só Deus sabe quando você teria essa oportunidade, não é mesmo?

– Não estou feliz por isso. Sempre gostei da Jen.

– Obrigado, Paul. – Espero um segundo, para criar impacto. – E eu sempre gostei da Alice.

– Como é que é? – diz Paul, cerrando os dentes, os punhos e as entranhas.

– Que parte você não entendeu?

– *All the young girls love Alice* – canta Phillip, bem alto e desafinado, os versos de Elton John. – *Tender Alice they say...*

– Então, Phillip – começa Wendy. – Como foi que você seduziu sua terapeuta?

– Depois – diz Phillip. – Isto está começando a ficar interessante.

– Ah, me poupem! – exclama mamãe.

Consulto o Rolex que Jen comprou para mim com o meu dinheiro e que ainda não coloquei à venda no eBay. Estamos cumprindo a shivá há exatos trinta minutos. A campainha toca, e só Deus sabe a que profundezas do embate passivo-agressivo teríamos descido se não fosse por isso. E à medida que os primeiros vizinhos começam a encher a sala, vindo nos dar os pêsames com uma expressão solene no rosto, vai ficando claro para mim que o motivo mais provável para se encher a casa de visitas durante a shivá é evitar que os enlutados se esquartejem mutuamente.

Quando éramos pequenos, papai levou a mim e Paul para pescar num regato largo e raso à sombra de uma passarela próxima de algumas estradas vicinais, alguns quilômetros ao norte dos limites da cidade. Paul e eu pegamos no riacho algumas pedras polidas pela água e papai as amarrou nas varas de pescar para que servissem de pesos. Então, depois de fatiar algumas minhocas com o canivete de bolso e pendurá-las como iscas em nossos anzóis, ele nos ensinou a atirar a linha por sobre a água. Para Paul e eu, essa parte era mais divertida que a pesca em si. Recolhíamos nossas linhas, esticávamos os anzóis atrás de nós e os atirávamos na água, tentando lançá-los o mais distante possível. Depois de uma hora nisso, Paul conseguiu enfiar o anzol na minha orelha ao puxar a vara, antes de atirar a linha de volta na água. Senti uma dor repentina, ardente, quando a cartilagem foi cortada, e logo depois a pedra amarrada à linha dele voltou para acertar meu couro cabeludo. Só me lembro de me ver deitado de costas na terra, olhando para um céu sem nuvens. Papai precisou tirar a camiseta para estancar o sangue. Paul ficou me olhando lá de cima, ele de pé e eu deitado, e até se desculpou, mas com raiva, como se a culpa fosse toda minha. Os pelos encaracolados do peito de papai ficaram salpicados de partículas do meu sangue. Não senti muita dor, só me lembro de ficar impressionado ao ver como a camiseta amassada de papai passou de branca para totalmente vermelha em questão de minutos. Minha orelha nem saiu muito machucada da história, mas ainda

tenho uma leve depressão no osso que fica bem atrás, onde a pedra me acertou, como uma impressão digital em argila endurecida.

CAPÍTULO 8

19h45

JÁ FAZ ALGUMAS horas e as visitas continuam chegando num fluxo interminável, como se ônibus lotados despejassem passageiros na nossa porta a cada meia hora. O Knob's End se transformou num grande estacionamento, e meu rosto dói de tanto sorrir educadamente enquanto minha mãe me apresenta e reapresenta a todo mundo. Sinto minha bunda dormente por causa do enchimento barato sob o vinil vagabundo da cadeira da shivá. Os convidados disputam uma boa posição na sala, os pés de plástico das frágeis cadeiras de bufê espalhadas pelo cômodo arranham o piso de carvalho. Aos poucos cada um abre caminho até onde estamos, quando podem fazer as mesmas perguntas que os convidados anteriores já fizeram, dizer os mesmos lugares-comuns e apertar o braço da minha mãe com os lábios teatralmente crispados. Devíamos distribuir um folheto informativo na entrada para agilizar o processo, um breve resumo da evolução da doença de papai e de tudo o que se passou nos dias derradeiros, quem sabe até uma fotocópia de seus prontuários médicos e uma impressão em quatro cores da última tomografia computadorizada, porque aparentemente é sobre isso que todos os amigos dele e de mamãe querem falar. E, no final do folheto, uma simples declaração precedida de asterisco informaria que não nos interessa saber onde as pessoas estavam quando souberam da morte de nosso pai/marido, como se ele fosse John F. Kennedy ou Kurt Cobain.

Paul suporta tudo sem dizer muita coisa, emitindo uma série de rosnados que os ouvintes parecem considerar respostas genuínas. Wendy, sem a menor cerimônia, atende telefonemas das amigas de Los Angeles, e Phillip se diverte mentindo com o maior descaramento, testando até que ponto consegue expandir os limites da credibilidade.

Mulher de Meia-Idade: Nossa, Phillip! Da última vez que nos vimos, você ainda estava na escola. O que anda fazendo?

Phillip: Dirijo um grupo de estudos sobre o Oriente Médio em Washington.

Phillip: Administro um fundo de investimentos na área biotécnica.

Phillip: Estou coordenando um projeto da Unicef para obtenção de água potável na África.

Phillip: Estou trabalhando como dublê no novo projeto do Spielberg.

E tem as travessas. Judeus não mandam flores, mandam comida, e em grande quantidade: travessas de frutas, travessas de biscoitos sortidos, frios, ensopados, bolos, saladas de arroz selvagem, pães e salmão defumado. Linda, que com naturalidade voltou a seu papel habitual de governanta suplementar do clã Foxman, transforma a mesa de jantar num bufê improvisado, pondo ali os gêneros não perecíveis, junto com um samovar com café. As visitas abrem caminho por entre as cadeiras, conversam com os enlutados e depois gravitam na direção da sala de jantar para tomar café e beliscar alguma coisa. Quem saberia dizer em que tipo de festa épica isso poderia se transformar se alguém abrisse a tranca do armário de bebidas alcoólicas?

As visitas são, em sua maioria, gente idosa, amigos e vizinhos dos meus pais, que comparecem para ver e serem vistos, expressar seus pêsames e contemplar a própria mortalidade, já que seus problemas cardíacos e cânceres de fígado, pulmão e células sanguíneas florescem sob a superfície. Mais um dos seus sucumbiu, e embora estejam aqui para consolar minha mãe, dá para ver em seus rostos pálidos e leais a euforia mórbida de terem sido ignorados pela morte. Todos criaram seus filhos, quitaram as prestações de suas casas e passarão seus anos dourados enterrando uns aos outros, acompanhando sombriamente a inexorável redução do grupo ao sabor de café com bolo em casas iguaizinhas a esta.

Em princípio eu me encontro a décadas de distância disso e deveria estar começando a formar uma família, mas houve um revés, um desvio calamitoso. Seria de se imaginar que, estando em meio à shivá do próprio pai, ninguém poderia ficar mais deprimido do que já está. Ledo engano. De repente não consigo parar de ver as pegadas do tempo em todos os presentes na sala. As manchas senis, os queixos múltiplos, os pescoços flácidos, as papadas, as bolsas debaixo dos olhos, as carecas salpicadas de manchas, as irrevogáveis rugas de expressão, os ombros caídos, os peitos desabados dos homens, as pernas encurvadas. Quando será que tudo isso acontece? Em

prestações, de modo que não podemos prevenir, não podemos consertar? Ou um dia você simplesmente acorda e descobre que envelheceu enquanto dormia?

Quando estava na faculdade, eu pensava em me tornar tantas coisas! Mas aí me apaixonei por Jen e todas as minhas nobres aspirações se evaporaram na bruma da luxúria. Eu nunca tinha imaginado que uma garota como aquela iria querer alguém como eu, e acabei criando essa ideia de que, se eu investisse toda a minha energia em mantê-la feliz, o futuro daria conta do resto. Por isso desapareci sem deixar rastro no Triângulo das Bermudas de suas coxas, passando de raspão nas matérias da faculdade até o final do curso, e quando, logo depois da formatura, ela aceitou meu pedido de casamento, me lembro de ter sentido, mais que qualquer outra coisa, uma sensação de imenso alívio, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

E agora não tenho esposa, nem filho, nem emprego, nem casa, nem qualquer outra coisa que indique uma existência vivida com algum sucesso. Posso não ser velho, mas sou velho demais para ter tanto nada. Tenho o queixo duplo de um estranho em fotografias e pneuzinhos se insinuando logo acima dos quadris, e quase posso garantir que a linha onde começa meu cabelo, a única fronteira em que sempre pude confiar, começa a recuar traiçoeiramente quando não estou olhando, porque com enorme frequência meus dedos descobrem uma nova topografia no alto da minha testa. Não ter nada aos 20 anos é legal, é esperado, mas não ter nada quando se está na metade do caminho rumo aos 70, amolecendo e alargando diariamente, é outra história. É como se dispor a cruzar o país de carro sem dinheiro para a gasolina. Vou olhar para trás, para este momento, e vê-lo como o início de um lento processo que culmina com a minha morte solitária depois de ter passado meus dias num apartamento vazio tendo como companhia apenas a TV e um cão lento e manco. Vai ser o tipo de lugar que cheira a mofo para as visitas, mas não para mim, já que o mofado serei eu. E posso sentir esse futuro miserável se aproximando a toda a velocidade, ecoando pelas planícies numa nuvem de poeira como um estouro de boiada.

Antes que eu me dê conta estou de pé, abrindo caminho pelo emaranhado de gente, me esquivando e contornando, entreouvindo trechos de conversa, mantendo os olhos no refúgio que é a porta da cozinha.

- ... Paul, o mais velho. Ele falou divinamente...
- ... no respirador durante três meses... basicamente vegetando...
- ... um lugar lá no lago Winnepesaukee. Vamos todos os anos. É lindo.

Maureen leva as crianças...

– ... se separaram faz pouco. Parece que havia uma terceira pessoa na história...

O último comentário me rasga como um anzol, mas a essa altura já cheguei à porta, e não vou olhar para trás. Entro na tranquilidade refrigerada da cozinha e me recosto à parede, recuperando o fôlego. Linda está agachada diante da geladeira, roendo distraidamente a ponta de uma cenoura crua como se fosse um charuto, tentando abrir espaço para encaixar toda a comida que nos deram.

– E aí, Judd? – diz ela, sorrindo para mim. – Quer alguma coisa? Temos praticamente de tudo.

– Que tal um milkshake de baunilha?

Ela fecha a geladeira e olha para mim.

– Isso não temos.

– Então acho que vou ter que sair para comprar.

Seu sorriso é doce e maternal.

– Está ficando meio pesado lá dentro, não é?

– Já passamos do pesado há algum tempo.

– Eu ouvi a gritaria.

– É... Lamento. E obrigado, sabe, por toda a ajuda, por cuidar da minha mãe e tudo mais.

Ela parece espantada por um segundo, prestes a dizer alguma coisa, mas depois apenas enfia a cenoura de volta na boca e sorri. Ouvimos a risada de mamãe na sala.

– Bem, pelo visto ela está se divertindo.

– Ela teve muito tempo para se preparar para isso.

– Imagino.

Ficamos ali parados um minuto, tendo esgotado o estoque de amenidades.

– Horry parece ótimo – comento, e desejo imediatamente não ter dito isso.

O sorriso de Linda é triste, debilitado e, de alguma forma, bonito: o sorriso doído dos que sofrem há muito tempo.

– A gente aprende a não pensar no que poderia ter sido e a simplesmente agradecer pelo que tem.

– É. Acho que não é um bom momento para eu ouvir isso.

Ela se aproxima de mim e põe os braços ao redor de meus ombros. Faz séculos que não sou tocado, que nem sequer troco olhares diretos com alguém, e posso ver o reflexo de minhas lágrimas nos olhos dela.

– Você vai superar isso, Judd. Sei que está se sentindo perdido agora, mas isso logo vai passar.

– Como é que você sabe?

De repente estou prestes a ter uma baita crise de choro. Linda trocou minhas fraldas, me deu comida, foi quase tão mãe para mim quanto minha mãe de verdade, sem jamais receber o devido reconhecimento. Eu deveria ter lhe mandado cartões todos os anos no Dia das Mães, deveria ter ligado para ela de vez em quando para saber como estava. Como se explica que durante todos esses anos eu não tenha parado para pensar nela nem uma vez sequer? Sinto uma onda negra de arrependimento pelo tipo de pessoa em que acabei me transformando.

– Você é um romântico, Judd. Sempre foi. E vai encontrar novamente o amor, ou o amor há de encontrar você.

– Algum dia ele encontrou você de novo?

Algo muda na expressão de Linda, e ela me solta.

– Sinto muito – digo. – Eu disse uma coisa terrível.

Ela assente, aceitando meu pedido de desculpa.

– Seria um erro terrível passar a vida achando que as pessoas são a soma de tudo o que você vê.

– Sei disso.

– Não sabe, não – diz Linda, mas seu tom não é rude. – E este não é o lugar nem a hora para entrar em detalhes, mas pode ter certeza de que não passei os últimos trinta anos dormindo sozinha.

– Claro que não. Sou um idiota.

– Talvez, mas você tem passe livre esta semana. – Ela abre um sorrisinho amistoso para mim. – Só não abuse. – Linda olha pela janela para a rua cheia de carros à frente. – Parece que você estacionou ao lado do Hummer de Jerry Lamb. Por que um médico aposentado precisa dirigir um tanque como esse em Elmsbrook? É a pergunta que não quer calar. Não é possível que ele tenha um pinto assim tão pequeno, é? – Metendo a mão no bolso do avental, ela me joga uma chave. – Vou lhe emprestar o meu. É o Camry azul. Se você se programar direito, ainda consegue pegar Horry na volta. Não gosto que ele venha para casa a pé tão tarde.

20h30

O carro de Linda cheira a fermento e flores. Exceto pelo pequeno medalhão pendurado no retrovisor, aqui dentro está tudo vazio e limpo de um jeito que me entristece. Ou talvez qualquer coisa vazia hoje em dia mexa comigo. A chuva que caiu mais cedo já amainou, virando agora um leve orvalho que embaça o para-brisa, mas apenas o suficiente para borrar a luz dos faróis dos carros que vêm no sentido contrário. Desço a Centre Street e estaciono junto a um parquímetro em frente à loja matriz da Foxman Artigos Esportivos.

Papai trabalhava como eletricista, mas, quando Paul nasceu, ele resolveu que queria deixar um legado para os filhos. Pediu dinheiro emprestado ao sogro para arrematar uma pequena loja de artigos esportivos que falira e, ao longo dos anos, expandiu o negócio, que se tornou uma cadeia de seis lojas em diversos pontos desde o vale do Hudson até Connecticut. Ele acreditava piamente em atendimento personalizado e em funcionários instruídos e bem informados, e recusava com orgulho as propostas de venda que as cadeias nacionais lhe faziam a cada dois ou três anos. Todo sábado visitava as cinco filiais, para examinar os livros de contabilidade e resolver problemas. Quando Paul e eu éramos mais novos, papai nos acordava ao raiar do sol e nos enfiava no carro para irmos com ele. Dobbs Ferry, Tarrytown, Valhalla, Stamford e Fairfield. Eu me sentava atrás, os olhos ainda vidrados de sono, e pelas janelas escuras do Cadillac de segunda mão via o sol nascer por trás das árvores que margeavam a autoestrada. O carro cheirava a fumo de cachimbo e o gravador tocava uma invariável seleção de Simon e Garfunkel, Neil Diamond, Jackson Browne e Peggy Lee. De vez em quando, ao escutar uma dessas músicas em um elevador ou uma sala de espera, sou transportado de volta para aquele carro, no qual, embalado na minha semi-inconsciência pelo suave e constante ruído dos pneus passando pelas emendas do asfalto, eu ouvia meu pai acompanhar as músicas com um murmúrio grave.

Uma vez por trimestre ele levava também Barney Cronish, o contador. Paul odiava quando Barney ia conosco, pois era obrigado a ceder o lugar do carona e Barney queria parar em todos os bares de beira de estrada, fosse para comprar café ou fazer xixi. Barney também peidava alto e sem a menor cerimônia, e quando isso acontecia Paul e eu abríamos as janelas e botávamos a cabeça para fora, ao vento, como dois cachorros, para escapar do cheiro rançoso de repolho. Às vezes meu pai apertava o botão do painel que travava todas as janelas e se fingia de desentendido enquanto sufocávamos, isso era o mais próximo de uma brincadeira que ele se permitia chegar.

Papai aparentemente não sabia como agir conosco quando não estava

trabalhando. Ele era ótimo quando éramos pequenos, nos embalava em seus braços grandes ou nos fazia quicar em seu joelho enquanto cantarolava Mozart... Quando começamos a andar, nos agarrávamos a seus dedos grossos enquanto ele nos levava para dar uma volta no quarteirão. Ele se deitava na nossa cama conosco na hora de dormir, quase sempre pegando no sono, até que mamãe ia buscá-lo. Mas quando crescemos um pouco, ele pareceu ficar irremediavelmente confuso na nossa presença. Não entendia nossa paixão pela TV e pelos videogames e se mostrava pasmo com a preguiça dos nossos corpos bastante capazes, com nossos quartos bagunçados e as camas por fazer, com nosso cabelo comprido e nossas camisetas estampadas. Quanto mais crescíamos, mais ele se refugiava no trabalho, nos jornais de fim de semana e no *schnapps*. Às vezes acho que a decisão de ter Phillip foi a última tentativa de mamãe de reencontrar o marido.

Os toldos verdes da loja, em geral salpicados de cocô de passarinho ressecado e manchas de umidade, foram limpos recentemente, e as vitrines, antecipando a chegada do outono, estão cheias de equipamentos de hóquei, esqui e snowboard. O manequim no canto veste uma máscara de goleiro e, sob o piscar assombroso da lâmpada fluorescente, lembra Jason, o assassino em série dos filmes *Sexta-feira 13*. Elmsbrook é a cidade perfeita para um assassino em série – e digo isso no melhor sentido possível. É sempre nas cidades pitorescas, com calçadas limpas e torres de relógio, que Jason e Freddy escolhem massacrar adolescentes de libido descontrolada. A Centre Street é toda em paralelepípedos e tem um largo passeio no meio, com alguns bancos e uma fonte na via central. Suas lojas exibem toldos iguais e o aspecto geral é agradável e bem cuidado.

Estou pensando em assassinos em série e, quando Horry de repente bate na minha janela, dou um pulo no banco. Ou talvez seja porque ele é meio assustador. Seu cabelo comprido só não cai no rosto porque está preso por uma faixa da Nike, ainda com a etiqueta do preço balançando e batendo em sua testa. As cinzas suspensas na ponta do cigarro que ele segura entre os lábios têm um centímetro de comprimento.

– Você me assustou – digo.

– Eu costumo causar esse efeito.

Dou uma risada, não porque seja engraçado, mas para ser educado. Não se pode deixar de sentir pena de Horry, mas a ideia é tratá-lo como a qualquer outra pessoa, porque, apesar de ter ficado com sequelas, ele não é um retardado e é capaz de farejar nossa piedade como um cão fareja o medo.

– Você não devia estar em casa, cumprindo a Sheba?
– Shivá.
– Shiva é uma deusa indiana, aquela que tem seis braços. Ou vai ver são quatro braços e duas pernas, sei lá. Seis membros.
– Bom, também significa “sete” em hebraico.
– Seis membros, sete dias... – Ele faz uma breve pausa para refletir sobre as potenciais implicações teológicas, mas a única conclusão a que chega é de que agora é uma boa hora para dar uma tragada no cigarro. – Enfim, você não deveria estar lá?
– Deveria – respondo. – Como andam as coisas por aí?
– Um deserto – responde Horry, dando de ombros. – Vai entrar?
– Não. Só dei uma passada porque sua mãe achou que você fosse querer carona.
– Ela mandou você aqui?
– Eu falei que ia sair.
Ele balança a cabeça e faz uma careta.
– Preciso arrumar meu próprio canto, tipo, para ontem.
– E por que não faz isso?
Ele bate na cabeça.
– Dano cerebral. Tem coisas que eu não consigo fazer.
– Tipo o quê?
– Tipo lembrar quais merdas eu não consigo fazer. – Ele abre a porta do carro e senta-se no banco do carona. – Você não pode fumar no carro da mamãe – diz ele, soltando um anel de fumaça.
– Eu não estou fumando. Você é que está.
– Mas eu sempre poderei negar – justifica, batendo as cinzas no capacho. – Você namorou Penelope Moore, não foi?
– Penny Moore. Sim. Fomos amigos. Que fim levou ela?
– Dá aula de patinação no gelo. Naquele rinque coberto, onde a gente jogava hóquei.
– O Kelton’s.
– Isso. Ainda vou lá de vez em quando.
– Você jogava muito bem.
– Não, você jogava muito bem. Eu era excelente.
– Eu nunca ia imaginar que ela ainda morasse aqui.
– Por quê? Porque ela não sofreu nenhum dano cerebral?
– Não! Cruzes, Horry! Ah, me desculpe. Não foi isso que eu quis dizer.

Mas ele está rindo por trás da nuvem de fumaça que agora nos separa.

– Estou só provocando você, Judd. Relaxe.

– Vá se foder.

– Já estou mais que fodido, meu amigo.

– Uau. Penny Moore. Por que diabos você foi se lembrar dela?

– Ela está aí na loja.

– Neste momento?

– É. Ela trabalha no caixa à noite, durante a semana. Você podia entrar e dizer um oi.

– Penny Moore – repito.

Só o nome já me traz à cabeça o sorriso maroto, o gosto dos seus beijos. Uma vez fizemos um pacto, Penny e eu. Fico pensando se ela ainda se lembra.

– Ela vai gostar de ver você, garanto.

– Talvez em outra hora – digo, ligando o carro.

– Eu disse alguma coisa errada?

Balanço a cabeça em negativa.

– É difícil encontrar pessoas do passado quando o presente está tão catastrófico.

Horry assente com expressão sábia.

– Bem-vindo ao meu mundo.

Ele remexe nos bolsos, deixa algumas moedas caírem no banco e pesca um baseado mal enrolado, que acende com a guimba incandescente do cigarro. Inala profundamente e depois me oferece, ainda prendendo a respiração.

– Não, obrigado.

Ele dá de ombros e deixa a fumaça dançar em torno da boca aberta.

– Ajuda a manter a cabeça boa – explica ele. – Às vezes, quando sinto que vem uma convulsão por aí, isso meio que corta o mal pela raiz.

– Sua mãe não vai sentir o cheiro?

– E vai fazer o quê, me botar de castigo?

Sua voz de repente assume um tom beligerante que não lhe é característico, o que me dá a sensação de que o pedido de Linda para buscá-lo foi uma trégua numa longa batalha entre mãe e filho.

– Tudo bem com você, Horry?

– Tudo na boa.

Ele sacode o baseado na minha direção.

– Estou dirigindo – digo.

Ele dá de ombros e puxa mais uma longa tragada.
– Melhor. Sobra mais para mim.

CAPÍTULO 9

21h05

A SHIVÁ CONTINUA A todo vapor quando volto à sala.

– Judd! – grita mamãe enquanto tento reassumir discretamente meu lugar. Todos os olhos na sala se viram para mim. – Onde você estava?

– Fui só tomar um pouco de ar – gaguejo, voltando a me sentar na minha cadeira da shivá.

– Você se lembra de Betty Allison? – pergunta ela, indicando a mulher pequena que está sentada bem à minha frente.

As cadeiras da shivá são propositalmente mais baixas que as das visitas, por isso minha visão acaba ficando sob as narinas e saias dos que estão sentados diretamente à minha frente.

– Claro – respondo. – Como vai, Sra. Allison?

– Lamento muito pelo seu pai.

– Obrigado.

– A filha de Betty, Hannah, se divorciou ano passado – diz minha mãe, com grande satisfação, como se estivesse transmitindo uma notícia ótima.

– Lamento saber – digo.

Betty assente com a cabeça.

– Ele era viciado em pornografia de internet.

– Acontece – falo.

– A mulher de Judd estava tendo um caso.

– Pelo amor de Deus, mãe!

– O que foi? Você não tem por que se envergonhar.

Há cerca de outras vinte pessoas na sala, conversando com meus irmãos ou entre si, e posso sentir todas as cabeças se virarem para nós como uma ola num estádio. No terceiro ano, tive um breve período de ilusão paranoide que me levava a achar que toda vez que eu ia ao banheiro durante a aula o quadro-negro se transformava numa tela de TV e a turma inteira me via fazer

xixi. É a mesma sensação.

– Hannah e o filho dela vão passar o verão aqui – continua mamãe, inabalável. – Achei que seria uma boa ideia vocês dois se reverem, só isso.

No primeiro ano, Hannah Allison foi imortalizada numa enlouquecedora musiquinha baseada na melodia de “Frère Jacques”, que as garotas cantavam durante o recreio enquanto pulavam corda: *Hannah Allison, Hannah Allison/ São dois nomes, são dois nomes/ Oi eu sou a Hannah/ Oi eu sou a Allison/ Dim-dim-dom, dim-dim-dom*. Hannah chorou por causa da brincadeira, os pais foram reclamar com o diretor e então ele proibiu que a música fosse cantada no pátio da escola. Como todas as canções proibidas, a de Hannah se tornou imediatamente um clássico da clandestinidade e continuou a assombrá-la até as colegas passarem da idade de pular corda e trocarem a brincadeira por salada mista. Afora isso, eu só me lembrava de uma garota franzina, tímida, com sobrancelhas espessas e óculos de grau.

– Hannah já deve ter problemas suficientes – insisto, na esperança de que minha mãe perceba meu olhar assassino.

– Bobagem – diz Betty. – Tenho certeza de que ela vai adorar reencontrar um velho amigo.

Betty e mamãe trocam um sorriso conspirador, e posso ouvir o zumbido da telepatia funcionando entre as duas. Ela com um ex-marido viciado em pornografia, ele com uma ex-mulher que dá para todo mundo... É perfeito!

– Não estou preparado para sair com outras mulheres tão cedo – afirmo.

– Ninguém falou em namorar – diz minha mãe.

– Isso mesmo – concorda Betty. – Basta um telefonema de amigo, quem sabe um cafezinho...

Ambas me olham ansiosas. Estou consciente do cotovelo de Phillip nas minhas costelas, de sua risadinha grave e constante. Tenho mais seis dias disso e, se não cortar o mal pela raiz, minha mãe há de trombetear minha situação para a vizinhança toda.

– Sabe o que é? Eu também gosto de uma boa pornografia na internet de vez em quando.

– Judd! – exclama mamãe, horrorizada.

– Tem coisas de muito bom gosto. Principalmente agora, que estou solteiro. É um ótimo recurso.

Phillip cai na gargalhada. Betty Allison fica vermelha, e minha mãe se recosta na cadeira, derrotada. Hannah Allison e seus dois nomes foram apagados do quadro.

- Ele só está bancando o engraçadinho – desculpa-se mamãe, sem jeito.
- Não achei graça nenhuma – diz Betty.

Phillip ri tanto que as lágrimas lhe escorrem pelo rosto enquanto ele escorrega para baixo na cadeira da shivá. Todos na sala olham para ele, horrorizados de verem alegria irrestrita numa casa enlutada, mas num minuto ou dois seu acesso de riso há de passar, e então, para qualquer um que o veja, o rosto manchado de lágrimas e os olhos vermelhos parecerão inteiramente apropriados.

22h30

As últimas visitas finalmente se foram. Dá para sentir a casa expirar, voltando a suas proporções normais. Depois do meu comportamento abominável com Betty Allison, Linda discretamente começou a expulsar as visitas, dizendo numa voz suave mas firme que o dia tinha sido longo e intenso.

Sem que eu soubesse, a distribuição dos quartos foi decidida mais cedo, enquanto estive fora. Wendy praticamente se apossou do andar de cima, requisitando o quarto de Phillip para o berço portátil do bebê, o seu próprio quarto para Ryan e Cole e o de hóspedes para ela e Barry. Phillip e Tracy ficaram com o sofá-cama do pequeno escritório que fica atrás da cozinha. Paul e Alice, sem a menor cerimônia, se instalaram no meu quarto de criança, que era onde eu sempre dormia quando me hospedava aqui em casa com Jen. Agora, porém, sendo o único irmão solteiro e solitário, fui relegado ao porão, que, pelo visto, se tornou o padrão para mim.

Quando éramos pequenos, Paul e eu dividíamos um quarto, até que seus pelos pubianos começaram a brotar. Então ele se mudou para o porão, onde o chiado do aquecedor central abafava o som alto do Led Zeppelin, seus telefonemas para as namoradas e suas constantes masturbações, cada vez mais animadas. Paul ganhou permissão para mobiliar o porão como quisesse, motivo pelo qual o sofá-cama não pode ser totalmente aberto sem acertar a quina da mesa de pingue-pongue, que por sua vez fica encostada em uma viga mestra. Assim, tanto faz se você quer jogar pingue-pongue ou ter uma boa noite de sono: de qualquer forma você não vai dar muita sorte por aqui.

23h06

A morte é exaustiva. Não sei se foi por causa do trauma de enterrar meu pai ou por ter passado o dia todo muito próximo da minha família, mas o fato é que mal tenho energia para tirar a calça antes de desabar no sofá-cama quase totalmente aberto, no qual minhas pernas se acomodam com uma razoável inclinação para cima, na direção da mesa de pingue-pongue. Ali, debaixo da casa, na sombra oblonga projetada pela única lâmpada, sem lustre nem nada, sinto o pânico brotar, a sensação de estar desaparecendo. A alguns quilômetros daqui, meu pai está enterrado num túmulo coberto de grama com vista para um emaranhado de asfalto, que é onde a estrada estadual e a via expressa se cruzam. Estamos ambos debaixo da terra, ambos fora do mundo. Ao menos as pernas dele estão totalmente esticadas.

Ligo meu celular. Como era de esperar, há uma mensagem de voz de Jen. Ela tem me ligado todos os dias nas últimas semanas, decidida a obter algum grau de camaradagem e diálogo a fim de conseguir um divórcio rápido e pacífico, pois só assim poderá acreditar que foi perdoada. Ela sempre se preocupou um pouco demais com a opinião alheia, e a culpa pela traição não é nem de longe tão aflitiva para ela quanto o fato de eu agora desprezá-la. Passei a manter meu celular desligado e a não retornar suas ligações. Ainda estou me aperfeiçoando na arte de odiá-la, e até que consiga dominá-la não quero me expor. Isso a enfurece, levando-a a tentar toda e qualquer abordagem possível para me desentocar: finge-se arrependida, fria, chorosa, filosófica, suplicante e espirituosa. Às vezes ouço as mensagens, deixadas ao longo de semanas, todas de uma vez, percebendo a alternância de tom entre cada bipe. Na mensagem de hoje, ela desce a um nível de quase fúria, dizendo que não posso continuar a evitá-la, ameaçando limpar nossa conta conjunta no banco se eu não retornar seu telefonema até amanhã. Sem dúvida é porque ela quer já estar divorciada quando tiver o bebê de Wade. Gosto especialmente da mensagem de voz de hoje, porque ela grita comigo como se eu estivesse de pé na sua frente, como se fosse de fato uma conversa. Ainda assim, por via das dúvidas, a primeira coisa que farei amanhã é correr ao banco e retirar tudo o que sobrou na conta. Da última vez que chequei, havia 22 mil dólares, embora o saldo deva ter baixado um pouquinho de lá para cá. Tenho o pressentimento de que a próxima mensagem de Jen será ainda mais emocionante.

QUINTA-FEIRA

CAPÍTULO 10

TENHO UM SONHO recorrente no qual estou descendo a rua, feliz e faceiro, quando olho para baixo e me dou conta de que, debaixo da minha calça, uma das minhas pernas é na verdade uma prótese, moldada em plástico e borracha e recheada de aço. Então lembro, com um frio no estômago, que minha perna foi amputada do joelho para baixo alguns anos atrás. Eu simplesmente tinha esquecido. Aquele tipo de esquecimento que só é possível nos sonhos. Aquele tipo de esquecimento que a gente bem gostaria que fosse possível na vida real, mas que, claro, não é. Na vida real, não temos escolha quanto ao que esquecer. Mas então estou andando, em geral pela Route 120, em Elmsbrook, passando pelas galerias comerciais de segunda classe, pelo campo de minigolfe, pelas imensas lojas ultrabaratas e pelos restaurantes temáticos, quando de repente me lembro de que perdi minha perna há alguns anos, talvez de câncer, talvez num acidente de carro, sei lá como. O importante é que tenho essa perna falsa grampeada na minha coxa, roçando no meu joelho no lugar onde antes começava a panturrilha. E quando me lembro de que sou um amputado, vivo esse momento de horror abjeto ao me dar conta de que chegando em casa vou ter que tirar a prótese para dormir e não consigo me lembrar de já ter feito isso antes, embora eu provavelmente faça isso toda noite, e como vou conseguir mijar, e quem vai querer transar comigo agora, e aliás como foi que essa merda aconteceu? É nessa hora que me obrigo a acordar, e fico ali deitado na cama, suando e tremendo, e passo as mãos pelas minhas duas pernas, só para ter certeza. Então me levanto, vou ao banheiro, mesmo sem vontade, e os azulejos gelados do piso contra as solas dos meus pés equivalem à sensação de achar 50 dólares no bolso do casaco que usei no último outono.

Esses são os raros momentos em que ainda me sinto realmente bem na minha pele.

E quando estou acordado, às vezes penso: não seria ótimo se esta vida também não passasse de um sonho? E em algum lugar existe uma versão

mais completa e mais feliz e mais magra de mim dormindo nesta cama, ao lado de uma esposa que ainda me ama, os lençóis amarfanhados sob nossos pés depois de um sexo recente, o suave ressonar das crianças ressoando pelo corredor apagado. E esse eu, o que está sonhando com tal versão, está prestes a se forçar a acordar do pesadelo que é a minha vida. Posso sentir seu alívio como se fosse meu.

7h43

Não há nada mais pateticamente otimista que a ereção matinal. Estou deprimido, desempregado, mal-amado, relegado ao porão e de luto, mas lá está ela, toda manhã como um relóginho, levantando-se para saudar o dia, surgindo da minha braguilha, confiante e ostensivamente inútil. E toda manhã encaro as mesmas opções: me masturbar ou urinar. É a única hora do dia em que sinto que tenho escolha.

Mas esta manhã consigo ouvir o ranger grave do assoalho acima de mim, o estalar rítmico do sofá-cama do escritório – Phillip e Tracy curtindo um coito matutino pré-shivá –, reduzindo minhas opções a zero. Ouço a voz abafada de Tracy gemer alguma coisa repetidas vezes enquanto os dois se aproximam do clímax. A primeira música que me ocorre é nosso hino nacional, “The Star-Spangled Banner”, e começo a assoviá-la alto para obliterar os gritos e gemidos abafados que atravessam o teto, ao mesmo tempo correndo para a segurança fórmica do microbanheiro que mais parece um armário. Ainda estou fazendo xixi quando chego à metade da música, por isso parto para o tema de abertura de *Guerra nas estrelas*, repetindo-o sem parar até terminar de lavar as mãos e escovar os dentes. Quando saio do banheiro, o barulho acabou e minha mãe está sentada na beirada da cama, usando um robe curto que a gente só gostaria de ver na nossa namorada de 23 anos.

– Dormiu bem? – pergunta ela.

– Não muito.

Lá em cima, os rangidos recomeçam. Mamãe ergue os olhos para o teto e sorri para mim.

– Esse menino... – comenta, balançando a cabeça em puro encantamento.

– Tracy deve ter uns 45 anos, no mínimo. Obviamente é uma forma de enfrentar questões não resolvidas com a mãe.

Ela se inclina para a frente, ao que as lapelas do robe se abrem, revelando as grandes meias-luas que ela encomendou há cerca de quinze anos. Mamãe descobrira um caroço que afinal se revelou benigno, mas aproveitou a ocasião como desculpa para dar uma levantada nos seios. Desde então, eliminou o sutiã de sua vida.

– Mãe! – exclamo, desviando o olhar. – Dá para você se cobrir?

Ela baixa os olhos, examinando com afeto os promontórios dos seus inapropriados seios como se olhasse para um netinho, depois torna a fechar, sem pressa, o robe.

– Você sempre foi meio puritano – observa ela.

– Não consigo entender por que alguém nesta casa teria questões não resolvidas com a mãe.

– São peitos, Judd. Os mesmos em que você já mamou.

– Eu não mamei em peitos, era outra coisa.

– Seu pai os via como peitos. Quando fazíamos amor, ele adorava pegar o...

– Chega, mãe!

– Por que é tão difícil para você aceitar que sua mãe seja um ser sexual? Você acha que foi concebido imaculadamente? Pensei que você fosse ficar feliz de saber que seu pai e eu ainda trepávamos.

Sim. Foi isso o que ela disse. Minha mãe é autora de um livro campeão de vendas, tem ph.D. em psicologia clínica e peitos de Pamela Anderson e fala das trepadas com o marido falecido como se discutisse acontecimentos corriqueiros.

– Vamos supor, apenas supor, que isso seja algo minimamente normal de se dizer ao próprio filho. Ainda assim não significa que eu queira ouvir os detalhes íntimos da sua vida sexual.

– Judd, eu sou sua mãe e amo você.

Isso é o que ela sempre diz. E esse também é o conselho que ela dá aos milhões de mães que leram *Do berço a tudo*: dizer isso imediatamente antes de estripar ou castrar os próprios rebentos. A palavra seguinte é sempre “mas”. Segundo a Dra. Hillary Foxman, a santa padroeira das mães frustradas, esse processo se chama amaciamento, ou seja, tornar o filho receptivo à correção. O que aprendi, depois de nove anos de embates matrimoniais, é que tudo o que precede o “mas” é papo furado.

– Mas – prossegue ela – essa sua mágoa se tornou maligna.

Concordo lentamente com a cabeça, como se refletisse sobre suas palavras.

– Obrigado, mãe. Isso não ajudou em nada.

Ela dá de ombros e se levanta da cama, parando ao pé da escada para me observar. Partículas de poeira dançam à luz do sol que penetra pela porta aberta lá em cima, e posso ver as bolsas sob seus olhos, a raiz branca do cabelo e a tristeza aguda em seus olhos quando ela me fita. Em algum lugar ali, debaixo daqueles seios ridículos e da baboseira psicológica, reside uma mãe de verdade, sofrendo pelo filho, e, por motivos que eu provavelmente não conseguiria sequer começar a explicar sem décadas de terapia, sua dor me provoca uma raiva muda, implacável.

– Sinto falta do seu pai – diz ela.

– Também sinto.

– Mesmo?

– Já sentia quando ele era vivo.

Ela concorda.

– Seu pai nunca teve facilidade para se expressar. Mas amava muito vocês.

– Não como amava você.

Ela sorri e massageia a parte de trás do pescoço. Lá em cima, Phillip e Tracy finalmente, e felizmente, se aquietaram, e um silêncio bem-vindo enche o quarto.

– Sinto muito por você não ter ficado no seu antigo quarto – diz mamãe. – Achei que Paul e Alice mereciam alguma privacidade. Os dois estão tentando ter um filho, você sabe.

– Wendy comentou alguma coisa.

– O sofá-cama até que serve para dormir, mas definitivamente não foi feito para procriar. As molas chamam como gatos brigando. Dá para ouvir pela casa toda.

– Nem vou tentar impedir que você me diga como sabe disso.

– Seu pai e eu fizemos amor em todas as camas desta casa.

– Claro.

– Enfim, a questão é que encontrei um kit para teste de ovulação na lata de lixo do banheiro, por isso imagino que estas noites sejam cruciais para Alice.

Mamãe nunca viu serventia para a discrição, nem nunca sequer teve o bom senso de fingir que via. Vasculhava regularmente nossos bolsos e gavetas, examinava nossos lençóis, ouvia nossos telefonemas pela extensão e lia o diário de Wendy com tamanha frequência que começamos a, juntos, inventar histórias só para deixá-la perturbada:

O Sr. Jorgenson, meu professor de física, insiste em dizer que não devo chamá-lo de Ed, mesmo depois do nosso ménage com Mike Stedman. Mike, aliás, jura que aquele lance da herpes genital não passou de um boato maldoso da sua ex-namorada, que ficou puta com ele por dormir comigo e com Ed.

Liz Coltrane me deu uns remédios fantásticos que fazem a gente vomitar depois de cada refeição, então não preciso mais usar o dedo. É muito mais civilizado e agora posso voltar a deixar as unhas crescerem. Magra e de unhas lindas! Perfeito!

Sei que incesto é errado. Eu só queria experimentar, para ver por que fazem tanto drama em torno disso, mas agora Paul não larga mais do meu pé, querendo me comer toda hora, e estou começando a ficar assustada. Teria sido muito mais fácil com Judd... pena que ele é gay.

Mamãe acreditava que não era saudável guardar segredos familiares, por isso passamos a maior parte da nossa infância mentindo descaradamente para ela.

Quando eu tinha doze anos, ela veio me entregar durante o jantar, na maior naturalidade, um frasco de KY, dizendo que tinha examinado meus lençóis e descoberto que eu estava me masturbando. Ela me informou que aquilo aumentaria meu prazer e evitaria assaduras, e que se eu tivesse alguma pergunta, que me sentisse à vontade para falar com ela. Mamãe falava tanta atrocidade na hora do jantar que vivíamos cuspendo sem querer nossas bebidas na sopa, pegos de surpresa por um acesso de riso, ao que meu pai rosnava sua reprovação dizendo “Meu Deus, Hill!”. Articulava essas três palavras com tamanha frequência que durante um bom tempo achei que o deus dos judeus se chamasse Hill. Nesse caso específico, eu nunca soube ao certo se era a masturbação que ele condenava ou os méritos relativos a discutir tal prática durante o jantar de sexta-feira. Subi resmungando e continuei odiando-a mesmo depois de descobrir, algum tempo depois, que mamãe tinha razão quanto ao lubrificante.

CAPÍTULO 11

8h25

O BANHO AO ACORDAR é um imperativo para os homens Foxmans, cujo cabelo rebelde já virou lenda nesta região. Nossos cachos moldados durante o sono, esculpidos pela oleosidade do couro cabeludo, erguem-se em maçarocas enroscadas, nos deixando parecidos com personagens eletrocutados de desenhos animados. O problema é que o aquecedor não consegue dar conta de tantos banhos ao mesmo tempo, e em poucos minutos a água passa de quente para morna e de morna para gelada. Para aumentar a confusão, Tracy e Alice resolvem usar o secador de cabelo enquanto Wendy esquenta os waffles dos filhos no micro-ondas, acionando os disjuntores e deixando no escuro metade da casa, inclusive o porão.

Seria de imaginar que a casa de um ex-eletricista teria uma estrutura mais bem planejada, mas trata-se aqui de um típico caso de casa de ferreiro cujas fundações são espetos de pau. Tendo sido do “ofício”, como costumava dizer, meu pai era teimoso demais para gastar dinheiro com eletricistas. Fazia tudo sozinho, recusando-se a registrar qualquer reforma na prefeitura, o que lhe poupava o trabalho de obedecer às regras municipais. Depois de trabalhar anos sujeito às restrições da companhia de eletricidade, era com certo orgulho que ele utilizava a própria casa para passar a perna no ex-empregador. Vivia puxando fios por dentro de paredes, cortando e refazendo a fiação, criando um denso labirinto de circuitos por trás das paredes a ponto de não saber mais aonde levava o quê. A casa aos poucos se tornou uma espécie de quebra-cabeça elétrico, com excesso de fios partindo de fusíveis sobrecarregados e uma fiação retalhada que nem sempre aguentava o tranco. Em alguns quartos, uma porta fechada com violência já é capaz de fazer as luzes se apagarem, e existem interruptores sobrando em todos os cômodos, alguns redundantes e outros inúteis, de modo que um leigo na casa sempre tenta várias vezes até conseguir acender ou apagar a luz que deseja. Quando papai mandou instalar

o ar-condicionado central, alguns anos atrás, ele deveria ter aumentado a carga elétrica de 200 para 400 amperes, mas isso exigia solicitar uma licença junto à companhia de eletricidade, motivo pelo qual ele preferiu reformar os quadros de eletricidade no porão a fim de abrir espaço para o compressor e os exaustores. Como consequência, a casa hoje é eletricamente temperamental. Mamãe sempre brinca que um dia ainda vai ligar um interruptor e fazer a casa toda voar pelos ares. Até lá, os disjuntores continuarão, bravamente, a interromper o circuito para proteger a fiação sobrecarregada.

Termino meu banho às pressas, no frio e no escuro e soltando um sonoro palavrão, depois volto tremendo para o quarto do porão, onde encontro Alice em um roupão branco, remexendo no quadro de eletricidade com a ajuda da débil luz da manhã que vem lá de cima.

– Oi – diz ela quando me vê. – Sinto muito por invadir o seu espaço assim.

Ela deveria se desculpar pela invasão do meu antigo quarto lá de cima, isso sim, mas digo que não tem problema, subitamente envergonhado. A última vez que Alice me viu nu foi bem aqui neste cômodo, várias eras atrás. Naquela época, minha aparência sem camisa era melhor, embora certamente a dela também. O tempo não foi necessariamente cruel conosco, mas também não chegou a esbanjar generosidade. E nos dois últimos meses vivi de pizza e comida chinesa entregues em domicílio. Encolho a barriga e, estrategicamente, cruzo os braços abaixo do peito.

– Não consigo encontrar o disjuntor – diz ela.

Coloco-me a seu lado, pingando, e examino o quadro de eletricidade. Está escuro demais para ver o pequeno quadro cor de laranja que mostra um fusível queimado, por isso passo a mão pela fileira de chaves até sentir uma que apresenta menos resistência que as demais.

– É esta – digo, acionando a chave. As luzes piscam e se acendem no exato momento em que minha toalha cai. – Oops! – exclamo, me abaixando para pegá-la e reposicioná-la em volta da cintura. – Foi mal.

Alice sorri enquanto me atrapalho com a toalha.

– Nada que eu já não tenha visto – diz ela, dirigindo-se à escada.

É um momento de descontração que é raro em Alice, e que, no mínimo, confirma que sou o único dos irmãos Foxmans que passou a noite a ver navios.

10h

– Era um sábado de manhã – diz Wendy –, e você, mamãe, estava numa turnê de palestras. Papai estava no telhado martelando as calhas ou alguma coisa do gênero. Estava fazendo uma barulheira, por isso fui ver TV no porão. Era um filme da Família Sol-Lá-Si-Dó, ainda me lembro. Aquele em que eles vão para o Havaí.

– Eu me lembro desse – intervém Phillip. – É aquele em que Alice dá um jeito nas costas numa aula de hula-hula por causa do amuleto de figa de Peter.

– Isso mesmo – confirma Wendy –, mas isso não importa para a minha história.

– Eu me lembro de pensar que era legal Alice sair de férias com eles – prossegue Phillip. – Porque, poxa, ela era a governanta. Dava a impressão de que nunca tinha ido a lugar nenhum.

– Phillip se lembra de todos os filmes que já viu na vida – comenta Tracy, orgulhosa, como se não soubéssemos disso.

– Pena que esse não seja um talento comercializável – lamenta Wendy.

Tracy parece sem jeito, mas Phillip ri. Ele e Wendy têm um vasto currículo de insultos mútuos. Nem se dão mais o trabalho de se sentirem ofendidos.

Tracy e Alice estão no sofá. Linda, numa poltrona, apoia os pés numa das cadeiras de plástico dobráveis, e Barry lê o *Wall Street Journal* na varanda dos fundos enquanto as crianças correm pela casa. O restante de nós voltou às cadeiras baixas da shivá e se prepara para mais um dia de bunda dormente a ser passado entretendo visitas com os olhos na altura da virilha alheia. Mamãe pediu que recordássemos histórias de papai, que ela está transcrevendo em um grande diário marrom.

– Bom, mas então lá estava eu vendo TV quando tive minha primeira menstruação.

– Só tenho uma filha e não estava aqui no dia em que ela se tornou mulher – diz mamãe. – Jamais me perdoarei por isso.

– Fique tranquila, você fez coisas piores – comenta Wendy com um risinho. – Aí eu subi correndo e gritei por papai pela janela, mas ele não conseguiu me ouvir por causa das marteladas. Então eu saí e chamei de novo, mas mesmo assim ele não escutou. Então peguei uma bola de beisebol que estava largada no quintal, Paul vivia largando bolas pelo quintal, e atirei no telhado. Eu só queria acertar o telhado, para chamar a atenção de papai, mas acho que não tinha noção da minha força, porque a bola acertou papai bem na

nuca e ele perdeu o equilíbrio e caiu lá de cima, levando junto a calha.

– Não tenho a mais vaga lembrança disso – diz Phillip.

– Porque não aconteceu num filme nem numa série de TV – explica Wendy, virando-se para Tracy. – Phillip é o caçula. Foi basicamente criado pela televisão. Não é culpa dele.

– Ingrata rancorosa – diz mamãe, com um sorriso.

– Então lá estava papai estatelado no chão, de costas. Tinha quebrado o braço e cortado a testa bem fundo. Ele estava de olhos fechados, e eu podia jurar que tinha acabado de matá-lo. Aí eu gritei “Pai, acorde!”, e ele abriu os olhos e disse, com toda calma: “Passei a manhã toda instalando aquela calha.” Depois se levantou, entrou no carro comigo e dirigiu com um braço só até o pronto-socorro. A enfermeira na recepção olhou para ele de cima a baixo e perguntou: “Meu Deus, o que aconteceu com o senhor?”, e ele respondeu: “Minha filha menstruou.”

Todos riem.

– Que história perfeita! – exclama mamãe, tomando nota. – É a cara do Mort.

– Victoria, a enfermeira, me levou até o banheiro e me ensinou a colocar um absorvente, enquanto papai engessava o braço. Ainda vejo a cara dela toda vez que uso um O.B.: uma velha grandona, jamaicana, com sardas pretas iguais às do Morgan Freeman. E ela disse: “É só ir devagar, menina. Não tenha medo. Vai entrar coisa bem maior que isso aí futuramente. E sair.” Passei várias semanas tendo pesadelos.

– Formidável. Você tem mais alguma história sobre menstruação?

– Cale a boca, Judd. Por que agora você não conta a sua história preferida?

– Ainda estou pensando.

– Eu tenho uma – diz Phillip. – Quando eu era da Liga Infantil, não conseguia agarrar direito. Aí me botaram na lateral direita, e no último tempo deixei cair duas bolas que nos custaram o jogo. Nosso treinador era um sujeito gordo, esqueci o nome dele. O cara ficou louco e começou a berrar comigo. Disse que eu era um inútil. Aí papai se meteu entre nós dois e eu não vi o que ele fez, mas quando dei por mim o treinador estava no chão, papai pisando no peito dele. E ele disse: “Quero ver você chamar meu filho de inútil outra vez.”

– Fantástico – diz Alice, batendo palmas. – Essa eu nunca tinha ouvido.

– Pode parecer feio dizer isso, mas espero que quando eu tiver um filho e alguém vier com ofensas para cima dele, eu possa fazer o que papai fez por

mim.

– Que lindo, Phillip – diz mamãe.

– É – emenda Tracy –, mas por que acha que vão ofender o seu filho?

Phillip olha para ela.

– Não faça isso.

– O quê?

– Você sabe muito bem o quê.

– Eu só disse que, já que você está pensando hipoteticamente, por que não deseja o melhor?

– Meu pai me defendeu. E eu quero defender meu filho.

– E ensinar a ele que a violência é um meio legítimo de solucionar conflitos?

– Ele vai ter que aprender isso um dia.

– Com poucas palavras bem escolhidas, talvez seu treinador se envergonhasse do que fez e se desculpasse.

– Mas se ele tivesse feito isso, eu não teria uma história para me lembrar de como meu pai cuidava de mim, e você não poderia tirar toda a graça dessa história. Como é que a gente ficaria então?

Tracy pisca repetidamente, corando ao se pôr de pé.

– Você tem razão, me desculpe. Fui insensível.

– Está perdoada – diz Phillip, sem olhar para ela.

– Vou dar uma volta e fazer algumas ligações.

– Sua intenção foi boa, meu bem – garante Linda antes que Tracy se vá.

Depois que ela sai, Phillip olha para nós um pouco sem graça.

– Ela demora um pouco para se acostumar.

– Você não deveria desmerecê-la assim na frente da sua família – reprova Linda. – Ela ainda é visita aqui.

– Acho que foi justificado – rebate mamãe.

– Vamos ter que discordar nesse ponto – insiste Linda.

Mamãe lança um olhar severo para Linda, depois se vira para mim:

– E então, Judd, que história você tem para me contar?

O que eu tenho é nada. Já escarafunchei minhas lembranças, mas tudo o que me recorda meu pai está preso ao restante da família. Sei que certamente houve ocasiões em que só estávamos nós dois, mas não me lembro de nenhuma. Só consigo vê-lo no contexto geral. A história de Phillip, em especial, me lembrou de quando voltávamos para casa no carro de papai após os jogos de Paul.

Paul era um lançador de destaque, o único de nós com talento genuíno, e, depois dos jogos dele, papai vinha dirigindo até em casa recapitulando os melhores lances em voz alta, balançando a cabeça em descrença ante o fato de um dos seus filhos ser capaz de outra coisa que não decepcioná-lo. Ter um irmão que era o mais aclamado atleta da escola não deixava de ter suas vantagens. Talvez não o suficiente para me arrumar uma namorada, mas ser o irmão nanico e sem talento de Paul ainda era melhor do que ser apenas mais um garoto cheio de espinhas com cabelo feio e um traseiro para chutar. Ainda assim, eu odiava aqueles momentos no carro depois dos jogos, o Cadillac entupido de amostras e embalagens rasgadas, os cartazes das promoções do mês seguinte sacudindo e rangendo no porta-malas como placas tectônicas toda vez que papai freava, e eu ali ouvindo enquanto ele saía de sua habitual concha para exaltar Paul de um jeito que jamais me exaltaria. Wendy, sentada bem atrás dele, ficava dublando seu solilóquio na tentativa de me fazer rir, enquanto Phillip resmungava por sempre ter que sentar entre nós dois e mamãe olhava pela janela, cantarolando junto com as músicas velhas que tocavam no rádio.

No último ano da escola, Paul recebeu uma bolsa integral de basquete para cursar a Universidade de Massachusetts. Agora ele não só era o filho talentoso como também custeava a própria instrução. Paul era o menino de ouro. Ele passou o verão comemorando com os colegas e comendo todas as tietes do beisebol. Foi um período movimentado para ele, e, nas raras ocasiões em que aparecia em casa, ou ficava desmaiado em seu quarto no porão ou de ressaca à mesa da cozinha, lendo a seção de esportes do jornal e tomando café puro.

Eu, me corroendo de inveja, me perguntava o que fazer para me destacar em algo mais que a mediocridade. O atletismo estava fora de cogitação – eu jogava hóquei num time local, mas não havia time escolar, e, de todo jeito, eu não era lá muito bom naquilo. Cheguei a cogitar entrar para a equipe de debate, mas sabia que meu pai não veria sentido num grupo de garotos que botava gravatas listradas de vermelho e azul para debater em público. Pelo que eu podia ver, minha melhor chance de obter sua aprovação era levar um tiro tentando impedir um assalto à loja de conveniência. Em vez disso, passei o verão inteiro no estacionamento da loja fumando maconha e torcendo para alguma coisa de ruim acontecer a Paul.

Até que aconteceu.

CAPÍTULO 12

11h30

O SR. APPLEBAUM PARECE um polvo em cima de mamãe. Segura a mão dela entre as dele, afaga seu braço, os dedos serpenteando em torno do pulso dela, o olhar varrendo seu busto da direita para a esquerda e vice-versa, como se uma partida de tênis estivesse em curso dentro do decote dela. Ele puxou a cadeira dobrável para bem perto dela, e como mamãe está na cadeira da shivá, a posição dele é perfeita para olhar e babar.

– Já passei por isso, Hillary – diz ele. Sua tentativa de demonstrar compaixão arqueando as sobrancelhas espessas e escuras sob o eriçado cabelo grisalho lembra o estereótipo que temos dos políticos. – Quando perdi Adele, a comunidade me deu um apoio enorme. Mort era um homem maravilhoso. Lembra que ele apareceu lá em casa para consertar o ar-condicionado durante a minha shivá? Aquela gente toda reunida e o botão do aparelho quebrou.

– Ele entendia de máquinas – diz mamãe.

– Dê só uma olhada – sussurra Wendy. – Ele não tira o olho dos peitos dela, e a cabeça dela está praticamente entre os joelhos dele.

– É só o ângulo – tranquilizo-a. – Por causa dessas cadeiras baixas.

– Essas cadeiras são uma piada. E mamãe devia usar blusas menos decotadas.

– Ela não tem nenhuma blusa menos decotada que isso.

– Sinto como se estivesse assistindo à cena de abertura de um filme pornô da terceira idade – acrescenta Phillip.

O Sr. Applebaum alisa o pulso de mamãe. No momento é a única visita, e por isso a encurralou. Não que ela pareça se incomodar com a atenção que está recebendo.

– Se quiser conversar, Hill, seja de dia ou de noite, é só me ligar que eu venho até você.

– Não tenho dúvida quanto a isso – diz Wendy.

– *Just call my name* – canta Phillip numa voz de falsete. – *And I'll be there.*

– Obrigada, Peter, agradeço muito.

– Você talvez se sinta muito sozinha.

– Não duvido.

Applebaum suspira e baixa os olhos para ela, relutando em soltar sua mão.

– Eu volto amanhã para ver como você está.

– Tudo bem.

Ele se levanta e então a puxa pela mão, de modo a envolvê-la num abraço de corpo inteiro.

– Você vai ficar bem, Hillary.

Mamãe lhe dá uma palmadinha nas costas enquanto ele a abraça apertado.

– O velho deu um jeito de bolinar mamãe – comenta Paul, juntando-se a nós.

– Dê um desconto – intervenho. – Eles se conhecem há anos.

Eu me lembro da esposa de Applebaum, Adele, uma mulher alta, animada, com dentes grandes e uma gargalhada sonora. Ela agarrava meu cabelo quando eu era garoto e dizia: “Ah, Hill, as meninas vão enlouquecer com este aqui!” Então piscava o olho para mim e acrescentava: “Quando for maior de idade, é só me procurar. Vamos fugir juntos.” Adele começou a ter derrames alguns anos atrás. Eu me lembro dela no casamento de Paul, presa a uma cadeira de rodas empurrada pelo marido. Ela só conseguia sorrir com metade do rosto e seu braço impreciso a impediu de pegar no meu cabelo. Achei que talvez a tivesse visto dar uma piscadela para mim, mas não dava para saber ao certo.

Applebaum finalmente solta mamãe e se vira para encarar o restante de nós.

– Crianças, tomem conta dessa linda mãe de vocês, certo?

– Acho que ele teve uma ereção – diz Wendy depois que ele sai.

– Pare com isso. Não teve não – rebate mamãe.

– Quase setentão e o negócio ainda sobe – murmura Phillip. – Esse cara é uma raridade.

– Vocês estão sendo muito debochados. Conhecem Peter desde que nasceram. Ele é um homem bom.

– Esse homem bom estava dando em cima de você – comenta Paul.

– Sem dúvida – concorda Wendy.

– Ele não estava dando em cima de mim – diz mamãe, enrubescida de prazer.

A cabeça de Linda aparece lá na porta da cozinha:

– O bode velho tarado já foi?

– Ah, façam-me o favor! – queixa-se mamãe. – Ele estava sendo solidário.

– Não tanto quanto ele gostaria, garanto.

– E se ele estiver se sentindo sozinho? Ao menos você e eu devíamos entender – diz mamãe. – Na nossa idade, a solidão às vezes parece muito permanente.

– *Ah... Look at all the lonely people* – canta Phillip.

– Bom, ele podia ter a decência de esperar acabar a shivá para se atirar em cima de você desse jeito, só isso.

– Ele é um homem tátil. É só o jeito dele, só isso.

É só o jeito dele. Jen também dizia isso. Quando conheceu Wade, por exemplo. Foi na festa de fim de ano da WIRX, e ele não conseguia parar de acariciar os braços dela e tocar em suas costas enquanto conversavam.

– É só o jeito dele – disse ela, utilizando a máxima que servia para relevar todo tipo de mau comportamento, exceto o meu.

Certa vez, quando ela estava furiosa comigo, cheguei a experimentar usar isso como argumento de defesa. *É só o meu jeito*, falei. Ela sorriu com doçura e me mandou à merda. Puxa, que saudade das nossas brigas.

Linda está olhando para mamãe e balançando a cabeça.

– Você não acredita de verdade em metade do que diz, espero.

– Ah, não sei... – responde mamãe, voltando a se sentar na cadeira. – Eu posso ser bem convincente.

CAPÍTULO 13

14h30

NO BANCO, A moça do caixa tem um traseiro fantástico. Sei disso porque ela precisou se levantar para ir consultar o chefe quando informei que queria sacar 16 dos pouco menos de 20 mil dólares que restam na conta conjunta minha e de Jen. Quando ela volta, vejo que tem também uma bela boca – carnuda e insolente – e uma covinha numa das bochechas, e alguma coisa em seus olhos e no jeito como masca o chiclete me faz pensar que é uma pessoa naturalmente sensual. Seu nome é Marianna, segundo o pequeno crachá preso a sua roupa na altura dos seios, que não são muito grandes mas se unem lindamente no sutiã de armação, formando um decote bronzeado perfeitamente satisfatório dentro da gola V de sua blusa. Eu diria que ela não tem formação especializada, pelo menos não um curso universitário. É mais provável que tenha um diploma de curso profissionalizante, de onde ela saiu direto para o programa de treinamento do banco. Trata-se do tipo de garota que namora sujeitos que, mais cedo ou mais tarde, plantarão vários chifres em sua testa, homens como seus irmãos, trabalhadores braçais que enchem a cara enquanto assistem ao futebol e que têm tatuagens idiotas de dragão ou da boca dos Rolling Stones nos bíceps, homens sobre os quais ela projeta mais romance e ambição do que efetivamente existe neles, para depois indagar às amigas – todas cabeleireiras, técnicas de enfermagem, atendentes em clínicas de depilação ou secretárias – por que não consegue achar um namorado legal. E estou morrendo de vontade de lhe dizer que eu sou um cara legal. Sou o último cara legal que restou no mundo. E eu não beijo nem agarro ninguém há meses e estou tão necessitado quanto um adolescente, mas também louco para me apaixonar, e se ela deixar, eu me apaixono por ela, cuido dela, ouço seus sonhos e suas mágoas e serei fiel e divertido sem nunca esquecer seu aniversário nem sair trepando com suas amigas para depois botar a culpa nos gorós que tomei nem voltar bêbado e cheirando a strippers das noitadas com

meus amigos. Isso é o que eu quero dizer a ela, mas o que realmente digo é:

– Pode me dar um envelope para eu guardar o dinheiro?

(... e se você quiser saber por onde andam todos os caras legais, tem um bem aqui na sua frente, sem coragem para se fazer ouvir.)

Está aí uma coisa que ultimamente vem me acontecendo com cada vez mais frequência. O mundo de repente está repleto de mulheres jovens, desimpedidas, e não consigo deixar de me apaixonar sempre que saio de casa. Construo personalidades completas a partir de um único sorriso, vivencio relacionamentos inteiros com a motorista do carro parado ao lado no sinal fechado. Pernas e bocas me hipnotizam. Fico fascinado por pele, seios e cabelo, por sorrisos e expressões, pela liberdade de um andar sem pressa, pela graça de um aceno. E me imagino não só transando com essas mulheres, mas morando com elas, sendo apresentado a seus pais e lendo o jornal de domingo junto com elas na cama. Ainda estou escaldado pela perda de Jen, meio debilitado nos quesitos distanciamento e discernimento, além de solitário e mal-amado e totalmente despreparado para voltar a conviver com o sexo oposto.

Marianna acomoda com cuidado os 16 mil dólares em um grande envelope pardo para mim. Ela tem um sol amarelo pintado na unha vermelha de cada anular, e sua pele é alva e imaculada, e sei que jamais hei de beijar esses lábios carnudos, jamais hei de vê-la nua, jamais sequer hei de fazê-la sorrir. Estamos separados por 5 centímetros de vidro à prova de bala e milhões de outras barreiras que não consigo expressar ou superar. Por isso pego meu envelope e arquivo seu sorriso genérico para mais tarde rememorá-lo inutilmente. Saio do banco com o coração mais partido e mais desanimado do que quando entrei, e isso diz muita coisa.

CAPÍTULO 14

WADE DEIXOU PERFEITAMENTE claro que não iria me demitir.

– Quero deixar isso perfeitamente claro – disse ele. – Não vou demitir você.

A conversa ocorreu seis ou sete dias depois que flagrei ele e Jen, dias de puro pânico que passei encolhido no porão dos Lees, ainda refugiado na segurança de um aturdimento oco, alternadamente furioso, abatido, apavorado e com cara de bunda.

Wade estava sentado a sua enorme mesa em sua enorme sala. Ele não precisava de mesa, pois não fazia trabalho burocrático. Também não precisava de sala. A piada que corria era que a única finalidade daquela sala era prover um espaço para ele comer as estagiárias boazudas. Ha, ha.

Ele arreganhou os lábios em uma careta pensativa, revelando uma simétrica parede de dentes grandes e artificialmente clareados. Se alguém fizesse uma caricatura de Wade, enfatizaria esses dentes sobrenaturalmente perfeitos, os ombros ridiculamente largos e, claro, seu pau impenitente.

– Evidentemente, essa é uma situação muito delicada. No momento você me odeia. Claro que odeia. Tenho certeza de que adoraria esmagar meu crânio com um taco de beisebol. O que fiz é imperdoável, e me sinto muito mal por isso. Sei que você provavelmente não acredita, mas é verdade.

Ele sorriu para mim, um sorriso constrangido, como se acabasse de admitir algo levemente embaraçoso com relação a si mesmo – que sofria de prisão de ventre ou que frequentava a pedicure, por exemplo. Então deu de ombros, aqueles ombros largos, esféricos, que pulsavam como órgãos sob a caríssima camisa social. Acho que sempre senti certa inveja dos ombros de Wade, porque, falando francamente, os meus não passam de uma versão básica, despojada, enquanto os de Wade são aqueles especificamente modelados para preencher com perfeição uma camisa e manter a mesma aparência excelente fora dela. Eu poderia torcer para que fossem obscenamente peludos, como acontece com alguns homens, mas seria em vão, porque Wade é o tipo de

cara que jamais se conformaria com um ombro peludo. Ele logo recorreria à depilação a laser, e mesmo que os resultados nem sempre sejam os esperados, para ele sem dúvida funcionaria. Eu, pelo contrário, provavelmente sofreria queimaduras ou uma descoloração permanente. Essas coisas são todas predeterminadas.

Como a maioria dos caras com ombros geneticamente superiores, Wade era um babaca, um macho alfa que impunha sua presença por meio de apertos de mão de garrote e violentos tapas nas costas, o tipo de cara que precisava vencer em tudo. Seu tom agora era cuidadosamente apologético, até mesmo conciliador, mas ainda assim sua expressão irradiava a satisfação presunçosa de quem impôs seu domínio sexual. *Eu comi a sua mulher*, diziam seus olhos. *Melhor do que você*.

– Vocês vão continuar trepando? – perguntei.

– Como?

– Você e minha mulher vão continuar trepando?

Wade olhou para Stuart Kaplan, que estava sentado às nossas costas, no sofá, sem se pronunciar. Stuart era o diretor-geral da rádio e chefe interino do departamento de RH. Era meio irônico o fato de não se conseguir contratar a pessoa certa para chefiar o departamento de recursos humanos, e depois que a última, uma mulher, pedira demissão, Stuart simplesmente absorvera a função. Wade zombava sem parar dele no ar, chamando-o de Stuart, o Terno. Estava claro que os dois haviam se reunido previamente para discutir as cabeludas consequências jurídicas de uma celebridade do rádio transar com a esposa de um funcionário. E agora Stuart estava ali sentado na condição de testemunha de que eu não seria demitido nem sutilmente obrigado a apresentar meu pedido de demissão.

– Ouça – interveio Stuart –, não acho que esse tipo de pergunta seja construtiva neste momento...

– Você disse que se sente muito mal com tudo isso – interrompo-o, encarando a leve sombra de pelos que há entre os olhos de Wade, resquício da monocelha que ele sempre raspa. – Sendo assim, você acha que vai parar? Suponho que a pergunta se justifique e que não seja, de maneira alguma, irrelevante nesta conversa.

– Acho que devemos limitar esta conversa ao nosso relacionamento profissional.

– Então vocês vão continuar trepando.

Wade lançou um olhar para Stuart, um silencioso pedido de ajuda.

- Sei que isso é difícil – contribuiu Stuart.
- Como é que você sabe, Stuart, o Terno? Ele comeu a sua mulher também?

Stuart tem 60 anos, um armário cheio de ternos risca-de-giz idênticos e o peito carregado de catarro típico de um fumante inveterado. Seu humor oscila de acordo com o funcionamento cada vez mais errático do seu intestino. Se algum dia teve esposa, as chances de Wade ou mesmo o próprio Stuart querer dormir com ela seriam muito pequenas.

– Judd – disse Stuart em um tom conformado, tom esse que ele usa para praticamente tudo.

– Stuart – disse eu.

Ele discretamente pôs um documento diante de mim. Era um contrato formalizando um significativo aumento de salário, desde que eu isentasse o *Bolas em jogo com Wade Boulanger* e a WIRX de qualquer futura ação judicial.

– Como vão seus testículos, Wade?

– Vão bem.

Eu queria mais que estivessem cheios de bolhas e descascando, ou, no mínimo, cobertos de pomada para queimadura e grudando na sua cueca.

– Ouça, Judd – diz Wade, voltando ao seu script ensaiado. – Você é um produtor fantástico. É essencial ao programa. Independentemente de como as coisas evoluam do ponto de vista pessoal, não queremos perder você.

Estavam me oferecendo um prêmio de consolação. Cálculos haviam sido feitos, riscos, avaliados, e o valor do meu casamento rompido fora estimado em 30 mil dólares extras ao ano, brutos. Minha vida acabava de se tornar incrivelmente valiosa. Eu teria que pagar pensão e manter a hipoteca da casa, além do aluguel de um apartamento para morar. Mesmo com esse aumento, eu ficaria apertado, mas sem dúvida já era uma ajuda. A única coisa inteligente a fazer era aceitar a proposta e engolir aquilo tudo enquanto procurava outra oportunidade. A ideia de trabalhar para Wade me revirava o estômago, mas aquele não era o momento de ficar desempregado e piorar ainda mais a situação.

Ergui os olhos para Wade, para seu cenho franzido, os lábios crispados, para aqueles malditos ombros. Seus olhos encontraram os meus e ele soltou a respiração, longa e lentamente. Então ele disse:

– Eu amo Jen, Judd.

– Wade! – gritou Stuart, dando um susto em nós dois.

Eu me levantei de um pulo.

– Vá se foder!

– Judd – interpelou Stuart.

– Stuart! – gritei de volta, dando um susto em nós três.

Então rasguei o documento. E depois peguei a cadeira e atirei-a na direção da mesa de Wade, que deu um pulo e tornou a cair sentado, espalhando revistas, canecas de cerveja presenteadas por patrocinadores e o retângulo cheio de líquido azul de néon que, quando aceso, dava a impressão tranquilizante de ondas.

– Meus advogados vão resolver essa história – gritei.

Eu não tinha um único advogado, quanto mais vários, e não fazia a mínima ideia de onde arrumar um advogado nem de que tipo de advogado a gente precisa quando nosso chefe vai para a cama com a nossa esposa. Os bons não deviam ter seus telefones nas Páginas Amarelas. Mas eu acabara de rasgar um contrato e de atirar uma cadeira do outro lado da sala, e esse tipo de violência exigia ser pontuada por uma declaração coerente qualquer, e “Meus advogados vão resolver essa história” foi a que me ocorreu.

Saí da sala de Wade para a grande área de recepção. Assistentes e estagiários pareciam congelados em seus lugares, olhos esbugalhados. Contatos de propaganda espreitavam de seus cubículos, despertados de seu estupor corporativo pela comoção. Vi a verdade em seus olhares evasivos. Todos sabiam. Todo mundo sabia. Sob aquele escrutínio, minha raiva se dissolveu quase instantaneamente, substituída pela ardente vergonha da humilhação pública. Minha mulher dormira com outro homem, e isso me transformava em quê? Num amante brocha, frouxo, ruim, possivelmente um ejaculador precoce, talvez até mesmo gay. O leque de possibilidades era assustador.

– As bolas dele pegaram fogo – anunciei naquela voz trêmula de um homem bem pequeno.

Depois segui pelo corredor até os elevadores o mais lenta e orgulhosamente possível, embora não tenha sido exatamente lento ou orgulhoso, para ser bem franco.

CAPÍTULO 15

19h

A CASA ESTÁ CHEIA de novo, trinta ou quarenta visitas sentadas nas cadeiras de plástico, aglomeradas em volta do bufê na sala de jantar, transbordando para o hall de entrada e a cozinha. O cheiro de perfume e café solúvel paira no ar. Fragmentos aleatórios de conversa flutuam de um lado para outro do cômodo, como petecas. Nossa shivá é o point para o pessoal pós-sessentão. Lá fora, no beco, dois homens saem de ré de vagas uma em frente à outra e acabam batendo. Uma pequena multidão se forma no beco, e lá de dentro todos olham pela janela, acompanhando o torcer de mãos e o apontar de dedos. Pouco depois surge o ondulante brilho encarnado das luzes da polícia, que dançam pela sala de estar enquanto é feito o boletim de ocorrência. E as visitas continuam chegando, velhos amigos e parentes distantes, os novos substituindo os velhos, sem interrupção, entrando sombrios e inseguros, saindo satisfeitos e bem alimentados. A essa altura, não os vemos mais como indivíduos, mas como uma massa – uma massa bebedora de café, devoradora de brioche e chorosamente sorridente – de bisbilhoteiros bem-intencionados. Não temos opção senão assentir e sorrir e prosseguir com nossa parte na educada conversa em uma repetição sem fim, enquanto nossa mente se destaca do corpo e vagueia em algum outro lugar. Pensamos nos nossos filhos, na nossa falta de filhos, nas finanças e nos noivos e nas futuras esposas, no sexo que não estamos fazendo, no sexo que nossas futuras esposas estão fazendo, em solidão e amor e morte e em papai, e nessa multidão constante que é como neblina numa estrada escura: só nos resta continuar dirigindo e vê-la se dissipar sob o farol baixo.

O clima dá uma animada quando algumas garotas aparecem para falar com Phillip. São três, na casa dos 20 anos, que entram como um sopro de brisa em um miasma rodopiante de pernas bronzeadas e traseiros reboativos, espalhando sensualidade como glitter no caminho até a cadeira do meu

irmão. Na mesma hora elas se tornam o centro das atenções, e enquanto as outras conversas continuam, essas garotas parecem estar sendo seguidas pela luz de um spot exclusivo, esticando as sedosas pernas para se porem na ponta dos pés em suas sandálias e beijar o rosto de Phillip. Depois dos beijos, abraços, das dramáticas expressões de condolência pontuadas pelo balanço dos cabelos e piscar dos cílios, três cadeiras vazias magicamente se materializam diante de Phillip, e as meninas se sentam. Estão habituadas ao surgimento de cadeiras onde quer que estejam. Imaginam que o mesmo aconteça com todo mundo. Reconheço essas garotas, velhas amigas de escola de Phillip, todas também suas ex-companheiras de cama. Segundo os boatos, com duas ele dormiu ao mesmo tempo e em mais de uma ocasião.

– Minha nossa, Phillip! – exclama Chelsea. É uma ruiva de pernas compridas com uma saia que seria adequada para jogar tênis. Ela e Phillip namoraram e romperam várias vezes durante anos. – Não vejo você desde aquela festa no barco, lembra? Não se lembra do cara russo que tinha um iate? Minha nossa, aquela noite foi uma loucura!

– Eu lembro – diz meu irmão.

– Lamento pelo seu pai – diz Janelle.

Essa tem um rosto bonito por baixo do creme autobronzeador e é levemente gorducha, mas de um jeito que os homens gostam.

– Obrigado.

– Um homem tão bom... – diz Kelly.

Kelly tem um cabelo loiro platinado bem curtinho e com franja e um sorriso sedutor, e dá para imaginá-la bebendo além da conta e dançando em cima da mesa nas festas da faculdade.

– E aí, Philly – emenda Chelsea –, o que anda aprontando?

– Estou trabalhando como caçador de talentos para uma gravadora.

– Que máximo!

– É uma gravadora independente, pequena, uma gravadora-boutique – acrescenta Phillip, com modéstia. – Nada muito empolgante. Vocês se lembram do meu irmão Judd?

Elas se viram para mim e dizem oi. Retribuo o cumprimento e tento decidir com qual tenho mais vontade de dormir. A resposta: todas. É só botá-las em fila que traço uma por uma. São bonitas, sexy, fáceis e precisamente o tipo de garotas com as quais nunca tive uma chance no passado. Agora, porém... Agora estou divorciado e sofrido, e não são essas as garotas que gostam de homens sofridos?

– E vocês, o que andam fazendo? – indaga Phillip.

O que se segue são dez minutos de risadinhas e piadinhas, cabelos jogados para lá e para cá e vários atentados à gramática. Elas riem de praticamente tudo o que meu irmão diz, e Chelsea, em especial, parece babar a cada palavra dele, sua cadeira aos poucos se aproximando até que seus tornozelos descansam confortavelmente contra os de meu irmão. Então Tracy volta, tendo passado a tarde fora depois da discussão com ele. Observo-a entrar na sala, vejo quando ela registra aquelas mocinhas gostosas em volta do seu homem enquanto abre caminho por entre as cadeiras até chegar ao lado dele.

– Oi, amor – diz ela, sorrindo primeiro para Phillip e depois para as garotas. Eu nunca a ouvi dizer “amor”, e a palavra sai meio esquisita de sua língua, como uma mentira inventada às pressas. – Como vão as coisas?

– Muito bem – responde Phillip. – As meninas aqui são velhas amigas minhas de escola.

– E faculdade – lembra Chelsea, com um sorriso.

– Isso. Chelsea e eu também estudamos juntos na faculdade.

– Adoro esse nome. Chelsea – elogia Tracy.

– Obrigada.

– Esta é Tracy – apresenta Phillip.

Ele não diz “minha noiva” nem acrescenta qualquer outro qualificativo, e a omissão cai com um baque sonoro no meio de nós. Mas Tracy se apegue admiravelmente a seu gracioso sorriso e, pela primeira vez desde que a conheci, sinto-me mal por ela. Tracy é uma mulher inteligente, e alguma parte dela tem que saber que essa história com Phillip nunca vai dar certo. Ainda assim, ela se inclina para trocar educados apertos de mão e repetir o nome de cada garota que lhe é apresentada, como se estivesse numa reunião de negócios. As meninas mostram os dentes alveados e estendem as mãos, as enormes unhas pintadas à francesinha refletindo a luz e cortando o ar como lâminas afiadas.

20h15

– Que dia longo, hein? – comenta Linda comigo.

Ela está sentada num tamborete à bancada central da cozinha, contemplando através dos óculos bifocais as palavras cruzadas da *Times*.

– Pensei em ir buscar Horry de novo.

– Boa ideia – diz ela, fazendo escorregar a chave do carro pela bancada de mármore. E explica: – Seu carro está preso de novo.

– Obrigado.

Linda tira os óculos de leitura.

– O que achou dele ultimamente?

– Horry? Não sei. Acho que ele está bem.

– Ele não parece bem, Judd. Não seja diplomático comigo.

Concordo com a cabeça e reflito.

– Ele parece zangado, talvez. Frustrado.

– Ele me odeia.

– Tenho certeza de que ele não odeia você. Só que ele tem 36 anos e mora com a mãe. Isso nunca é saudável.

– Ele não é saudável.

– Ele me pareceu bem.

– Ele tem convulsões. Faz xixi na cama. Esquece coisas, coisas importantes, como trancar a porta ou desligar o forno ou apagar o cigarro antes de pegar no sono ou, de vez em quando, de vestir a calça antes de sair. Às vezes entra em uns transe em que fica encarando a parede. Não consigo nem imaginá-lo morando sozinho e encarando as paredes horas a fio, sem ninguém por perto para tirá-lo disso.

– Por outro lado, talvez ele precise de um pouco de independência.

– Ele precisa mesmo é pegar alguém – rebate Linda, com acidez. – Esse menino sempre teve namoradas, lembra? Eu vivia morrendo de medo de ele me ligar lá da cidade em que fazia faculdade me dizendo que tinha engravidado alguma boboca. – Ela se inclina e baixa a voz. – Nunca é fácil para ele ver Wendy.

– Eu não tinha pensado nisso.

– Você acha que se sente sozinho agora, Judd, mas perto daquele garoto isso não é nada.

– É. Imagino.

– Falando nisso, você devia entrar na loja quando for buscar Horry e dar um oi para aquela Penelope Moore.

Encaro Linda, confuso.

– Você é cheia de surpresas, hein?

Ela põe de volta os óculos e retoma as palavras cruzadas, um sorrisinho brincando em seus lábios.

– Você nem imagina – conclui.

CAPÍTULO 16

20h42

PENNY MOORE SEMPRE teve um quê de menininha, com sua pele alva e seus olhos grandes, e isso não mudou nesses anos em que fiquei sem encontrá-la. Quando me vê, seu rosto se ilumina e ela pula atleticamente por sobre o balcão para vir me abraçar. Está de calça jeans e camisa social, o cabelo escuro preso em um rabo de cavalo frouxo. À distância de uns 6 metros, dá para confundi-la com uma universitária. Só quando ela chega mais perto é possível detectar a pele levemente flácida sob seus olhos, as marcas suaves nos cantos da boca.

– Ei, Judd Foxman.

Ela parece magrinha nos meus braços, menos consistente do que eu me lembrava.

– Oi, Penny.

Ela me dá um beijo no rosto e depois recua para que possamos nos olhar direito.

– Sinto muito pelo seu pai.

– Obrigado.

– Vi você no enterro.

– Sério? Eu não vi você.

– Não quis chegar perto. Nunca sei o que dizer nessas ocasiões.

– Muito justo.

A honestidade de Penny sempre foi como uma cena de nudez num filme de aventura: gratuita, mas não menos bem-vinda.

– E aí, quanto tempo faz? – pergunta ela. – Sete anos, oito?

– Por aí.

Ela me olha de alto a baixo.

– Você está um lixo.

– Obrigado. Você está ótima.

– Não é? – diz ela, sorrindo.

O que estou pensando é que ela está ótima, bonita até, mas nada que se aproxime da suculenta rainha do baile que era no ensino médio. Como eu a desejava naquela época! Todos a desejavam. Mas ela não era para o meu bico, razão pela qual me conformei em ser seu melhor amigo, uma forma de masoquismo exclusiva dos adolescentes inseguros, e ela me contava sobre os babacas com quem preferia transar em vez de mim. O tempo e os problemas afiaram suas arestas antes suaves, e agora seu rosto é uma faca, os seios parecendo dois punhos fechados sob a blusa apertada. Ela é uma guerreira urbana sexy, e eu já estou sozinho e intocado há algum tempo. Basta a visão de seus lábios entreabertos sobre os dentes quando ela sorri para me deixar excitado.

– Cara, eu soube da sua mulher – diz ela. – Ou melhor, ex-mulher.

– Notícias boas correm rápido.

– Bom, seu irmão é meu patrão.

– E como está sendo isso para você?

Ela dá de ombros.

– Às vezes ele dá em cima de mim, mas mantém as mãos sob controle.

O plano de Penny, quando crescesse, era se casar e ir morar em Connecticut, ter quatro filhos e um cachorro e ser escritora de livros infantis. Agora ela tem 35 anos, continua em Elmsbrook e considera o fato de não ser bolinada no local de trabalho uma vantagem digna de nota.

– Você está com pena de mim – diz Penny.

– Não.

– Você nunca foi bom em disfarçar nada.

– Estou sentindo pena demais de mim mesmo ultimamente para me preocupar com mais alguém.

– Sua mulher largou você, Judd. Acontece todo dia.

– Nossa, Penny.

– Sinto muito. Que grosseria a minha, não tinha a menor necessidade.

– E qual é a sua história?

Ela dá de ombros.

– Não tem história. Não houve nenhum acontecimento traumático que eu possa culpar pela minha vidinha medíocre. Nada de catástrofe, nada de divórcio. Vários homens ruins, mas vários bons também, que simplesmente acabaram não me querendo. Tentei me tornar alguma coisa e fracasei. Isso também acontece todo dia.

– Horry me disse que você ainda patina no gelo.

Ela concorda com a cabeça.

– Dou aulas no Kelton's.

– Eu adorava ver você patinar.

– É mesmo. Você se lembra do nosso pacto?

– Lembro.

Olhamos um para o outro e depois desviamos o olhar. Um silêncio constrangedor cai sobre nós, e Penny o preenche dizendo:

– Silêncio constrangedor.

– É.

– Então você está cumprindo a shivá.

– Estou.

– Vou ter que dar um pulo lá um dia desses.

– Ainda faltam cinco.

– Vocês estão mesmo cumprindo os sete? É barra pesada.

– Nem me diga.

– Bom, eu ainda patino todo dia de manhã, às onze, se você quiser aparecer.

– Eles abrem cedo assim?

– Abrem à uma, mas o dono me deixa ficar com a chave em troca de favores sexuais.

– Que bom.

– É brincadeira, Judd.

– Eu sei.

– Você costumava rir das minhas brincadeiras.

– Você era mais engraçada.

Ela ri.

– Não dá para acertar sempre.

Penny me olha demoradamente e me pergunto o que ela vê. Eu tinha uma aparência comum no ensino médio, quando fomos melhores amigos e a tensão sexual era só minha. Minha aparência continua comum, só que agora sou mais velho, mais calejado e mais triste.

– Olhe, Judd – começa Penny. – Acho que chegamos àquele ponto em que a conversa corre o risco de descambar para a trivialidade e creio que nenhum de nós dois deseja isso. Portanto, vou lhe dar um beijo e mandar você embora. – Ela se inclina e me beija no rosto, roçando ligeiramente o canto da minha boca. – Fiz isso de propósito – explica com um risinho. – Para você ter

algo em que pensar que não seja a sua ex quando estiver lá sentado o dia inteiro.

Sorrio.

– Você sempre foi muito boa em não disfarçar.

O sorriso de Penny é triste e levemente torto.

– São os antidepressivos. Acabaram com os poucos filtros que me restavam.

Fizemos o pacto quando tínhamos 20 anos. Foi durante as férias de verão das nossas respectivas faculdades. O namorado dela estava fazendo um mochilão pela Europa, e a minha namorada ainda não existia. Por um milagre, então, depois de anos me considerando nada mais que um ombro amigo, Penny finalmente parecia pronta a reconhecer outras partes da minha anatomia. Eu passava os dias trabalhando na loja matriz de papai e as noites pensando em lugares onde poderia fazer um quase sexo com Penny, cuja lógica moral a fizera concluir que eu não representava uma traição ao namorado desde que não houvesse penetração. Uma noite, estávamos no porão escuro, nus e suados, enquanto meus pais dormiam lá em cima, quando ela parou de gemer e de se esfregar de encontro à minha ereção para apertar meu rosto com as mãos úmidas.

– Você sabe que é o meu melhor amigo – falou.

– Sei.

Era infinitamente menos doloroso ouvir isso naquele contexto, com toda a extensão de sua pele quente e úmida colada à minha.

– Este pode ser o último verão que passamos juntos. Ou mesmo a última vez que estamos aqui.

– Por que você está dizendo isso?

– É a vida real, Judd – respondeu ela. – Está chegando a hora para nós dois. Quem sabe onde vamos parar? Por isso devíamos fazer um pacto.

– Que tipo de pacto?

Continuávamos a nos mexer de leve um contra o outro, mantendo o ritmo, como corredores parados no sinal de trânsito.

– Um pacto de dupla funcionalidade. Primeira: sempre vamos nos falar nos nossos aniversários, não importa onde estejamos nem o que aconteça. Sem exceções.

– Certo.

– E segunda: se nenhum de nós dois tiver outra pessoa quando chegarmos aos 40, vamos nos casar. Nada de namorar nem de ter conversas cansativas sobre isso. Vamos nos encontrar e nos casar.

– É um pacto sério.

– Mas faz sentido. A gente se ama e não há dúvida de que sentimos atração um pelo outro – disse ela, apertando o sexo úmido contra o meu para enfatizar seu argumento.

E o que eu quis dizer naquele instante foi *Se faz tanto sentido, por que temos que esperar até os 40 anos? Por que não ficamos juntos agora?* Mas havia namorados mochileiros e faculdades separadas a considerar. Aquilo era diversão de verão, doce e gostosa, mas se achasse que eu estava me apaixonando por ela, Penny teria colocado um ponto final na história ali mesmo, e isso era impensável para mim.

– Ah, vamos, Judd – insistiu ela com um risinho, correndo dois dedos pela depressão da minha coluna suada. – Topa ser minha boia salva-vidas?

Sorri para ela, como alguém que entendeu perfeitamente.

– Claro que topo.

E então, para selar o pacto, ela cuspiu nos próprios dedos e baixou a mão. Durante algum tempo nada se ouviu senão os sons macios e úmidos de pele lubrificada e línguas exploradoras, até que estremeci e gozei violentamente naquela barriga macia e clarinha. Ela sorriu para mim quando acabei, beijou meu nariz e depois, agarrando a minha mão, apertou-a entre suas coxas abertas.

– Agora é a sua vez – disse.

20h50

Quando saio da loja, Horry está sentado no banco do carona, olhando fixamente para a frente, tremendo. Sua mão está pendurada para fora da janela, o cigarro há muito queimado até o filtro.

– O que é isso, cara? – digo.

Ele não responde. Sua cabeça balança para cima e para baixo e seus lábios estremecem por causa do movimento, como se houvesse pesos mantendo sua boca fechada.

– Hãããgh – diz ele.

Seu braço é um peso morto, mas mesmo assim consigo dobrá-lo para dentro e pousá-lo em seu colo. Dirijo devagar, mas na primeira curva para a direita Horry tomba de lado, a cabeça vindo descansar no meu ombro, o que me obriga a parar. Ficamos ali sentados, os dois, por um tempo, a cabeça de Horry ainda em meu ombro enquanto seu corpo treme como se uma pequena corrente elétrica o percorresse.

Aos poucos os tremores cessam, e então, passado um instante, Horry solta um grunhido e parece acordar, enxugando a baba do queixo com as costas da mão. Ele olha para mim e assente.

– Você foi falar com Penny?

– Fui.

Ele assente de novo e pigarreia. Dá para ouvir o chiado do catarro de fumante solto em seu peito.

– Você consegue me ouvir quando está... quando está fora do ar?

– Quase sempre. Só não consigo falar. É como se uma parte de mim queimasse um fusível, mas o resto está lá, esperando as luzes se acenderem de novo.

Ligo o carro.

– Podemos ir?

Ele olha pela janela.

– Foi neste quarteirão, não foi? Que você e Paul foram atacados?

Eu não estava prestando muita atenção ao cenário, mas agora vejo que estamos em Ludlow, a apenas algumas casas de distância da de Tony Rusco. Paul e eu corremos como doidos por essa calçada, o ruído natalino das plaquinhas do rottweiler atrás de nós, a toda velocidade. Fecho os olhos para não ver a calçada, mas ainda posso ouvir os gritos de Paul, ainda posso sentir o terror gelado apertar minhas entranhas.

Horry se recosta no assento e acende um cigarro.

– Eu bati na Wendy uma vez.

Levo um minuto para registrar o que ele disse.

– Eu lembro.

– Não sei se algum dia pedi desculpas por isso.

– Ela perdoou você.

– Bati feio nela.

Wendy tirou um semestre de licença para ajudar Linda e mamãe a cuidarem de Horry quando ele teve alta do hospital. Naquela época ainda não haviam acertado a dose para controlar a raiva dele, e Horry tinha acessos de

fúria, durante os quais tentava destruir tudo o que via pela frente. Wendy, que vira filmes demais, resolveu que a melhor coisa a fazer era abraçá-lo e mantê-lo assim até que seu amor o acalmasse, mas ele a empurrou com força e, quando ela voltou a se aproximar, ele lhe acertou um soco tão forte que ela quebrou dois dentes. Wendy não o culpou por isso, mas acho que passou a ter certo medo dele depois, e, quando Linda insistiu para que ela voltasse para a faculdade e seguisse em frente com a própria vida, Wendy não fez objeções. Quando voltou a aparecer em Elmsbrook, já veio com Barry a tiracolo.

– Isso foi há muito tempo, Horry. Você estava fora de si.

Ele assente e sopra fumaça pela janela, fica vendo-a se dissipar sob a claridade âmbar dos postes de luz.

– Ainda estou.

SEXTA-FEIRA

CAPÍTULO 17

2h

ESTOU TRANSANDO COM Jen. Ela arqueia o corpo e se contorce sob o meu, erguendo com força os quadris contra mim. Suas unhas dilaceram minhas costas; seus dedos agarram minha bunda e depois descem pela minha coxa, até o ponto, logo abaixo do joelho, em que minha perna termina em um coto duro e enrugado. Mas não sou eu, é Wade por cima de Jen, e estou sentado na cadeira de leitura junto à janela, vendo os dois treparem enquanto puxo os cordões gastos da minha prótese, tentando amarrá-los para poder dar o fora correndo dali. E agora sou eu novamente, deitado no delta macio das coxas abertas de Jen, só que não é mais Jen, é Penny Moore, e minhas duas pernas estão novamente no lugar, e as de Penny envolvem meu corpo, e ela morde o lóbulo da minha orelha enquanto geme, e até que isso é bem gostoso. Então ouço atrás de mim um rosnado gutural e, ao me virar, vejo o rottweiler. Em seus dentes, pedaços em frangalhos da camiseta vermelha de Paul, assim como um espesso fio de baba branca que escorre pela mandíbula. E quando me volto para Penny, ela é Chelsea, ex-namorada de Phillip, e voltei a ter só uma perna, e o cachorro está agachando, preparando-se para atacar, e por mais que eu tente sair de dentro de Chelsea, ela simplesmente continua a balançar o quadril e a lambear os lábios. É quando o cachorro parte para cima de nós, e sinto seu odor animalesco e suas mandíbulas esmagando minha cabeça, e fico imprensado entre a ex-namorada de Phillip e um rottweiler feroz e tenho uma perna e meia e não é legal morrer assim. Precisamente quando sinto a dor lancinante dos dentes do cão se cravando na pele do meu pescoço, meus gritos ressoam no porão e acordo com violentos calafrios.

Parece até Stephen King registrando meus sonhos e mandando para a *Penthouse*.

CAPÍTULO 18

8h25

A LUZ CAI NOVAMENTE enquanto estou no banho. Quando saio do banheiro, encontro Alice de novo, em seu roupão, mexendo no painel de eletricidade.

– Precisamos parar com esses encontros – diz ela.

– Esta casa está uma porcaria – respondo.

Alice sorri.

– Qual é o disjuntor, afinal?

– Acho que era o 14.

– Não consigo ver os números.

Vou até ela, mas seguro firme a toalha com uma das mãos.

– Que cheiro de garotinho.

– Aqui embaixo só tem xampu de bebê.

– Adoro esse cheiro. – Ela se recosta em mim, inspirando profundamente.

– Cheiro de bebê limpinho.

– É. Bom...

Ela também acabou de lavar o cabelo, que emana aquele cheiro de limpeza e de secador, um cheiro de mel cozido. Isso, combinado com o tecido sedoso do roupão dela e com a minha libido altamente sensível, produz um momento de interação familiar constrangedor.

– Preciso descobrir um perfume viril quando voltar a namorar.

– Ah, é – diz ela, virando-se para mim. – Ainda não falamos direito sobre isso. Como está levando isso tudo, Judd?

– Estou bem. – Preciso encurtar essa conversa, tanto por razões emocionais quanto anatômicas. – Aqui, achei.

Eu me inclino por cima dela para acionar um disjuntor. A luz não volta, mas lá de cima ouvimos Paul gritar:

– Quem está mexendo na porra da luz?

Alice dá uma risadinha e vira-se novamente para religar o disjuntor.

– Paul assina a folha de pagamento enquanto está no banheiro – esclarece ela.

– Duas merdas com uma cajadada só.

Ela ri e aciona outro disjuntor. As luzes voltam a se acender.

– Faça-se a luz.

– Amém.

– Mas então, Judd – diz ela, olhando para mim –, sei que você está passando por um mau pedaço, e a sua família... Bom, eles não são muito ligados nessa coisa de solidariedade emocional. Por isso, se você precisar conversar, não se esqueça de que já éramos amigos muito antes de sermos parentes.

– Obrigado, Alice. Não vou esquecer.

Ela parece prestes a dizer algo mais, porém, passado um instante, apenas assente e se inclina para me dar um beijo no rosto. Inclino-me também, nem tanto para aceitar o beijo, mas para evitar qualquer contato acidental da cintura para baixo. As coisas já andam bem duras para o meu lado, digamos assim.

9h37

O café da manhã está servido. Em travessas, claro. Doces e pães continuam a chegar diariamente, cortesia dos amigos dos meus pais, e são arrumados por Linda, que toda manhã surge discretamente para cuidar de tudo. Horry também veio hoje; está tomando seu café aos golinhos, com uma expressão pensativa, lançando olhares furtivos para Wendy por cima da caneca. A camiseta dele diz VOCÊ É FEIO, MAS ME INTRIGA. Sob a camiseta, seus músculos compactos parecem bem definidos, coisa que os meus jamais foram. Tracy passa manteiga num pão para Phillip, e ele põe leite no café dela, e os dois sorriem um para o outro de um jeito que nos faz desviar o olhar. Pelo visto não resta nenhum vestígio nocivo da visita de Chelsea/Janelle/Kelly. Wendy dá mamadeira ao bebê, enquanto Barry mastiga um muffin e lê o *Wall Street Journal*. Ryan e Cole assistem a desenhos animados na pequena TV da cozinha. Mamãe está na cozinha com Linda, organizando a infindável quantidade de travessas. Um único judeu morto é capaz de gerar comida suficiente para encher um avião da Cruz

Vermelha com destino à África. Alice espalha cream cheese light num cream cracker, e Paul está a seu lado, mastigando um donut com cobertura açucarada. Ele sentou-se à cabeceira, mas não na cadeira de papai, que permanece simbolicamente vazia.

Ninguém abre a boca. Ninguém ousa.

– Gente – diz Paul –, precisamos conversar sobre Aquilo Lá.

“Aquilo Lá” era como papai se referia à loja. Ele jamais usava a palavra loja ou empresa. “Estou indo para Aquilo Lá”, dizia. “Contratamos uma nova funcionária para Aquilo Lá”. Acho que Paul acabou pegando a mania. Alice ergue os olhos de seu cream cracker, e dá para ouvir sua mente em contagem decrescente, a mulher por trás do grande homem. Seja o que for que ele tenha a dizer, ela já sabe de tudo.

– Conversar o quê? – indaga Phillip.

– Barney vai vir aqui alguma hora para falar do testamento de papai, mas o que eu quero dizer é o seguinte. Papai deixou metade da empresa para mim. A outra metade está dividida em três partes iguais para Wendy, Judd e Phillip. Assim, cada um de vocês vai herdar um sexto de uma empresa que não deu um pinga de lucro em três anos. As cotas não vão gerar dinheiro algum para vocês. Barney vai mandar o banco avaliar as cotas e depois vou recomprá-las de vocês. Dependendo do valor, talvez eu ainda não tenha o dinheiro disponível, por isso espero que vocês todos me deem um tempo para que eu providencie esses recursos.

– Quanto vale mais ou menos cada cota? – pergunta Phillip. – De quanto estamos falando?

– E mamãe? – indaga Wendy. – A empresa não é dela também?

– Com os royalties que mamãe ganha, mais o seguro de vida e a pensão de papai, ela não tem com que se preocupar pelo resto da vida – explica Paul. – Sei que vocês talvez estivessem esperando um pouco mais do patrimônio do papai. Mas, infelizmente, está quase tudo comprometido na empresa, que, como eu disse, não vai lá muito bem das pernas. Mas tem a casa. Que foi avaliada em mais de 1 milhão de dólares e está no nosso nome. Quando mamãe decidir vendê-la, teremos um belo lucro.

– Eu não vou vender a casa – diz mamãe da porta da cozinha.

– Não agora, claro.

– Nem nunca! – insiste ela. – Eu só tenho 63 anos, credo!

– Eu só estava dizendo...

– Eu sei o que você quis dizer. Se quiserem arrancar o assoalho e procurar

dinheiro, fiquem à vontade. Mas podem anotar, vou morrer nesta casa.

– Está bem, mamãe – diz Paul, corando. Ele e Alice trocam um rápido olhar cauteloso. – Não está mais aqui quem falou.

Mamãe começa a dizer alguma coisa, mas Linda surge às suas costas e põe a mão em seu ombro.

– Hill, ele não quis dizer isso.

– A casa é minha – insiste mamãe, ainda zangada.

– Eu sei – assente Linda, levando mamãe de volta para a cozinha. – Tudo bem.

Todos encaramos Paul, irados com ele por nos incluir nisso.

– A questão é a seguinte – diz Paul – Tenho dado um duro danado tentando salvar a empresa. Ainda não sei se vou conseguir. Estamos pensando em fechar uma ou talvez duas lojas...

– Na verdade, eu estava pensando em trabalhar na empresa – diz Phillip.

A declaração é recebida com um silêncio atônito. Alice olha para Paul, os olhos esbugalhados de pavor. Tracy olha para Phillip, orgulhosa e compreensiva. Até Barry larga o jornal para prestar atenção. Wendy olha para mim, os olhos brilhando de animação. Seu sorriso diz: *Isso está começando a ficar bom.*

– Como assim, Phillip? – indaga Paul.

Meu irmão caçula passa o guardanapo na boca e pigarreia.

– Eu conversei com papai sobre isso faz um tempinho. A empresa foi algo que ele construiu para nós, algo que quis nos deixar. É um legado, e eu queria fazer parte disso.

– Certo. – Paul assente com a cabeça e pousa a caneca de café na mesa. – E o que você gostaria de fazer na empresa, Phillip?

– Quero ajudar a cultivá-la.

– A única coisa que você já cultivou na vida foi maconha.

– E tive lucro.

– Nem de longe o que gastamos com seus advogados quando você foi preso.

– Ouça, Paul. Você não acredita em mim. Eu entendo. Eu também nunca acreditei, na verdade. Mas as pessoas mudam. Eu mudei. E nós dois nos complementamos. Você é o cérebro de tudo, sei disso. Mas e a parte de publicidade e promoção? E a de recursos humanos e relações públicas? Eu sei lidar com as pessoas, Paul. É o que sei fazer. E você... você não. Você é um bom sujeito, mas é um turrão e, vamos combinar, meio assustador. Está

me assustando neste exato momento, aliás. Seu rosto está muito vermelho. Tem certeza de que está respirando? Ele está respirando?

Paul dá um murro na mesa.

– Esta é a minha vida! – grita. – Dediquei os últimos dez anos da minha vida a essa empresa, e o dinheiro que ganho mal sustenta Alice e a mim. Estou afundado até o pescoço em dívidas, e a empresa corre sérios riscos. Lamento, Phillip, mas não podemos nos dar ao luxo de ser a próxima parada na sua turnê de autodestruição profissional.

– Entendo por que está dizendo isso, entendo mesmo – rebate Phillip. – Mas essa é uma empresa familiar, Paul. E eu faço parte deste clube genético, igualzinho a você.

Paul se levanta, empurrando a cadeira para trás com força.

– Eu não vou discutir isso.

Mamãe volta para a sala de jantar com uma expressão preocupada.

– Isso o quê?

– Tudo bem – diz Phillip. – Parece que eu larguei uma bomba em cima de você. É difícil de absorver e vocês precisam de um pouco de tempo.

– Absorver o quê? – indaga mamãe. – Alguém pode me dizer o que está havendo?

– Não tem nada para absorver, seu idiota inútil! Você não vai trabalhar para mim!

– Bom, tecnicamente nós somos sócios. Vou comprar as cotas de Judd e de Wendy. Judd não tem interesse na empresa, certo, Judd? E, Wendy, você vai ficar podre de rica.

Olho de soslaio para Barry para ver se ele se ofendeu. Não.

– Irmãozinho caçula, você não pode comprar nem um maldito terno.

– As pessoas mudam, irmãozão.

Os olhos de Paul pousam em Tracy por um demorado e incômodo instante, e um sorriso amargo se abre em seu rosto.

– Ah. Tudo faz sentido agora. Noivos ainda não oficialmente. – Paul balança a cabeça. – Michê.

– Como foi que você a chamou? – pergunta Phillip, pondo-se de pé num salto.

– Não ela, você. Você sempre foi um michê.

– Que tal você chegar mais perto e repetir isso?

– Não nesta casa! – reage mamãe.

Ela jamais interferiu em nossas brigas, achava que era saudável irmãos se

socarem de vez em quando, só que não onde pudessem quebrar as coisas dela.

Paul se dirige a Phillip, ao lado de quem sua altura e largura se tornam mais nitidamente evidentes. Está a cerca de meio metro de distância quando Tracy se interpõe entre os dois.

– Muito bem, rapazes. Isso é ótimo, realmente ótimo – diz ela, em voz alta e clara, como se conduzisse um seminário. – Os dois expressaram um ponto de vista válido que o outro agora precisa ponderar e internalizar de uma forma não agressiva. Nada precisa ser resolvido de imediato. E nada pode ser decidido até cada um de vocês ter considerado a posição do outro. Por isso, vamos arquivar esta discussão até que todos tenham tempo para assimilar a nova informação e reconsiderar a própria posição. Certo?

Todos olhamos para Tracy como se ela tivesse acabado de fazer um discurso numa língua pré-histórica. Sempre fomos uma família de lutadores e espectadores. Intervir com razão e ponderação demonstra uma perigosa ignorância cultural. Paul a olha de alto a baixo, como se não acreditasse em sua presença ali. Depois assente e volta a olhar para Phillip.

– Seu idiota vendido.

Phillip sorri como um astro de cinema.

– Pau mole e estéril.

Paul se move tão rápido que é impossível dizer se o grito de Alice é uma reação à observação de Phillip ou à repentina violência que se segue. Ele agarra o pescoço de Phillip e os dois caem por cima da cristaleira antiga, derrubando travessas, castiçais e Tracy, que ainda estava entre ambos no momento em que Paul avançou.

– Dentro de casa, não! – grita mamãe, batendo nas costas de ambos. – Vão brigar lá fora!

E só Deus sabe a extensão do estrago que os dois teriam provocado, em que estado Paul deixaria Phillip, se nesse exato momento Jen não surgisse como uma espécie de miragem, chegando flutuando do corredor de entrada com um sorriso constrangido nos lábios.

– Oi, gente – diz ela.

Ao ver Jen, todos na sala congelam, assim como a maioria dos meus órgãos internos. Paul ergue os olhos para ela em choque, a mão ainda preparada para acertar Phillip, que caiu de joelhos de encontro à parede.

– A porta estava aberta – explica-se Jen. – Espero não estar interrompendo nada.

– Jen, querida – diz mamãe, recuperando subitamente o controle. – Que surpresa agradável.

Foi um daqueles momentos em que realmente cabe perguntar em que realidade minha mãe vive. Ela é capaz de, em um instante, estar assistindo casualmente à briga de dois filhos seus e, no momento seguinte, receber com a maior simpatia a mulher que arruinou a vida de seu outro filho.

Quanto a mim, fico chocado e sem graça com a presença de Jen, com o fato de que o nosso casamento rompido esteja agora, mais do que nunca, exposto. Mas também sinto uma involuntária sensação de euforia com sua chegada, imaginando, à velocidade da luz, se isso significa, de alguma forma, que vamos reatar o relacionamento. Durante esse breve instante, não parece uma ideia tão absurda. A gravidez foi um alarme falso, ela vai ficar para a shivá, teremos algumas conversas difíceis, vou gritar e ela vai chorar, mas pelo menos ela vai dormir comigo naquele abominável sofá-cama do porão. E quando acabar a shivá, voltaremos para casa e começaremos de novo. Não vou nem querer pegar minhas coisas na casa dos Lees, legando-as ao próximo locatário desesperado. Começar do zero, tudo novo.

Jen olha para mim. Então me lembro do dinheiro, 16 mil dólares guardados no fundo da minha mochila, o dinheiro que ela usou como ameaça na sua mensagem de voz. Ela não veio para me levar de volta, nem para oferecer seus pêsames. Ela está com o bebê de Wade na barriga e nosso dinheiro na cabeça. E agora a raiva volta, juntamente com uma sensata dose de autodesprezo por ser o patético corno que quer de volta a esposa infiel.

– Lamento muito por Mort – diz Jen, abraçando mamãe.

– Obrigada, meu bem.

E antes que as coisas fiquem ainda mais surreais, Phillip, aproveitando a chance, se levanta de um salto e sapeca uma saraivada de socos no rosto de Paul, que desaba no chão. Phillip então se põe de pé acima de Paul, fazendo caretas e flexionando os dedos. Jen olha para mim, as sobrancelhas erguidas em surpresa. Retribuo o olhar com um leve dar de ombros, e nesse instante único somos de novo um casal. Então recordo que não somos e desvio o olhar. Alice está de joelhos, tentando ajudar um Paul completamente zonzo a se levantar, enquanto Tracy arrasta Phillip para fora dali.

– E agora, quem é o vendido, mané? – resmunga Phillip, segurando a mão machucada.

Devíamos simplesmente encarar a realidade e parar de fazer as refeições juntos.

CAPÍTULO 19

10h

— LAMENTO MUITO PELO seu pai — diz Jen depois que todos deixam a sala. Ela se aproxima de mim para me abraçar, mas dou um passo para trás, como se ela sofresse de alguma doença contagiosa. Ela abaixa as mãos e balança a cabeça, com uma expressão triste. Está usando um vestido azul-marinho que lhe cai naturalmente bem, bastante acima do joelho. Seu perfume me lembra nosso quarto, o que me deixa com uma imensa saudade de casa. — Por que não me contou?

— Você está realmente me perguntando isso?

— Não, acho que não — diz ela. — Deve ser difícil para você.

— Ele não morreu de repente. Vou me recuperar.

— Quando você vai voltar para casa?

— Não tenho casa.

— Eu quis dizer quando vai voltar para Kingston.

— Daqui a uma semana, mais ou menos.

Ela me olha com uma expressão engraçada.

— Vai ficar uma semana aqui? Quando vínhamos juntos, você não via a hora de sair correndo.

— Estamos cumprindo a shivá.

— Ah. Não imaginei que...

— É. Papai quis.

Ela se distrai por um momento com uma travessa semidevastada de salmão defumado que está sobre a mesa.

— Nossa, como isso fede.

— É salmão defumado. O cheiro é esse mesmo.

— Será que a gente pode dar um pulinho lá fora? Não consigo aguentar o cheiro de peixe desde que... Você sabe.

— A mim não incomoda. E você nem vai ficar muito tempo.

– Judd, por favor. Sei que a hora é péssima, mas eu realmente preciso conversar com você.

– Sobre o quê, Jen? O que você ainda pode ter para me dizer? Que vai se casar com Wade, é isso?

– Não, não é nada disso.

Ela olha os restos de comida em cima da mesa de jantar, os pães doces e salgados pela metade, os legumes fatiados, o mel e as migalhas de waffle que Ryan e Cole deixaram espalhadas pela toalha.

– Ótimo, porque, você sabe, eu diria que o adultério não é propriamente o alicerce ideal para um casamento.

– Ah, droga.

– O que foi?

Ela me olha, depois cobre a boca e sai à toda da sala.

Encontro-a no lavabo, vomitando na privada. Quando acaba, ela dá descarga e se senta no chão com a cabeça encostada à parede, enxugando a boca com um pedaço de papel higiênico.

– Céus, eu odeio esta parte.

Ela ergue o olhar para mim, e alguma coisa em seus olhos não me agrada. Depois de certo tempo de casamento, vez por outra surge um breve momento parapsíquico como esse, e naquele exato instante sei o que ela vai dizer antes que o diga, ainda que eu ache que definitivamente isso não pode ser verdade.

A última vez que transei com Jen, se não me engano, foi há uns três meses e não passou daquele tipo de sexo mecânico, esquecível, que se tornara rotina entre nós, aquele mesmo tipo que, no passado, havíamos jurado jamais fazer. Não há nada tecnicamente errado no ato em si; tumescência e lubricidade alcançadas sem problema, orgasmos dele e dela distribuídos na hora certa como brindes em festas. Só que, depois de alguns anos de casamento, fica muito mais difícil a gente se entregar ao sexo do jeito como se entregava antes. Para começar, ficamos um tantinho eficientes demais, pois aprendemos o que funciona e o que não funciona, e por isso as preliminares, a penetração e o orgasmo podem caber sem esforço num espaço de cinco a sete minutos. Sexo bom exige muitas e variadas coisas, mas, na maioria das vezes, eficiência não é uma delas.

Ao mesmo tempo, quando se partilha com outra pessoa todas as dores de cabeça da vida, pequenas pilhas de ressentimentos cotidianos vão crescendo

com o tempo, como placa dentária, grudando-se à consciência mesmo enquanto se beija, lambe e acaricia o outro. Assim, à medida que a respiração acelerada de Jen soprava em meu ouvido e seu quadril se mexia sob meu corpo, uma parte em seu cérebro se ocupava em pensar na lâmpada do porão que fazia mais de uma semana ela vinha me pedindo para trocar, ou perguntava-se por que eu nunca era capaz de fechar direito as minhas gavetas de manhã – coisa que não me incomodava, mas que por algum motivo ameaçava o delicado equilíbrio de todo o universo dela –, ou em tentar entender por que eu insistia em considerar o prato lavado se tudo o que eu fazia era passar água e deixá-lo dentro da pia, ou por que eu jamais me lembrava de lhe dar os recados das amigas que lhe telefonavam quando ela estava fora.

E eu, mesmo ao penetrá-la suavemente e sentir suas longas coxas macias se fecharem em torno do meu torso, podia estar pensando que ela havia sido meio babaca aquele dia, que tinha uma tendência a reagir, vez ou outra, com uma quantidade desproporcional de babaquice que só servia para piorar as coisas e nos fazer afundar um pouco mais no buraco marital em que nos encontrássemos no momento. Outras vezes eu me pegava pensando na última fatura do American Express, na capacidade de Jen de várias vezes exceder nosso orçamento em mais de mil dólares e na certeza que eu tinha de que, se a encostasse contra a parede, ela teria uma justificativa para cada item comprado e ainda garantiria que haviam sido feitos estornos, que os créditos devidos apareceriam na fatura seguinte. Eu já sabia, por experiência própria, que esses créditos fantasmas jamais se materializariam ou, caso isso realmente acontecesse, que Jen os usaria para justificar também a conta seguinte, acabando por lançar mão de um único crédito mensal para compensar duas compras. Quando se tratava de esbanjar dinheiro, Jen era uma contadora diabólica, torcendo as leis da matemática a seu bel-prazer.

E mesmo enquanto ela estremecia em seu orgasmo, talvez estivesse pensando em como eu era incapaz, tão absolutamente incapaz, de transferir minhas cuecas do corpo para o cesto de roupa suja sem escala no chão do banheiro, ou na minha insuficiente receptividade ao telefonema da mãe dela, e era possível que, ao gozar (depois dela, que fique registrado), eu estivesse pensando na quantidade de tempo que ela passava ao telefone com a mãe e as amigas toda noite, ou naquela mania dela de cuspir porções enormes de pasta de dente na pia e as deixar ali para endurecer e virar lesminhas brancas que precisariam ser raspadas da porcelana. Uma gaveta levemente entreaberta era

demais para ela, mas uma pia cheia de pasta cuspidada e calcificada aparentemente não apresentava problema.

Nada disso era muito grave, claro; não passava das pequenas mazelas e reveses de um casamento real. E de vez em quando arrumávamos uma briga por causa de algo maior, e gritávamos e externávamos todos os nossos ressentimentos. Lágrimas eram vertidas, mágoas eram validadas, e o sexo voltava a ser bom durante algum tempo, apaixonado e intenso, mas depois o ciclo se repetia.

Então ficávamos ali transando por cima dos nossos ressentimentos, nosso pensamento vagando enquanto nos esfregávamos mecanicamente um no outro – pelo calor ou pela intimidade, ou talvez apenas por gratificação básica, nossas mentes num frenesi de pensamentos desconexos e queixas inflamadas, cada qual distraído demais para perceber que o outro estava igualmente autocentrado. E não havia qualquer pós-sexo lânguido em seguida, nada de ficar ali deitado nos braços um do outro enquanto o suor secava em nossa pele, apenas a mesma rotina de sempre: privada, banho e pijama, antes do morno e entorpecente clarão da TV.

CAPÍTULO 20

10h12

– ENTÃO: VOCÊ VAI ser pai – declara Jen com alegria.

– Isso é totalmente impossível.

Estamos de pé na varanda dos fundos, que dá para a piscina, que por sua vez está transbordando por causa da chuva de ontem. Hoje o céu está claro, e o sol de agosto brilha por entre o que restou da bruma matutina.

– Estou com quase três meses. Pense nisso.

– Você não tem como saber que é meu.

– Tenho sim. Confie em mim.

– Confiança não é o meu primeiro impulso com relação a você.

– O filho é seu, Judd.

– Até parece.

– É, sim.

– Você pode continuar dizendo isso e eu posso continuar dizendo “até parece”, ou então você pode dizer outra coisa para variar.

Ela me observa durante um demorado momento e depois balança a cabeça, cedendo:

– Acontece que Wade é estéril.

O som da minha risada me surpreende. Não há nada sequer remotamente engraçado em ouvir a mulher que me traiu, a mulher que já não é mais minha esposa, com quem já enterrei um bebê, me dizer que, depois de arruinar o nosso casamento, está carregando nosso filho na barriga. Existem implicações muito sérias, vitais, pairando no ar entre nós, mas neste exato momento só consigo pensar que Wade Boulanger tem muito pau para pouco esperma. Ele pode ter destruído meu casamento e me despejado da minha própria casa, mas sem querer deixei para trás essa mina terrestre que acaba de lhe arrancar as pernas. Por isso eu rio. Muito.

– Sabia que você ia gostar dessa – comenta Jen com sarcasmo.

– Você tem que admitir que existe uma certa poesia cármica nisso.

– Só admito se você parar de rir.

Mas não consigo. É a primeira vez em meses que tenho vontade de rir, e me sinto até estranho, mas não consigo parar. E logo Jen está rindo comigo, enquanto, dentro dela, células se reproduzem num frenesi organizado: é a semente do nosso péssimo timing brotando.

– Wade não deve ter ficado muito feliz com isso.

– Foi um choque, mas conversamos sobre isso e ele aceitou bem. Ele me apoia.

– Você nem imagina o meu alívio.

Ela fecha os olhos, aceitando o golpe, e depois olha para mim.

– Essa foi a última vez, entendeu? Isso tudo já vai ser bem delicado sem você me punindo o tempo todo.

– Como, exatamente, você tem sido punida? Ficou com a casa, com Wade e agora com o bebê que sempre quis. Acho que perdi a parte em que a sua vida ficou tão difícil.

– As pessoas não param de me encarar. Sou a puta da cidade.

– É você quem está dizendo...

– E agora sou uma puta grávida. Acha que é fácil para mim?

– Acho que é bem mais difícil para mim.

Ela me olha um instante e depois desvia o olhar, enrolando uma mecha de cabelo nos dedos.

– Nisso você tem razão.

Jen é alérgica às palavras “me desculpe”. Contenta-se com expressões do tipo “você tem razão” ou “entendi” ou – a minha preferida – “certo, vamos esquecer isso, então”. Mas eu a conheço, portanto percebo que ela se sente mal, por mim, por si mesma, pelo pequeno feto que vai involuntariamente nascer em meio a nossas vidas arrasadas.

– Por favor – insiste ela –, me diga em que você está pensando.

É um pedido absurdo. Nossas mentes, sendo isentas da censura da culpa ou da vergonha, são egoístas e más, e a maioria de nossos pensamentos, em qualquer momento, não serve para o consumo público porque ou seria ofensiva ou apenas nos faria parecer os sacanas egoístas e maus que somos. Não partilhamos nossos pensamentos, apenas versões cuidadosamente editadas, suavizadas, adaptações hollywoodianas desses pensamentos para o público abaixo de 14 anos.

Em que estou pensando?

Estou pensando que vou ser pai e não estou eufórico. Sei que deveria estar, e talvez em algum ponto no futuro próximo eu até fique, mas neste momento me sinto anestesiado, e se alguém descascasse essa camada de anestesia, encontraria uma espessa membrana mucosa de trepidação, e se alguém decidisse fatiar essa membrana, encontraria um emaranhado latejante de indignação e tristeza. Era para sermos uma família. Nós nos apaixonamos, nossos pais se apertaram as mãos, contratamos uma banda e um bufê, trocamos votos, e agora Jen mora num lugar e eu noutro, e esse nosso filho, essa prole inconcebível do nosso casamento corrompido, vai morar numa casa sem irmãos, graças a esse padrasto estéril, esse imbecil retardado, e viverá numa lamentável ponte aérea entre nós dois, sujeito às inconstâncias dos nossos horários, e será solitário e calado e não muito seguro de seu lugar no mundo. Vai começar a se vestir de preto e experimentar drogas e ler revistas dedicadas a armas de fogo por volta dos 13 anos. Por mais que eu tente, ele há de preferir Jen a mim, o que não me parece nada justo, dadas as circunstâncias.

Eu sempre quis ser pai, mas não assim, não com o jogo já tão desfavorável para o meu lado. Se eu me casar novamente e tiver um filho com essa nova esposa, isso sim fará sentido, mas isto aqui não faz, esta algema de carne e osso que manterá Jen e Wade em minha vida quando eu deveria me ver livre deles. E se eu realmente tiver filhos com outra, essa criança ficará enciumada, se sentirá relegada e sem dúvida passará a gravitar em torno do padrasto estéril e imbecil, e Wade já me roubou esposa e casa. Por nada neste mundo deixarei que ele se mande também com o meu filho ainda não nascido, mas ele terá a vantagem de jogar em casa.

Quaisquer ideias de me mudar para um lugar novo e recomeçar do zero terão que ser arquivadas, porque eu posso não saber exatamente que tipo de pai vou ser, mas sei que não serei do tipo que mora em outro estado e manda cartões de Natal abomináveis com uma nota de 10 dólares dentro. Agora, além da pensão a Jen, terei que pagar pensão à criança, o que será complicado considerando o estado atual de minhas finanças, e vou ser pai, vou ser pai, vou ser pai... Eu deveria estar feliz, deveria estar eufórico, deveria estar vendo o milagre que é tudo isso, o lado positivo, deveria distribuir charutos, abraçar e beijar todo mundo e pensar em nomes, mas em vez disso, graças à vaca da minha esposa, o momento é maculado pelas complicações e pelo desespero, e isso não é justo com meu filho e não é justo comigo, e assim que o garoto for suficientemente crescido, vou botá-lo sentado e lhe explicar que

nada disso foi culpa minha, que foi ela que fez isso com ele e comigo.

E enquanto estou pensando em tudo isso, uma outra parte do meu cérebro simultaneamente pensa em como Jen está tão irritantemente bonita neste momento, no vestidinho azul que ela sabe que lhe cai tão bem, e não consigo acreditar que não possa mais tocá-la, porque tudo o que desejo é levantar esse vestido, me colocar dentro dela e ficar lá até que as coisas se revertam, até que possamos ser novamente a família que deveríamos ser.

E mesmo enquanto penso no gosto, no cheiro e na pele dela, tento entender Jen, tento imaginar se por acaso ela não acha que esse bebê é um motivo para repensar as coisas, para se livrar de Wade e me pedir para voltar, e talvez ela esteja aqui tentando me sondar, para ver se sou receptivo a essa proposta. Nós dois perdemos algo vital no nosso casamento depois que perdemos o bebê, depois que soubemos que as chances de outra gravidez eram remotas, e agora cá estamos, grávidos, mas o mal não pode ser desfeito. Ela não pode voltar atrás no que fez com Wade e, por isso, não pode voltar atrás no que fez com as nossas vidas.

Isso é uma rápida síntese da miríade de pensamentos aleatórios que espocam na minha mente, mas tudo o que digo é:

– Pena isso não ter acontecido antes... Antes de você e Wade.

O que, eu acho, é um resumo bastante preciso.

Sem mover um músculo, Jen começa a chorar em silêncio, como aquelas imagens da Virgem Maria que vivem aparecendo em cidadezinhas sul-americanas.

– Pois é – diz ela, com a voz débil e trêmula. – Também queria que tivesse acontecido antes.

Olho para Jen. Jen olha para mim. É um momento repleto de eletricidade, e mais tarde hei de me perguntar se ali não estaria a última chance desperdiçada por duas pessoas demasiado enredadas em incertezas e ressentimentos para aproveitá-la. Por acaso, porém, Tracy escolheu esse momento para surgir na varanda, de calça de ginástica e top e carregando um colchão de ioga no ombro. Seu cabelo está preso num juvenil rabo de cavalo, e talvez eu esteja inventando coisas, mas tenho a impressão de que, depois de ver as ex-namoradas de Phillip ontem à noite, ela tenta parecer exageradamente jovem.

– Oi, gente – exclama ela para nós dois, bem à vontade e alegre, se aproximando de Jen e lhe estendendo a mão. – Não fomos formalmente apresentadas. Meu nome é Tracy.

– Jen – diz minha futura ex-esposa, apertando-lhe a mão.
– Não se incomodem comigo – acrescenta Tracy, escolhendo um canto plano e estendendo o colchão para em seguida dobrar o corpo até o chão e dar início ao alongamento.

– Quem é essa?

– Tracy.

– Foi o que ela disse. Quase quebrou minha mão.

– Ela está com Phillip.

– Ah. Eu não me apegaria muito.

– Não faça isso.

– O quê?

– Zombar da minha família como se você ainda fizesse parte dela.

Jen faz uma expressão magoada que lhe cai bem.

– É justo.

Ficamos ali observando, sem mais nada para dizer, enquanto Tracy ergue o traseiro, assumindo a Posição do Cachorro olhando para baixo. Vamos ser pais. Eu vou ser pai. Me pergunto se Wade estará na sala de parto, segurando a mão de Jen, enquanto fico à margem como um espectador, aguardando para ver meu filho emergir de entre as pernas abertas que nos mergulharam nessa confusão.

Phillip surge na varanda um instante depois, vestindo short de ginástica e camiseta regata.

– *Namaste* – diz ele, com uma piscadela e uma leve reverência.

– Oi, Phillip – retribui Jen.

– Jen! – exclama ele, examinando-a ao desenrolar seu colchão de ioga junto ao de Tracy. – Sempre desconfiei da existência de um quê de vadia desalmada em você.

– Os iguais se reconhecem, imagino.

Phillip concorda e adota uma postura mais ou menos parecida com a de Tracy.

– Tem razão, mas é bom que você saiba, minha decepcionante cunhada: sua beleza pode ser um consenso universal, mas vamos combinar que os seus melhores anos já ficaram para trás. Assim que encerrarmos esta shivá, vou pessoalmente providenciar para que o meu irmão aqui transe diariamente com mulheres dez anos mais novas que você, gatinhas bem jovens e quentíssimas que farão com que ele se sinta eternamente agradecido por você ter arruinado esse casamento.

Antes que Jen possa reagir, Tracy desfaz abruptamente sua pose de ioga e dá uma rasteira em Phillip, fazendo-o cair sentado.

– Seu babaca!

Ela pega o próprio colchão com violência e volta para dentro de casa com cara de nojo, enquanto Phillip grita:

– Que merda foi essa, benzinho? – Então, ainda sentado por conta do tombo, ele se vira para nós. – Tracy geralmente é bem tranquila. Não sei que bicho deu nela hoje.

– Foi aquela observação sobre as gatinhas quentíssimas – diz Jen. – Vai ver ela encarou como ofensa pessoal.

– Hum – concorda Phillip, refletindo a respeito. – Pensando bem, acho que foi meio insensível da minha parte.

– Afinal, ela tem quantos anos, uns 50?

– Quarenta e três, e esse foi um golpe barato. Eu esperava mais de você, mesmo sendo uma adúltera – responde Phillip, ficando de pé. – O lado bom é que não vai ter ioga hoje.

E, metendo a mão dentro da meia, ele tira de lá um cigarro e um isqueiro.

– Você não vai atrás dela? – pergunto.

– Estou me recompondo – responde Phillip, enfiando o cigarro na boca. – E aí, vocês dois estavam falando de quê?

– De nada – digo.

– Estou grávida – anuncia Jen.

Phillip olha para Jen, depois baixa o olhar para o cigarro que acabou de acender e o apaga com o pé.

– *Mazel tov* – diz ele, com um largo sorriso.

Vou ser pai precisamente quando acabo de perder o meu pai. Alguns veriam certo equilíbrio divino nisso, uma alma partindo para abrir espaço para outra, mas não sou desse tipo. Não acredito em Deus quando estou com problemas, como acontece com muita gente. Mas em períodos como este, quando a ironia parece demasiado cruel e bem arquitetada para ser coincidência, posso ver Deus nos detalhes. Graças a algum soluço mental que não sou capaz de explicar, quando penso em Deus imagino Hugh Hefner: um homem magro, angular, com um queixo proeminente vestindo robe de chambre marrom. Não sei de onde saiu essa imagem nem por que grudou na minha cabeça para nunca mais sair. Vai ver quando eu era pequeno e estava pensando em Deus

dei de cara com uma foto de Hef numa revista, e alguns neurônios dispararam, estabelecendo uma associação permanente. Ainda assim, quando a imagem que temos de Deus é o velho mais safado dos Estados Unidos vestindo pijama, talvez seja justo dizer que não somos propriamente do tipo de ver milagres nas coincidências mundanas que o destino despeja sobre a nossa cabeça incauta como balões d'água atirados de um terraço.

CAPÍTULO 21

SEMPRE IMAGINEI QUE eu seria um desses pais descolados que usam cabelo comprido, roupas modernas e pulseira de couro. Um desses sujeitos que trocam fraldas e jamais levantam a voz, que compram todos os lanchinhos superfaturados que vendem nos jogos de beisebol e carregam o filho no cangote durante todo o caminho de volta para casa. Passei bem mais tempo me imaginando como pai do que como marido. Imaginei que primeiro seria um marido e claro que imaginei com que tipo de mulher eu iria me casar – uma modelo de roupas íntimas mas que fosse também inteligente, sensível e compreensiva –, porém não me imaginei como nenhum tipo específico de marido. Basicamente, era eu, só que casado. Um homem mais inteligente talvez já na época considerasse esse fato um motivo de preocupação, uma grande bandeira vermelha açoitada ruidosamente pelo vento.

Olhando em retrospecto – que é o que se faz, com frequência e obsessivamente, quando a vida está uma bela porcaria –, não sou capaz de dizer se Jen e eu teríamos dado certo se não tivéssemos perdido o bebê. Sei que é o cúmulo da idiotice contar com um bebê para salvar um casamento em vias de falência. A criança não consegue nem arrotar sozinha e lá vamos nós querer que ela conserte um relacionamento que passamos anos torcendo incansavelmente na tentativa de dar aqueles nós fortes, cegos e cobertos de sal que dão os marinheiros. Mas, ainda assim, não consigo me impedir de fantasiar sobre a possibilidade de aquele bebê ter nos salvado, o que é justificável pelo fato de que perdê-lo de fato acelerou nosso mergulho rumo ao espinhoso matagal da ruína matrimonial. Perdê-lo. Não penso em um bebê qualquer. Não falo como se fosse uma perda genérica, como falamos de nossa virgindade perdida ou de nossa carteira. Mesmo sem jamais tomá-lo nos braços nem sentir o perfume de sua carequinha e enxugar aquela golfadinha branca que ele teria deixado no meu ombro. Sim, era um menino. No atestado de óbito estava escrito: Foxman, bebê do sexo masculino. Teria o cabelo indomavelmente cacheado como o meu e talvez os olhos verdes

luminosos de Jen. Eu o levaria para jogos de futebol e ao parque, e lhe ensinaria a andar de bicicleta e a lançar uma bola curva. O que aliás eu não sei fazer, mas pode crer que aprenderia. E quando ele ficasse mais velho, eu lhe ensinaria a dirigir, e ele não precisaria se rebelar nem experimentar drogas pesadas ou mutilar o belo e sedoso rosto (as graciosas maçãs do rosto de Jen, meu queixo proeminente) com piercings, porque não haveria nada contra o que se rebelar. E se houvesse, eu respeitaria seu espaço e ele haveria de voltar e nos reaproximaríamos, quem sabe por ocasião da sua primeira vez com a cerveja – a quem estou querendo enganar? Eu realmente acreditaria que ele e seus amigos já não haviam bebido, graças ao irmão mais velho de alguém? Mas ele seria um garoto esperto e teria uma cabeça boa, e às vezes é assim mesmo, o grupo testa os nossos limites, mas eu teria confiança de que ele tomaria as decisões corretas, e ele saberia que poderia sempre contar comigo, e... Droga. Já me perdi nas minhas fantasias.

O que quero dizer é que seria fácil demais dizer que a perda do bebê foi o início do fim. As pessoas adoram fazer isso, apontar para um único fenômeno, atribuir a um só incidente toda a culpa e assim zerar o placar, como os glutões compulsivos que processam o McDonald's por transformá-los em porcos obesos. A verdade, porém, é muito mais indistinta e se esconde meio desfocada na periferia. Ou seja, ou o nosso casamento é capaz de aguentar os traumas ou não é. Jen e eu ainda nos amávamos, talvez não com a mesma ferocidade hormonal de quando começamos a namorar, mas ninguém consegue manter isso, certo? Ainda curtíamos a companhia um do outro, tínhamos o suficiente em comum, sentíamos razoável atração mútua. Vivíamos bem satisfeitos de modo geral. Não há, contudo, como negar que algumas cores haviam desbotado e alguns níveis haviam sido baixados – é como um avião que perde um motor mas ainda tem outros três para conseguir cruzar o oceano.

Levamos bastante tempo para conseguir conceber. Jen tinha um útero transversal que só o mais ágil dos espermatozoides consegue alcançar, mas perseveramos. Quando, finalmente, Jen se deparou com uma incontestável linha azul no teste de farmácia, ensaiamos uns passinhos de dança na entrada do banheiro, ela balançando acima da cabeça o papelzinho molhado de xixi como se fosse um isqueiro num show de rock. E durante algum tempo foi como se uma nova vida houvesse sido soprada dentro de nós. Ficávamos acordados até tarde da noite conversando sobre bairros, escolas e nomes, e falando que não deixaríamos que um filho alterasse nossa vida, embora no

fundo torcêsemos loucamente para isso acontecer, para que aquele filho preenchesse o buraco deixado por outras coisas não identificadas que, sabe-se lá como, haviam ficado pelo caminho. Começamos a transar com mais frequência e mais ímpeto, ficamos mais atrevidos na cama, mais atrevidos do que vínhamos sendo, sobretudo nos últimos meses, à medida que a barriga de Jen crescia e nos compelia a buscar novas posições – de lado e por trás, uma das minhas mãos avidamente envolvendo os seios pornograficamente inchados de Jen, enquanto a outra escorregava até abaixo da ampla órbita daquele ventre distendido, onde ela a apertava forte entre as coxas, esfregando-se em meus dedos. Tornara-se cada vez mais desconfortável transar pudicamente com ela, pois me convenci de que toda vez que nossas barrigas se encontravam eu sem dúvida sentia o bebê.

– Não estou sentindo o bebê – disse Jen ao telefone.

Ela havia ligado para a rádio, onde eu estava simultaneamente filtrando os telefonemas de Wade e examinando fotos de Jessica Biel na internet.

– Como assim?

– Ele sempre chuta quando estou no banho. Hoje não chutou.

– Vai ver está dormindo.

– Sinto que tem alguma coisa errada.

Jen estava no oitavo mês, e nas semanas anteriores seus hormônios eram os loucos administrando o hospício. Eu aprendera da pior maneira que era melhor concordar com tudo o que ela dissesse.

– Você tomou café? Talvez ele esteja precisando de um pouco de cafeína.

– Encontro você no médico. Estou saindo.

Dei um suspiro e apaguei Jessica Biel da tela, porém não antes de ver uma crítica muda em seus olhos.

Demorei para chegar ao hospital. Demorei porque não encontrei uma vaga para estacionar, e como é que alguém constrói um grande hospital e não se lembra de incluir um estacionamento proporcional? Por isso cheguei meia hora atrasado, no único dia da história em que o médico de Jen estava no horário. Em geral ficávamos mofando durante uma hora na sala de espera, lendo revistas sobre criação de filhos e, no meu caso, trocando breves olhares cúmplices com os outros pais ansiosos, silenciosamente afirmando que quando não estávamos sentados no obstetra sendo açoitados em silêncio enchíamos a cara em jogos de futebol e caçávamos búfalos vestindo apenas

tanguinhas. Naquele dia, porém, quando finalmente entrei, me identifiquei e fui levado até a sala de exames pela recepcionista teatralmente alegre, já encontrei Jen aos prantos, secando a barriga suja de gel azulado da ultrassonografia. E, quando a sala começou a rodar e meus pulmões se contraíram, o médico explicou que o bebê havia sido estrangulado no útero pelo cordão umbilical. Ele já tinha explicado tudo isso a Jen, o que a obrigou a ouvir tudo de novo porque eu me atrasara.

Jen parou de me encarar depois disso. Nosso casamento se tornara, involuntariamente, centrado naquela bolinha de vida que crescia em sua barriga, e, quando a bolinha morreu, nós dois morremos junto. E embora jamais tenha admitido – e racionalmente soubesse que isso era ridículo –, Jen simplesmente foi incapaz de lidar com o fato de que eu me atrasara, que a deixara entrar sozinha naquela sala de hospital. Todo mundo precisa de um bode expiatório. Eu falhara com ela de uma forma visceral, e ela simplesmente não conseguia se obrigar a me perdoar. Acho que talvez tenha tentado, mas, em vez disso, acabou sendo mais fácil começar a transar com Wade. Agora, portanto, cada um de nós havia feito uma coisa imperdoável, e o universo voltara a um estado de equilíbrio perfeito.

CAPÍTULO 22

11h25

NENHUMA VISITA AINDA. As manhãs costumam ser tranquilas. Jen foi fazer o check-in no Marriot, na Route 120. Vai passar a noite na cidade, decidida a conversar comigo um pouco mais sobre aquele assunto. Tracy continua berrando com Phillip, e, embora tudo aconteça a portas fechadas, a madeira não é grossa o suficiente para abafar as censuras estridentes e chorosas dela. Sinto-me mal por Tracy. Não sei muita coisa a seu respeito, mas me parece gente boa. Namorar Phillip desperta nas mulheres seu lado vadia ou megera, e não seria nem um pouco digno uma mulher dessa idade agir como vadia. Paul usou a desculpa de levar Horry de carro ao trabalho para dar uma conferida na loja. Alice está no sofá, equilibrando num prato uma caneca de café e alguns minimuffins. Barry retirou-se para o pátio dos fundos, na tentativa de administrar uma teleconferência enquanto vigia os meninos na piscina. Mamãe, Wendy e eu estamos sentados em cadeiras normais, sem disposição para passar um segundo sequer além do necessário nas da shivá.

– O que Jen tinha a dizer em defesa própria? – indaga mamãe.

– Nada. O de sempre.

– Ela está ótima – comenta Wendy. – A infidelidade lhe cai bem.

Wendy sempre viu as pernas longas e o corpo esbelto de Jen com um misto de ressentimento e admiração.

– Acho interessante ela ter vindo – diz mamãe. – Acho que significa alguma coisa.

– O quê, mãe? Significa o quê?

– Foi só um comentário. As coisas podem não ser tão definitivas quanto você pensa.

– Significa que ela não estava trepando com meu chefe há um ano?

– Não, Judd, não significa isso. Ela traiu você, e eu sei que isso dói. Mas é apenas sexo, Judd, ou seja, uma satisfação física. Fomos programados para

dar importância excessiva a isso, a ponto de perdemos de vista tudo o mais. Não passa de uma árvore numa densa floresta.

– Uma árvore absurdamente grande.

– Para um casamento de 50 anos, um ano ruim não tem tanta importância. O seu casamento talvez ainda possa ser salvo. Mas você nunca vai saber se continuar se permitindo sentir ódio e raiva como se o mundo lhe devesse compensações.

– Obrigado, mãe. Como sempre, seu conselho não solicitado, por mais inútil que seja, merece meus sinceros agradecimentos.

– De nada, meu bem.

Phillip surge e se agacha numa cadeira de shivá vazia, apoiando-se nos braços como um ginasta, e deixa escapar um longo e abatido suspiro.

– Pelo visto eu sou um babaca irrecuperável.

– Mesmo assim, tenho a impressão de que ela ainda não desistiu de tentar recuperar você – diz mamãe.

– Sabe-se lá por quê.

– Por que você está fazendo isso, Philly?

– Fazendo o quê?

– Namorando uma coroa – diz Wendy.

– Namorando sua mãe – comento.

– Santo Deus! – exclama Phillip.

– Achei Tracy legal – diz Alice. – E muito bonita.

– É, ela é encantadora – intervém mamãe. – E quase da minha idade.

– Não sou tão jovem como você gosta de pensar, mãe. Nem você.

– Não seja maldoso, Philly. Não fica bem em você.

– E essa saia não fica bem em você. Todo mundo vai ver a sua calcinha quando você estiver sentada na cadeira da shivá.

– Só quero ter certeza de que você refletiu direitinho – diz mamãe. – Porque em nenhuma hipótese isso vai acabar bem.

– Assim como esta conversa – comento.

– Que acaba agora mesmo – atalha Phillip.

– Somos sua família, Phillip. Todos nós amamos você.

Todos dizemos “Mas!...” ao mesmo tempo.

Mamãe olha em volta, momentaneamente aturdida.

– Isso mesmo, “mas”. *Mas* ela é velha demais. *Mas* você não vai constituir família com ela. *Mas* será que você já pensou como *ela* fica em tudo isso?

Phillip balança a cabeça, sem se convencer.

– Como é que fica Tracy quando esse caso chegar ao fim, Phillip? Você não vai ter problema algum para arrumar novas namoradas. Se bem conheço você, já até arrumou. Mas para Tracy, quanto mais velha ela for, mais difícil vai ser encontrar alguém. Ela tem muito menos tempo que você para achar a pessoa certa, e você está desperdiçando o tempo dela.

– E por que eu não posso ser a pessoa certa?

Mamãe sorri para ele, um sorriso triste e repleto de ternura.

– Não seja um babaca.

– Já chega, vou dar o fora daqui – diz ele, ficando de pé.

– Vou com você – digo.

– Vocês não podem sair – intervém mamãe. – Estamos cumprindo a shivá.

– Pergunte a Wendy como vai o casamento dela – sugiro. – Voltamos antes que a poeira assente.

– Pentelho – xinga Wendy.

– Lamento, maninha. Cada um por si.

Paul, de volta da loja, entra na sala justamente quando Phillip está saindo.

– Oi, Phillip – diz ele, sorrindo.

E então dá um soco direto no queixo do irmão, lançando-o de costas no chão no meio da sala. Algumas cadeiras caem no processo.

– Paul! – grita Alice.

– Foi esse idiota que começou.

Phillip, caído de costas, se ergue apoiado em um dos cotovelos e faz caretas ao esfregar o maxilar. Tracy surge correndo do quarto, tendo ouvido a comoção. Quando vê Phillip deitado no chão, ela balança a cabeça, desgostosa, e dá meia-volta, desaparecendo outra vez no escritório. Vai demorar até a vermos de novo.

– Se eu me levantar, você vai me bater de novo? – pergunta Phillip a Paul.

– Não, estou satisfeito – responde Paul, esfregando os nós dos dedos.

Ele estende a mão a Phillip, que a aceita. Paul o ajuda a se levantar e depois, para surpresa geral, puxa o irmão num leve abraço e sussurra algo em seu ouvido. Phillip assente e dá um tapinha na nuca de Paul. Depois se vira para mim e diz:

– Você vem?

– Se Paul não quiser bater em mim também...

– O que eu poderia fazer de mau a você que o universo já não tenha feito? – indaga Paul.

– Ah! – exclama Phillip, como se acabasse de se lembrar de alguma coisa.

– Jen está grávida. De Judd.

Todos na sala se viram para me encarar.

– Acho que falo por todo mundo: puta merda! – diz Wendy.

– Como você pôde não me contar isso? – queixa-se mamãe.

– Agora eu é que vou bater em você – digo a Phillip.

Ele dá de ombros.

– Cada um por si.

Então Alice fica de pé e, de forma nitidamente deliberada, deixa a caneca de café e o pires caírem no chão, onde viram caquinhos. Ela olha em volta para todos nós, as lágrimas se formando em seus olhos.

– Inacreditável – diz.

E antes que alguém possa abrir a boca, imaginar que bicho a mordeu, Alice se vira e passa por nós correndo e chorando e se lança escada acima. Um segundo depois, todos damos um salto quando a porta do meu antigo quarto bate, fazendo todas as luzes do primeiro andar se apagarem.

CAPÍTULO 23

11h45

EU NUNCA HAVIA entrado num Porsche. O de Phillip é bem baixo, de forma que sinto cada ondulação da estrada, cada pedrinha, através do assento de couro duro. O piso do carro está coalhado de garrafas plásticas de refrigerante e embalagens de sanduíches, e o cinzeiro, repleto de guimbas retorcidas e notas fiscais de postos de gasolina.

– Belo carro – comento.

Ele passa a terceira e acelera.

– Sei o que você está pensando.

– E o que estou pensando?

– Que eu sou um ferrado e que Tracy é rica e que só estou com ela porque ela me sustenta e porque posso dirigir carros como este.

– Por que você está com ela?

Phillip solta um suspiro e balança a cabeça.

– Estou tentando crescer, Judd. Sei que meio que assumi o papel do ferrado da família, mas, acredite ou não, não é isso que eu quero ser. E, depois de quebrar muito a cabeça, achei que talvez um tipo melhor de mulher fosse um bom começo.

– Então você não está com ela por causa de dinheiro. Está usando-a em troca da classe que ela tem.

– Não estou usando Tracy. Não mais do que ela a mim. O amor não é isso? Duas pessoas que satisfazem as necessidades uma da outra?

Dou de ombros.

– Minha mulher passou o último ano do nosso casamento dormindo com meu patrão. Não me pergunte sobre o amor.

– Sua mulher grávida.

– Minha mulher grávida.

Phillip dá um risinho.

– Parece que surgiu um bom concorrente para o papel de ovelha negra da família.

– Parece que sim.

– A propósito, como você está lidando com isso?

– Fazendo o máximo possível para não pensar no assunto.

– É o que eu faria – diz Phillip, com ar de aprovação. – Então, onde é que eu deixo você?

– Como assim? Achei que íamos almoçar juntos ou algo assim.

– Eu preciso resolver uma coisa.

– Essa coisa é uma pessoa?

– Obrigado pela fé que você deposita em mim.

Olho pela janela e vejo um bando de gansos que passa voando numa formação em V – dando o fora daqui enquanto é tempo.

– Não é falta de fé em você, Phillip, mas na humanidade em geral.

– Puxa, como você é dramático.

– Muito bem, me deixe no Kelton's.

– O rink de patinação?

– É.

Phillip me lança um olhar interrogador.

– Vai patinar, é?

– Preciso checar uma coisa.

Phillip me lança um olhar irônico.

– Essa coisa é uma pessoa?

Então, sem aviso, ele dá uma guinada e passa por cima da faixa amarela dupla para ultrapassar a minivan à nossa frente. Por um instante encaramos o tráfego no sentido contrário e a nossa mortalidade. Um segundo depois, ele volta para a pista e, sem reduzir a marcha, vira à esquerda no cruzamento, praticamente sobre duas rodas. A força centrífuga me atira contra a porta.

– Meu Deus do céu, Phillip!

Os pneus do Porsche ganham tração e disparamos rua abaixo sob um coro de buzinas raivosas de todos os motoristas que ele quase matou. Phillip suspira.

– Dirigir um Porsche é como comer uma modelo – diz ele, e aposto que sabe do que está falando. – Nunca é tão bom quanto parece.

12h20

Penny patina de costas e em círculos, ao som de Huey Lewis & the News. Ela voa pelo gelo, suas pernas movimentando-se como chicotes e tesouras ao executar um salto e depois uma pirueta. Usa uma calça de ginástica preta e um agasalho cinza surrado, o cabelo preso num gorro de esqui preto. Ela se move de maneira graciosa e confiante, o rosto corado por causa do frio, e não me vê tremendo dentro da minha camisa polo, sentado na primeira fila da arquibancada. Por um instante me apaixono novamente por ela... *If this ain't love, baby, just say so...* Acabou a música de Huey Lewis & the News e agora entra a Dream Academy cantando “Life in a Northern Town”. Por que todos os riques de patinação ficaram congelados na década de 1980?

Penny ganha velocidade e depois desliza de costas pelo gelo, segurando uma das pernas acima da cabeça. Ao passar, seus olhos por acaso recaem nas arquibancadas e ela me vê. A surpresa a desequilibra, fazendo-a cair sentada. Mas ela logo se põe de pé, limpando os flocos de gelo que grudaram na calça.

- Tudo bem aí? – pergunto.
- Você me deu um susto – responde ela.
- Foi sem querer.
- É proibido pisar no gelo sem patins.
- Ah, certo, me desculpe.

Volto para o piso de borracha.

Penny vai patinando até a porta e me lança um olhar longo e avaliador. Depois, vasculha um dos bolsos da camiseta e me joga uma chave.

– Tem patins de hóquei na prateleira dos equipamentos para aluguel. Pegue um par e venha para cá.

- Eu não estava pretendendo patinar.
- E eu não estava pretendendo cair sentada diante de um ex-namorado. As coisas acontecem. Relaxe.

– Nunca fui seu namorado.

Penny ri.

- Amigo de cama, então.
- Nós nunca chegamos até o final.
- Nem nunca vamos chegar se você continuar corrigindo as palavras que eu uso.

Os patins de hóquei exalam um fedor que sugere que alguma coisa caiu ali dentro e morreu. Eu me apronto e volto para a pista de gelo em menos de

cinco minutos.

Fazia anos que eu não patinava. Parei de jogar hóquei mais ou menos na mesma época em que me casei, mas é algo que não se esquece, como andar de bicileta, e rapidamente nos lembramos dos movimentos. Enquanto eu calçava os patins, Penny diminuiu as luzes e ligou os efeitos de iluminação de discoteca, então agora estamos patinando ao som de “Time After Time” em meio a um universo escuro de estrelas azuis giratórias, como se tivessem nos transplantado para uma comédia romântica, e tudo o que me resta é dizer uma frase de efeito e beijar Penny no meio do rink enquanto a música à nossa volta fica cada vez mais alta. O final feliz está garantido. *If you’re lost you can look and you will find me, time after time.* Penny sempre teve uma incurável atração por atos solenes de romantismo, como pular no rio de roupa e tudo e dar longos beijos debaixo da chuva. Ela sonhava com Richard Gere em seu uniforme de gala da Marinha levando-a nos braços para fora da fábrica, sonhava em dizer a Tom Cruise que se apaixonara por ele à primeira vista. Mas dificilmente nós dois podemos nos considerar destinados a um final feliz. Depois de todo esse tempo, não passamos de estranhos um para o outro, cada um fingindo o contrário por diferentes e tristes razões. Sequer sei se estou aqui por ela ser alguém que amei um dia ou porque simplesmente me sinto solitário e desesperado e muito frustrado sexualmente e nosso passado me permite uma espécie de vantagem inicial. E tem alguma coisa estranha em Penny, alguma coisa meio que faltando. Eu não deveria estar aqui, mas em casa, enlutado pelo meu pai e me adaptando à realidade de eu mesmo me tornar um, e continuando a investir toda a minha energia em me desapaixonar por Jen.

Ainda assim... A pele alva de Penny quase brilha no gelo, e as mechas de cabelo que escapam do seu gorro flutuam à sua volta enquanto ela desliza ao meu lado, e ela tem algo de perfeitamente lindo. Observo seu perfil com o canto do olho, o nariz levemente curvo, as maçãs do rosto esculpidas, os grandes olhos esperançosos que sempre parecem prestes a marejar. *If you fall I will catch you I’ll be waiting...*

– Quer patinar de mãos dadas?

Olho para Penny para ver se ela está brincando. Não. Penso em lhe contar sobre o bebê, mas algo me impede. Eu gostaria de dizer que é por ainda não ter me adaptado à realidade, mas na verdade o motivo provavelmente é bem

mais egoísta. Pego a mão dela e patinamos em meio às constelações que giram sem parar. Sua mão está coberta por uma luva preta de lã, e a minha é uma pata fria e áspera. Mal consigo sentir a mão dela. Eu podia estar segurando qualquer outra coisa.

12h55

Um sujeito gordo com um bigode de leão-marinho e um chaveiro tilintante aparece para abrir o rinkue ao público. Ele acena para Penny e depois some numa sala dos fundos. Passado um instante, a música cessa, as luzes tornam a se acender e as estrelas desaparecem. Nada de mãos dadas debaixo dessas frias luzes fluorescentes. O leão-marinho reaparece dirigindo um velho aplanador de gelo.

– Sabe o que seria legal? – diz Penny quando estamos saindo da pista de patinação.

– O quê?

Ela me examina durante um bom tempo.

– Nada não, retiro o que eu disse.

– Ah, o que você ia dizer?

– O momento passou.

Ela sorri e dá de ombros. Com o dedo, solto uma fina mecha de cabelo que ficou presa em sua boca.

– Obrigado pela patinação – digo. – Eu estava precisando.

– Gostei de você ter vindo – diz ela.

Um de nós, ou ambos, talvez esteja mentindo.

13h

Penny já começou sua primeira aula do dia, e Phillip, naturalmente, está atrasado. Estou sentado num banco do estacionamento, vendo os outros professores de patinação chegarem, mulheres esbeltas em camisetas baby look e calças de ginástica que não deixam nada para a imaginação. Elas se cumprimentam com acenos e risos. Todas, assim como Penny, têm corpos

esguios e definidos e caminham com uma graciosidade atlética até a entrada do ringue. Encolho a barriga e retribuo seus sorrisos mecânicos quando elas passam por mim, tentando com todas as minhas forças não parecer estar dando uma conferida no material, ainda que as calças colantes tornem essas bundas chamativas mesmo a quilômetros daqui.

13h35

Volto de carro com Phillip, que está um tanto mais desanimado que antes. A capota do conversível está abaixada, de forma que o sol da tarde nos atinge sem piedade, aquecendo o frio remanescente da pista de gelo. Ele estaciona diante da casa e ficamos ali sentados um instante, nos preparando para voltar lá para dentro.

– Se não estivéssemos num beco sem saída, eu provavelmente continuaria dirigindo sem parar – diz Phillip.

– Sei como é, maninho. Mas os problemas iriam atrás de você.

– Sei não, este carro é bem rápido. Como foi a patinação?

– Meio estranha, para ser franco. Como foi a sua excursão misteriosa?

– Não havia nenhum mistério. Eu só precisava ficar sozinho para clarear a cabeça.

– E clareou?

– Não. Foi só uma forma de falar.

Sorrimos com tristeza um para o outro. Por algum motivo, sentado ali com meu irmão caçula, me ocorre que jamais veremos nosso pai de novo, o que provoca uma desolação esmagadora bem dentro da minha barriga. Costumávamos fazer um número de ventríloquo para meu pai. Phillip se sentava no meu colo e, enquanto eu tentava fazer a apresentação, de repente se virava e me dava um beijo no rosto. Então eu gritava com ele e ele dizia “desculpe” naquela voz esganiçada e rouca de desenho animado, e papai ria até ficar roxo. Não sabíamos por que ele achava tanta graça nisso, mas adorávamos ser capazes de fazê-lo rir, e por isso repetíamos o número a torto e a direito. Até que, a certa altura, paramos. Talvez papai tenha parado de achar graça, talvez eu tenha me convencido de que já estava crescendo demais para aquilo, talvez Phillip tenha perdido o interesse. Nunca se sabe quando há de ser a última vez que veremos nosso pai, ou beijaremos nossa esposa, ou

brincaremos com nosso irmãozinho, mas sempre há uma última vez. Se conseguíssemos nos lembrar de todas as últimas vezes, jamais pararíamos de sofrer.

– Phillip – digo.

– Fale.

– Sua camisa está do avesso.

– O quê? Merda. – Depois de despi-la, ele comenta: – Devo ter passado a manhã toda com a roupa pelo avesso.

Concordo lentamente com a cabeça, engolindo a mentira, sentindo-me triste e velho e sem disposição para a conversa.

– Já vi coisas mais estranhas que isso – concluo.

CAPÍTULO 24

15h20

HOJE O PRÊMIO de Visita da Shivá Impropriamente Autocentrada vai para Arlene Blinder, uma vizinha obesa e de cara amarrada com grandes extensões escuras de varizes lhe subindo pelas pernas grossas e salpicadas de manchas. Sem dúvida é uma descrição nada bonita, mas a vista das cadeiras da shivá é ainda pior. Só pernas para onde quer que viremos, e, quando erguemos os olhos, queixos duplos e pelos nasais. E Arlene Blinder está longe de qualquer possível noção de uma pessoa em forma. A pequena cadeira alugada some debaixo de seu traseiro enorme como se tivesse sido engolida, e as finas pernas de metal rangem e gemem quando ela se instala. O marido de Arlene, um varapau chamado Edward, senta-se mudo a seu lado, que é como todos estão habituados a vê-lo. Em algum lugar deve haver um escritório que ele frequente, um trabalho que execute, mas se de fato ele fala, ninguém exceto Arlene jamais ouviu.

– Ah, estamos aumentando a cozinha – diz ela, como se alguém tivesse perguntado. – Um verdadeiro pesadelo. Primeiro, escavaram a fundação e descobriram uma rocha do tamanho de um carro. Precisaram trazer um monte de equipamento e levaram quatro dias para removê-la. Então, depois que chegaram ao fundo, me disseram que os alicerces antigos tinham cedido e que eles precisariam escorar o restante da casa. Não faço ideia do que eles queriam dizer com isso, só sei que vamos ter que desembolsar mais 15 mil dólares. Se eu soubesse que seria assim, nem teria começado.

Só para constar, há outras visitas, um punhado de mulheres de meia-idade e rostos simpáticos, mulheres atraentes nos primeiros estágios de ruína, lutando para manter a idade a distância com plásticas faciais, cintas e saias agressivamente na moda compradas na promoção da Neiman Marcus e da Nordstrom. Essas mulheres correm em esteiras, têm personal trainers e jogam tênis no clube, mas seus quadris se alargam, as pernas engrossam, os peitos

desabam. A genética ajuda algumas mais que outras, mas todas parecem picolés derretendo, lentamente escorrendo pelo palito conforme se desfazem. Ali, sentadas caladas em volta de mamãe enquanto Arlene incansavelmente ocupa o palco como um elefante majestoso, existe algo em suas expressões que tanto pode ser sabedoria quanto resignação.

– E ontem eles derrubaram o encanamento de água e não pude tomar banho...

– Eu realmente não precisava saber disso – resmunga Wendy.

– Olhe só a cadeira dela – sibila Phillip.

Com efeito, as pernas da cadeira dobrável começam visivelmente a se vergar, e toda vez que Arlene gesticula, a cadeira estremece e parece afundar um pouco mais.

– E o empreiteiro está fazendo outras duas obras no bairro. Na casa dos Jacobson, está reformando a área da piscina, e para os Duff, construindo uma salinha de TV. Por isso tem dias que ele nem aparece, e quem diz que o homem atende o celular? Então sempre que surge um problema, o que acontece praticamente todo dia, eu preciso pegar o carro e ir atrás dele.

– Quando isso vai acabar? – indaga mamãe, e durante um minuto acho que ela está perguntando quando Arlene vai parar de nos encher o saco.

– É o que eu gostaria de saber – responde Arlene. – Nesse ritmo, não vou ter cozinha durante as festas, e meu Roger ficou de vir com meus netos.

O Roger dela foi da minha turma, um garoto morbidamente obeso cheio de migalhas de comida na camisa, mas que um dia criou um programa de computador que vendeu por milhões, comprou uma casa no vale do Silício e mandou vir uma noiva das Filipinas.

– Vai valer a pena quando ficar pronto – diz mamãe, tentando encerrar a conversa.

– Se eu não tiver morrido até lá – retruca Arlene, que então se dá conta da grosseria potencial da observação.

Antes, porém, que o constrangimento do momento possa se cristalizar em algo desconfortável, ouve-se um agudo som de rachadura: é a cadeira de Arlene que finalmente cede, levando-a ao chão com um grito. Segue-se um momento de silêncio atônito, do tipo que para o tempo e o estica como chiclete. A criança interior que existe em cada um de nós luta para reprimir uma risada típica de colégio. É preciso várias mulheres para ajudar Arlene a ficar de pé sobre os pés inchados. Olho para Edward, que se levantou da própria cadeira, mas foi empurrado para fora do círculo de mulheres

esforçadas, e nossos olhares se encontram. Talvez seja fantasia minha, mas posso jurar que nesse momento ele tenta reprimir um sorriso que, se liberado, dividiria seu rosto em dois.

15h50

A queda de Arlene tem o eficiente efeito de esvaziar a casa, o que permite que todos discutam a notícia de que vou ser pai.

Mamãe: Se for menino, espero que você pense na ideia de dar a ele o nome do seu pai.

Linda: Que maravilha, Judd. Acho que você vai ser um ótimo pai.

Wendy: Jen está de três meses? Ela não tem nem uma barriguinha. É melhor você ver se ela está comendo direito.

Phillip: Wade pode ter ganhado a batalha, mas você venceu a guerra. Ao menos os seus carinhos sabem nadar!

Tracy: Que maravilha, Judd. Se você encarar isso com uma atitude positiva, vai ser a maior experiência da sua vida.

Paul: Isso significa que eu talvez precise rever a minha teoria de que Jen se mandou porque você é gay.

Phillip: Vou ser tio.

Wendy: Seu retardado. Você já é tio.

Phillip: Eu quis dizer que vou ser de novo.

Mamãe: Tudo indica que o relacionamento de Jen com Wade seja intensamente sexual. Isso pode muito bem ser o fim para os dois. As prioridades dela vão mudar. Vocês podem acabar voltando.

Barry: Meu pessoal de Nova York está preparando a documentação. Vamos ter que aliviar um pouco as taxas de juros, mas vamos conseguir. Pode acreditar, na atual conjuntura econômica, todo mundo quer que esse negócio saia.

CAPÍTULO 25

16h20

RYAN E COLE estão na piscina. Cole usa boias do Homem-Aranha presas aos braços para não afundar. Ele e Ryan se divertem em um infundável ciclo que consiste em pular de um dos lados e depois sair da piscina para pular de novo. Wendy está sentada bem na ponta do trampolim, suspensa sobre a água, folheando uma revista de fofocas, enquanto eu belisco de uma travessa de salgadinhos deixada em cima de uma das espreguiçadeiras. Serena adormeceu em seu carrinho, sob uma sombrinha. O sol começa a deixar o perímetro do pátio, e os mosquitos ainda não deram o ar da graça. É a melhor hora para ficar aqui fora.

– Nossa, como estou gorda – comenta Wendy, apreciando fotos de celebridades anoréxicas.

– Você acabou de ter um filho, relaxe.

– Tive filho há sete meses. Tenho feito dieta e corrido todo dia, mas mesmo assim continuo parecendo a bolha assassina. Nem troco de roupa na frente do Barry.

– Acho que engordei um pouco – digo, dando uma dentada num biscoitinho coberto de marzipã.

Ela me examina criticamente.

– Você está meio flácido na cintura. É melhor tomar cuidado. Afinal, agora você vai ficar nu na frente de outras mulheres.

– Que os anjos digam amém.

Wendy ri.

– Jen tem um corpaço. Nem sei o que eu daria para ter as pernas dela. E os peitos. E a bunda. Espero que você não esteja contando que vai encontrar outra assim. Existem poucas, e elas não costumam transar com divorciados desempregados sem abdome definido.

– Ora, você conhece o meu lema. Se não der sorte de primeira, baixe o

padrão.

– Mamãe! – grita Ryan. – Olhe o que eu sei fazer!

– Estou olhando, amor – diz Wendy, alheia, ainda concentrada na revista. – Bom, vamos torcer para que essa gravidez traga algumas estrias e uma barriguinha a Jen. Nenhuma mãe deveria ter uma barriga chapada como aquela. Simplesmente não é justo.

– Encontrei Penny hoje.

Wendy larga de lado a revista.

– Penny Moore? Ela está bonita?

– Sei lá. Acho que sim.

– Casou? Divorciou? Tem filhos? O quê?

– Não está casada. Dá aulas de patinação e trabalha à noite na loja.

– Na nossa loja? Ela trabalhava para papai?

– É.

– Então Penny Moore vai ajudar você a se recuperar. Fantástico!

– Não. Encontrei com ela por acaso.

– Bem-feito para ela, depois do jeito que provocava você no colégio.

– Ela não me provocava e ela não vai me recuperar coisa nenhuma. É só uma velha amiga.

– Ela atíçou você durante o terceiro ano inteiro. E se não significa nada, por que então você falou disso agora?

– Só estou comentando.

– Sou sua irmã, Judd. Você não comenta nada com a sua irmã. Você quis dizer o nome dela.

– E agora estou arrependido.

– Ah, vê se cresce, Judd. Você foi largado pela sua mulher e está há séculos sem sexo. Agora surgiu um filho na história e só Deus sabe que confusão isso vai ser. Essa gravidez pode ser a melhor coisa que já aconteceu com você, mas carrega em si um prazo: você tem cerca de seis meses para dar um jeito na sua vida, se preparar para ser pai e começar a se importar com alguém que não seja você mesmo. Se eu fosse você, parava de enrolar. Você gosta da Penny, assumo que gosta dela e vá em frente. Talvez ela lhe dê aquilo de que você precisa, talvez lhe dê um pé na bunda. De um jeito ou de outro, você ganha alguma coisa.

– Fui casado durante quase dez anos. Estou sem prática.

– Sem querer ofender, maninho, mas você não era propriamente um garanhão na sua época.

– Obrigado. Agora me sinto muito mais confiante.

– Só estou sendo sincera.

Horry surge pela porta dos fundos, chupando um miolo de maçã.

– Tio Stan está aí. Sua mãe quer vocês dois lá nas cadeirinhas.

– Alguém me mate – diz Wendy. – Por favor.

Ela tenta se levantar, mas o pé escorrega na revista e ela solta um grito de susto quando perde o equilíbrio e cai dentro da piscina. Fico de pé num salto, mas antes que consiga me mexer, Horry sai correndo pelo gramado e, após umas poucas e largas passadas, executa um longo mergulho na piscina. Emerge e sai nadando até onde Wendy tosse e cospe enquanto o vestido de verão boia a sua volta como uma tenda. Ryan está de pé na borda da piscina, apavorado. Cole boia e canta sozinho na parte rasa, totalmente alheio à cena.

– Você está bem? – indaga Horry.

– Estou – responde Wendy, meio perplexa quando ele a puxa como um perfeito salva-vidas. Ele a leva nadando até a borda para que ela se agarre à escada. – Ah, Horry, você mergulhou de roupa e tudo!

– Você também – diz ele. – Está tudo bem?

– Tudo. Não acredito que fiz isso. Sou uma vaca desengonçada.

– Você não é uma vaca – emenda Horry, afastando o cabelo dela do rosto.

– Você é o meu girassol.

Ela lhe sorri com ternura e toca o rosto dele rapidamente.

– Eu lembro.

– Você não é uma vaca – repete Horry, afastando-se lentamente dela. – E ele deveria tratá-la melhor.

– Obrigada – murmura Wendy, baixinho, enquanto Horry se vira e nada em direção à parte rasa.

– Tá todo molhado – observa Cole quando Horry chega à escada.

– É verdade, rapazinho.

– Brinca comigo?

– Claro – responde Horry, boiando de costas. – Brinco sim.

Wendy continua dentro da piscina, portanto é impossível dizer se o que lhe escorre pelo rosto são lágrimas ou simplesmente água.

CAPÍTULO 26

20h45

O SHOW CONTINUA. ESTAMOS todos de volta às nossas cadeiras da shivá, salvo Paul, que pediu licença para sair alegando algum assunto urgente na loja. Ninguém mais viu Alice desde o ataque que ela deu hoje de manhã, mas Tracy reapareceu, permanecendo meio afastada e sorrindo graciosamente. O restante de nós encara a plateia como uma banda de rock em turnê: mesmo repertório, público diferente. Executamos nossos tristonhos sorrisos de shivá no momento devido e repetimos as mesmas conversas vazias vezes sem fim. *Ele morreu como um passarinho*, diz mamãe. *Três filhos agora*, diz Wendy. *Sou repórter fotográfico. Acabo de voltar de um ano no Iraque, onde fiquei integrado a uma unidade dos fuzileiros navais*, diz Phillip. *Estamos separados*, digo eu.

A cada meia hora mais ou menos, alguém me pergunta por Jen. E digo que estamos separados. Então, como num jogo de telefone sem fio, a notícia silenciosamente se espalha pela sala, para que todos os presentes saibam que não devem perguntar. Mas, invariavelmente, novas visitas chegam, e alguém desinformado me pergunta de novo, e o ciclo se repete. Sinto-me mal pelos que perguntam, pois são eles que suportam o constrangimento pelo resto do grupo.

Os amigos mais próximos de minha mãe sabem há semanas. Millie Rosen traz a filha, Rochelle, que tem 27 anos, é solteira e tem uma beleza comum. Ela planta a garota diante de mim e faz tentativas dolorosamente óbvias de nos fazer conversar. O que quase todo mundo em Elmsbrook, com exceção de Millie, sabe é que não faço o tipo de Rochelle, já que não tenho seios nem vagina.

O irmão mais velho de mamãe, tio Stan, chegou com sua mais recente vadia da terceira idade, Trish, que usa maquiagem como uma drag queen, errando o contorno tanto da boca quanto da sobrancelha. Stan foi juiz de um

tribunal de recursos e ficou casado com minha tia Esther, uma mulher grandalhona e assexuada, durante quarenta anos. Depois que ela morreu de enfisema, Stan esperou o que calculou ser um período adequado de luto – pouco mais de duas semanas e tal – e começou a dormir com todas as viúvas disponíveis de seu condomínio de aposentados em Miami Beach. Agora está beirando os 80 e continua na ativa, já que ainda consegue dirigir e trepar. Sei disso porque ele é extremamente hábil em incluir essa informação em toda e qualquer conversa.

Tio Stan também é altamente capacitado quando se trata de flatulência, e já está aqui há tempo suficiente para que a sala exale o fedor podre de seus peidos geriátricos. As outras visitas olham em volta, torcendo os narizes e buscando o culpado ou uma via de fuga, mas são educadas demais para dizer alguma coisa.

Menos Phillip.

– Nossa, tio Stan! Esse foi péssimo. Como o senhor se aguenta?

– Foi aquele mundo de café que tomei no avião.

– Ele também tem uma alimentação rica em fibras. A combinação é como combustível de jato – explica Trish, com um risinho. Mulheres de certa idade não deveriam dar esses risinhos típicos das adolescentes.

– Trish é enfermeira – diz Stan com orgulho.

– Era – corrige Trish. – Estou aposentada.

– Mas ainda tem o uniforme – emenda Stan, piscando o olho e cutucando meu pé. – Se é que você me entende.

– Stan! – exclama Trish, embora não esteja nem de longe mortificada como deveria, na minha opinião.

Meu tio dá de ombros e depois se inclina na cadeira para expelir um pouco mais de vapores letais.

– Que Deus tenha misericórdia – murmura Wendy, baixinho.

20h45

Paul volta da loja, mas, em vez de se juntar a nós nas cadeiras da shivá, abre caminho decidido pelo corredor apinhado e desaparece no alto da escada, alegadamente para saber como está Alice.

– Por que ele pode se safar? – resmunga Phillip, parecendo ter 10 anos.

Alguém inspirou mamãe a entrar no tema da retirada das fraldas, e a sala fica em silêncio enquanto ela discursa. Mamãe é considerada uma especialista no assunto; as filhas de suas amigas ainda lhe enviam e-mails e lhe telefonam pedindo orientação nessa exaustiva batalha de fazer as crianças usarem o troninho. Há um grande e famoso capítulo em *Do berço a tudo* no qual mamãe basicamente explica a psicologia da defecação, detalhando a forma como treinou os próprios filhos, os erros que cometeu e, sem poupar termos escatológicos, os incidentes engraçados que aconteceram durante o processo. Mamãe se inspira largamente na própria experiência ao longo do livro, e nossos nomes são mencionados. São duas páginas sobre o testículo de Paul que não desceu, um longo trecho sobre os seios tardios de Wendy e um capítulo inteiro explicando como mamãe finalmente solucionou meu problema de fazer xixi na cama quando eu tinha 6 anos. Eu costumava roubar exemplares do livro dela da livraria local e jogá-los no lixão que fica atrás do posto Getty, na tentativa de tirar a obra de circulação. Quando eu estava no sexto ano, meus colegas afinal descobriram o livro, e desde então nunca mais tive sossego. Foi naquele ano que aprendi a brigar.

Conforme se empolga com o assunto, mamãe volta a ser uma palestrante, enunciando, gesticulando e enxertando piadinhas de algibeira que as amigas já devem ter ouvido milhares de vezes mas das quais ainda riem porque mamãe está de luto. Assim, ela entretém o grupo com toda a sabedoria que adquiriu sobre crianças e seus hábitos de banheiro. O silêncio é tão grande que, quando um outro som surge, todos o ouvimos. É indiscernível no início, um ruído de estática e o que parece uma criança sem fôlego, mas então a voz de Alice se faz ouvir, alta e cristalina, através da babá eletrônica de Wendy, posicionada no hall de entrada. E o que Alice diz é o seguinte:

Você já está duro?

Mais resfolegar e um gemido grave. Então Alice diz:

Coloque logo em mim.

Depois vem um instante de silêncio, logo seguido pelos gemidos curtos e agudos de Alice e os rosnados de Paul, e eis que estão os dois dando início às atividades. Todas as vinte e poucas visitas presentes ficam sentadas em estado de choque, os olhos esbugalhados, quando mamãe para de falar e se vira para a babá eletrônica.

Mais forte. Eu quero mais forte, grita Alice.

Fale baixo!, rosna Paul.

Isso, meu amor. Goze em mim. Goze agora.

– Nunca imaginei que Alice fosse do tipo de falar – comenta Phillip. – Legal.

– Botei Serena para tirar um cochilo lá mais cedo – anuncia Wendy para a plateia. – Acho que esqueci de tirar a babá eletrônica. Culpa minha.

Phillip se reclina na cadeira e abre um sorriso.

– Acho que isso não deveria estar me deixando tão feliz assim.

– Ora, pelo amor de Deus, gente – exclama mamãe, severa. – É só sexo. Todos vocês já fizeram. Alguns podem até fazer hoje à noite.

– Eu vou – diz Stan, chutando de novo minha perna. Velho safado.

É possível ouvir um alfinete cair na sala. Isto é, não fosse pelos rosnados crescentes de Paul e os estímulos verbais de Alice – *Goze, goze!* –, repetidos sem cessar.

– Nossa energia sexual está no sangue – explica Phillip ao grupo. – Acho que vai demorar.

Linda surge miraculosamente no corredor e tira o aparelho da tomada.

– Lamento, pessoal.

Não fica claro se ela está se desculpando pelo que todos ouviram ou pelo que agora deixarão de ouvir.

– Alice está ovulando – explica mamãe.

Algumas mulheres assentem com a cabeça, compreensivas, enquanto os maridos sorriem como idiotas e olham para o teto. O burburinho abafado de conversas aos poucos retorna, como uma máquina recém-ligada, mas pouco depois, quando Paul desce e se senta em sua cadeira da shivá, as visitas emudecem, tentando não encará-lo. Tentando, mas não conseguindo. Ele olha ao redor com expressão indagadora e depois baixa o olhar para a camisa. Verifica a braguilha.

– O que foi? – pergunta, olhando para mim. – O que está acontecendo?

Antes que eu possa responder, tio Stan se levanta e começa a aplaudir, as mãos grandes e artríticas se juntando ao leve ruído dos anéis de seus dedos mindinhos, um único espectador em ovação mesmo curvado e mal se aguentando em pé.

– Sente aí, velho, antes que acabe caindo no chão – diz mamãe.

Paul torna a olhar em volta, mas depois dá de ombros e se inclina para perto de mim, fazendo uma careta.

– Quem peidou? – pergunta ele.

CAPÍTULO 27

21h30

PENNY APARECE QUANDO nosso expediente do dia na shivá já vai se encerrando.

– Oi – diz ela, ocupando a cadeira vazia diante da minha. Ela usa um vestido preto e sandálias, suas pernas de patinadora cruzadas de um jeito provocante na altura dos meus olhos. – Nunca tinha estado numa shivá.

– Está se saindo muito bem – garanto.

– Um velho tarado beliscou meu traseiro na escada quando eu estava entrando.

– Meu tio Stan. Ele é inofensivo.

– Diga isso à minha bunda. Foi como se ele quisesse arrancar um pedaço para levar de lembrança.

– Oi, Penny – cumprimenta mamãe.

– Oi, Sra. Foxman. Sinto muito por Mort.

– Obrigada. Ele gostava muito de você.

– Era um sujeito muito bacana. Todos sentimos falta dele na loja.

– É muito gentil da sua parte vir nos ver.

– Lamento não ter vindo antes. A senhora sabe que mantemos a loja aberta até as nove da noite no verão.

– Penny era a única pessoa em quem papai confiava para trancar tudo e ligar o alarme – emenda Paul.

– Não chega a ser física quântica – atalha Penny, corando. – Nossa, Wendy! Não reconheci você – diz ela, ao perceber a presença de minha irmã.

– Isso porque, ao contrário de você, eu tive a decência de envelhecer. Olhe só esse rosto. Aposto que ainda pedem a sua identidade quando você vai comprar bebida.

– Que nada – diz Penny, inquieta sob o exame detalhado de Wendy.

– Porque, cara, pelo amor de Deus – prossegue Wendy, balançando a

cabeça. – Você veste o quê, 36?

21h50

As visitas já foram todas embora e a casa serenou. Penny e eu estamos no escuro sentados na beira da piscina com os pés dentro d'água. A única claridade vem das duas lâmpadas lá no fundo da piscina, de forma que só enxergamos um leve vapor que sobe da água aquecida.

– E então, como você vai indo? – indaga ela.

– Bem, eu acho. É um convívio familiar muito intenso. Acho que vamos precisar de um ano longe uns dos outros quando isso acabar.

Ela assente, desenhando pequenos círculos na água com os dedos do pé.

– Eu moro a um pulo da casa dos meus pais. Minha mãe tem uma doença degenerativa e já não enxerga tão bem para dirigir. Por isso faço suas compras de supermercado toda terça-feira e janto com eles aos domingos.

– Bacana, hein?

Ela dá de ombros:

– Dependendo da combinação certa de remédios, até que é. Nossa, está quente aqui fora.

– É. Foi assim a semana toda, um forno.

– Mas as noites normalmente são mais frescas.

– É, mas não tem refrescado nada.

– Credo, Judd. Estamos falando do tempo. Será que é porque queremos evitar alguma coisa ou simplesmente não temos o que dizer um ao outro?

– Conversar nunca foi problema para nós.

– Então vamos parar com essas amenidades ridículas, está bem?

– Combinado.

– E pelo amor de Deus, vamos entrar na piscina logo. – Ela se levanta, e não posso ver direito seus olhos, mas sei que estão me provocando. – Vire-se – diz ela.

Eu obedeço, e segundos depois ouço um leve ruído na água quando ela entra suavemente. Dou meia-volta e vejo o montinho escuro do seu vestido no chão. Tiro minha camisa polo e minha calça de brim. Hesito um instante quanto à cueca. Com ou sem, eis a questão. O que será que Penny decidiu? À luz fraca vinda das profundezas da piscina, é impossível saber. Entro na

piscina de cueca. Mais garantido.

Ela se apoia em um degrau da escada enquanto abro caminho na água uns 30 centímetros a sua frente. Passados alguns momentos, meus olhos se habitua ao suficiente e consigo fixar os dela. Tenho um flash de Horry e Wendy olhando um para o outro neste exato lugar algumas horas atrás, nesta piscina mal-assombrada que parece trazer à tona amores mortos e enterrados.

– Tenho pensado em você, Judd.

– Eu também.

– Acha que quer me beijar agora?

Deslizo até onde ela está e cubro sua mão com a minha na escada. Assim, de perto, dá para ver o tentador perfil de seus seios, molhados e reluzentes, no ponto em que somem dentro d'água.

– Sabe... – começo.

Mas então, sei lá como, já estamos nos beijando, profunda e lentamente, nossas línguas se tocando, ganhando velocidade. E o gosto dela é exatamente como eu me lembrava e no mesmo instante me leva de volta àquelas noites de amassos e peles suadas no porão, e posso sentir seus mamilos rijos de encontro ao meu peito, seus dedos subindo pelas minhas costas até o pescoço, pressionando o ponto em que a coluna encontra o crânio.

Fazia mais de dez anos que eu só beijava Jen, e havia muito tempo que não nos beijávamos assim, com bocas ansiosas e línguas famintas, o tipo de beijo tão sensual que você chega a pensar que poderia ficar só nas preliminares. Estou beijando outra mulher, e a consciência desses lábios se abrindo de encontro aos meus numa rendição úmida, desses dedos serpenteando pelo meu peito, dessas coxas macias e nuas em volta do meu quadril é ao mesmo tempo excitante e surreal. Se uma mulher está disposta a me beijar assim, é válido pensar que, no devido tempo, outras também se disponham, e pela primeira vez desde que flagrei Jen e Wade na cama sinto algo próximo a otimismo com relação ao meu futuro.

Passado um tempo, Penny para a fim de recuperar o fôlego, ofegando um pouco ao se virar para descansar os braços na borda da piscina. Coloco-me às suas costas e ponho as mãos na lateral de cada um de seus braços, apertando meu peito contra seu corpo. Ela inclina a cabeça para trás de modo a apertar o rosto contra o meu.

– Isso é tão bom... – diz ela.

Meu corpo se cola ao dela, e quando minha ereção, forçando debaixo d'água a cueca ensopada, se molda suavemente à curva de seu traseiro, Penny

emite um leve gemido.

– Olhe, tem uma coisa que eu quero lhe contar – digo.

– Amanhã você me conta – diz ela, apertando o corpo com força de encontro ao meu. – Por enquanto vamos continuar o que estamos fazendo.

22h25

Penny partiu agora há pouco, depois de me beijar mais algumas vezes. Agora estou excitado e latejante e não consigo dormir, então, por algum motivo descabido, ligo para o celular de Jen.

– Alô?

É a voz de Wade. Eu devia ter imaginado que ele estaria aqui. Wade não é o tipo de homem que deixaria passar a oportunidade de transar num hotel. Desligo, aguardo um minuto e torno a ligar.

– Alô? – diz ele, com um pouco mais de ênfase, como se o misterioso interlocutor não o tivesse entendido da primeira vez.

É o celular de Jen. Por que diabos ele está atendendo? Desligo e torno a ligar. Dessa vez o tom dele é baixo e ríspido:

– Judd.

Ouçoo sua respiração um bom tempo e depois desligo. Da vez seguinte, é Jen quem atende.

– Oi, Jen.

– Judd – diz ela, provavelmente fazendo um movimento de cabeça sardônico e resignado para Wade.

Eu os imagino deitados na cama, ele correndo seus dedos grossos desde a coxa nua até a curva do traseiro dela, enquanto com a outra mão acaricia seu pau grosso e semiereto, preparando-o para ela. Se Wade tivesse câncer de pâncreas umas cinco vezes eu ainda acharia que era pouco sofrimento.

– Então, vamos ser pais.

– Já é tarde, Judd. Podemos conversar amanhã?

– Ah, desculpe. Estou interrompendo de novo?

– Não, só estou exausta.

– Você teria me deixado? – pergunto, surpreendendo a nós dois. – Se eu não tivesse flagrado vocês, você acha que teria largado a mim ou a ele?

Posso ouvi-la engasgar do outro lado da linha.

– Eu sinceramente não sei – responde Jen.

Essa é uma daquelas perguntas para as quais é impossível ter uma resposta certa, mas mesmo assim a que ouço dói.

– Lamento incomodar você. Volte a dormir.

– Podemos conversar amanhã?

– Podemos. Talvez. Não sei.

– Espero que sim.

– Tchau.

Espero uns três minutos e ligo para o celular de Wade.

– Alô? – atende ele.

Desligo. É uma pequena vitória, mas acabamos aprendendo a obtê-las onde é possível.

Jamais se case com uma mulher bonita. Venere-as se não puder evitar, vá para a cama com elas se conseguir – afinal, todo mundo deveria ter conhecimento carnal da perfeição física, ao menos uma vez na vida –, mas tenha certeza de que casar com ela é uma roubada. Você nunca vai deixar de se sentir um penetra em sua própria festa. Em vez de se considerar sortudo, vai passar a vida tenso, esperando o punhal que há de perfurar seu coração como uma bala de revólver.

23h55

Estou em disparada por corredores escuros. Atrás de mim, ouço o tilintar da plaquinha de identificação do rottweiler, o ruído de suas patas arranhando o chão, o grave gorgulho de sua respiração à medida que ele se aproxima. Estou suando e sem fôlego, e por mais que tente, não consigo ganhar velocidade. Então viro à direita e minha perna protética se solta, ressoando escandalosamente ao cair no chão de madeira. Com um grito eu desabo, e embora o cão ainda não esteja em cima de mim, acordo com um pulo sabendo que logo ele estará.

CAPÍTULO 28

ALICE TAYLOR ESTAVA encostada a uma parede durante a festa na casa de Jeremy Borson, tomando ponche batizado em um copinho de plástico e rindo de alguma coisa que uma amiga dizia. Tínhamos nos tornado mais próximos nos últimos meses. Ela começara a tocar meu braço quando conversávamos e a caminhar mais perto de mim pelos corredores, de modo que vez por outra nossos quadris se roçavam. Poucos dias antes, voltando a pé da escola para casa, eu, num impulso, peguei sua mão ao senti-la encostar na minha, e Alice não a puxou de volta, na verdade segurou a minha também, e percorremos o restante do caminho de mãos dadas, sem jamais mencionar o fato. Pela primeira vez na minha trajetória pelo ensino médio me pareceu que uma namorada estava ao meu alcance. Iríamos nos encontrar no dia seguinte no shopping para comer hambúrguer e assistir a um filme, e eu estava decidido a segurar sua mão de novo, quem sabe até lhe roubar um beijo durante a sessão.

E lá estava ela, na festa de Jeremy Borson, vestindo um short jeans que deixava à mostra suas pernas macias e bronzeadas e um suéter com gola em V, seu cabelo castanho anelado preso por uma faixa. Mesmo enquanto ria com as amigas, vi seu olhar se desviar por cima do copo para encontrar o meu, vi os sorrisinhos sub-reptícios endereçados a mim e a luz cintilando no seu brilho labial. Havia algo de novo naqueles sorrisos, algo ousado e promissor, e comecei a abrir caminho em meio ao monte de gente, invocando meus recursos e sorvendo meu ponche alcoólico para tomar coragem. Talvez déssemos uma escapulida para um pequeno passeio e eu a beijasse aquela noite. Eu tinha certeza absoluta de que ela queria isso.

A sala estava abafada e atordoante. Tears for Fears se esgoelando no aparelho de som, garotas dançando desengonçadas no quadrado aberto pela prudente remoção de uma mesinha de centro, adolescentes amontoados na sala lotada, copos sendo erguidos bem acima da cabeça para que as bebidas não derramassem. Aqui e ali, casais se agarravam junto às paredes, e aqueles

sem classe iam para o jardim a fim de se lamberem e se apertarem com privacidade. Corria o boato de que havia vômito no toalete, pornografia ao vivo no porão, substâncias ilícitas na garagem.

Não sei exatamente o que aconteceu. Alguém esbarrou em alguém do outro lado da sala, talvez bancando o engraçadinho, ou quem sabe por mero acidente, mas viramos uma espécie de peças de dominó suadas, caindo uns por cima dos outros, até que fui atirado contra Tony Rusco, que estava com uma garrafa de cerveja na boca naquele exato momento. A garrafa bateu audivelmente em seus dentes e ele cuspiu a cerveja toda na camisa. Virou-se, então, enxugando o rosto no braço, e sem qualquer preâmbulo me deu um chute no saco.

Se você não tem bolas, ou se de alguma forma conseguiu levar a vida sem jamais tê-las machucado até hoje, então perdeu uma das experiências mais repletas de nuances de agonia já conhecidas pelo homem. É o piano da dor: melodia, harmonia, baixo e percussão no mesmo instrumento.

Primeiro você não sente nada. Um surpreendente volume de nada, até. Nenhuma dor, apenas ruído branco e o choque de ter sido atingido ali, no lugar mais delicado do seu corpo. E como a dor ainda não surgiu, você ousa ter a esperança de que nunca chegue, de que o impacto tenha sido menos direto do que imaginou a princípio. Até que a dor finalmente chega, tal qual o trovão vem sempre depois do relâmpago. De início não passa de um leve ronco, uma vibração grave e constante de desconforto. Caso se tratasse de uma nota musical, seria uma daquelas muito baixas na escala, usadas nos filmes de terror para criar uma sensação horrível de medo, de escuro, de monstros cheios de presas à espreita, prontos para dar o bote. É uma vibração carregada, porque você sabe que uma nota tão grave só pode ir em uma direção. E conforme sente a dor entorpecente, latejante, que emana do centro do seu ser, do seu âmago, você pensa consigo mesmo: *Posso aguentar isso, isso não é nada, posso nocautear essa dor com uma mão nas costas*, e esse é exatamente o instante em que você se vê de repente de joelhos, dobrado em dois e sem fôlego, sem lembrança alguma de como chegou àquela posição. E agora a dor se espalha por todo lado – no saco, nas entranhas, nos rins, nos músculos contraídos do traseiro, onde você jamais sequer pensou haver musculatura. Seu corpo está tenso demais para respirar direito e você baba porque sua cabeça está inclinada, e seu coração não consegue acompanhar a velocidade do sangue, e você sente que vacila, mas não lhe sobraram músculos para ajudá-lo a corrigir o problema, por isso você acaba caindo de

lado, os nervos se fundindo em grumos de angústia, os olhos revirados como se você tivesse acabado de segurar um fio desencapado em plena chuva.

Não existe mesmo sensação igual no mundo.

Rusco não tinha nada a ver com a festa. Havia se formado dois anos antes, um pequeno milagre considerando-se seu histórico de suspensões por brigas, drogas e vandalismo. Agora operava uma empilhadeira no depósito de um dos atacados de móveis que existiam aos montes na Route 9 e levantava halteres com os colegas no pátio de entrada. Corria o boato de que ele apontara um canivete para o Sr. Portis, nosso professor de educação física já meio velho, que acabara sofrendo um colapso nervoso; de que espancara o leão de chácara no bar Dark Horse quando se recusaram a lhe servir uma cerveja; de que dera uma surra no próprio pai quando estava no oitavo ano.

Por isso, mesmo que eu tivesse conseguido me levantar àquela altura para brigar, ele só iria me derrubar de novo, razão pela qual simplesmente me enrosquei em posição fetal enquanto a sala girava à minha volta e cores psicodélicas flutuavam sob minhas pálpebras. Rusco pousou a bota na minha cabeça e disse:

– É melhor olhar por onde anda, seu mongol.

Em seguida foi embora, e Alice apareceu ao meu lado e me ajudou a ficar de pé. Depois, ela e Jeremy me levaram para cima, para o quarto dos pais dele, onde me deitaram sobre uma colcha xadrez.

– Você está bem? – repetia Alice sem parar, enquanto eu me esforçava ao máximo para não chorar.

Eu estava gostando da preocupação e da proximidade dela, seu cabelo roçando em meu rosto quando ela se inclinava sobre mim, mas eu não tinha propriamente me saído muito bem lá fora, e nem por um decreto eu iria coroar meu vexame com um acesso de choro na sua frente.

– Ele é muito babaca – disse Alice.

Rolei na cama para longe dela e fechei os olhos. Acho que cochilei, porque quando acordei ela havia sumido, e um casal mais velho transava no banheiro dos pais de Jeremy, seus gemidos abafados reverberando nos azulejos.

Eu estava voltando para casa mancando quando Paul parou ao meu lado no Cadillac de papai. Ele ganhara acesso irrestrito ao carro desde que recebera a bolsa de estudos do beisebol; por isso, em vez de ir à festa, ele optara por ir a outro lugar e ficar trepando no banco de trás.

– Ei! – chamou ele. – O que houve?

– Nada.

– Ouvi dizer que chutaram seu traseiro.

– Não foi o traseiro.

Olhei para Paul e, surpreso, vi que ele estava vermelho de raiva.

– Entre aí – disse ele.

– Eu já deveria estar em casa.

– Que se dane. Venha comigo.

– Aonde?

Paul deu um soco no volante e olhou para a frente.

– Será que dá para entrar logo no carro?

O Cadillac cheirava a perfume e sexo, e minhas bolas latejavam a cada buraco e cada curva por que passávamos.

– Aquele babaca – resmungava Paul ao cruzar a Centre Street. – Vamos ver se ele vai gostar quando eu pisar naquela cabeça.

Eu estava com medo e com bastante dor ainda, mas me senti seguro ao lado de Paul e comovido por ele estar tão zangado porque alguém me machucara. Tínhamos nos afastado no ensino médio, mas ainda éramos irmãos, e ali estava ele, interrompendo a própria noitada, que sem dúvida contara com certo grau de nudez feminina, para ir tomar as minhas dores.

– Pare de chorar – disse ele de maneira afetuosa. – Você não pode deixar que ele o veja assim.

Era uma noite límpida, e a vizinhança estava banhada pelo brilho azulado da lua baixa. Paul percorria as ruas vazias em disparada, e fantasiei que estávamos a caminho de uma lanchonete que havia perto da estrada estadual, dois irmãos se preparando para um jantar tardio a fim de contar um ao outro detalhes de suas respectivas noites. Não éramos mais esse tipo de irmãos, mas muitas vezes eu desejava que fôssemos. Em poucos minutos estávamos estacionando diante de uma casa vitoriana deteriorada com uma varanda com o mesmo aspecto. Rusco estava no gramado da frente, empoleirado em seu aparelho de ginástica, tomando uma cerveja. Os dois amigos que haviam ido com ele à festa se encontravam sentados nos degraus da entrada, cada qual com uma cerveja na mão. Vi quando Rusco registrou minha presença no carro, quando avaliou o porte alto e atlético de Paul, que a essa altura já contornava o carro à luz dos faróis acesos do Cadillac e cruzava furiosamente o gramado, e, durante um momento memorável, quando o medo se espalhou por seu rosto e ele se deu conta do que estava havendo.

– Ei, cara – disse ele, se pondo de pé. – Isto aqui é propriedade particular. Pode ir dando o fora...

O soco de Paul acertou a boca aberta de Rusco ruidosamente, e qualquer euforia que eu estivesse sentindo se evaporou no mesmo instante. Rusco desabou com um estrondo. Ao mesmo tempo, seus dois amigos se levantaram de um salto, sem saber ao certo o que pensar de Paul, que agora estava com o pé em cima de Rusco e gritava:

– Levante-se e reaja, seu veadinho!

Saí correndo do carro e subi a calçada até Rusco, que jazia de costas, zozinho. O sangue corria de sua boca, e meu estômago se revirou quando vi que lhe faltavam dois dentes da frente.

– Esqueça isso, Paul – pedi, repentinamente apavorado. – Vamos embora.

– Venha cá, Judd – chamou Paul.

Coloquei-me a seu lado, enquanto Rusco se virava e tentava ficar de pé. Seu queixo parecia ter sido mergulhado em tinta vermelha e seus olhos se reviravam sem foco nas órbitas. Quando ele se pôs de joelhos, Paul chutou-o no estômago e o fez cair de novo. Uma luz se acendeu num quarto do andar superior e, vindo da casa, ouvi o som de latidos.

– Temos que dar o fora daqui, Paul.

– Chute o saco dele – ordenou meu irmão.

Seus olhos faiscavam, as veias do pescoço saltando contra a pele.

– Deixa isso pra lá – falei. – Temos que ir embora.

A luz da varanda se acendeu. Agarrei o braço de Paul e comecei a puxá-lo na direção do carro.

– Venha! – implorei.

Do chão, Rusco investiu com a perna, atingindo sem força o tornozelo de Paul. Meu irmão então agarrou-lhe a perna e a levantou, abrindo as coxas de Rusco.

– Chute o saco dele e nós vamos embora – disse.

O sangue acumulado no queixo de Rusco começou a lhe escorrer rosto acima quando Paul ergueu mais alto ainda sua perna. Quando ele abriu a boca para cuspir mais sangue, tive a impressão que lhe faltava também a pontinha da língua.

– Não quero! – gritei.

Então, às nossas costas, a porta da casa se abriu e uma mulher gorda surgiu, em uma calça de moletom verde e um sutiã avantajado, agarrada à coleira de um rottweiler enfurecido, que tentava se soltar com ferocidade. A mulher tinha a mesma testa projetada do filho e os mesmos olhos pequenos e desprovidos de humor.

– Que diabos está acontecendo aqui?

– Estamos de saída – respondi, minha voz falhando, enquanto recuava junto com Paul.

– Tony, o que houve? Ai, meu Deus! Você está bem?

O rottweiler rosnava e latia para nós, e sua baba voava à luz amarela da varanda à medida que ele lutava para escapar das mãos da Sra. Rusco. Estávamos quase na esquina quando ela disse “Pegue esses dois, Max” e soltou a coleira. O rottweiler desembestou escada abaixo, ao passo que nós nos viramos e saímos correndo o mais rápido possível. Eu podia ouvir as unhas do cão arranhando o cimento da calçada, e seu grunhido grave reverberava bem no fundo das minhas entranhas. Paul passou por mim na calçada e entrou no carro pela janela do carona. Subi no capô e depois passei para o teto, sentindo o metal ceder sob meu peso. Virei-me justo a tempo de ver o cão pular pela janela do carona atrás de Paul. Senti o carro sacudir debaixo de mim enquanto o animal rosnava lá dentro, e os gritos de medo de Paul se transformaram em gemidos de agonia. Berrei a plenos pulmões pedindo ajuda, berrei até minha voz falhar e se recusar a sair. Eu levaria três dias para recuperá-la, três dias que passei sentado no hospital onde os médicos operaram o ombro de Paul e fizeram enxertos de pele em seu braço esfaqueado. Berrei, chorei e urinei nas calças, pulando impotente no teto do carro enquanto Paul gritava e chorava.

Foi Rusco quem acabou tirando o cachorro do carro. Ele veio cambaleando, o queixo e a boca ensanguentados, abriu a porta com um safanão e gritou:

– Fora, Max!

Àquela altura, o frenesi que se apossara do cão já não lhe permitia obedecer ao dono, por isso Rusco puxou-o pelas patas traseiras e tentou segurá-lo. O rottweiler escapou e tentou correr de volta para o carro, latindo furiosamente, mas Rusco bloqueou seu caminho e gritou com ele. O animal dançava a sua volta, latindo e rosnando, e a princípio pensei que fosse sangue o que lhe escorria da boca, mas depois me dei conta de que se tratava de uma tira molhada da camiseta vermelha de Paul.

– Saiam daqui! – gritou Rusco. – Ele vai conseguir passar por mim!

– Segure o cachorro! – gritei histericamente do teto do carro.

Debaixo de mim, o carro estava perturbadoramente imóvel.

– Entre logo pelo outro lado!

Não me lembro de descer do teto nem de abrir a porta. Lembro-me da

cabeça de Paul prensada sob o volante e de seu corpo esparramado de maneira estranha no banco, do sangue empoçando nas aberturas entre os assentos de vinil, do fedor sufocante de sangue e merda. Paul não emitia um som quando puxei sua cabeça de sob o volante para poder me sentar, mas gemeu quando bati a porta, e eu soube assim que estava vivo. De tão ansioso para dar uma surra em Rusco, Paul sequer havia se preocupado em desligar o motor do carro, por isso consegui fechar as duas janelas imediatamente. Segundos depois, o rottweiler investiu contra a lateral do carro com um baque surdo, seus dentes rangendo de encontro ao vidro. Fiquei olhando sem reação para Rusco, atrás do cão, que devolveu meu olhar, igualmente anestesiado, o rosto manchado de sangue como o de um selvagem, enquanto o cachorro uivava e se jogava incessantemente contra o carro. A certa altura, engrenei a marcha e dei a partida devagar, para não sacudir Paul. Pelo retrovisor, vi o rottweiler nos perseguir durante algum tempo e depois parar no meio da rua para latir furiosamente para nós. Eu deveria ter dado ré para atropelá-lo, mas não fiz isso. Continuei dirigindo, e o fato de ter ignorado tal impulso se tornou mais um fantasma para me assombrar nos dias que se seguiriam. Se ao menos eu tivesse atropelado o animal. Se ao menos tivesse descido do teto do carro para ajudar Paul. Se ao menos tivesse me recusado, para começar, a entrar no carro com ele.

A determinada altura, consegui me recompor e dirigir até o pronto-socorro, mas não tenho lembrança disso. Lembro-me vagamente de uma enfermeira ter me enfiado uma agulha porque Paul perdera muito sangue, e depois meus pais apareceram e enfiaram agulhas neles também. A polícia confiscou o Cadillac por um curto período a fim de colher provas, motivo pelo qual em certo momento acordei em pânico no banco traseiro da viatura que estava me levando para casa. Meus pais passaram a noite no hospital. O policial que dirigia a viatura era um sujeito velho, e do banco de trás eu não conseguia distinguir direito seu rosto. Ele me disse que eu salvara a vida do meu irmão. Logo ficaria claro que Paul não encarava as coisas dessa maneira. O consenso mudo, evidente no olhar de raiva dele, na expressão sofrida do meu pai e na ausência de intervenção da minha mãe, era de que o irmão errado tinha sido atacado. Embora eu não soubesse na época, foi nessa noite que rompemos, e nos anos seguintes nossos cacos pontiagudos continuariam a se afastar cada vez mais, pequenos pedaços vitais se perdendo aqui e ali, até não restar esperança de algum dia voltarmos a encaixar e formar um todo.

O Departamento de Vigilância Animal sacrificou Max duas semanas

depois, após uma audiência à qual meu pai compareceu munido de fotos chocantes dos ferimentos do filho. Ações e contestações foram ajuizadas, processos criminais foram iniciados e arquivados. Poucas semanas depois, finalmente beijei Alice Taylor no escurinho de um cinema, e o que surpreendeu a nós dois foi que depois do beijo chorei como um bebê.

SÁBADO

CAPÍTULO 29

5h06

ACORDEI ESTRANHAMENTE BEM-DISPOSTO, com a barriga roncando. Subo até a cozinha, onde a geladeira atulhada me oferece sua abundância de comida-consolo. Ponho algumas fatias de queijo num pãozinho macio e me dirijo ao segundo andar. Não vou lá desde que voltei. As portas dos quartos estão todas fechadas, por isso não há muito para ver. Subo na ponta dos pés as escadas que levam ao sótão, os degraus rangendo como numa casa mal-assombrada, e saio para o telhado pela janela de acesso, subindo pelas telhas de ardósia até me sentar no ponto mais alto do frontão. Quando criança, eu costumava subir aqui para ver de cima o quarteirão todo e poder ter um momento privado de reflexão. Já Paul vinha aqui com Ereto para fumar maconha e ver fotos de mulher pelada, enquanto Wendy gostava de se bronzear esperando o esmalte das unhas secar. Não sei se Phillip chegou a desenvolver algum uso próprio para o telhado. Quando chegou a uma idade em que podia subir aqui, todos nós já havíamos saído de casa.

O Knob's End fica numa área elevada em relação ao entorno, o que permite ver um bocado daqui de cima. Dá para ver os quintais de casas a vários quarteirões, com suas piscinas, seus balanços de jardim, suas churrasqueiras, os brinquedos descartados. Dá para ver, por cima dos telhados, as pessoas se exercitando logo cedo na trilha que corre atrás do campo de beisebol, no parque municipal de Fenimore. Dá para ver o sol subir no horizonte, colorindo o céu de branco, depois de cor-de-rosa e, finalmente, de azul.

Dá para ver a sua irmã mais velha andando descalça pelo quarteirão, apenas de short e camiseta. Ela sai da casa dos Callens, às pressas, amarrando o cabelo comprido e desalinhado no caminho, e você se pergunta que diabos ela está fazendo ali a essa hora. E então, apenas minutos depois de vê-la entrar em casa, você vê Linda Callen saindo desta casa em que você está e

voltar silenciosamente para a dela. Provavelmente ajudaria ver a expressão de Linda, mas ela está de costas, por isso só resta conjecturar, refletir sobre essas duas mulheres que não se cruzam por uma questão de minutos e caminham em direções opostas com a mesma calma com que o orvalho agora derrama uma névoa na grama e no nosso rosto. E imaginar uma série de respostas com relação ao que as duas possam estar fazendo sob a claridade suave dessa hora da manhã, quando o dia começa lentamente a respirar. Dá para sentar aqui em cima, sentindo-se acima de tudo embora ciente de que isso não é real, e chegar à triste conclusão de que a única coisa que é possível saber sobre as pessoas é que você não sabe absolutamente nada sobre elas.

6h30

Saio do chuveiro para a mais completa escuridão. A essa altura isso já se tornou rotina. Enrolado na toalha, vou até a caixa de disjuntores. Dessa vez, porém, quando ligo a chave, ouço um estalar de eletricidade e vejo um clarão de luz azul. Sou arrancado da toalha e lançado para o outro lado do cômodo, onde aterrisso de costas, no limite da inconsciência. Sinto a eletricidade formigar em meu corpo, e tenho consciência de cada molécula existente em mim latejando em uníssono. Fecho os olhos e...

... tenho 3 anos e estou no parque, andando na minha moto de plástico vermelha. Faz frio, eu uso meu gorro de esqui azul-marinho e meu nariz escorre copiosamente sobre o cachecol. As rodas de plástico da moto fazem um baita barulho no asfalto rachado à medida que dou impulso com os pés para contornar uma caixa de areia de dimensões olímpicas. Não sei se estou girando na direção horária ou anti-horária. Tenho 3 anos, nada sei sobre relógios. De repente surge no meu caminho um garoto alto e gordo. Duas linhas de coriza descem do seu nariz até os cantos da boca. Ele segura um engradado cinza de leite acima da cabeça como se fosse a tábua dos Dez Mandamentos trazida do alto do monte Sinai.

– O Hulk! – grita ele para mim.

Não entendo o que está dizendo. Estou a anos de distância da Marvel, e, mesmo depois que eu descobrir os gibis, *O incrível Hulk* jamais fará sentido para mim. Ele é um mocinho ou um bandido? Nunca se sabe ao certo, e a ambivalência moral não tem lugar na infância. Tenho 3 anos e jamais ouvi

falar no Hulk, mas esse garoto sem dúvida tem uma relação íntima com ele. E talvez esteja fingindo que o engradado de leite seja um carro, ou uma casa, ou uma rocha, ou um archi-inimigo, ou sei lá o quê. Seja o que for, dói à beça quando acerta meu rosto. Então eu caio da moto, de lado, e o asfalto frio arranha meu rosto. Meu nariz e minha boca sangram e eu tusso e cuspo e choro, engasgando com meu próprio sangue.

Então sou erguido no ar por braços fortes, erguido bem acima do garoto gordo e da minha moto de plástico e do chão, e meu rosto afunda no ombro avantajado do meu salvador, que, sabe-se lá como, é duro e macio ao mesmo tempo. Sangro de encontro a seu casaco felpudo enquanto ele acaricia minhas costas e diz:

– Pronto, pronto. Está tudo bem. Está tudo bem, meu bebê.

E então ele me põe de pé num banco e tira do bolso um lenço para delicadamente limpar meu sangue.

– Aquele veadozinho pegou você de jeito – comenta ele, carinhosamente me pegando no colo de novo.

Não sei o que é um veadozinho, não sei quem é Hulk, não me lembro direito do que aconteceu, mas meu pai está me segurando e me protegendo, e estou com o rosto afundado em seu peito forte. Tenho consciência do garoto gordo em algum lugar ali embaixo, mas sei que o veadozinho não pode me alcançar aqui em cima.

6h32

Ao voltar a mim, deparo com o rosto preocupado de mamãe.

– Judd – diz ela, baixinho. – Espere um pouco para se levantar.

Vejo olheiras profundas sob seus olhos, e desse ângulo as raízes grisalhas de seu cabelo emolduram a parte superior de seu rosto. Mamãe parece cansada e velha, e sinto uma onda de ternura por ela. Continuo latejando.

– Ele me chamava de “meu bebê” – digo.

– O quê, querido?

– Quando eu era pequeno. Papai me chamava de “meu bebê”.

Mamãe me olha e sorri.

– Eu lembro – diz ela, massageando meu peito.

– Você está chorando – digo.

– Você também.

E agora sinto a umidade abundante no meu rosto, e pisco em meio a mais lágrimas, mamãe entrando e saindo de foco.

– Sinto saudade dele – falo, e algo em mim se rompe.

Então mamãe emite um grito angustiado e baixa a cabeça para soluçar em meu peito enquanto choro entre o emaranhado macio do cabelo dela, e assim ficamos durante um bom tempo.

CAPÍTULO 30

8h06

COMO É SÁBADO, o ritual da shivá está suspenso, todos os sinais externos de luto postos de lado em honra ao sabá. Ereto aparece para avisar isso. Usa um terno preto e camisa preta e parece preparado para sair para a balada.

– Vocês ainda estão de luto, claro – diz ele –, mas hoje não haverá visitas, não haverá obediência ostensiva à shivá.

– Então é tipo um dia de folga – observo.

– Não exatamente – corrige ele, olhando para mamãe, que assente, e depois de novo para nós. – Hoje de manhã, vocês vão todos ao templo para rezar o Kadish no culto matutino.

– Kadish?

– A prece pela alma do falecido.

– Por que não podemos rezar aqui? – indaga Paul.

– O Kadish é rezado como uma espécie de diálogo. Isso só pode acontecer com um *minyan*, um quorum de no mínimo dez homens presentes para responder.

Paul olha exasperado para o amigo de infância. *Ah, me poupe!* Mas Ereto apenas retribui o olhar e dá de ombros. *Não fui eu que criei as regras.*

Paul é o primeiro a resignar-se:

– A que horas começa o culto?

Ereto consulta o relógio.

– Daqui a 25 minutos. É melhor se vestirem.

8h15

O terno que usei no enterro jaz no chão do porão numa trouxa amorfa desde

aquele dia, razão pela qual mamãe me leva a seu quarto e pega um dos ternos de papai para mim. Papai só usava dois tipos de terno: azul-marinho e preto. O preto que mamãe escolheu cai impecavelmente em mim, exceto pelo detalhe de que a calça deveria ser uns 2 centímetros mais comprida. De certa forma fico surpreso, porque sempre achei que ele fosse mais alto que eu. Nunca cheguei perto o bastante para conferir.

De tempos em tempos, obedecendo a algum relógio interior, papai do nada decidia levar todos nós ao templo em um sábado de manhã qualquer.

– Vão tomar banho – dizia ele. – Paletó e gravata.

Paul e eu nos vestíamos resmungando. Nessas ocasiões, Wendy tinha permissão para usar a maquiagem de mamãe, por isso acabávamos todos esperando na sala enquanto ela se esmerava em aplicar blush e batom. Nesse meio-tempo, mamãe enfiava o pequeno Phillip nos andróginos conjuntos de marinho que papai tinha medo de fazerem o garoto virar gay.

Os quipás que havia na caixa de madeira na entrada do santuário eram pretos e feitos de um náilon tão fino que um ventinho de nada vindo dos aparelhos de ar-condicionado já bastava para arrancá-los do nosso cabelo cacheado e fazê-los sair voando como asa-deltas. Mamãe os prendia com grampos em nossas cabeças, enquanto papai jogava sobre si um xale de oração amarelado pelo tempo, como uma estola. Então o seguíamos até o interior do santuário, toda hora parando para esperar papai apertar a mão de alguém e dizer “Bom sabá”. Depois o imitávamos, apertando as grandes e calejadas mãos daqueles homens, inspirando o aroma fresco de suas loções pós-barba e suas balinhas de menta para o hálito.

O rabino Buxbaum descia de seu lugar para nos receber calorosamente, seu sorriso obscurecido pelo desenhado bigode grisalho.

– Senhores – dizia ele com uma piscadela, enfiando caramelos duros em nossas mãos ao apertá-las.

Passados dez minutos, mamãe era obrigada a sair com Phillip para deixá-lo correr nos corredores da escola hebraica que frequentávamos esporadicamente e papai fechava os olhos e balançava de leve em seu assento, cantarolando junto com o chantre as melodias litúrgicas de que se lembrava da época de sua juventude semidevota. Paul improvisava um gol com dois dedos abertos na beira do livro de orações, e eu tentava acertar lá dentro os papéis amassados dos caramelos. Se papai nos flagrava, nos dava

um tabefe na nuca e nos mandava parar com a palhaçada. Wendy ficava sentada ereta, cruzando e descruzando as pernas, observando os vestidos e trejeitos das mulheres e passando em revista os bancos à procura de garotos bonitinhos.

Quando terminava o culto, havia vinho sacramental e sucos no salão. Enquanto meus pais conversavam com outros adultos e comiam patê de arenque e doces, Paul e eu roubávamos os *schnapps* servidos em copinhos de plástico da mesa de bebidas e tentávamos não engasgar quando o álcool descia queimando pela garganta. Às vezes um garoto arrumava uma bola de tênis e todos partíamos para o terreno atrás da sinagoga a fim de jogar um arremedo de beisebol, em mangas de camisa. Ao meio-dia estávamos de volta em casa, os ternos pendurados, as camisas empilhadas na mesa de jantar para serem mandadas à lavanderia, enquanto papai e mamãe se entocavam no quarto para um “cochilo” vespertino. Tudo acontecia apenas duas vezes ao ano, às vezes três. Houve anos em que simplesmente não aconteceu, mas eis que, do nada, chegava um sábado em que papai vinha nos acordar com seu bordão: “Paletó e gravata, meninos. Paletó e gravata.” Acho que a frequência foi diminuindo ainda mais à medida que crescíamos, até que, na época da minha adolescência, íamos ao templo apenas por ocasião do Rosh Hashaná e do Yom Kippur.

Certa vez, quando eu já tinha idade suficiente para refletir sobre essas coisas mas ainda não o bastante para saber que não existem respostas críveis, sussurrei no ouvido de papai durante o culto do Rosh Hashaná:

- Você acredita em Deus?
- Não muito – respondeu ele. – Não.
- Então por que nos traz aqui?

Ele se concentrou, pensativo, na pastilha de antiácido que derretia em sua boca, passou o braço à minha volta, me deixando sob o xale de oração bolorento, e depois deu de ombros.

- Já me enganei algumas vezes.

E isso basicamente resume a teologia existente no lar dos Foxmans.

9h40

O Kadish só pode ser rezado pelos parentes de sangue do falecido, motivo

pelo qual Barry, Tracy e Alice optaram por não vir. Quem pode condená-los? Meus irmãos, mamãe e eu chegamos ao templo com uma hora de atraso, mas Ereto reservou um banco inteiro para nós. Ainda sinto todos os olhares no salão cavernoso sobre nós quando atravessamos a nave, meus irmãos e eu pouco à vontade em nossos quipás negros e esvoaçantes e em nossos xales de oração surrados, que pegamos no cabide da entrada, jogando-os sobre os ombros como estolas. Ereto usa um longo xale de oração branco com uma gola decorada com filetes de prata que tilintam feito uma cota de malha metálica. Ele desce como um espírito de sua cadeira alta na plataforma central para abraçar dramaticamente cada um de nós à medida que nos instalamos no banco. A mim tal gesto parece gratuito, já que nos vimos uma hora atrás – tão gratuito como quando os anfitriões dos programas de entrevistas recebem calorosamente seus convidados embora seja óbvio que conversaram com eles nos bastidores antes do programa.

E ele está definitivamente se exibindo. Vem a largas passadas pelo centro da nave como um candidato político, apertando a mão dos membros da congregação, reservando aos mais jovens um abraço rápido e uma palmadinha nas costas, inclinando-se para dar beijos no rosto das mulheres, despenteando o cabelo cuidadosamente penteado das crianças, tudo isso enquanto deseja a todos um bom sabá, num alto sussurro teatral cujo objetivo é se fazer ouvir acima do canto do chantre. Nitidamente, Ereto está ciente de todos os olhos sobre ele e se regala com a atenção de sua plateia cativa.

Ereto se tornou o tipo de rabino cuja agenda parece consistir unicamente em fornecer provas às gerações mais novas de que o judaísmo é maneiro, de que os rabinos podem ser descolados e de que ele, Charlie Grodner, é um cara estiloso. Daí o terno Armani, a abundância de produtos no cabelo, as costeletas fashion, o solitário de brilhante na orelha esquerda. Ereto é um astro do rock, só que da sinagoga, e se isso é feito para vender Deus à juventude atual ou simplesmente para sublimar suas fantasias não realizadas de ser um Led Zeppelin, quem há de saber? Eu até que gostaria de lhe conceder o benefício da dúvida, mas é difícil ver propósito divino no homem que rabiscava imagens anatomicamente corretas de sexo anal nas folhas do caderno de trigonometria.

O templo não mudou desde a minha infância: o teto de estuque, o pé-direito alto, a arca de madeira desbotada lá na frente contendo um punhado de Torás, cada uma adornada por uma capa de tecido e uma coroa de prata; as várias placas “*In Memoriam*” nas paredes, cada nome acompanhado por uma

minúscula lâmpada laranja a ser acesa anualmente no aniversário de morte da pessoa. Os homens mais velhos com xales de oração jogados sobre seus ombros vergados e seus blazers desbotados, chupando bala e acompanhando o chantre na cantoria; os mais jovens, em seus melhores ternos e seus quipás vincados. As mulheres vestidas com esmero, os livros de orações equilibrados no colo sobre bolsas de grife. As janelas de vitrais filtrando a luz do sol em uma inclinação alterada, com as devocionais escritas em caligrafia negra. E a grande plataforma elevada lá na frente, na qual Ereto agora sobe para se dirigir à congregação, e onde a prateleira de leitura do rabino está diretamente posicionada sob a Luz Eterna pós-moderna, poucos metros adiante da arca.

– E aí, pessoal? Bom sabá, Elmsbrook!

Segue-se um ronco grave em resposta.

– Ora, vamos lá! Vocês sabem fazer melhor que isso. Bom sabá, Elmsbrook!

Os presentes respondem um “Bom sabá” constrangido e em alto volume.

– Assim é que eu gosto! – prossegue Ereto. – Eu gostaria de neste primeiro momento dar as boas-vindas à família Foxman, que retorna ao nosso templo. Como muitos de vocês sabem, Mort Foxman, um dos nossos membros fundadores, faleceu alguns dias atrás. Sua esposa, Hillary, e seus filhos, Paul, Judd, Wendy e Phillip, estão aqui para rezar a Kadish para ele e marcar seu falecimento perante Deus e perante a comunidade. Mort foi um empresário respeitado aqui em Elmsbrook. Muitos de nós cresceram comprando tênis e luvas de beisebol na Foxman’s. Eu mesmo, inclusive, passei boa parte da infância na casa da família dele, jogando bola com Paul e Judd...

– E fumando maconha – sussurro.

– E se masturbando – acrescenta Paul.

– E tentando pegar nos meus peitos – complementa Wendy.

– ... e ele deixa seu legado, sua ética profissional e seus estritos valores para os filhos e os netos os passarem adiante. Que o Senhor console a família entre os enlutados de Sion.

– Amém – respondem os presentes.

– Eu gostaria de chamar Hillary e os filhos até o bimá agora, para rezar a Kadish para seu amado marido e pai, Morton Foxman.

Levantando-se primeiro, mamãe percorre a nave em seu salto agulha como se estivesse numa passarela. Os homens mais velhos a acompanham com olhares de apreciação, entre eles Peter Applebaum, que deslavadamente

contempla seu traseiro durante todo o percurso.

– Será que ela não podia arrumar uma saia mais comprida para vir ao templo? – resmunga Wendy.

Meus irmãos e eu a seguimos até o bimá, uma mesa mais alta na parte frontal da nave. Chegando lá, o chantre entrega a cada um uma folha laminada com as palavras da Kadish escritas em hebraico e traduzidas.

– Basta ler devagar e fazer uma pausa nos travessões para as respostas – instrui ele. – Vai dar tudo certo.

– Muito bem, gente – diz Paul. – Todo mundo no “três”, entenderam?

– *Yit’gadal v’yit’kadash sh’mei raba* – entoamos.

– Amém – responde a congregação, se pondo de pé.

– *B’alma di v’ra khir’utei v’yam’likh mal’khutei...*

Declamamos as ancestrais palavras hebraicas sem nenhuma ideia do que significam, e a congregação responde com mais palavras que tampouco eles entendem. Estamos reunidos num sábado de manhã para trocar algaravias, e seria de esperar que nestes tempos irreligiosos a experiência soasse vazia, mas, sabe-se lá por quê, não é isso o que acontece. Nós cinco, em grupo, lado a lado sobre o bimá, lemos as palavras em voz alta lentamente, e a congregação, esses velhos amigos, conhecidos e estranhos, responde, e por razões que não consigo nem começar a enunciar, tenho a impressão de que algo está realmente acontecendo. Nada tem a ver com Deus ou com nossos espíritos, mas com a palpável sensação de boa vontade e apoio que emana em ondas de todos os bancos a nossa volta, e não consigo deixar de me emocionar. Quando chegamos ao fim da página e o último “amém” é dito, lamento que tenha acabado. Eu poderia ficar ali em cima um pouco mais. E quando descemos para voltar ao banco, um rápido exame da tristeza que umedece os olhos da minha família me diz que não sou o único a me sentir assim. Não me sinto nem um pouco mais próximo de meu pai do que me sentia antes, mas ali, por um momento, fui consolado, e isso já é mais do que eu esperava.

10h12

Enquanto o chantre continua sua cansativa cantoria, meto a mão no bolso do terno de papai e encontro o que parece ser um lenço de papel velho e

amarfanhado, mas que na verdade, depois de uma inspeção mais detalhada, é um grosso e promissor baseado. Pego o cigarro na palma da mão e mostro minha descoberta discretamente a Phillip. Não sei o que brilha mais, seus olhos ou seu sorriso.

– Preciso ir ao banheiro – diz ele, levantando-se e dirigindo-se ao corredor. Minutos depois eu vou também.

O banheiro cheira a virilha emplastrada de talco, por isso saímos dali e descemos para os corredores escuros da Escola Hebraica do Templo Israel. Phillip encontra uma sala de aula destrancada, e nos sentamos nas minicadeiras, ainda cobertos por nossos xales de oração.

– Onde você arrumou esse bagulho? – pergunta ele.

– No terno do papai.

– Papai era chegado? – pergunta Phillip. – Agora tudo faz sentido.

– Cale a boca. Devia ser medicinal. É receitado para pacientes com câncer.

– Prefiro pensar que de vez em quando papai gostava de fumar um baseado e refletir sobre o universo.

– Pense o que quiser, mas acenda essa porcaria.

Alguns minutos depois, estamos esparramados em nossas carteiras minúsculas enquanto as letras tridimensionais do alfabeto hebraico coladas no quadro negro flutuam acima de nós em meio a uma bruma fumacenta.

– Você ainda sabe ler hebraico? – pergunta Phillip.

– Duvido – respondo. – Mas conheço as letras.

– *Alef, bet, guimel, dalet...* – recita Phillip.

– *Hê, vav, zayin, chet, tet, yud* – prossigo.

Recitamos solenemente o restante do Alef-Bet juntos, como um salmo fúnebre, e, quando acabamos, nossas vozes ecoam por um instante na sala.

– Tenho saudade do papai – diz Phillip.

– Eu também.

– Eu me sinto muito sozinho. Agora quando eu fizer merda ele não vai estar aqui para me ajudar.

– Acho que somos oficialmente adultos agora.

– Bobagem – diz Phillip, dando uma tragada extralonga no baseado.

Ele expele um anel perfeito de fumaça e, no meio, adiciona um jato. Phillip é um especialista em habilidades inúteis. Ele sabe acender um fósforo com a unha do polegar, abrir uma garrafa de cerveja com os dentes, levar um cigarro do maço à boca com apenas um movimento do pulso, tocar a abertura de *Guilherme Tell* batendo com os dedos na papada embaixo do queixo,

arrotar o hino nacional, peidar quando quer e deslocar o ombro a pedidos.

– Acha que é por isso que você está com Tracy? – pergunto. – Porque quer sentir que tem alguém para cuidar de você?

Phillip me passa o baseado preguiçosamente.

– Sei lá, mas gosto muito mais dessa teoria do que daquela que me acusa de estar tentando dormir com a minha mãe.

A porta da sala se abre de supetão.

– Que diabos está havendo? – pergunta Paul. – Ah. Santo Deus.

– Ou entra ou sai – digo.

– Eu devia ter imaginado.

Ele entra na sala e fecha a porta.

– Aprendemos com o mestre – declara Phillip.

– Quero um pouco. – Paul dá uma tragada e se senta numa das cadeiras. – Caraca! Isso aqui é uma pancada. Onde vocês arrumaram?

– Papai – respondo, indicando o paletó. – Um presente do além.

– Eu nunca imaginaria que papai era adepto de maconha.

– As pessoas mudam – comenta Phillip.

– As pessoas são o que são – diz Paul, recostando-se na cadeirinha para dar uma outra tragada generosa. – Sinto muita saudade dele.

– Somos dois – digo.

– Três – acrescenta Phillip.

Um raio de sol entra pela janela, atravessando a espessa nuvem de fumaça de um jeito que faz pensar em Deus e no céu, e ficamos ali sentados assando dentro dos nossos quipás e xales de oração, três irmãos perdidos e enlutados, o impacto pleno dessa perda só agora começando a ser registrado.

– Eu amo vocês – diz Phillip, no minuto em que o alarme de fumaça dispara e os sprinklers entram em ação.

10h25

Felizmente, os sprinklers do templo ficam numa zona diferente e provavelmente são acionados de forma independente, o que impede que os fiéis se ensopem ao deixar o prédio. Na sala de aula, porém, chove copiosamente sobre nós, enquanto Phillip pega o que restou do baseado, ainda aceso, e o engole inteiro, com a segurança de alguém que faz isso

rotineiramente. Os sprinklers também foram ativados no corredor, e passamos correndo pelo temporal a teto fechado, parando diante das portas corta-fogo que levam ao saguão. Espiando pelos estreitos visores da porta, vemos a multidão atravessar o saguão e sair pelas portas de vidro para o gramado frontal da sinagoga.

– É só agirmos naturalmente – instrui Paul. – Misturem-se.

Parece bastante fácil, mas apenas porque estamos chapados demais para prever que três homens ensopados talvez se destaquem.

Com a roupa molhada, sinto frio no ambiente refrigerado. Tiramos nossos xales de oração empapados e nos juntamos à congregação que passa pelas portas. Logo nos vemos no estacionamento, aquecidos pelo sol do final da manhã.

– O que vocês fizeram? – grita mamãe, seus saltos finos tinindo no asfalto enquanto ela vem furiosa na nossa direção. Wendy vem atrás, adorando cada minuto.

– Nada – responde Phillip. – Foi um alarme falso.

– Olhem só para vocês três!

– Vocês estão cheirando a alojamento de faculdade – comenta Wendy, torcendo o nariz.

– Vocês fumaram maconha na sinagoga? – indaga mamãe, indignada.

– Claro que não – diz Paul.

– Não – respondo.

– Quem está com fome? – pergunta Phillip.

A distância, ouvimos a sirene dos carros dos bombeiros.

– Merda – exclama Paul.

Mamãe se encosta num carro, enfurecida.

– A culpa é minha.

– Que alívio – digo. – Agora será que podemos dar o fora daqui?

Justo então, porém, Ereto surge da multidão e vem até nós, caminhando a passadas largas e resolutas, o cenho franzido e o rosto vermelho de raiva.

– O que foi isso, Paul? – ele exige saber.

Paul dá de ombros.

– Alarme falso, imagino.

– E vocês três foram os únicos a se molhar.

– Pois é, muito azar mesmo.

Ereto cola o rosto no de Paul e o fareja.

– Isso é cheiro de maconha.

– Você é o especialista aqui.

Os dois amigos de infância se encaram por um instante e depois desviam o olhar. As regras mudaram. Ereto suspira.

– É melhor saírem daqui antes que a polícia chegue.

– Ótima ideia – diz Wendy. – Vamos, mãe. Eu dirijo.

– Obrigado, amigo – agradece Paul, dando uma palmada no ombro de Ereto.

– Andem logo.

– Obrigado por tudo – acrescento, apertando a mão dele. – Bom sabá.

– Isso aí, obrigado, Ereto – emenda Phillip.

Ereto lança um olhar estranho para ele.

– Esta é a última vez que você me chama de Ereto, ouviu?

Phillip olha para mim e balanço a cabeça. *Não faça isso.*

– Ah, me desculpe, Ereto.

Ele avança sobre Phillip, mas Paul agarra Ereto e o faz dar meia-volta, sussurrando em seu ouvido, enquanto arrasto Phillip para o jipe de mamãe:

– Credo, Phillip. Dá para crescer, cara?

– Preciso ser eu mesmo – diz ele, com um sorriso maroto.

Wendy olha por cima do teto do carro de mamãe e sorri, satisfeita, para nós três:

– Vocês não escapam mesmo do inferno.

CAPÍTULO 31

13h05

ACORDO NO PORÃO e levo um susto ao descobrir que Alice está deitada ao meu lado, de barriga para cima, olhando para o teto.

– Ele se mexeu – diz ela.

Fico momentaneamente desorientado. A última coisa de que me lembro é de ter descido para cá a fim de despir o terno ensopado. Fazia anos que eu não fumava maconha, e esse cochilo me pareceu tão profundo quanto uma noite de sono pesado.

– Que horas são?

– Pouco mais de uma hora – responde Alice, se virando de lado para me encarar e descansando o rosto sobre a mão. – Você dormiu quase duas horas.

– Cadê todo mundo?

– Paul foi trabalhar. Os outros estão todos na piscina.

– Você não está.

– Nem você.

Ela se espreguiça um pouco, a parte de cima dos seus seios subindo e transbordando do vestido decotado.

– O que está havendo, Alice?

– Você está de olho nos meus peitos.

– Seus peitos estão na minha cara.

Alice ergue o corpo e se apoia num dos cotovelos, puxando para baixo o decote do vestido até fazer emergirem os seios nus, redondos e inteiros.

– Você sempre gostou dos meus peitos.

– Como não gostar?

Penso que isso deve ser um sonho, um sonho estranho e pervertido, porém não de todo desagradável.

– Eu me senti mal pelo jeito como reagi quando soube que Jen estava grávida. Eu devia ficar feliz por você, mas em vez disso só me senti mal por

mim mesma.

– Bastava um pedido de desculpas – digo.

– Não há nada no mundo que eu deseje mais do que ter um filho – emenda ela. – Você sabe disso, não sabe?

– Sei.

Ela se aproxima, de modo que seus seios estão agora perigosamente próximos. O quarto começa a girar de leve. *Que diabos havia naquele baseado, pai?*

– Dá para você guardar isso aí?

– Já, já. Primeiro quero que você me escute – diz Alice.

– Está bem.

Alice respira fundo e me olha fixo nos olhos.

– Há dois anos estou tentando engravidar. Não ovulo regularmente. Meu ciclo jamais voltou ao normal depois que parei com a pílula. Tomo um remédio para ovular, e meus óvulos foram aprovados, mas Paul não quer fazer o espermograma. Andei pensando que talvez eu aumentasse as minhas chances se você me desse um pouco do seu.

– Você quer meu esperma?

– O seu parece ser eficiente.

– O que Paul acha disso?

– Paul não vai saber nunca. Este será o nosso segredo. E você e eu nunca saberemos se foi o seu esperma ou o de Paul que funcionou. Na verdade, é perfeito. Um bebê parecido com você também vai se parecer com Paul.

– Tem tanta coisa errada com essa ideia que nem sei por onde começar.

Alice se vira, quase caindo em cima de mim, o rosto a apenas milímetros do meu.

– Você não vai me ajudar, Judd? Por favor! Esqueça Paul, esqueça tudo e todo mundo. Já gostamos muito um do outro um dia. Vínhamos a este porão e transávamos bem aqui onde estamos deitados agora. E talvez isso tenha acontecido para que você pudesse ajudar a mim e a Paul agora.

– Se você e Paul precisam do meu esperma, eu posso doar. Mas não desse jeito. Podemos ir a um médico. Credo, Alice, veja bem o que está fazendo!

Ela se senta na cama, corada e furiosa.

– Há dois anos eu vou a médicos, Judd. Já são dois anos de agulhas e hormônios e um especialista atrás do outro. Você tem ideia de como isso é exaustivo? Há dois anos faço xixi em tirinhas de papel e choro até dormir. Tudo o que Paul precisa fazer é vir para casa e transar comigo quando estou

ovulando, e na metade do tempo ele nem se dá esse trabalho. Ele até fumou maconha hoje! – Alice começa a chorar. – Ele sabia que eu estava ovulando e veio para casa chapado.

– Ei, calma, vai dar tudo certo.

Nunca consegui resistir ao choro de uma garota. Não sei o que isso diz a meu respeito, mas não deve ser coisa boa. Faço menção de tocar seu ombro, mas ela pega minha mão e a aninha em seus seios, que parecem atrair toda a luz do porão mal iluminado.

– Por favor, Judd – sussurra ela. Então, sem jamais tirar os olhos dos meus, ela escorrega para baixo na cama, baixando minha cueca até os meus joelhos. Sinto suas lágrimas quentes caindo nas minhas coxas. – Por favor.

Ela ergue o vestido, e vislumbro um tufo escuro de pelos pubianos pouco antes de ela agarrar meu pau, vergonhosamente duro como um câmbio de marcha, e montar em mim.

– Alice, não.

Então ela me escorrega para dentro de si, e ali dentro está bem molhado, provavelmente por causa de todo aquele estrogênio que ela toma, e eu não faço sexo há muito tempo, e assim que o peso dela se acomoda sobre meu corpo e ela começa a se mexer, explodo ali dentro. Ela me aperta com suas coxas, balançando-se de leve em cima de mim, a mão no meu peito para se apoiar. Passado um instante, Alice enfia os peitos de volta no vestido e, inclinando-se para a frente, planta um beijo rápido e doce na minha boca.

– Obrigada – diz ela. – É o nosso segredinho.

Lá embaixo, saio de dentro dela com um leve e culpado *plop*.

14h

Eu me apaixono duas vezes a caminho do Marriott, onde vou encontrar Jen para um drinque. A primeira é por uma garota que está levando o cachorro para passear. Ela veste um short branco e uma camiseta sem manga que revela um pedacinho de sua barriga lisinha e bronzeada, é loira com um cabelo despojadamente desalinhado e tem uma pele fantástica, mas não é só isso: ela parece legal e tranquila; uma amante de cães, mas não aquele tipo de pessoa que beija o próprio cachorro na boca e anda com sua foto na carteira e lhe manda cartões de aniversário. O cachorro é um tipo de terrier, e se eu lhe

perguntasse, ela me diria que na verdade ele não passa de um vira-lata e que no minuto em que o viu no abrigo soube que o levaria para casa. Ela está rindo ao celular, dentes alvos e bonitos, e mesmo não ouvindo seu riso sei que é contagiante. Parece ser alguém que não faz drama por causa de ninharias, que fica feliz em sair para comer uma pizza e assistir a um filme ou apenas por dar um longo passeio e simplesmente ir dormir. O cachorro não vai dormir conosco, porque o barulho que fazemos durante o sexo o atira – por mais que ela seja um tantinho tímida em público, na cama sua sensualidade flui sem inibições. E depois de terminarmos, ficamos ali deitados, suando e exaustos, no emaranhado úmido dos nossos lençóis, e ela me diverte com histórias de sua fase lésbica experimental na faculdade, depois se dirige, nua, a seu escritório para trabalhar na mais recente capa de livro que lhe encomendaram, porque ela é uma designer gráfica altamente requisitada e tem prazos a cumprir.

A segunda mulher, eu a vejo no carro parado ao meu lado no sinal de trânsito. É morena, tem cabelo preto comprido e olhos cor de carvão. Ela tamborila no volante e canta junto com a música que toca no rádio. Quando vê que a observo, seu sorriso envergonhado é caloroso e direto, e consigo perceber que ela é uma das pessoas mais bacanas que existem, engraçada e abordável, jamais tem algo de ruim a dizer sobre quem quer que seja. Na verdade, só vamos discutir quando eu tentar convencê-la de que alguém é realmente um babaca e ela é que não consegue ver isso; vou ficar frustrado, mas então ela vai sorrir, e eu vou me lembrar do que me faz querer estar com ela, de como ela é boa e generosa e como me torna uma pessoa melhor e como todos os meus amigos a adoram e como ela é legal com meu filho, e que ela desafina no chuveiro e que, quando estou meio para baixo, ela me abraça por trás na cama e passa os lábios nos meus ombros, cantarolando baixinho com a boca colada na minha pele até me desestressar.

Então o sinal abre e ela vai embora, assim como a designer que gosta de cães partiu antes dela, ambas voltando para suas vidas charmosas e descomplicadas e de iluminação suave. E eu? Eu estou aqui de luto por meu pai e comendo minha cunhada e me apaixonando por estranhas no caminho para ir encontrar minha ex-esposa que dormiu com meu patrão e agora está, simultaneamente, se divorciando de mim e esperando meu filho. Sinto-me como o motorista que perde um segundo a mais mexendo no celular e ergue os olhos bem a tempo de ver a frente do carro bater na mureta de proteção da estrada e despencar no abismo.

14h17

Vejo olheiras escuras sob os olhos injetados de Jen, e ela mexe nervosamente o copo de *ginger ale*. Estamos no Clubhouse Grille, situado numa área reservada do lobby do hotel. Os únicos outros clientes são um grupo de comissários de bordo a algumas mesas de nós, rindo e bebendo em seus uniformes azuis, suas maletas enfileiradas como sentinelas. Vai haver um casamento esta noite no Marriott, e o lobby fervilha de atividade, os responsáveis pela festa correndo de um lado para o outro num estado de caos controlado. Organizadores de eventos passam apressados, falando em tom de urgência em seus headsets; flores são transportadas em carrinhos; jovens magros, de tênis e vestidos de preto atravessam silenciosamente o saguão como ninjas, carregando equipamentos fotográficos volumosos. Jen está enjoada e exausta e quer conversar sobre o nosso casamento.

– Ontem foi a primeira vez que você me perguntou sobre algo relacionado a nós dois – diz ela.

– Não nos falamos com muita frequência.

– Sei disso, mas vamos ter um filho, Judd, e acho que precisamos aprender a conversar.

– Então esse bebê é seu passe livre? É isso?

Ela me oferece um sorriso cansado.

– Sei que parece horrível, mas é. Você vai ter que encontrar um jeito de me aguentar para conseguirmos fazer isso juntos.

– Talvez eu não queira fazer nada junto com você.

Ela pousa o copo na mesa e olha para mim.

– O que exatamente significa isso?

– Eu não quis esse bebê. Um dia eu quis ter um filho com você, mas isso foi antes de saber quem você era de verdade. Nosso bebê morto era o filho que eu queria. Este bebê de agora... não me parece real. Não sinto que é meu, assim como você também não é minha.

Jen examina o próprio copo durante algum tempo, e, quando torna a me fitar, seus olhos estão marejados. Por um instante me lembro das lágrimas de Alice, escorrendo-lhe pelo rosto e caindo no meu peito, mas expulso a lembrança antes que eu fique ainda mais perturbado. Um desastre de cada vez – é o que eu sempre digo.

– Acho que essa foi a coisa mais feia que você já me disse.

– Você queria conversar sobre isso. Estou conversando.

Não me lembro do que acabei de dizer, nem se queria mesmo dizer o que disse. Só sei que eu queria que magoasse. Desde que soube que esse filho é meu, e faz pouco mais de um dia apenas, consegui evitar refletir concretamente sobre a informação, que continua sendo totalmente irreal para mim, mas se eu dissesse isso a Jen, ela assentiria com um ar solidário e continuaria falando sobre sermos pais juntos, e minha cabeça já está explodindo sem eu nem ter ouvido esse papo. Os fragmentos de minha vida esvaçada giram em minha cabeça e me sinto prestes a desmontar de um jeito muito real e permanente.

– Quer saber por que comecei a me encontrar com Wade? – pergunta Jen, de um jeito suave.

Reflico por um instante.

– Para ser franco, não.

– Quando nosso bebê morreu, eu sofri essa perda. Precisava vivenciar um luto. Você agia como se tudo estivesse ótimo. Bom, talvez não ótimo, mas quase isso. “Não é uma tragédia, Jen, vamos ter outro e pronto”.

– Você está exagerando.

– Não muito.

– Então você vivenciou seu luto trepando com Wade.

Um dos ninjas deixa cair uma barra de alumínio, que rola ruidosamente pelo chão de mármore. Jen dá um pulo. O garoto diz um palavrão e pega a barra. Então um dos organizadores da festa se materializa a sua frente para lhe dar uma bronca, uma bronca bastante severa, me parece.

Jen me lança um olhar intenso.

– Você tinha parado de reparar em mim, parado de me tocar. Era como se eu tivesse falhado com você, falhado em dar segurança ao nosso filho, como se até termos outro eu nada tivesse a oferecer a você. Você não me via mais.

– Isso não é verdade.

– Você não me abraçava, não chorava comigo. Apenas desviava o olhar e falava que tudo ia dar certo, que a gente tentaria de novo quando eu estivesse pronta.

– Eu só estava tentando tranquilizá-la. Sabia como era importante para você ter um filho.

– Talvez você não quisesse fazer com que eu me sentisse assim, mas era assim que eu me sentia. E acho que, por mais errado que tenha sido, e sei que foi errado, Wade era alguém que eu não tinha decepcionado. Ele me queria, e isso nada tinha a ver com um filho. E isso o tornou atrativo para mim.

Penso no que ela está dizendo, tento me ver nesse momento do passado, naqueles dias depois que ela pariu nosso filho estrangulado, mas esse período se tornou um borrão escuro e não consigo me lembrar de muita coisa a respeito.

– Você nunca me falou nada disso.

– Estávamos em lugares muito diferentes. Eu estava de luto pelo nosso filho morto.

– Eu também.

– Você estava de olho no calendário, perguntando aos médicos quando poderíamos tentar de novo. Você diz que só estava tentando me tranquilizar, e deve ser verdade. Mas, para mim, naquele momento, era como se você já estivesse seguindo em frente, me deixando para trás. E em algum ponto você parou de me ver como sua mulher, apenas como a mãe do seu filho morto e talvez de um futuro filho. – Ela entrelaça as mãos, balança a cabeça e me dirige um breve sorriso triste. – É trágico, na verdade, se formos parar para pensar. Eu precisava que você me visse como sua esposa, e tudo o que você conseguia ver era a mãe que fracassara. E agora preciso que você me veja como a mãe do seu filho e tudo o que você vê é a esposa que fracassou.

– Você pensou bastante nisso.

– Não tenho saído muito.

– Você devia ter me dito.

– Eu disse. Você não me escutou.

– Devia ter insistido até eu escutar. Eu acabaria escutando.

– Talvez você tenha razão.

– Podíamos ter dado um jeito! – De repente estou enfurecido. – Podíamos ter dado um jeito. Mas você desistiu. Encontrou outra pessoa antes que eu sequer desconfiasse de que havia alguma coisa errada. Este filho podia ser nosso, de nós dois juntos.

– Judd – diz ela, suplicante. – Finalmente estamos conversando. Por favor, não vá.

Percebo que os comissários de bordo aos poucos se calam para poder acompanhar o pequeno drama que se desenrola ao lado deles. Lanço um longo e derradeiro olhar para Jen, para seus olhos cansados, sua expressão desesperada.

– Não consigo fazer isso.

– Por favor, não vá – diz ela, mas já estou indo, já estou contornando as mesas para sair.

A última coisa que a escuto dizer é “Isso não vai sumir do nada”. E é esse fato, por mais óbvio que seja, que drena o ar dos meus pulmões e me faz correr. Porque, mais que tudo, o que quero é que isso desapareça. Não estou pronto para ser pai. Nada tenho a oferecer: sabedoria, experiência, casa, emprego, esposa, nada disso. Se eu quisesse adotar uma criança, não me aceitariam como candidato. O que tenho é um enorme saco cheio de nada, e não há criança capaz de respeitar um pai assim. Essa era a minha chance de começar de novo, de encontrar alguém que me amasse, por mais improvável que isso seja, de descobrir o que fazer do resto da minha vida. Agora qualquer chance de um recomeço foi por água abaixo, e me tornei ainda mais patético com esse detalhe a mais de ser pai solteiro.

Sigo por um largo corredor acarpetado, a caminho do estacionamento, quando minhas pernas cedem. Procuro, cambaleando, a parede, contra a qual escorrego até cair sentado no chão. Um grupo de sujeitos de smoking, todos na casa dos 20 anos, surge de um salão de convenções, esbanjando energia nervosa. Passam de mão em mão uma garrafinha de prata e dão repetidas palmadas nas costas uns dos outros: o noivo e seus amigos. É fácil identificar o noivo pelo fraque e pela gravata branca. Ele tem pouco mais de 20 anos e boa aparência, é quase bonito, com um rosto bem barbeado e o cabelo cheio de gel. Os amigos entram num outro salão a pedido do fotógrafo, que está pronto para tirar os retratos. Naquele instante somos só eu e o noivo no corredor. Nossos olhares se encontram e ele abre um sorriso em cumprimento.

- Você está bem, cara? – indaga ele, cheio de benevolência e boa vontade.
- Estou – respondo. – Boa sorte.
- Obrigado. Vou precisar.
- Você nem imagina.

Não sou real para ele. Este é o dia do seu casamento, nada é real para ele. E eu estou de luto, e em choque, e ele não é real para mim. Somos fantasmas que se cruzam numa casa mal-assombrada, e é difícil dizer quem sente mais pena do outro. Ele ajeita a gravata e volta para o salão de convenções a fim de deixar sua ingenuidade arrogante registrada para a posteridade, enquanto eu me levanto sobre pernas trêmulas e saio para o estacionamento.

São duas horas até Kingston, até a casa em que Jen e eu vivíamos, e aqui estou eu. Entro pela porta da frente, como faço às vezes quando sei que ela e Wade não estão. Se eu tivesse um analista, ele me perguntaria o porquê da necessidade que sinto de invadir minha ex-casa, e eu lhe diria a mesma coisa que vou dizer agora: não faço a menor ideia. Só sei que de vez em quando, sem qualquer premeditação, vou lá e dou uma xeretada. Tecnicamente, a casa ainda é metade minha, e se Jen realmente não quisesse que eu entrasse, teria trocado o segredo da fechadura ou ao menos o código do alarme.

Entro no hall, tomando nota de que a mesa com a correspondência já não ostenta mais a foto em que estamos Jen e eu. A cozinha continua igual, salvo pela porta da geladeira, da qual já sumiu a foto em que Jen e eu estamos em Martha's Vineyard, assim como aquele antigo retrato meu em preto e branco da época da faculdade do qual ela sempre gostou, em que estou sentado numa cerca com meu chapéu de Bob Marley, sorrindo para ela do outro lado da câmera. Não há fotos dela e de Wade em lugar algum, o que eu bem que gostaria de enxergar como um sinal de que ela não está tão envolvida assim ainda, mas quando estamos tendo um caso ilícito há mais de um ano, simplesmente não existem muitas oportunidades para se bater fotos.

Subo a escada e escancaro a porta do nosso quarto, a cena do crime. Lá está a cama, a poltrona de leitura, a cômoda, o espelho, nada que indique que este foi um marco zero marital. Vou até minha antiga cômoda e abro uma gaveta ao acaso. Encontro lá dentro um punhado de cuecas e meias escuras de Wade. A gaveta de baixo contém uma coleção de camisas polo e camisetas. No armário estão penduradas algumas calças jeans e dois ternos. Pelo que estou vendo, Wade se transferiu apenas com o básico, não tudo. Ainda não se desfez de sua casa. Puxo dos cabides as calças dos ternos e depois pego no banheiro uma tesoura. Tiro da geladeira uma embalagem de meia-dúzia de cervejas, que carrego comigo para o escritório, onde assisto *Mad Max* sem som na TV de plasma enquanto, com delicadeza, vou puxando as costuras das pernas das calças, deixando apenas o suficiente para mantê-las unidas, de modo que não se separem até que ele dê alguns passos, de preferência no trabalho, diante de uma grande plateia. Depois de guardar as calças de volta no armário, abro a gaveta da mesinha de cabeceira. Encontro uma carteira com um punhado de notas de 100, um frasco de remédio em que se lê Naproxeno, mas que sei, com base em visitas passadas a esta mesma casa, que contém seu estoque de Viagra, um talão de cheques, algumas moedas, notas fiscais de compras, uma *Sports Illustrated*, um carregador de

celular e a chave reserva da sua Maserati. Ponho no bolso o Viagra e 300 dólares.

No porão, encontro uma caixa cheia de antigos álbuns de fotografias nossos. Puxo um e o folheio. Nossa viagem ao Caribe, alguns anos atrás, na esteira da perda do bebê; um prêmio de consolação de duas semanas. Esbanjamos dinheiro nos hospedando numa *villa* particular. Havia a praia, uma piscina, um toboágua e um cassino. Criamos uma regra: nada de falar sobre o bebê, sobre nossa vida em casa, sobre qualquer coisa importante. Ficávamos horas deitados na areia, torrando ao sol, olhando para a água azul até podermos vê-la de olhos fechados. Líamos nossos romances sem prestar muita atenção. O sol transformou nossos cérebros em gelatina. Jen levou alguns biquínis novos que exibiam seu bronzado e deixou uma nativa gorda trançar seu cabelo como o de Bo Derek. À noite, transávamos antes do jantar, com urgência e desespero, esfolando nossos genitais, nos beijando até deixar os lábios em carne viva.

Conhecemos lá um outro casal, Ray e Tina, de Chicago, em lua de mel do segundo casamento. Ray tinha uma concessionária da Chrysler; Tina, um cabelão, um piercing no umbigo e unhas postiças. Ela havia sido secretária dele durante anos. Não era preciso pensar muito para deduzir o que pusera fim ao primeiro casamento dele. Saímos os quatro numa incursão pela madrugada, na qual tomamos um porre com drinques feitos de rum. Tentamos dançar ao som da banda local, mas é difícil dançar reggae não estando chapado. Ray ficou de olho no traseiro de Jen. Tina era mais baixa e tinha um quadril avantajado demais, mas sua boca era sexy e carnuda – como se tivesse sido picada por uma abelha e inchado – e ela arranhava meus braços com as unhas falsas quando falava. Ray e eu nos embebedamos e ele me confidenciou que daria qualquer coisa para transar com alguém como Jen. Brincamos de imaginar como seria se trocássemos de parceiras por uma noite. De volta à nossa *villa*, Jen e eu zombamos – porém não de forma depreciativa – de Ray, com seu bigode Tom Selleck e sua grossa corrente de ouro, e de Tina, com suas unhas postiças e seu salto alto na praia.

Depois que o casal voltou para Chicago, sentimos ainda mais o silêncio entre nós. Líamos, nadávamos, nos estirávamos na praia, observávamos pessoas mais felizes que nós. Voei de parapente um dia e Jen acompanhou tudo num barco a motor, tirando fotos de mim lá no céu. No dia seguinte, Jen foi mordida por alguma criatura no mar e seu joelho inchou como um balão. Quando pegamos o avião de volta para casa, mal conseguíamos olhar um

para o outro. Será que ela já estava saindo com Wade naquela época? Ou talvez apenas flertando? Começando a redesenhar as fronteiras da própria vida? Quando, exatamente, ela cruzou essa fronteira e deixou de ser minha? A única coisa mais dolorosa do que não saber seria saber. Ter que rever cada foto em cada álbum carimbando “verdade” ou “mentira”. Não tenho estômago para tanto.

Nas costas do álbum há uma única foto fora dos plásticos das páginas. Reconheço-a: é da nossa lua de mel em Anguilla, Jen numa piscina – olhando sedutoramente para a câmera enquanto, ao fundo, a espuma das ondas salpica o mar azul. É uma daquelas fotos acidentalmente perfeitas, quando o sol está justo onde deve estar, o foco é preciso, e conseguimos pegar o fotografado em seu melhor ângulo. Contemplo a foto por um bom tempo, olhando para Jen quando ainda era Jen – quando ainda éramos nós dois. Guardo o álbum na caixa e chego a pisar no segundo degrau antes de me virar e pegá-lo de volta.

No carro, coloco o álbum virado para cima no banco do carona, onde permanece durante toda a viagem até Elmsbrook. Não consigo imaginar por que motivo.

19h45

De volta ao lar – por falta de palavra melhor ou de opção. Os vaga-lumes piscam e brilham diante do para-brisas, o cair da tarde avançando para mais uma noite úmida de verão no Knob’s End. Sinto cheiro de churrasco. Sigo os sons de vozes até o pátio dos fundos. Todos se reuniram lá para comer, enquanto Barry comanda a churrasqueira. Wendy está esparramada numa espreguiçadeira com Cole adormecido em seu colo. Os demais se encontram sentados à mesa, devorando hambúrgueres e filés acompanhados de batatas fritas e Coca diet. Paul lança uma bola de plástico para Ryan, que consegue rebater mais ou menos uma vez a cada três tentativas. Horry faz as vezes de interceptador, enquanto Phillip, mais para o lado, narra as jogadas por entre as mãos em concha: *“Que lançamento... Incrível, vai longe, obrigando Callen a se virar. Aquela bola foi fora! O milésimo home run da carreira de Ryan Hollis. A multidão enlouquece. Esta noite vai ter, Bill...”*

Mamãe e Linda estão à cabeceira da mesa, tomando chardonnay em taças

de plástico e jogando cartas. Alice está sentada com elas, lendo o jornal de domingo preguiçosamente. Fico de pé a distância, observando essa gente, esses estranhos, essa minha família, e nunca na vida me senti mais perdido e sozinho. Meu celular vibra no bolso, e torno a dar a volta na casa para atendê-lo.

– Oi – diz Penny. – Que tal um cineminha?

Minha última ida ao cinema não correu muito bem. Foi algumas semanas depois que me mudei para o porão dos Lees, e eu podia sentir as paredes se fechando ao meu redor. Por isso me forço, contrariado, a ir lá encontrar Penny. Na época em que morava com Jen, eu tinha alguns amigos. Depois da separação, fui com Allan e Mike tomar uns drinques, e erguemos nossos copos em um brinde, todos de acordo com o fato de que Jen era uma vadia desleal e eu era o mocinho naquilo tudo. Eu não sabia na ocasião, mas aquela noite foi, na verdade, minha festa de despedida. Jen ganharia a custódia das nossas amizades e eu seria descartado sem uma palavra sequer. Algumas semanas depois, enquanto eu rodava em busca de vaga no estacionamento do shopping, vi Allan e Mike com suas esposas saindo do cinema com Jen e Wade, todos caminhando lado a lado, conversando e rindo, como se a vida inteira tivesse sido assim. Tentei dizer a mim mesmo que se tratava apenas de um encontro accidental, mas era evidente, na linguagem corporal dos seis, que eles estavam juntos e provavelmente não pela primeira vez. É triste o momento em que nos damos conta de como somos substituíveis. A amizade nos subúrbios é capitaneada pelas esposas, e meus amigos eram, basicamente, maridos de amigas de Jen – aqueles que eu achava mais toleráveis. Agora que eu havia sido marginalizado, Wade entrara no meu lugar como ator substituto, uma notinha inserida no programa, e a peça continuava a ser encenada sem perder o ritmo.

20h30

A escritora é bacana, bonita até, mas de um jeito contido, neurótico e acessível. Ela dá um beijo de despedida no noivo, no atravancado porém belo apartamento de ambos, e viaja para uma aldeia de nome comicamente

impronunciável na Escócia a fim de fazer uma matéria para a revista de viagens para a qual escreve. Lá ela se apaixona por um viúvo local que treina cães pastores. O pessoal da aldeia é de uma simpática excentricidade, o viúvo tem hábitos rústicos e um corpo de nadador olímpico, e perdoamos a mocinha pelo namorico, já que seus olhos marejam lindamente quando ela fala sobre a irmã recém-falecida, e também porque o noivo dela é um grosso que flerta com a secretária gostosa na primeira cena do filme e que nutre uma paixão um tanto excessiva pelo carro esporte vermelho.

Penny e eu estamos sentados na última fileira, de mãos dadas. Ela corre os dedos da mão livre pelo meu braço, subindo e descendo e brincando com os pelinhos no meu pulso. Encosto a cabeça na dela, e temos 17 anos de novo. Damos uns amassos, nossas línguas geladas e açucaradas por causa do refrigerante, e eu não quero que o filme acabe, não porque está tudo tão gostoso, embora com certeza esteja – Penny beija com paixão e profundidade, a língua atuando na medida certa –, mas porque quando o filme acabar, as luzes vão se acender de novo e a vida real vai se materializar à nossa volta como criaturas escondidas no filme de terror que deveríamos ter ido ver no lugar deste.

E mesmo enquanto nos beijamos, minha mão agora subindo por sua saia curta e acariciando as coxas macias, os dedos dela no meu cabelo enquanto sua língua brinca com meu lábio inferior, mesmo assim estou consciente da trama que se desenrola na tela. O noivo apareceu sem avisar, está havendo algum tipo de exposição de cães pastores e acontece uma perseguição de scooter em meio a uma feira cheia de gente. O noivo acaba caindo de um precipício em sua scooter e cai num lago. Falta apenas um momento dramático e um discurso cafona para chegar o final feliz. Paramos de namorar e nos concentramos no filme durante os últimos dez minutos. A moça está no aeroporto, sozinha, tendo rompido com o noivo mas sendo tarde demais para salvar seu relacionamento com o viúvo. Mas lá vem ele, ziguezagueando pelo aeroporto num carrinho de bagagens roubado. Ele faz uma declaração em alto e bom som sobre o que aprendeu sobre dor e amor e segundas chances, proclamando o próprio amor mesmo quando os tiras o algemam. Sabe-se lá como, o cachorro fiel também está presente, ao lado de metade dos moradores da aldeia, que participaram, todos, da vinda dele ao aeroporto para impedir que a moça parta. Ela o beija enquanto ele é algemado, e ele cai, e os dois se beijam mais um pouco no chão. Ao meu lado, Penny funga diante do final feliz. Depois se inclina, morde o lóbulo da minha orelha e diz: “Quero ir

para casa.”

22h45

Penny mora no apartamento térreo de um conjunto residencial no centro da cidade, apenas a alguns quarteirões de distância da loja de papai. Há pôsteres de filmes emoldurados nas paredes – Audrey Hepburn, Marilyn Monroe, Julia Roberts – e pouca coisa em termos de mobília: um sofá de couro cor de catarro que ela deve ter comprado em promoção porque ninguém iria, voluntariamente, escolher aquele tom de verde. Não há uma poltroninha para completar o conjunto, o que considero um tanto simbólico. Um gato gordo com demoníacos olhos amarelos está enroscado no sofá, e o pot-pourri de flores distribuído em pequenos potes pela sala quase consegue encobrir o cheiro da caixa de areia do felino, escondida da vista.

Sinto um nervosismo em mim, o tipo de nervosismo que faz suar e brochar. É tarde demais quando me lembro do Viagra que roubei de Wade, agora inútil no porta-luvas do carro. Não transo com outra mulher que não Jen há mais de dez anos, se formos descontar os sessenta segundos de sexo bizarro com Alice hoje mais cedo, e pode acreditar que não estou contando esse infeliz incidente. Estou tratando-o mais como um sonho ou como a visão de um óvni, algo de que talvez seja possível falar um dia durante um porre entre amigos, mas nada nem minimamente relacionado à vida real. De qualquer forma, quando a sua mulher passou o último ano do seu casamento procurando gratificação sexual fora de casa, nada mais natural que sentir certa tensão quanto à sua performance.

Penny entra no apartamento jogando longe as chaves e apagando as luzes. Fico parado à porta, inseguro, as pernas meio trêmulas. Posso sentir toda aquela porcaria que comi no cinema abrindo caminho no meu intestino, e me sinto inchado e enjoado.

– Posso entrar? – pergunto. Minha voz soa oca e amedrontada.

Ela me dá um sorriso astuto, compreensivo.

– Se eu fosse você, entraria.

O quarto está uma bagunça, com roupas por todo lado e toalhas penduradas numa poltrona para secar. Penny se despe à luz do abajur da escrivaninha, não de forma provocante, não como uma stripper, mas do mesmo jeito que se

despiria se eu não estivesse presente, deixando a roupa cair a sua volta. Ela se apresenta a mim, então, o corpo esbelto e macio, os seios generosos e chamativos na silhueta demasiado magra. Fico pouco à vontade quanto ao meu próprio corpo flácido, com meus pneuzinhos incipientes e meu abdome não definido, mas Penny aparentemente não se importa com isso, beijando minhas coxas ao descer minha calça e depois caindo na cama comigo e me lambendo da cintura ao queixo, antes de chegar à boca.

– Que gosto bom você tem – murmura ela.

Tenho medo de estar com mau hálito, de ela achar minha bunda flácida ao apertá-la, de estar esfregando seus seios como um garoto bobinho, de meu pau não endurecer o suficiente, de que fique aquém em tamanho em relação a outros paus que ela já viu, de gozar precocemente ou de ela não gozar. Eu devia partir para um oral, a fim de garantir que ela saia ganhando, mas fico intimidado pela ideia de uma vagina desconhecida, com medo de que, passados uns poucos minutos de exploração infrutífera, ela me puxe para cima pelas orelhas e me diga que está tudo bem mesmo nós dois sabendo que não é verdade, que foi bom mesmo nós dois sabendo que não foi.

O sexo é tão bom e tão ruim quanto costuma ser em qualquer primeira vez, como o ensaio de uma peça, cheio de deixas erradas, falas mal declamadas, iluminação ruim e ninguém aplaudindo de pé. Não transamos de pé encostados à parede, na pia da cozinha, no chuveiro, ela inclinada sobre a cama e eu indo por trás. Não passa de um previsível sexo papai-e-mamãe: beija, esfrega, lambe, acaricia, penetra, mexe, geme e goza, tudo em seu devido tempo. Estou jogando na retranca, deixando que ela determine o ritmo, tentando com todas as minhas forças expulsar a imagem de Wade metendo em Jen, que paira no meu inconsciente. Graças, em parte, ao meu alívio de horas atrás com Alice, consigo me segurar até que Penny termine, resfolegando e afundando os dentes no meu queixo com tanta força que deixa uma marca. E me ocorre, enquanto me rendo ao meu orgasmo até certo ponto tímido, que gozei duas vezes hoje, e por mais triste e canhestra que cada uma das ocasiões tenha sido, ambas envolveram mulheres reais, vivas, uma em cima e outra embaixo de mim, o que talvez seja motivo para certa dose de otimismo, ainda que descontemos Alice. E eu estou descontando, claro.

Quando terminamos, saio de dentro de Penny me sentindo ridiculamente realizado e me perguntando quando posso ir embora.

– Foi gostoso – diz Penny, letárgica, jogando uma perna por cima da minha e espalmando os dedos no meu peito.

- Sei. Pode mandar a real, eu aguento.
- Como assim?
- Por que será que a minha mulher precisou transar com outro?
- Porque ela é uma vadia cruel.
- Sem essa.

Penny se vira e deita a cabeça no travesseiro, retirando a perna de cima da minha. Mas eu pego sua perna e a ponho de volta sobre a minha. Estava gostando.

– Na minha limitada experiência, as mulheres raramente vão embora porque o sexo é ruim. O sexo fica ruim porque alguma outra coisa desandou.

- Sério?
- Não. Ele deve ter um pau sensacional, só isso.
- É, foi o que pensei.

Penny ri.

- Judd Foxman. Nu na minha cama. Isso é para lá de surreal.
- Surreal é a minha nova realidade.

Ela me beija em ambos os olhos e põe os braços à minha volta de um jeito que me deixa perigosamente à beira das lágrimas. Eu deveria lhe contar sobre o bebê. Está na ponta da língua.

- Judd Foxman.
- O quê?
- Nada. Eu só quis dizer o seu nome.

Penny me puxa mais para perto e enterra a cabeça no meu pescoço, repetindo meu nome algumas vezes mais, de um jeito preguiçoso, enquanto vai pegando no sono. Abro a boca para dizer um monte de coisas, mas acabo simplesmente ficando deitado ali, tranquilizando a mim mesmo com a ideia de que ninguém pode se sentir tão desconectado assim para sempre.

23h30

Wendy e Barry estão diante de casa discutindo. Minha irmã gesticula loucamente e ele apenas absorve o que ouve, espantando mosquitos enquanto ela fala. Eu me pergunto, como acontece com frequência, por que os dois continuam juntos, o que será que oferecem um ao outro que os mantém prisioneiros desse impasse sem graça. No entanto, imagino que se eu

entendesse alguma coisa de casamentos, teria entendido o meu um tantinho melhor.

– Sinto muito, meu bem, mas já estourei meu tempo – diz Barry. – Preciso estar lá para fechar esse negócio agora ou vai tudo por água abaixo.

– Você teve uma morte na família. Será que eles não entendem isso?

– Sim, mas não posso ficar fora sete dias. Eles precisam de mim lá.

– E quanto à sua família? Também precisamos de você.

– Estou fazendo isso pela minha família.

– Sei. Aquela velha mentirada.

Os dois se calam quando desço do carro.

– Onde diabos você estava? – pergunta Wendy.

– Arejando a cabeça.

– Você não disse a ninguém aonde ia.

– E por uma boa razão.

– Qual?

– Eu não quis.

Barry dá uma risadinha. Péssima ideia. Wendy se vira para ele com um olhar fulminante, e aproveito a distração para passar pelos dois e entrar em casa.

Mamãe e Linda estão na sala, jogando Soletando na mesinha de centro enquanto tomam chá. Paul, Alice e Tracy, no sofá, assistem a Jon Stewart, e Phillip, sentado no chão, folheia uma caixa de fotografias antigas. Todos olham para mim. Alice sorri, mas não consigo encará-la, não consigo chegar perto dela. A babá eletrônica no corredor reproduz os gritos de Serena em som estereofônico. Ninguém parece muito preocupado.

– Por onde você andou? – pergunta mamãe.

– Por aí.

– Não seja evasivo. Basta dizer que prefere não me dizer.

– Prefiro não dizer.

– Mas agora me deixou curiosa. Você esteve com Jen hoje?

– Estive.

– E...?

– E agora vou dormir.

Alice me lança um olhar cheio de significados, e tento me lembrar se a porta do porão tem chave.

– Olhe só esta foto – diz Phillip.

Eu me agacho para ver a foto que ele segura. Eu aos 11 anos mais ou

menos, Paul aos 12 e Phillip aos 2. Paul e eu estamos jogando o irmão menor um para o outro, como se ele fosse uma bola, precisamente nesta mesma sala, uns vinte e poucos anos atrás. Phillip adorava essa brincadeira, ria histericamente, os olhos esbugalhados de empolgação quando o atirávamos no ar. *Zoga eu, Dudd, zoga eu, Pol*. Estamos todos rindo na foto, três irmãos se divertindo bastante com uma simples brincadeira na sala, sem compromissos, sem ressentimentos enterrados nem cicatrizes permanentes. Mesmo na melhor das circunstâncias, existe algo extremamente trágico no fato de se virar adulto.

– Olhe aqui – diz Phillip, apontando para o canto da foto. – Na cristaleira.

A cristaleira tem quatro portas de vidro, atrás das quais mamãe guarda seus copos de cristal e sua melhor louça.

– Não estou vendo nada.

– Olhe para o vidro da última porta.

Olho fixamente para a foto, e então, quando já estou prestes a desistir, vejo um reflexo no vidro, um rosto e os braços. Papai, nos observando de fora do alcance da câmera, sorrindo abertamente enquanto Phillip voa entre nós. A cristaleira continua encostada à parede da sala de estar, e olho para as portas de vidro por um instante. Quando torno a olhar para Phillip, ele está sorrindo para mim.

– Fiz a mesma coisa.

– Ele é como um fantasma – digo.

– Ontem à noite acordei e achei que tinha visto papai saindo do escritório – diz Phillip.

Quando era pequeno, Phillip gostava de pôr o cinto de pequeno eletricitista e ficar ao lado de papai enquanto ele consertava coisas na casa. “O compressor pifou”, repetia solenemente, se sentindo importante. Era uma graça de criança e me lembro de como todos o adorávamos; como, mesmo então, eu odiava o fato de ele ter que crescer.

Serena continua a se esgoelar lá em cima. Eu me agacho e bagunço o cabelo de Phillip.

– Vou dar uma espiada nesse bebê – digo.

– Eles estão deixando que ela chore à vontade – avisa mamãe.

– Isso não está dando certo.

Fico de pé e me dirijo para a escada, sob o olhar atento de Phillip.

– Judd.

– O quê?

Ele sorri com malícia.
– Você está cheirando a boceta.

23h40

Serena para de chorar no instante em que a pego no colo. Sua cabecinha é careca como a de um velho, apenas contornada por um anel de cabelo escuro. Seguro-a contra o peito, em seu pijaminha cor-de-rosa, e ela não pesa nada.

– Está tudo bem – falo baixinho, e emito também outros sons idiotas, como costumamos fazer ao segurar um bebê.

Seus dedinhos minúsculos encontram meu rosto, e ela investe sobre meu queixo com uma força surpreendente, como se fosse um salva-vidas, como se fosse precisamente aquilo que ela estava exigindo com sua choradeira. Sento na cama, apoiando a cabecinha dela em meu ombro, inspirando seu cheirinho gostoso de bebê. Um dia ela vai crescer, e o mundo começará a ser duro com ela. Ela vai ter acessos de mau humor, vai precisar de sessões de fonoaudiologia, vai ter seios e espinhas, brigar com os pais, preocupar-se com o peso, vai fazer sexo, ter seu coração partido, vai ser feliz, vai se sentir só, vai ser complicada, vai ficar confusa, deprimida, vai se apaixonar e se casar e ter seu próprio filho. Agora, porém, ela é pura e íntegra e linda. Deito na cama enquanto ela dorme em meu peito, ouço seu ronquinho de nada, admiro o botãozinho macio do seu nariz incipiente e o calo de sucção em seu lábio superior. Passados alguns minutos, quando sua respiração se torna quase imperceptível, torno a deitá-la devagarzinho no berço e parto para o porão. Ali, me enfio sob as cobertas e adormeço, ainda sentindo um calorzinho no peito no lugar onde ela deitou.

DOMINGO

CAPÍTULO 32

5h20

PAPAI ESTÁ INCLINADO sobre mim, consertando minha perna de pau com uma chave de boca. Estou numa cadeira e ele está de joelhos à minha frente, girando a chave e cantarolando uma música de Simon e Garfunkel. *I'd rather me a hammer than a nail. Yes I would.* Posso ver em seu cabelo crespo e grisalho o ponto em que começa a rarear junto à careca rosada, posso sentir o cheiro de graxa em papai, posso sentir o cheiro do sabão em pó vindo de sua camisa de trabalho preferida, a azul. A chave de boca faz barulho conforme gira, e posso ver os músculos compridos em seus braços se flexionarem enquanto ele a maneja. Papai passou a vida mexendo com ferramentas, de forma que todas se ajustam naturalmente a suas mãos. Eu o fito cá de cima, sabendo que não posso lhe dizer que ele está morto, pois se fizer isso desapareço. Quero que ele olhe para mim, quero ver seu rosto, mas ele está concentrado na perna e não ergue os olhos.

– Está quase – diz ele, largando a chave de boca e agarrando meu joelho com ambas as mãos. – Prontinho.

Papai remove a prótese, que escorrega do meu joelho e se abre ao meio, e ele puxa as mãos, cada uma com uma metade, e lá está de novo minha perna de verdade, lisa e rosada, mas inteira e perfeita. Então ele ergue os olhos para mim e abre um grande sorriso, como aqueles da época em que eu era pequeno e que desapareceram assim que cresci, um sorriso cálido e amoroso, ainda não comprometido pela minha masculinidade transgressora, e o amor que surge entre nós é elétrico e palpável. Quando acordo, fecho os olhos com força, tentando escapar do silêncio sombrio do porão e encontrá-lo de novo, mas tudo o que existe é a escuridão e o constante sussurro do ar-condicionado central atrás da parede, contando seus segredos mecânicos no escuro.

CAPÍTULO 33

5h38

LÁ NO ALTO da casa, no telhado. Olhando por cima de quilômetros de telhados de ardósia, concreto, latão, argila, todos banhados pela luz rósea do sol que nasce sobre Elmsbrook. Lá vai um passarinho, talvez um cardeal, talvez um pintarroxo, sei lá. Tem o peito vermelho. Ele está gorjeando no galho de uma árvore cujo nome também me foge. Elmo, ou carvalho, ou freixo. Acho que eu costumava saber coisas desse tipo, nomes de pássaros e de árvores. Agora tenho a impressão de que não sei nada sobre coisa nenhuma. Não sei como os aviões voam, ou o que provoca um relâmpago, ou o que significa mercado futuro de ações ou qual é a diferença entre os xiitas e os sunitas ou quem está massacrando quem em Darfur ou por que o dólar anda tão baixo e a Liga Americana é tão melhor que a Liga Nacional no beisebol. Não sei como Jen e eu nos tornamos estranhos no nosso casamento, como deixamos algo que deveria ter nos aproximado nos descarrilar como um casal de amantes. Éramos duas pessoas razoavelmente inteligentes apaixonadas uma pela outra, e então, um dia, já não éramos tanto, e talvez fôssemos chegar a esse ponto de qualquer forma, talvez ela apenas tenha chegado primeiro, por ter sentido mais agudamente a morte do nosso bebê. Por um instante uma sensação me rodeia, algo que se assemelha a clareza, talvez até mesmo aceitação, mas que acaba não se instalando em mim e que por fim se dissipa.

Penso em Jen. Penso em Penny. Talvez eu pudesse ter alguma coisa com Penny, mas continuaria a pensar em Jen. Talvez pudesse tentar ganhar Jen de volta, mas continuaria a pensar em Wade. E ela também. Ele seria um fantasma, assombrando nossa cama toda vez que nos tocássemos. O que faço, então?

Existem muitas coisas que não sei, coisas de mais.

A garota no filme de ontem à noite viu a forma como o treinador de cães

pastores carregava a filha ferida e soube, sem sombra de dúvida, que nada era mais importante do que ficar ao lado dele. Ela soube. Mas ela não era uma pessoa de verdade, essa garota, era uma atriz com distúrbio alimentar que foi acusada de dirigir alcoolizada no ano passado e que dormiu com o diretor do filme, que por acaso era casado, e foi só o tempo de ela conseguir arruinar a vida dele para se desapaixonar e abandonar o barco. É assim o amor na vida real: caótico e sujo e nem um pouco confiável. Gosto de Penny e ainda amo Jen e odeio Jen e mal podia esperar para dar o fora daquele triste e minúsculo apartamento de Penny. Quero alguém que me ame e me toque e me entenda e me deixe cuidar dela, mas não sei o que mais eu quero.

Simplesmente não sei.

Ouçó um ruído rascante às minhas costas: é Wendy, que surge no telhado, ainda zonzá de sono.

– E aí.

– Bom dia.

Ao me alcançar, ela enfia a mão na chaminé um instante e então tira lá de dentro um maço de Marlboro e um isqueiro.

– Quer um?

– Não, obrigado.

– Incomoda se eu fumar?

Não respondo, porque não faria diferença. Deixar o cachorro fazer cocô na calçada não pode, mas é perfeitamente aceitável bafejar carcinogênicos na cara dos outros. Em algum ponto do caminho, os fumantes se dispensaram de cumprir o contrato social.

Wendy acende o cigarro, tragando tão profundamente que consigo imaginar a fumaça inflando e escurecendo seus pulmões.

– Então, Barry vai se mandar daqui.

– Para onde?

– Vários lugares. Califórnia, Chicago, Londres. O fundo de investimentos dele levou uma baita lambada no ano passado com todo aquele problema do subprime, e digo isso sem ter a menor ideia do que seja o tal problema do subprime. Mas pelo visto tudo depende do fechamento desse negócio.

– Você está preocupada?

Ela dá de ombros.

– Esse é o Barry. É o que ele faz. Se eu me preocupasse, qual seria a finalidade de estar casada com ele? – Ela dá outra tragada no cigarro. – E então, você dormiu com Jen ontem à noite?

– Com Penny.

– Ah! Que bom. Isso é bom, não é?

– Acho que nunca mais vou conseguir transar com outra mulher sem ficar pensando o tempo todo no fato de estar transando com uma outra mulher.

Wendy dá de ombros.

– Você acaba superando.

Lá de baixo vem o som da porta da frente se fechando, e um instante depois Linda cruza o gramado. Ela para na calçada e vira o rosto para o céu, deixando que a brisa matutina lhe beije o rosto antes de tomar a direção da própria casa.

– Tão cedo e ela já está aqui – comenta Wendy.

– Tão tarde e ela geralmente ainda está aqui – acrescento.

– Hum – diz Wendy. E depois: – Ah, não!

– Isso mesmo.

– Impossível! Você acha?

– Nada mais me surpreende.

Um instante de silêncio enquanto Wendy processa a nova informação.

– Até que faz sentido. Um pouco – diz ela.

– É, até que faz.

– Se for verdade, como vamos encarar isso?

– Já estamos anestesiados.

Wendy reflete um instante, batendo no lábio com a extremidade do cigarro.

– É. Essa é a descrição perfeita de como estamos.

O pássaro que pode ou não ser um cardeal ou um pintarroxo alça voo, mergulhando em direção ao quintal para pegar o bolsão de ar que o levará até a próxima árvore. Seria legal conseguir fazer o mesmo, acho eu. Simplesmente levantar âncora de onde quer que se esteja que não dê mais certo e cavalgar o vento rumo a outras paragens. Eu estaria na Austrália agora.

– Você dormiu com Horry.

– Ele contou a você?

– Ontem também vim aqui em cima, de manhã. Vi vocês fazerem o percurso da vergonha.

Ela dá de ombros.

– Não é nada de mais.

– É adultério.

Wendy ergue as sobrancelhas e me olha, guardando para si o que estava

preparada para dizer, numa rara demonstração de autocontrole. Estamos no telhado; todo cuidado é pouco.

– Horry tem direitos adquiridos.

– É assim que funciona?

– É assim que funciona.

– Então metade dos seus colegas do último ano de escola são candidatos aos mesmos direitos.

Ela ri e apaga o cigarro numa telha.

– Num universo alternativo em que não tivessem esmigalhado os miolos de Horry, ele e eu somos casados. Muito raramente, eu visito esse universo.

– E é simples assim.

– O universo alternativo é meu, eu faço as regras.

Atrás e abaixo de nós, a porta dos fundos bate. Wendy e eu nos viramos para o quintal. Tracy está de pé à beira da piscina, vestindo um maiô preto. Seu mergulho é impecável; suas braçadas, fortes e graciosas. Ela nada de um lado a outro com precisão mecânica, dando aquelas pequenas cambalhotas contra a parede em cada extremo, como se estivesse nas Olimpíadas. Só de olhar já fico cansado.

– Coitada – diz Wendy.

Tracy corta a água como um tubarão, e Wendy e eu a observamos do nosso poleiro acima do mundo, desacostumados a tanta graça e disciplina. Penso, não pela primeira vez, que ela merece coisa melhor que Phillip, melhor do que essa nossa família. Alguém deveria salvá-la de nós enquanto é tempo.

CAPÍTULO 34

10h13

DICAS PARA QUEM vai visitar uma família em sua shivá. Não apareça fora do horário mais movimentado, ou você corre o risco de ser a única visita, frente a frente com cinco enlutados de cara amarrada que, não fosse pela sua presença, estariam longe daquelas cadeirinhas baixas, esticando as pernas e as colunas sacrificadas, aproveitando o intervalo para ir ao banheiro ou fazer um lanchinho. A melhor opção é aparecer à noite, depois das sete, quando todos já jantaram e a sala está cheia. Os dias de semana à tarde são uma zona morta. Domingo é uma loteria. Basta contar os carros estacionados em frente à casa antes de se decidir por entrar. Se você tiver sorte, já vai estar rolando uma conversa quando chegar, e assim você não vai precisar se esforçar para começar uma. É difícil falar com os parentes do morto. Nunca se sabe o que vai ser considerado inoportuno.

E por falar em inoportuno, mamãe aparentemente não tem limites com seu guarda-roupa provocante. Há um ditado que diz que um bom discurso tem o comprimento da saia de uma mulher: é curto o bastante para prender a atenção e longo o suficiente para cobrir o assunto. A saia jeans de mamãe não é um discurso, mais parece uma piada rápida e suja, do tipo que vivem nos mandando por e-mail. E ela veste também um corpete preto, justo e de alças bem fininhas. Parece uma stripper aposentada.

Seria de se imaginar que todos os nossos conhecidos já passaram por aqui, mas, aparentemente, ainda não. As visitas começam bem cedo, gente querendo cumprir logo suas obrigações para poder aproveitar um dos últimos domingos amenos da estação. Sentam-se conosco e conversam como se tivessem todo o tempo do mundo, mas seus tacos de golfe, suas raquetes de tênis e suas roupas de banho aguardam quietinhos no porta-malas do carro.

Ereto aparece com um grupo de velhos amigos de Paul, todos ex-atletas. Estão falando dos Yankees e dos Mets e dos seus jogadores preferidos, suas

esposas sentadas ao lado com uma expressão no rosto de indulgência enfatiada. *Melhor que falem sobre beisebol do que sobre amantes e prostitutas*, transmitem elas. Ereto veste uma calça jeans, uma camiseta e chinelos de dedo, o modelito perfeito do rabino descolado em horário de folga. Sua mulher, Emily, é bonita e calada, com olhos inquietos e um sorriso que até pisca, mas nunca acende de verdade. Os outros sujeitos repetem sem parar a brincadeira de lhe pedir desculpas toda vez que falam um palavrão ou algo indelicado, coisa que acontece praticamente a cada dois minutos. Dá para ver que ele gostaria de disparar uma saraivada de palavrões para cima de todos, mas, estando cercado pela própria congregação, isso não seria bom para sua imagem.

– E aí, Judd – diz Dan Reiss. – Como vão indo as coisas com Wade Boulanger?

– O quê?

– *Bolas em jogo*. Você não trabalha no programa?

– Não mais.

– Que pena. Eu adoro aquele cara. – Ele contrai o rosto para sua imitação:

– Honre suas bolas! – exclama, numa voz anasalada e rouca.

– Ótima imitação.

– Você acha?

– Claro.

– Como ele é fora do ar?

– Um babaca.

– Ah sim, mas é um cara maneiro?

Todos falam sobre a época de escola, relembram seus maiores triunfos no campo de beisebol. Fazem questão de não mencionar a faculdade, mas o fantasma do ferimento de Paul paira, pesado, sobre a conversa. O próprio fato de evitarem o assunto é menção suficiente, tanto quanto a cicatriz saliente que parece uma cobra lhe subindo pela lateral do pescoço. Noto os músculos se retesando em seu rosto, a rigidez dos seus lábios fingindo neutralidade. A vida de Paul é uma lembrança diária da vida que ele poderia ter levado. Sinto uma onda de pena e ternura por ele. Quero lhe dizer que entendo, que o perdoo por ter me infernizado tanto.

Penso em fazer uma lista de todas as coisas que preciso dizer aos outros antes que seja tarde demais.

10h32

Greg Pollan, velho amigo meu do colégio, aparece. Nossa amizade se baseava quase que totalmente na nossa admiração mútua por Clint Eastwood. Falávamos um com o outro no tom rouco e durão de Clint e, se nos cruzávamos no corredor, entrefechávamos os olhos e sacávamos imaginárias Magnums .357. *Sei o que você está pensando: será que ele deu seis ou cinco tiros? Vá em frente, me deixe feliz.* Depois o trocamos por Sylvester Stallone. No ensino médio, nosso mundo está completo se conseguimos encontrar uma garota que queira nos beijar e quem sabe nos deixe apertar seus peitos, e um colega que gosta dos mesmos filmes que nós. Greg hoje está gordo e casado e seus olhos saltam para fora das órbitas, ameaçando rolar para o outro lado da sala. Tem trigêmeos, me conta ele. Tem bócio. Está com a barba por fazer e cansado e soube que um velho amigo estava cumprindo a shivá na vizinhança e não podia deixar de vir. Ainda que esteja exausto e provavelmente pudesse ter aproveitado melhor o tempo simplesmente ligando o ar-condicionado do carro e fechando os olhos. Tento imaginar alguma situação em que eu teria me comportado com tamanha decência.

- Eu soube que você é o produtor do programa do Wade Boulanger.
 - É.
 - Ele é muito engraçado.
 - Às vezes.
 - Eu só dispensaria aquele monte de peidos.
 - Somos dois.
 - Minha mulher odeia esse sujeito.
 - A minha ama.
 - Ela acha o cara um fanfarrão misógino, um conservador, só que capaz de ter uma ereção.
 - É mais ou menos isso mesmo. O que anda fazendo?
 - Bom, trabalhei com avaliação de risco um tempo e agora estou meio que dando consultoria, ou seja, fui demitido.
 - Lamento saber.
 - Por isso agora cuido das meninas. São quatro. E Debbie vende material médico. Temos também um site da Amway. Vou lhe dar o meu cartão.
- Não sei como ele consegue se levantar da cama todo dia.

Greg me dá notícias de alguns outros colegas da nossa sala com quem manteve contato. Mike Salerno está divorciado e comprou uma Ferrari. Jared

Mathers é gay, para surpresa de absolutamente ninguém. Randy Sawyer é dono de uma cadeia de boliches. Julie Mehler é deputada estadual. Sandy Flynn teve a casa incendiada, mas todos saíram a tempo. Gary Daley foi preso por ter pornografia infantil no computador do trabalho. E daí por diante. Judd Foxman foi largado pela esposa, que o trocou por uma celebridade fanfarrona e misógina do rádio. No quesito atualização em apenas uma frase, eu me encaixo perfeitamente. Como nunca me encaixei naquela época.

Greg se levanta da cadeira. Sua pele está escalavrada e encardida. Há marcas de suor em sua camisa polo, debaixo de seus balouçantes seios masculinos. Duas ou três pessoas precisam afastar suas cadeiras para permitir que ele saia. Em determinado ponto no tempo, Greg abriu mão de coisas e aceitou seu destino: passar o restante da vida gordo e exausto e chato de doer.

– Foi ótimo ver você – diz ele.

Sua mão é grossa e suarenta.

– Obrigado por vir, cara. Agradeço muito.

– Imagine.

Ele se arrasta em direção à porta com o andar sem pressa de um elefante de circo. Greg já foi um garoto divertido, de rosto agradável e em nada repulsivo. Determinado tipo de garotas gostava dele. Fico pensando se ele se lembra das nossas imitações de Clint Eastwood e Stallone, se assiste a *Rambo*, como eu às vezes faço quando por acaso, ao zapear pelos canais da TV a cabo, encontro um dos vários filmes passando tarde da noite, naquelas ocasiões em que o mundo está girando rápido demais para que eu consiga dormir.

CAPÍTULO 35

11h22

É UM DIA PARA reencontros. Algumas velhas amigas de Wendy aparecem. Ela esconde os anéis de brilhantes e se empertiga na cadeira. Vai buscar os filhos para obrigá-los a uma exibição de gracinhas e fofuras. Ryan torce o nariz, mas Cole obedece, deixando que as mulheres o ponham no colo e brinquem com suas orelhas e seu nariz. Ryan tira meleca e limpa o dedo no short. Todas as mulheres acham lindo. Fotos de crianças são passadas de mão em mão e chovem exclamações de admiração. Todas são adoráveis. Todas são perfeitas. Ninguém aqui jamais produziu um bebê feio ou mesmo comum.

As mulheres avaliam umas às outras enquanto conversam, medindo coxas, barrigas, quadris e bundas, levando em consideração os diferentes tipos de corpo e aquelas que tiveram filho recentemente. Julgam e sentenciam em seu íntimo, e as posições na hierarquia do poder são atualizadas. É cruel ser mulher. Wendy encolhe a barriga e cruza as pernas, apoiando os pés nas pontas dos dedos numa derradeira tentativa de obrigar os músculos das panturrilhas a saírem do esconderijo. Ela tem as pernas de nossa mãe, envoltas em uma pele grossa e macia que nunca fica definida.

Alguém arranja não sei de onde um anuário escolar da época e todas riem estridentemente que nem hienas.

11h35

Peter Applebaum voltou para consolar mamãe com sua excessiva proximidade. Outras pessoas a cercam, tentando conversar com ela, mas ele as ignora. Ele é um martelo, ela é um prego, e o restante dos presentes,

parafusos inoportunos. Cortou o cabelo desde a última vez que o vimos, um corte quase militar, e raspou os pelos escuros, gangrenosos, dos lóbulos das orelhas. Sua água de colônia se alastra pela sala como uma notícia ruim. Esse Applebaum está investindo tudo. Já não lhe restam muitos anos de atividade sexual, portanto não há tempo para a sutileza de um flerte com calma. Ele dá palmadinhas nos braços de mamãe, toma a mão dela entre as suas e a acaricia sem parar. É o jeito dele. Mamãe tenta atrair algumas das outras visitas para a conversa, tenta retirar a mão de entre as dele, mas Applebaum não se deixa vencer, falando e alisando, as sobrancelhas-arbustos se movendo feito lagartas.

Linda sai da cozinha com uma expressão sombria, abrindo caminho por entre as visitas. Sussurra algo no ouvido de Applebaum. A expressão dele de repente se transforma, enquanto seu rosto enrubesce violentamente. Ele segue Linda até a cozinha, enquanto mamãe observa, meio preocupada. Atrás da porta de vaivém, vozes levemente alteradas são abafadas pelo som de algum utensílio elétrico de cozinha. Passados alguns momentos, Applebaum atravessa o corredor arrastando os pés, encurvado e murcho, parando apenas o tempo suficiente para deixar algumas notas de dinheiro na bandeja de gorjetas ao lado da vela de sete dias. Sinto pena dele. Existe algum termo de comparação entre nós dois, talvez.

Linda reaparece à porta da cozinha. Ela e mamãe trocam um olhar comprido e significativo sobre as cabeças das visitas, dizimando quaisquer dúvidas que eu ainda pudesse ter. Wendy me olha, erguendo uma das sobrancelhas delineadas de tal forma que parece formar um ponto de interrogação em seu rosto, mas na verdade não está fazendo pergunta alguma.

11h45

Alguns parentes distantes vieram de Long Island para nos dar os pêames: Sandra, uma prima de mamãe, com seu marido, Calvin, e as filhas gêmeas, duas adolescentes gostosinhas. As meninas são vazias e bonitas e usam sua sexualidade incipiente com certa falta de controle, como uma criancinha brincando com uma ferramenta elétrica. Alongam seus corpos esbeltos e maduros no sofá e supervisionam a sala com o ar desanimado de quem acabou de ser ludibriado. Foi uma viagem longa para chegar a uma casa cheia

de parentes irrelevantes.

Essa família carrega um ar de diligente perfeição. Isso é evidente em Sandra, com seu corte de cabelo refinado e suas unhas feitas; em Cal – porque é assim que a mulher e as filhas o chamam –, que carrega um relógio com diamantes incrustados e veste uma camisa polo cara com um logotipo de clube de golfe; e nas meninas, com suas pernas lisinhas e bronzeadas terminando dentro de tênis lisos e brancos e seus cabelos escovados e sua pele perfeita. Isso não é uma família, é um cartão de Natal. Logo imaginamos os tapetes ultrafiosos da casa deles em Long Island com vista para o mar, o arremate de pedra da porta da frente, o mármore e os espelhos no saguão, o gramado bem-cuidado, a TV de plasma de 60 polegadas e a mobília de couro no escritório, a sala de estar art déco na qual ninguém tem permissão para entrar de sapato e os dois Lexus iguais no segundo ano de leasing.

Não gosto de Cal. E seus amigos, se é que ele tem algum, provavelmente também não. Ele tem braços peludos, bíceps ostensivos, um bronzeado artificial e olhos predadores que parecem buscar uma conversa para interromper, uma discussão para começar. Mamãe, porém, dá a impressão de gostar de verdade de Sandra, cuja mãe morreu quando ela ainda era pequena. Os pais de mamãe a acolheram durante alguns anos. Existe um vínculo entre elas.

– Cindy está na equipe de natação – conta Sandra a mamãe. – E Dana é a capitã do time de lacrosse.

– Podemos mandar alguns equipamentos para elas – diz mamãe. – Paul, você pode providenciar isso?

– Claro, mãe.

– Não acredito que Mort se foi – diz Sandra, que então, incredulamente, começa a chorar.

– Aquilo é que era um velho durão – comenta Cal.

Se eu não soubesse que esse é seu jeitão grosseiro de demonstrar respeito, atiraria algo na cara dele. E depois ele provavelmente me daria uma surra.

– Ele sempre gostou muito de você – acrescenta mamãe, pegando a mão de Sandra, enquanto eu penso: *Se gostava tanto, por que será que essa é apenas a terceira vez que vejo essa gente?*

– Wendy, cadê o meu álbum de casamento?

Wendy pega o álbum, que range como uma dobradiça enferrujada, e mamãe e Sandra começam um jogo de identificar parentes mortos dos quais nunca ouvi falar: tios e tias, um primo com pólio, um amigo da família que

foi preso por assalto à mão armada.

– Venham cá, meninas – pede Sandra.

As duas adolescentes se aproximam da mãe com passo de gato. Phillip as observa um tantinho de perto demais. Wendy lhe dá um tapa na nuca.

– Que foi?

– Você sabe muito bem.

Mamãe nos mostra as fotos de seu casamento – as cores lavadas, os homens de bigode, os cigarros durante o jantar, as perucas horrorosas, os óculos de aro de plástico preto que fazem todos os homens parecerem agentes da CIA.

– Vejam como eu era bonita – diz mamãe às gêmeas entediadas.

Ela não está se gabando, está apenas constatando a perfeição primaveril das duas meninas e se dando conta de ela própria estar muito mais velha do que jamais imaginou vir a ser. Na maioria das fotos, papai, em seu smoking emprestado, parece preocupado, como se houvesse todo tipo de problemas se armando logo ali pertinho do fotógrafo. Mas há uma dos dois na escadaria do salão de festas, em que ele a carrega nos braços e os dois riem para a câmera, rindo de si mesmos naquelas roupas ridículas e da ideia de poderem fazer isso, começar uma família. Um bolo se forma na minha garganta e entala ali. Quase podemos ver quem eles eram então, inocentes e apaixonados; muito antes dos filhos e das prestações da casa e do rottweiler e do câncer e do possível (provável) lesbianismo.

– Ele está tão bonitão aqui – comenta Sandra.

– Eu mal conseguia andar no dia seguinte – diz mamãe.

As meninas riem alto e se sacodem como mensageiros do vento. Wendy dá outro tapa na nuca de Phillip. Dessa vez ele não pergunta por quê.

12h10

Paul e os amigos saíram para o pátio lateral, onde a velha gaiola de beisebol de Paul ainda resiste de pé. Ereto, que jogava como interbase no ensino médio, se pergunta se ainda consegue rebater a bola rápida de Paul. Meu irmão se pergunta se ainda consegue lançá-la. Horry, que era do time universitário de futebol e jogava hóquei na liga municipal, vai vestir o modelito mofado de apanhador, e Dan, que jogava no campo externo, atuará

como juiz. Os outros vão ficar assistindo, brandindo tacos como se fossem espadas e fazendo comentários imbecis, e Phillip e eu vamos prestar atenção para ver quem passa vergonha primeiro. Simplesmente não dá para fazer uma aposta.

Paul pega a luva que usava antigamente e começa a se aquecer, lançando devagar para Horry, girando o ombro para relaxar os músculos. Mesmo depois de todo esse tempo, seus movimentos são graciosos e confiantes, o corpo acompanhando com precisão o movimento circular do braço para executar cada lançamento. Ereto experimenta alguns tacos – equipamento não nos falta – e depois entra no cercado, afundando os chinelos de dedo na grama e assumindo sua posição. Ele gira o taco no ar um tempinho, depois Dan se posiciona atrás de Horry, um cigarro pendendo de seus lábios, e diz:

– Rebatedor, a postos!

O primeiro lançamento de Paul é um tanto aberto, e Ereto deixa passar. Dan decide a seu favor. O segundo é lento, mas Ereto tenta rebater de qualquer jeito e erra.

– Primeiro strike! Um a um.

Paul balança a cabeça, insatisfeito com o lançamento. Gira a cabeça no lugar e ergue os ombros várias vezes para alongar os músculos. Depois assume sua posição e encara o rebatedor. Gira o braço para lançar e arremessa uma bola direta e rápida que aterrissa na luva de Horry antes mesmo que o taco de Ereto rasgue o ar.

– Segundo strike!

Os outros aplaudem e comemoram. Todos são idiotas, seus melhores anos ficaram no passado. Tracy e Alice se juntam a nós no pátio, acompanhadas da esposa de Ereto e de algumas visitas, gratas pela distração. Paul bate com a luva de encontro ao ombro e faz uma pequena careta, como se estivesse dolorido. Seu lançamento seguinte é uma bola lenta, cuja extremidade Ereto consegue acertar, atirando-a contra a rede.

– Dois strikes!

– Vamos lá – diz Ereto. – Agora peguei você.

Paul tira a luva para massagear o ombro um instante, tentando disfarçar a dor que sente.

– Paul – diz Alice. – Já chega.

Os ligamentos dele foram partidos como queijo, o músculo arrancado do osso. Fizeram o que foi possível para repor as peças em funcionamento, mas a maçaroca encaroçada de tecido cirurgicamente remendado sob a pele não

aguenta o tranco de todo esse esforço.

– Está tudo bem. Só mais um lançamento.

– Só quero ver – diz Ereto.

Alice balança a cabeça com tristeza.

Esse é o problema dos atletas. São programados para competir, a despeito de esposas zangadas ou ombros arruinados. Não se rendem nunca. Se Paul tirar Ereto do jogo com seus strikes, o rabino irá embora ferido e amargurado. Se ocorrer o contrário, Paul ruminará a derrota durante dias. Quem quer que ganhe há de se gabar e falar besteiras supostamente bem-intencionadas para esfregar a vitória na cara do outro. Não pode haver empate. Alguém tem que ser derrotado.

Paul volta para seu lugar, balançando o ombro e tentando distender o pescoço. Inclina-se para a frente apoiado num dos joelhos e respira fundo, calculadamente. Horry bate na luva. Ereto balança o taco, assume sua posição e fica à espera. Todo mundo está suado e mortalmente sério. A shivá foi totalmente esquecida.

– Se chegar ao ponto em que eu ache que você está sendo um baita idiota – sussurra Phillip entre dentes –, provavelmente você é um baita idiota.

Paul se prepara para lançar, e algo sai errado no último momento. A três quartos do lançamento, ele emite um grito angustiado e arremessa antes do tempo. A bola voa com força e velocidade e acerta Ereto no rosto. Ambos os homens caem de joelhos ao mesmo tempo, Paul segurando o ombro em agonia, Ereto com as mãos no nariz ensanguentado, manchando as luvas brancas de rebatedor. A esposa de Ereto dá um grito e corre até ele. Alice permanece onde está, fora da quadra, fazendo força para não se mexer, mas depois cede e corre até Paul, ajudando-o a ficar de pé e lhe fazendo perguntas sussurradas. Então me ocorre que existe um amor profundo e genuíno entre os dois, e me pergunto por que me surpreendo com isso. Dan e Emily ajudam Ereto a ficar de pé, e Horry tira a máscara e diz:

– De quem foi essa brilhante ideia?

Paul vai cautelosamente até Ereto para se desculpar. Os dois se dizem gracejos machistas, batem os punhos e dão palmadas na bunda um do outro. E assim tudo é perdoado. Alguém aparece com um saco de gelo para o rosto machucado de Ereto. Eles podem até ser atletas idiotas que já passaram da idade, mas temos que admirar o código que seguem. Ah, se todos os conflitos pudessem ser resolvidos com alguns rosnados e uma palmada na bunda!

CAPÍTULO 36

12h45

O DESFILE DE CARNE marcha prossegue. Sentados em nossas cadeiras da shivá, desenvolvemos uma triste paixonite pelas pernas das nossas visitas. Alguns homens usam calça – e seremos eternamente gratos a eles. Mas, como ainda estamos no verão, temos uma boa cota de homens de short a enfrentar. Vemo-nos diante de suas pernas descoradas e sem pelos e suas panturrilhas murchas, tudo coberto de veias grossas e saltadas que lembram minhocas encurraladas debaixo da pele, todas mortas enquanto tentavam encontrar a saída. Os geneticamente privilegiados ainda ostentam alguma musculatura nas áreas das panturrilhas e das coxas, mas quase sempre são maculadas pelas cicatrizes de múltiplas cirurgias nos joelhos ou mesmo no coração, que se apropriaram de veias das pernas. E existe um lugar especial no inferno da shivá reservado para homens de sandálias, que exibem despididamente as unhas dos pés rachadas e duras, escurecidas pela presença de fungos. As mulheres são mais diversificadas. Algumas conseguiram se manter conservadas, mas em outras a pele parece descolada do osso, enrugada como celofane. Os tornozelos desaparecem sob montes de carne, e veias aracnídeas se alongam como hematomas logo abaixo da pele. Realmente deveria haver um código de vestuário.

Dois colegas meus do programa de rádio aparecem. Jeff é um dos redatores, baixo e peludo de um jeito que o faz parecer constantemente sujo. Kenny é engenheiro, ex-músico e motoqueiro, com tatuagens coloridas lhe cobrindo os braços e cabelo louro e comprido, que ele usa como se fosse um deus da guitarra dos anos 1980. Fomos companheiros de trabalho, conversávamos durante os intervalos, tínhamos o mesmo gosto para programas de TV e músicas e nos solidarizávamos com Jeff, que só sabia reclamar de Wade por estragar suas melhores tiradas. Às vezes, quando o programa acabava, Kenny enrolava um baseado e ficávamos sentados na sala

de controle tentando relaxar, enquanto ele tocava violão. Eu não via nenhum dos dois desde que pedi demissão. Eles entram morrendo de medo. É realmente tocante.

– Oi – diz Jeff enquanto os dois se sentam. – Lamento muito pelo seu pai.

– Meus pêssames, cara – emenda Kenny.

– Obrigado. Como vão as coisas na rádio?

– Ah, você sabe, aquela mesma merda de sempre – responde Jeff.

– Não é a mesma coisa sem você – diz Kenny.

– Quem está como produtor?

Os dois trocam um olhar constrangido.

– Hã... Eu – responde Kenny.

– Parabéns – digo. – Que bom para você.

– Eu me sinto mal com isso, cara.

– Ora, não tem nada de mais. Eu pedi demissão.

– Eles iam chamar alguém de fora – explica Jeff.

– Não. Isso é ótimo. Fico feliz que seja você – afirmo.

– O que não significa que ele seja menos imbecil – comenta Kenny.

– Está ainda mais babaca desde que você saiu. Você o colocava na linha – acrescenta Jeff.

– Não o suficiente, pelo visto – digo.

Eles não sabem se devem ou não rir da minha piadinha. Jeff muda de assunto, me atualizando quanto às fofocas do restante do pessoal. De olhos esbugalhados, Kenny encara os peitos de mamãe, como se pudessem a qualquer momento adquirir vida própria e atacá-lo. Eu finjo uma postura de indiferença saudável, embora atento para não dar a impressão de que estou pouco me lixando para a visita deles, mas conto os minutos para me ver livre dos dois. Ryan e Cole surgem para ver as tatuagens de Kenny, que faz um tour com os dois, mostrando cada uma e explicando o que significam.

– Esta é a minha Harley – diz ele.

– Harley – repete Cole.

– Esta aqui é a rainha de copas, e aquela ali é a capa do *The Wall*, do Pink Floyd.

– Pink Boy.

– Aquele passarinho fumando baseado é o Woodstock. Vocês conhecem, né? Amigo do Snoopy.

– Garibaldo.

– Quase. E isso é uma escrita espiritual japonesa, mas eu esqueci o que

significa.

Acompanho os dois até a porta e aperto a mão de ambos.

– Obrigado por terem vindo.

– A gente se vê.

– Se cuida, cara.

Acompanho os dois com o olhar até vê-los entrar no Camaro reformado de Kenny. Provavelmente vai parar no caminho para almoçar no TGI Friday's e falar a meu respeito num tom profundamente solidário. Depois pegarão a estrada, ouvirão rock clássico e retomarão suas vidas. É bem provável que eu jamais os veja de novo, e a ideia me entristece. Eles estiveram muito presentes em minha vida durante os últimos sete anos, e agora desapareceram. Ou, para ser mais exato, eu desapareci. Assim, num piscar de olhos. A vida é isso aí: tudo parece muito permanente, mas podemos desaparecer de um instante para o outro.

Atravesso a sala cheia de visitas e me jogo de volta na cadeira, cansado e instantaneamente deprimido. Phillip me abraça e me dá uma palmadinha nas costas. Ele sempre teve o talento de sacar meu estado de espírito.

– Foi muito legal da parte do Bon Jovi aparecer aqui.

13h30

E eles não param de chegar. Todos que já conhecemos na vida adentram por aquela porta num espírito de amizade, dever, comunidade ou simplesmente para garantir reciprocidade quando chegar a hora do próprio luto.

Como já se passou algum tempo desde o enterro e as pessoas se preocupam menos se algo é apropriado ou não, como aparentemente há um monte de mulheres solteiras por aí, como mamãe já espalhou a notícia, como estou sentado aqui em exposição para quem quiser ver, como existem cartazes de “procura-se” para um homem divorciado sem filhos embora ninguém aqui saiba da novidade e como as mulheres de certa idade parecem achar que Deus lhes deu o direito de agir como corretoras afetivas, as casamenteiras hoje estão a todo vapor.

Lois Braun quer me arranjar com sua filha Lucy, que – e Lois é enfática quanto a isso – poderia ter se casado com qualquer um dos vários namorados que teve se não fosse tão dedicada à carreira. Lucy hoje é uma dos vice-

presidentes da PepsiCo, não sabe o que fazer com o tanto de dinheiro que ganha e finalmente está disposta a pensar em pretendentes adequados. E ao que me consta, Lucy Braun pode ser minha alma gêmea, ou, no mínimo, uma mulher inteligente e atraente com o corpo de uma coelhinha da Playboy. Mas o loiro que Lois usa no cabelo é de um tom diferente do da sobrancheira, e sua pele se amontoa sob o queixo em papadas flácidas com a textura de casca de laranja, e quando fala de Lucy com aquela voz rouca de fumante ela suga todos os vestígios da sexualidade potencial da filha. Do mundo inteiro, para ser exato.

O ex-marido de Barbara Lang tem uma enteada que parece uma modelo. Já se divorciou uma vez e já enviuvou também, mas ninguém diz, tamanha é sua positividade diante da vida. No momento está escrevendo um livro para mulheres que são bonitas mas que mesmo assim acham a vida uma bela droga, e além do mais ela mora do outro lado do país, mas o que importa se hoje o mundo está ficando cada vez menor?

Renee Harper é uma casamenteira de carteirinha e quer que eu evite as perigosas armadilhas dos namoros on-line contratando-a para encontrar e filtrar namoradas potenciais. Fico me perguntando que tipo de organização credencia casamenteiras, quais são os critérios usados na avaliação e, o mais importante, como uma mulher de mais de 60 anos que vem a uma shivá no domingo à tarde vestida com uma legging de oncinha e com a boca emplastrada de batom rosa-chiclete pode esperar ser levada a sério como árbitro de bom gosto.

– E então, você me liga? – indaga Renee, enfiando seu cartão na minha mão.

– Claro.

– Liga mesmo?

– Não.

Renee me olha desconfiada, sem saber como interpretar a negativa.

– Ele está brincando – explica mamãe.

– Não estou, não.

– Ele não está brincando – esclarece Wendy.

– Ele é sério como um ataque cardíaco – avisa Phillip.

– Você me desculpe, viu – diz Renee, mais irritada que pesarosa. – Eu só estava tentando ajudar.

Olho para Renee Harper, e para Barbara Lang, e para Lois Braun. Elas são presunçosas e totalmente sem noção e estão abusando da minha paciência.

– Ainda continuo legalmente casado – digo, erguendo a voz a ponto de fazer cessar instantaneamente todas as outras conversas sussurradas se desenrolando na sala neste momento. – Continuo casado e tenho um filho a caminho e estou enfrentando a morte do meu pai, e essa necessidade patológica de vocês de jogar toda e qualquer mulher encalhada em cima de mim não está ajudando em nada.

– Tudo bem, Judd – diz mamãe.

– Será que eu pareço mesmo tão patético para todas vocês? Totalmente incapaz de encontrar alguém por conta própria? Metade da população do mundo é de mulheres. Tudo indica que ao menos algumas delas estariam dispostas a sair comigo.

– Certíssimo – intervém Phillip. – E ele também não está no celibato desde que saiu de casa. Ontem mesmo fez sexo. A quem interessar possa.

– Não me ajude, Phillip.

– Ok, me desculpe.

Lois, Barbara e Renee se levantam ao mesmo tempo, os lábios encrespados, os rostos ardendo de humilhação. Produzem um coro de desculpas mortificadas num tom baixo e tenso ao se dirigirem à porta. Calculo que vão levar cerca de três minutos para converter toda essa vergonha em indignação. Vão jogar toda a culpa na minha falta de educação, benevolmente me desculpando por causa do meu luto, e sobreviverão para encarar um novo dia. Não poderiam ter chegado tão longe se não houvessem desenvolvido alguns mecanismos de defesa eficientes.

– Não se preocupem, meninas – diz mamãe, de longe. – Vocês só estavam sendo gentis. Não é com vocês que ele está zangado.

– Que nada, tenho plena certeza de que é com elas.

Mamãe me lança um olhar duro, depois se reclina na cadeira.

– Bem, vejo que você está começando a exteriorizar essa raiva acumulada aí dentro, e isso é saudável. Só acho que podia ser um pouquinho mais ponderado na escolha do alvo. Há muitos inocentes por aqui.

– Você sempre nos encorajou a expressar na hora nossa insatisfação, a pôr tudo para fora.

– Isso mesmo, meu bem. Também encorajei vocês a esvaziar o intestino duas vezes ao dia, o que não significa que eu queira estar presente quando isso acontece. – Ela assente para si mesma, depois completa: – Muito boa essa metáfora de excretar o que não presta. Preciso anotar.

Ela se levanta da cadeira, desculpando-se rapidamente com o que restou da

plateia, e se retira do palco para o escritório, passando pela cozinha.

CAPÍTULO 37

13h45

DEPOIS DO MEU pequeno desabafo, sou considerado impróprio para uma shivá, então enfio Ryan e Cole na minivan alugada de Wendy a fim de levá-los ao Wonderland, um parque de diversões de segunda a alguns quilômetros daqui. Imagino que seria uma boa folga para minha irmã, que vem falando, mais que de hábito, em sufocá-los enquanto dormem. Ela também me avisou para ficar de olho em Ryan, pois ele tem tendência a sair vagando por aí, e é por isso que convoco reforços.

– Vou levar meus sobrinhos ao Wonderland. Quer ir também? – convido Penny quando ela atende o telefone.

– Não sei se estou pronta para esse tipo de compromisso – ouço.

Ela está me esperando em frente ao seu prédio quando paro o carro. Está uma belezinha de camiseta, short curtinho e tênis. Eu lhe daria 19 anos. Bem que podia ser minha namorada. Iríamos ao parque de diversões, onde trocaríamos beijos nas filas, ficaríamos de mãos dadas nas atrações e dividiríamos o algodão doce. Eu ganharia um daqueles animais de pelúcia gigantescos e o arrastaríamos pelo parque como se fosse uma medalha de honra ao mérito. Depois o bicho fixaria residência permanente em sua colcha cor-de-rosa, onde ela se deitaria atravessada durante nossas conversas telefônicas de horas a fio.

Vê-la me deixa animado e desolado ao mesmo tempo.

– Gostei de você ter me ligado – diz ela, entrando na minivan.

– Também gostei.

Seu sorriso enche o carro. Ela pousa os pés no painel e toca bateria nas coxas erguidas. As pernas dessa garota são realmente de outro planeta, macias e firmes e lindas e incrivelmente perfeitas. Se eu olhar mais um pouquinho vou acabar batendo com a minivan. Seguimos viagem até o parque, cantando junto com o CD de *Vila Sésamo* de Cole. Penny ainda se

lembra da maior parte das letras.

Na entrada, escolho o pacote família e compro chapéus do Pateta para todos nós. As crianças amam os chapéus, que são bonés de beisebol com orelhas de cachorro. Os 300 dólares que afanei da carteira de Wade estão queimando no meu bolso, e meu objetivo é sair daqui falido. Um rapaz com um crachá e uma câmera digital nos pede para posar para uma foto com o tosco palácio de gesso como cenário. Existem inúmeras fotografias da minha família precisamente neste lugar, em idades variadas. Se as tirássemos de todos os álbuns bagunçados que ficam guardados nas estantes da sala, provavelmente seria possível acompanhar o crescimento constante de nosso núcleo, como as marcações a lápis feitas todo ano na parede para mostrar a evolução da nossa altura. Papai não aparece em nenhuma dessas fotos aqui no Wonderland, porque era sempre ele que batia, com sua velha Yashika comprada no início do casamento. Afinal, por que pagar por uma foto se ele mesmo podia tirá-la? Na verdade, seria preciso virar um bocado de páginas para encontrar papai em algum desses álbuns. O imprevisto resultado de ser o fotógrafo de plantão é que ele foi relegado ao papel de figurante nos registros da história da nossa família. Há anos inteiros das nossas vidas em que ele não aparece sequer uma vez.

Penny põe o braço nos meus ombros e botamos as mãos nos ombros das crianças. Ela me belisca a bunda quando a foto é batida. O rapazinho me dá um tíquete para pegar a fotografia e aponta o lugar onde se faz o pagamento. Ponho o tíquete no bolso, mas não pretendo pegá-la. Uma foto de nós quatro não faz sentido algum.

O céu está cinzento, mas ainda não ameaçador. Adolescentes contratados andam para lá e para cá em fantasias medievais andrajosas; posam para fotos com suas espadas de alumínio, todos parecendo de saco cheio e de ressaca. Levamos os meninos no carrossel, na xícara maluca e nos aviõezinhos, ou seja, tudo que gira. Então Ryan anuncia que está crescido demais para brinquedos infantis e o levo para o parque maior, deixando Penny na minimontanha-russa com Cole. Ryan e eu aproveitamos o barco dos piratas, o carrinho bate-bate, o chapéu mexicano e o Dragon, uma montanha-russa de madeira famosa por ter sido a primeira da Costa Leste. Alguém em algum escritório em algum lugar realmente acha que esse é um bom argumento de venda de ingressos. Ryan se pendura com toda a força no meu braço, e eu finjo brevemente que ele é meu filho, que mais tarde vou contar histórias para ele na sua cama e vamos adormecer juntos. Então reencontramos Penny e

Cole e todos nos sentamos para almoçar pizza e batata frita em um dos quiosques. Ketchup e Cole são uma combinação letal: quando terminamos de comer, sua camiseta está toda manchada, dando a impressão de que ele acabou de ser esfaqueado numa briga. Compro para ele uma camiseta do Wonderland, e então Ryan, que de idiota não tem nada, derrama ketchup de propósito na dele próprio. As crianças são transparentes, mas conseguem direitinho aquilo que querem.

Mais tarde fazemos tatuagens falsas. Ryan pede o símbolo do Super-Homem em seu minúsculo bíceps. Cole pede um Scooby-Doo. Penny faz um coração atravessado por uma flecha nas costas da mão, e eu, um pássaro de fogo amarelo e vermelho na parte interna do antebraço. Cole adormece no carrinho, e eu o empurro pelo parque até o coreto, enquanto Ryan corre à nossa frente. Penny, sem dizer palavra, segura meu cotovelo enquanto caminhamos, e quando a fito, ela encara, me provocando. Passamos a vida toda dispostos a matar por uma garota que olhe para nós desse jeito. Então a encontramos, mas alguma coisa dentro de nós não reage, e então nos damos conta de que somos tão incapazes de entender a nós mesmos quanto de entendermos os outros.

Uma banda de rock local toca covers em volume excessivo no coreto. Achamos um banco e compramos algodão doce. Ryan cochila no banco, com a cabeça no colo de Penny. Sento ao lado dela e assisto à banda enquanto ela me põe na boca pedaços de algodão doce. Então me inclino e beijo seus lábios melados. Ela descansa a cabeça no meu ombro.

– Podemos ficar até escurecer? – pergunta Penny.

Penny é bonita. Não deslumbrante, como Jen, mas bonita e sexy e espirituosa e divertida. E tem mais uma diferença: ela parece gostar genuinamente de mim. Às vezes, satisfação é uma questão de força de vontade. Precisamos ver o que temos diante do nariz, o que isso pode vir a se tornar, e parar de comparar com o que perdemos. Sei que isso é sábio e verdadeiro, assim como sei que praticamente ninguém consegue colocar em prática.

Alguns minutos depois, meu celular toca. É Jen.

– Tem algo errado – diz ela.

– O quê?

– Com o bebê. Judd... estou perdendo sangue.

– O quê, sangramento de escape?

– Pior.

- Ligou para uma ambulância?
- Liguei para você, Judd. Vou perder este também, não vou?
- Tente ficar calma. Ainda está no hotel?
- Estou.
- Muito bem. Deite-se. Vou chamar uma ambulância.

Desligo e ligo para a emergência. Estou consciente de que Penny me escuta enquanto forneço os detalhes pertinentes. A moça do outro lado da linha me dá a impressão de ser gorda e estar entediada, mas agradeço sua eficiência mal-humorada. Quando desligo, olho para Penny, ainda a meu lado, e ela está linda ao mesmo tempo que parece perdida.

- Lamento. Temos que ir embora.
- Essa parte eu entendi – diz ela, sem olhar diretamente para mim.

Fico de pé e remexo no carrinho de Cole enquanto Penny delicadamente acorda Ryan e o põe de pé.

- Então, sua mulher está grávida. É seu?
- É.

– Parece uma informação bem importante, eu acho, para ter guardado só para você.

- Eu sei, me desculpe. Nem processei ainda.

Dou a volta para pegar a direção da saída do parque, mas Penny fica onde está.

- Acho que vou ficar – diz ela.
- O quê?

Ela dá de ombros.

- A menos que você precise da minha ajuda para botar os dois no carro.
- Como assim? Não, não preciso. Mas como você vai voltar para casa?
- Eu chamo um táxi mais tarde. Não tem problema.
- Tem certeza?

- Tenho. Não marquei nenhum compromisso.
- Tudo bem. Eu ligo para você mais tarde.

Ela balança a cabeça e sorri com tristeza.

– Acho que você não vai ligar, Judd Foxman – diz ela, dando um passo à frente para me dar um beijo no rosto. – Espero que dê tudo certo.

Olho para ela, tentando entender o que existe nessa mulher que me faz querer lhe dedicar minha vida e ao mesmo tempo correr dela o mais rápido possível.

- Penny.

– Você precisa ir.

Ryan se agarra à lateral do carrinho e seguimos pelo largo caminho que leva à saída. Quando me viro, Penny está de novo sentada no banco, ouvindo a banda, acompanhando o ritmo com o pé, o olhar perdido na direção do coreto, ou, talvez, para mais além. De vez em quando torno a olhar para trás para vê-la sumir na distância, algo que, me dou conta agora, é o que tenho feito o tempo todo.

CAPÍTULO 38

16h10

DEIXO OS MENINOS no Knob's End e Phillip me leva no Porsche ao hospital. Salto na entrada da emergência enquanto ele vai procurar uma vaga para estacionar. Jen está deitada numa maca atrás de uma cortina, enquanto uma médica-residente lhe faz uma ultrassonografia do abdome. Eu me lembro disso como se fosse ontem, o último a chegar, as lágrimas nos olhos de Jen, o gel cobrindo a barriga que guardava nosso filho. *De novo não, por favor.*

– Não há batimento cardíaco – diz ela, e começa a chorar.

– O bebê está numa posição ruim para alcançá-lo no ultrassom – afirma a médica, uma mulher rotunda de olhos saltados e lábios quase inexistentes. – Não vamos tirar conclusões precipitadas.

– Sinto muito, Judd – soluça Jen, estendendo o braço para mim e agarrando minha mão antes que eu possa evitar, mão com que ela cobre a própria boca e na qual abafa o choro. – Sinto muito mesmo.

– Tudo bem, tente relaxar.

Eu me pego afagando seu cabelo com a outra mão. Estou aqui totalmente presente, mas também me vejo pensando que há quarenta minutos estava em um parque de diversões com Penny, segurando sua mão, beijando seus lábios melados de algodão doce. Vivo em universos separados e não faço ideia de a qual deles realmente pertença.

– Não acredito que isso esteja acontecendo de novo – diz Jen, a voz embargada pelo choro.

Sinto suas lágrimas quentes caindo em meus dedos. A médica prossegue com o exame. Não acredito que estamos passando por isso de novo, perdendo outro bebê. O destino já tinha nos avisado para desistir. Simplesmente não o ouvimos a tempo.

– Eu mereço isso – diz Jen. – Eu mereço.

– Não fale assim.

– O que eu fiz a você... – Ela ergue os olhos para mim, seus traços crivados de remorso. – Arruinei nossa vida.

– Ouçam! – reclama a médica.

Olhamos para ela e depois ouvimos, em meio à estática, um ruído robótico rápido e ritmado.

– O que é isso? – pergunto, embora evidentemente saiba a resposta. Já fiz isso antes.

– É o batimento do seu bebê.

– Parece tão rápido – diz Jen.

– Para você, talvez – atalha a médica. – Para mim parece normal.

Na maca, Jen fecha os olhos e chora de alívio, ainda agarrada à minha mão. Com a mão que está livre, enxugo minhas próprias lágrimas antes que ela possa vê-las.

– Então por que a perda de sangue? – indago.

– Pode ter várias causas benignas. Já mandei chamar o ginecologista de plantão. Daqui a pouco ele chega. Mas aparentemente o bebê não corre perigo.

– Espere – digo, quando ela afasta a sonda da barriga de Jen. – Podemos ouvir mais um pouquinho?

A médica nos lança um sorriso gentil com seus lábios inexistentes e pega uma espécie de cinto de lona numa gaveta, que passa em torno da barriga de Jen. Depois vai embora, e ficamos apenas Jen e eu, ouvindo os batimentos frenéticos e latejantes do nosso filho ainda não nascido. Jen me fita com os olhos marejados e sorri.

– É o nosso bebê – diz ela, radiante.

– Parece que ele está nervoso.

Ela ri.

– E você não estaria?

Ouvimos um pouco mais. *Batida, ruído, batida, ruído, batida, ruído.*

– Judd – diz Jen, sem olhar diretamente para mim. – Vamos conseguir, não vamos?

E é aí que paro de ruminar sobre como as coisas deveriam ter sido da primeira vez que ouvi os batimentos do meu bebê. É aí que me rendo à mágica da coisa toda, à cármica perfeição de eu me tornar pai justamente agora que perdi o meu. E talvez eu sinta realmente alguma coisa. É difícil saber, porque justo quando estamos apenas testando o momento para ver se nos serve, as cortinas se abrem com um safanão e Wade entra, eficientemente

acabando com este momento e todos os outros seguintes.

16h45

Da última vez que vi Wade, eu o ataquei com uma cadeira de escritório. Da vez anterior a essa, enfiei-lhe na bunda um cheesecake cheio de velas acesas que quase destruíram suas bolas. Por isso é compreensível que sua primeira reação ao me ver seja se retesar e assumir uma postura defensiva. Ele fica parado na entrada, me olhando desconfiado, depois passa por mim constrangido para se aproximar de Jen na maca.

– Você está bem, gatinha? – pergunta ele. Tem caras que conseguem dizer “gatinha”. Não sou um deles. Wade sim, e digo isso no pior sentido possível. Começo a vasculhar as prateleiras com os olhos à procura de objetos pontiagudos. – Vim o mais rápido que pude. Meu GPS fez a maior confusão.

– Estou bem – responde Jen.

– Beleza, beleza.

Ele afaga levemente o ombro dela mas logo para, demasiado consciente da minha presença no quarto. Não lhe resta alternativa senão se virar e me encarar.

– E aí, Judd. Como vão as coisas?

– Maravilha, Wade.

Ouvimos uma batida na porta: um médico de barba entra com a ficha de Jen na mão.

– Jennifer Foxman?

– Isso – responde Jen.

Meu sobrenome, ainda atrelado a ela, é um chute no saco.

– Sou o Dr. Rausch, obstetra. – Ele se vira para Wade. – Sr. Foxman?

– Não – responde Wade.

– Sou eu.

– Prazer em conhecê-lo – diz o Dr. Rausch, de um jeito mecânico, antes de encarar Wade. – E o senhor, quem é?

– O amante da minha esposa.

– Droga, Judd – diz Jen, cobrindo os olhos. – Agora não.

– Wade Boulanger – responde Wade, estendendo a mão. – É complicado.

– Não o cara do rádio.

– Temo que sim.

O Dr. Rausch sorri.

– Minha mulher odeia você.

– As mulheres geralmente me odeiam.

– A minha não, infelizmente – observo.

O Dr. Rausch me olha como se eu estivesse estragando sua diversão.

– Muito bem – diz ele, tirando um par de luvas de látex do bolso. – Tenho uma úlcera e um longo plantão pela frente. Seja lá o que estiver acontecendo aqui, nem quero saber do problema de vocês. Os dois podem aguardar lá fora.

– Mas eu sou o pai – intervenho.

– Parabéns. Agora tratem de sair da sala.

16h55

– Mas, então, em que situação fomos nos meter, hein? – diz Wade.

Estamos de pé, recostados à parede na sala de espera apinhada. Sentados em volta estão o que parece ser o time inteiro da Liga Infantil e seus respectivos pais, aguardando algum jogador lesionado. Além de dois operários de construção amparando um terceiro, cujo pé está envolvido numa toalha empapada de sangue. Na pequena TV instalada num lugar alto demais para que se possa realmente assistir a alguma coisa, alguém prepara um suflê.

– Essa situação, como você chama, é a minha vida. Minha família.

– Jen agora é minha família também.

– Jen é onde você tem estacionado seu pau.

– Não fale dela assim.

– Não estou falando dela, seu babaca. Estou falando de você.

– Você não sabe nada sobre mim.

– Sei que não dá no couro.

– Vá se foder.

– Hã... Cuidado com o palavreado aí, gente! – alerta um dos pais da Liga Infantil, indicando as crianças presentes.

Mas agora ninguém me segura:

– Sei que você come qualquer uma que dê abertura. Come as estagiárias, come as representantes de venda, come as patrocinadoras e, ao menos uma vez eu sei que aconteceu, a filha do patrocinador, que na época nem 18 anos

tinha, não é mesmo? Sei que essa sua história com Jen não vai durar muito mais, porque a última coisa que você quer é levar nas costas o filho de outro. Sei que você está torcendo por um aborto desde que recebeu a notícia da gravidez dela e que agora está pesando suas opções, procurando a forma mais rápida de se livrar dessa confusão. Sei que você quer pensar que no fundo é realmente um sujeito decente, mas não tem tanta certeza disso, tem? E, se isso ajuda, posso confirmar que você não é nem um pouco decente. Não passa de um cara vazio, sem qualquer conteúdo verdadeiro. Por isso vai continuar comendo todo mundo que vê pela frente e sentando na grana em troca de ser o porta-voz dos babacas até que, por mais inconcebível que pareça, surja alguém ainda pior que você. E aí você vai ficar velho e perder a fama e vai morrer sozinho.

Agora a atenção de todos se voltou para mim. Os pais da Liga Infantil parecem horrorizados. As crianças mal conseguem conter a euforia de ouvir um adulto falar tanto “comer” de uma única vez. Mas os operários de construção não se impressionaram muito.

– Está se sentindo melhor agora? – indaga Wade, com um sorriso arrogantemente idiota.

– Nem um pouquinho.

– Que pena. Foi um belo discurso.

– Vamos simplesmente não nos falar, certo? Será que podemos fazer isso?

– Eu não a roubei, Judd – diz Wade. – Não a seduzi nem dei em cima dela nem nada do gênero.

– Quando eu disse “não falar”, estava me referindo exatamente ao que você está fazendo agora.

– Ela estava sozinha e zangada e perdida, e não fui eu que a deixei assim. Foi você, e não precisou da ajuda de ninguém.

– E você viu uma abertura.

– Vi sim, admito. Ela é bonita e eu sou humano. Fui em frente. Mas não trepei com ela mais do que ela trepou comigo. É preciso duas pessoas para consumir o ato, companheiro. E pode acreditar que ninguém se surpreendeu mais que eu quando virou algo mais. Portanto, continue a me odiar por isso. Eu faria o mesmo se fosse você. Mas ela veio atrás de mim, Judd, não o contrário. Ela é que veio atrás de mim. Você sabe que é verdade, e é isso que não consegue superar.

– Não é por isso que eu queira menos que você morra.

– Ha ha. Entre na fila.

É então que resolvo bater nele. Já o agredi duas vezes, mas em nenhuma das duas saí realmente satisfeito. Preciso da intimidade da violência direta, da força bruta de osso contra osso. Só que passar da conversa para a violência é tão difícil quanto passar do flerte para o beijo. É preciso dar um salto, deixar de lado as inibições e expor os impulsos nus e crus.

E é assim que faço: diminuo a distância entre nós apontando-lhe um dedo e dizendo “Você não está entendendo, seu filho da mãe” até que meu dedo fica a centímetros do olho dele. Ele afasta meu dedo como se fosse uma mosca, como era de esperar, e isso aciona o detonador. Mas usei minha mão direita para enfiar o dedo na cara dele, logo é a esquerda, mais fraca e menos confiável, que gira para acertá-lo. Wade, num reflexo, se esquiva, de modo que acabo acertando, impotente, seu maldito ombro.

– Babaca! – grita ele, me empurrando de volta na direção da parede. Não é um contra-ataque, ele só quer meio que se livrar de mim.

Só que é aí que Phillip finalmente aparece, e tudo o que Phillip vê é Wade me empurrar. Ele então entra na briga acertando Wade com um soco que descreve um arco alto, coisa que ele aprendeu na TV, assistindo às lutas de arte marcial. O soco o acerta no nariz, e Wade desaba. Phillip se posta a seu lado, com um pé sobre seu peito, e diz:

– Quero ver chamar meu irmão de babaca outra vez.

Um segurança gordo se materializa e prende os braços de Phillip nas costas. Um segundo segurança vem por trás de mim e segura firme meu braço.

– Vamos – diz ele, e os dois nos conduzem para a saída.

– Minha esposa está lá dentro.

– Resolvemos isso lá fora.

Lá fora está chovendo, uma chuva pesada que martela o toldo de fibra de vidro da entrada da emergência. Os seguranças nos soltam ao lado de uma ambulância estacionada. Têm uma conversa rápida e sussurrada e depois um deles volta lá para dentro. O outro, um grandalhão negro de cabeça raspada e braços supermusculosos, se vira para nós:

– Aquele lá dentro não é o cara do *Bolas em jogo*?

– O próprio – respondo.

– Qual de vocês acertou ele?

– Ninguém o acertou, ele caiu sozinho – responde Phillip.

O segurança abre um amplo sorriso e estende a mão.

– Muito bem, companheiro. Odeio aquele filho da mãe falastrão.

Phillip dá de ombros e aperta a mão do segurança.

– E se você não tivesse me impedido, eu teria acabado com a raça dele.

17h20

Phillip não se lembra direito de onde estacionou, por isso ficamos encharcados de tanto dar voltas debaixo de chuva. Quando finalmente localiza o Porsche, descobrimos que está bem perto da Maserati prateada de Wade, com sua placa exibicionista escrito BOLAS EM JOGO. Antes que eu tenha tempo de demover a mim mesmo da ideia, subo no teto do carro dele e pulo até cansar, gritando palavrões sob a chuva que nem um enlouquecido. Pulo alto e aterrisso com força sobre os joelhos, sentindo o metal se amassar satisfatoriamente sob meu peso. Phillip abre o porta-malas automático do Porsche e pega lá de dentro uma alavanca de pneu em forma de L.

– Tome – diz ele, atirando o troço para mim. – Manda ver.

Mas de repente não tenho mais vontade. Escorrego pelo para-brisa dianteiro e me sento na capota. Phillip se junta a mim, e ficamos ali sentados durante alguns segundos enquanto a chuva nos ensopa.

– Sinto saudade do papai – digo.

– Eu também.

– Por que eu não sentia saudade quando ele estava vivo? Ele passou dois anos lutando contra o câncer e eu só o visitei poucas vezes. O que pode ser mais importante do que passar um pouco mais de tempo com o nosso pai?

– Ele não nos queria por perto. Ele mesmo me disse. Não queria que nos lembrássemos dele daquele jeito.

– Bom, era aí que devíamos ter chegado e dito “Corta essa, pai”.

Phillip assente, sério.

– Papai sempre foi muito mais durão que nós.

– Acho que sim. Como foi que viramos uns bananas?

– Ei, eu não derrubei Wade Boulanger com um único soco?

– Derrubou.

– Um tremendo direto. – Phillip faz uma pequena careta de dor, esfregando a mão. – Acho que quebrei o nó do dedo. Será que isso é possível? Eu devia voltar lá e tirar uma radiografia.

– Eu ouvi o coração do bebê.

Phillip olha para mim.

– Que ótimo. É ótimo, não?

– É. – Fico calado um instante. – Eu disse a Wade que ele estava torcendo por um aborto, mas a verdade é que acho que parte de mim talvez estivesse. E não é terrível, para um bebê que está crescendo no útero, que o pai esteja querendo que ele nunca nasça?

– É terrível mesmo – concorda Phillip, deitando-se recostado no para-brisa como eu.

– Você acha que papai foi um bom pai?

Phillip reflete sobre a pergunta.

– Acho que ele fez o melhor possível. Tinha uma cabeça muito antiga, eu acho. Nem sempre nos compreendia, nem sempre nos dava valor, mas, vamos combinar, não somos lá essa maravilha, certo?

– Acho que eu posso ser um ótimo pai.

– Acho que você vai ser incrível.

Pingos de chuva caem com pequenas explosões no capô reluzente da Maserati.

– Mas vou ter que perdoá-la, não é mesmo? Vou ter que aprender a viver com o fato de Jen e Wade estarem juntos. Pelo bem do garoto.

– Não entendo nada dessa coisa de ser pai, mas aposto que você ainda vai ter que fazer sacrifícios bem maiores que esse.

Olho para Phillip, que está pegando pingos de chuva com a língua.

– Falou que nem um sábio agora.

Phillip ri.

– Em terra de cego, quem tem um olho é rei.

Sorrio e torno a me encostar contra o para-brisa, o rosto erguido para a chuva.

– Vou ser pai – digo.

– Parabéns, irmão.

– Obrigado.

– Podemos ir para casa agora?

– Sim.

Ele pega a alavanca de pneu da minha mão e, ao descer do capô, gira o instrumento para o lado, ruidosamente estilhaçando a janela do motorista. O alarme do carro dispara imediatamente, um gemido abafado, quase um pedido de desculpas. Phillip olha para mim e sorri.

– Oops.

- Seu idiota.
- Você acabou de dizer que eu sou sábio.
- Estou vendo as coisas com mais clareza agora.
- Bom saber. – Ele me entrega a ferramenta. – Uma saideira?
- Estou tentando agir de forma superior. Tentando perdoar e seguir em frente.
- E vai conseguir. Daqui a exatos trinta segundos.

Ele me joga a alavanca. Sinto como se o metal frio estivesse quase vivo em minhas mãos. Eu não deveria estar aqui conversando. O que eu deveria fazer era descer do carro de Wade e convencer os seguranças a me deixarem entrar para ver se Jen está bem. Vamos ter um filho juntos, e não há lugar na atual conjuntura para atos juvenis de vandalismo, por mais satisfação que me proporcionem. Mas Wade já está lá dentro, provavelmente de pé de novo a essa altura, assumindo o controle, conquistando a simpatia dos médicos, fazendo todas as perguntas certas. Sou o intruso, o temperamental pai biológico que precisou ser imobilizado à força e retirado do prédio. Então me dou conta de que é assim que vai ser: Wade lá dentro e eu aqui na chuva, e nenhum batimento cardíaco mágico pode mudar isso. Sempre serei aquele que está sobrando, o sujeito que todos secretamente torcem para não aparecer na festa e botar todo mundo nervoso. E neste exato momento, isso parece uma injustiça maior do que se pode pedir a qualquer homem para engolir. Se é o que me cabe esperar, não sei se estou disposto, afinal. Este é um momento crucial, eu sei, mas isso jamais me freou antes.

E trinta segundos são o suficiente quando se tem uma boa ferramenta nas mãos.

CAPÍTULO 39

18h10

CHEGANDO EM CASA, mamãe e Linda estão tendo uma briga. As duas discutem em vozes abafadas na cozinha. Não tenho certeza, mas acho que Linda chora. Um murro ressoa contra a bancada. Uma porta de armário é fechada com estrondo. Não há visitas no momento, já que é hora do jantar, mas não há jantar, já que nenhum de nós tem coragem de entrar na cozinha. Mais vozes abafadas. Então Linda atravessa às pressas o corredor e sai batendo a porta da frente, tão forte que as lâmpadas chacoalham nos bocais. Um minuto depois, mamãe vem da cozinha, ainda se recompondo, e desaba na cadeira da shivá. Todos olhamos para ela em expectativa.

– O que foi? – indaga mamãe. – Tivemos uma discussão.

– Sobre o quê? – pergunta Wendy.

– Sobre nada que seja da sua conta – responde mamãe, ficando de pé e se dirigindo à escada. – Acho que vem aí uma enxaqueca. Vou me deitar um pouquinho.

– Ei! – grita Wendy, retendo-a ao pé da escada. – E aquela história de não termos segredos na família?

Mamãe assente para si mesma, apoiando-se no corrimão da escada. Quando se vira para nós, seus olhos estão marejados.

– Faz muito tempo que não somos uma família de verdade.

19h50

Os casais tiraram o dia para brigar. Alice está furiosa com Paul por ele ter machucado o ombro. Discute com ele lá em cima, mas o som nos chega alto e nítido pela babá eletrônica. No escritório, Tracy está furiosa com Phillip por

ele ter batido em Wade. Sentado na cozinha, como meu jantar enquanto ouço essas duas discussões muito parecidas que se desenrolam em cantos distintos da casa. Ser solteiro tem suas vantagens.

Na verdade, Alice só está zangada com Paul porque ainda não engravidou, e Tracy está zangada com Phillip por ele ter transado com Chelsea, o que provavelmente ele fez mesmo, ou, se não fez, vai fazer. Não há dúvida de que ele anda pensando nisso. Tracy está zangada consigo mesma por deixar que Phillip a faça de idiota, por se recusar a enxergar certas realidades óbvias, por ser uma quarentona. Mas este não é o lugar nem a hora para esses assuntos espinhosos, por isso, frustradas, ambas reagem exageradamente a ombros deslocados e dedos doloridos. A harmonia tem estado ausente aqui no Knob's End.

De positivo há a chegada de mais travessas de comida. Panquecas de frango teriyaki, salada de macarrão, ovos mimoso e uma bandeja de cookies de baunilha com gotas de chocolate. Não sei quando voltarei a comer tão bem. Os meninos de Wendy se sentam em frente a mim na bancada central da cozinha, de banho tomado e metidos em pijamas apertados que se ajustam neles como fantasias de super-heróis. O cabelo molhado dos dois, esmeradamente penteado, reluz sob a iluminação suave. Ambos parecem um anúncio de xampu infantil ou simplesmente de crianças. Wendy tenta fazê-los comer, mas seus estômagos diminutos ainda estão cheios e revoltos depois de todas as porcarias doces que comprei para eles no parque de diversões hoje. Sinto uma pontada de tristeza quando penso em Penny. É a sensação de ter me comportado mal, de tê-la magoado. Eu ligaria para ela se tivesse alguma ideia do que dizer além de “me desculpe”.

Uma chuva forte martela as janelas, procurando uma brecha para entrar. Na babá eletrônica, Alice grita com Paul: *Você podia ter arrumado uma sequela permanente. E para quê? Para vencer Ereto Grodner?*

– Se ela acordar o bebê, vou chutar aquela bunda gorda – diz Wendy enquanto prepara um prato para mamãe.

– Mãe, você falou um palavrão – observa Ryan.

– Não falei não, amor.

– Você falou bunda.

– Bunda é só um outro nome para bumbum.

– Então não é palavrão?

– Só quando é uma criança que fala.

– Por quê?

– Sei lá – retruca Wendy, exasperada. – É assim que é, Ryan. Siga as regras.

Estamos aqui há menos de uma semana e você já socou duas pessoas!, grita Tracy para Phillip. *É óbvio que este não é um lugar saudável para você.*

Não conseguimos ouvir o que diz o outro lado das duas conversas porque, ao genuíno estilo Foxman, as respostas de Paul e Phillip são baixas e monossilábicas. Quando atacados, nos recolhemos a fortalezas estoicas com espaço para apenas um indivíduo. Isso enlouquecia Jen. Quanto mais ela gritava, mais calado eu ficava, às vezes não emitindo uma única palavra durante horas. Talvez se eu gritasse de volta as coisas estivessem diferentes hoje. Talvez gritar de volta seja uma espécie de diplomacia matrimonial que jamais aprendi.

Finalmente, alguém bate a porta do escritório – ao que as luzes da cozinha piscam e por fim se apagam. Phillip entra batendo o pé na semiescuridão e abre a geladeira. Pega um saco de gelo e se senta diante de mim à mesa, fazendo careta enquanto aperta o gelo contra a mão inchada.

– Para alguém que distribui tanto soco, você devia ser melhor nisso – comenta Wendy.

– Acho que quebrei alguma coisa.

– Além do coração de Tracy?

Phillip lança um olhar furioso para a irmã.

– Você nunca se cansa de ser a pedra no sapato de todo mundo?

Lá em cima, outra porta bate, e assim as luzes se acendem de novo. Na babá eletrônica, Serena começa a chorar.

– Piranha gorda! – resmunga Wendy.

– Você disse um palavrão! – grita Ryan, euforicamente horrorizado.

– Piranha é só um tipo de peixe – explica Wendy.

– Piranha! – repete Cole, satisfeito.

A primeira vez que ouvi meu pai dizer um palavrão, eu o estava ajudando a instalar um timer na garagem para os irrigadores do gramado. Ele segurava uma chave de fenda na boca e alguns parafusos nas mãos, e deixou cair uma arruela, que rolou por toda a extensão da garagem até cair pela fresta do ralo.

– Ah, merda! – exclamou ele.

Eu tinha 8 anos e ri até me doerem as costelas.

Paul entra na cozinha sem dizer palavra e abre a geladeira. Phillip já pegou o único saco de gelo, por isso Paul apela para um bife congelado, enfiando-o sob a camisa para pressioná-lo contra o ombro. Então recosta-se na geladeira

e fecha os olhos durante um segundo. Sentado entre ele e Phillip, me sinto ostensivamente ileso.

– Preciso sair daqui – diz Paul, e se dirige à porta.

– Você não está em condições de dirigir com esse ombro – diz Phillip, pondo-se de pé. – Eu levo você.

– Sorte a minha, hein – diz Paul, desaparecendo no corredor.

– Vá tomar na bunda – exclama Phillip.

– Bunda é bumbum – observa Ryan.

– Tomar na bunda – repete Cole. – Piranha. Bunda. Mickey.

Phillip contempla solenemente o sobrinho.

– Como é bom ver a nossa influência sobre a próxima geração. Devíamos pensar seriamente em castração.

– Tarde demais para mim – digo.

– Ah é, esqueci. – Ele se levanta e procura as chaves do carro. – Muito bem. Tenham todos uma boa noite.

– Espere! – exclamo, seguindo-o pelo corredor, onde vejo Paul já saindo porta afora. – E a shivá?

Olhamos para a sala de estar e para as cinco cadeiras vazias enfileiradas em frente à lareira.

– Você dá conta – garante Paul. – É só sorrir para as visitas.

– Vocês não podem me deixar aqui sozinho.

Phillip, com um piparote, leva um cigarro à boca e se inclina para a vela de sete dias para acendê-lo, o que me parece meio sacrílego, mas acho que papai não iria se importar.

– Está um dilúvio lá fora. Acho que não vai aparecer mais ninguém. Por que não vem também?

– Mas e se aparecer alguém?

Phillip pega um bloco e uma caneta numa gaveta da mesa do corredor e rabisca rapidamente um aviso:

SHIVÁ CANCELADA POR CAUSA DA CHUVA. TENTE DE NOVO AMANHÃ.
A GERÊNCIA.

Depois de prender o papel sob a aldrava da porta da frente, ele diz:

– Problema resolvido.

CAPÍTULO 40

21h15

O STICKY FINGERS FICA num dos últimos shoppings a céu aberto da Route 120, a cerca de 2 quilômetros do Marriott, em que Jen está hospedada. Ou estava. Sem dúvida ela já foi embora a esta altura, voltando para Kingston na velocidade da luz, com Wade rosnando possíveis planos de vingança enquanto dirige.

O Sticky Fingers. Famoso por suas asinhas de frango apimentadas e suas garçonetes, solteiríssimas, de camiseta preta colante e decotada. O lugar está cheio de mulheres de saia curta ou calça jeans e camiseta sem manga justinha. Essas mulheres, com seus cabelos e seus corpos, os lábios sorridentes cintilando com brilho labial... Reparo em cada uma delas sem exceção, em cada coxa macia e cada pescoço alvo. Tenho enfrentado questões vitais ultimamente, morte e divórcio e paternidade, mas aqui neste bar só penso no meu pau. Não sei por que isso acontece, ou como, mas eu estaria mentindo se dissesse o contrário. Sentado com meus irmãos a uma mesa alta e redonda, fico lambendo os dedos, lambuzados de molho apimentado, e tento moderar meu olhar errante. Vejo uma morena com o tipo de boca voluptuosa que dá vontade de chupar que nem bala. Tem uma loura, de saia curta e pernas macias e perfeitas, com o tipo de sorriso que sentimos no peito. Mais uma loura, dessa vez genuína, com olhos risonhos, e percebe-se que ela é divertida e meiga na cama. Quero todas elas, lenta e suavemente, quero beijá-las debaixo da chuva, salvá-las de homens maus, ganhar seus corações, construir uma vida com elas. Provavelmente sou velho demais para a maioria. Talvez. Não sei. Fazia mais de dez anos que eu não levava uma vida de solteiro; já não consigo dizer quantos anos tem ninguém, nem mesmo eu.

Daria meu dente da frente para me apaixonar novamente. Eu amava estar apaixonado – os beijos intensos, o sexo urgente, as declarações ardentes, os

telefonemas altas horas da noite, a linguagem particular e as piadas íntimas, o jeito como os dedos dela pousam de maneira possessiva no nosso braço durante um jantar com as amigas.

– Esta é a noite dos rapazes – comenta Phillip com satisfação. – Por que não fazemos isso mais vezes?

– Porque não gostamos muito um do outro – responde Paul.

– Conversa fiada, Paul. Você está zangado demais com o mundo para saber de quem gosta e de quem não gosta. Eu gosto de você, Paul. Amo você. Vocês dois. Sempre fui jovem demais para ir a algum lugar com vocês. Sempre quis que saíssemos por aí como irmãos mais vezes.

– Então este deve ser um momento importante para você.

– *The boys are back in town* – canta Phillip.

Uma garçonete vem nos trazer nossos drinques.

– Oi, Philly – diz ela. – Tudo bem?

– Oi, Tammy. Você está ótima.

Não podemos evitar contemplá-la quando ela se vai. O próprio Deus pararia o que estivesse fazendo para apreciar esse traseiro enquanto Tammy atravessa o salão cheio. É esse tipo de traseiro, o dela. O tipo de traseiro que nos enche com partes iguais de tesão e arrependimento e depois, quase instantaneamente, de vergonha, porque, credo, é só um traseiro.

– Será que existe alguém nesta cidade que você não tenha comido? – resmunga Paul.

– Só porque ela ficou feliz de me ver não significa que transei com ela.

– Então não transou?

Phillip dá de ombros.

– Não é um bom parâmetro. Todo mundo já comeu Tammy Burns.

– Eu não comi – digo com tristeza.

– A noite é uma criança. Seja simpático e dê uma boa gorjeta.

Alguém escolheu a música “Sweet Home Alabama” no jukebox. Phillip canta junto, batucando na mesa com os dedos no compasso da melodia. Se pegarmos cem jukeboxes em cem bares de cem cidades, veremos que todos têm “Sweet Home Alabama”. Não sei por que, mas é assim. E sempre tem, em cada um desses bares, dois ou três babacas que cantam junto com a música a plenos pulmões, sobretudo quando chega o trecho que esculhamba Neil Young, olhando em volta em seguida como se merecessem um prêmio por saber a letra, como se todo mundo não a soubesse, como se todo mundo não tivesse aquele amigo fanático por classic rock que inclui essa música em

todas as coletâneas caseiras que ele já fez na vida, como se todo mundo já não estivesse de saco cheio de ouvir “Sweet Home Alabama”.

Nos últimos tempos tenho ficado inexplicavelmente zangado na presença de garotas bonitas.

As garotas em volta da área do bar se balançam levemente ao ritmo da música, fazendo aquele biquinho que só elas fazem quando dançam, como se fossem especialistas em algo que jamais entenderemos. Preciso parar de olhar para essas garotas. Não vou conseguir nada de bom com isso. Você fica olhando e olhando para essas garotas até que um dia vê a própria imagem no espelho atrás do bar, e, se você ainda não está velho demais, então está quase, e a última coisa que quer ser é o velho no espelho do bar. Não existe dignidade alguma nisso.

– Aquele não é o Horry? – pergunto, olhando para uma mesa no canto.

Horry está ali, paquerando uma garota jovem e sexy. Capto seu olhar e ele acena, hesitante. Quando volto a olhar alguns minutos depois, os dois sumiram. É compreensível. Eu não me sentiria confortável dando em cima de garotas na frente dos irmãos da mulher casada com quem dormi faz pouco tempo. É preciso ter um GPS para acompanhar a vida sexual dessa família. Fico imaginando se o amor é enrolado assim para todo mundo ou se nós é que temos um talento ímpar para bagunçar tanto as coisas.

Paul bate com uma nota de 1 dólar na mesa.

– Eu gostaria de fazer uma demonstração. Phillip, por favor, vá até o jukebox e escolha uma música.

– São duas por 1 dólar.

– Então pode se esbaldar.

– Algo especial em mente?

– Surpreenda-me.

Phillip se levanta de sua banqueta e atravessa o salão lotado.

– Observe – diz Paul.

– O quê?

– Ele não vai conseguir ir e voltar sem tocar em pelo menos três mulheres.

Há uma garota junto ao jukebox. Ela veste um minúsculo bustiê preto e uma calça jeans de cintura tão baixa que não sei como não cai. Phillip se inclina para perto da garota e sussurra algo. Ela ergue os olhos para ele e ri. Então ela vacila de leve, talvez por causa do salto alto ou, quem sabe, dos drinques de cortesia para a clientela feminina que oferecem entre as oito e as dez da noite. Não sei o que faz as mulheres vacilarem. Ela segura o braço de

Phillip para se equilibrar. É simples, natural até, o tipo de coisa que nunca acontece comigo. Ela continua a apertar o cotovelo dele enquanto conversam. Como é que um simples gracejo se transforma em contato físico?

Na volta, Phillip é parado por duas garotas que aparentemente o conhecem. Ele se inclina para aceitar um beijo de cada uma, pousando as mãos de leve na cintura exposta de ambas, logo acima do cós da calça jeans, e trocam algumas frases. Phillip está quase chegando quando esbarra em outra garota, que ele gentilmente afasta segurando-a logo abaixo da cintura, e os dois trocam sorrisos.

– Quatro – diz Paul.

– Quatro o quê? – indaga Phillip.

– Nada.

Phillip parece ligeiramente aborrecido, mas depois dá de ombros. Quando o mundo é seu bufê sexual, não tem por que esquentar com trivialidades. Ele toma um grande gole de cerveja.

– Então, Paul. Acho ótimo você e Alice quererem ter um filho.

Paul ergue os olhos para o irmão e depois torna a baixá-los para a espuma de sua cerveja que está se desfazendo na caneca.

– Ela está me enlouquecendo com isso. Já torramos boa parte das nossas economias nessa busca pela fertilidade que ela inventou.

– Acho interessante que você diga que “ela” inventou e não “nós” inventamos.

– E eu acho interessante que você esteja dormindo com uma mulher a um passo da menopausa, mas imagino que seja problema seu.

Phillip pousa a caneca de cerveja na mesa, com uma expressão magoada.

– Você é um babaca, Paul. É um babaca comigo e um babaca com Judd. Realmente espero que você se saia melhor como pai do que é como irmão.

– Eu sou o mau irmão? – indaga Paul, levantando a voz. – Acha que foi só papai quem pagou para mantê-lo fora da cadeia quando você resolveu cultivar maconha? Por três anos eu não tirei meus lucros porque estávamos pagando seus advogados. E você, Judd? Não preciso nem falar de você.

– Não mesmo – digo. – Sei tudo sobre o seu enorme sacrifício. Você nunca vai me deixar esquecer.

– O que foi que disse? – exclama Paul, ficando de pé. A banquetta desaba ruidosamente no chão a seu lado.

Fico de pé também, encarando-o.

– A culpa foi toda sua, Paul. Você é que me arrastou para a casa do Rusco.

O tempo todo eu disse que não queria ir, mas você tinha que mostrar a todo mundo como era durão. Eu não pedi nada e já estou farto de pagar por isso. Está me cobrando um preço alto demais.

– Acho que devíamos ir com calma – intervém Phillip, mas já é tarde demais.

Paul bate com a caneca de cerveja na mesa. Ele está espumando agora, o rosto vermelho e os punhos fechados. À nossa volta, as pessoas se afastam rapidamente, prevendo que vai haver briga.

– Eu perdi minha bolsa de estudos. Perdi tudo. Você se mandou para a faculdade sem nem olhar para trás. – Ele morde cada palavra, e saem todas mastigadas. – E agora você vem me dizer que pagou por isso? Seu ingrato de uma figa!

– Você podia ter feito faculdade. Mas não: preferiu ficar em casa se embriagando durante dois anos. Você queria o quê, que eu acabasse com as minhas chances em nome da gratidão?

– Muito bem, isto é ótimo. Estamos conversando, botando as cartas na mesa – diz Phillip.

O segurança surge de repente por trás de Paul, lançando-nos um olhar severo com o único olho que enxerga. Ele é lutador de boxe aposentado. Atrás do balcão do bar há recortes emoldurados de matérias de jornais relatando suas lutas. Ninguém faz ideia de que tipo de soco ele poderia desferir hoje em dia, mas o cara tem presença, e sua expressão ostenta certa sabedoria carregada de cansaço, exclusiva de quem conheceu a violência de perto. Ele pousa no ombro de Paul uma mão que parece um gancho de carne.

– Paul – diz ele, com uma voz rouca e surpreendentemente gentil. – Ou vocês se sentam ou vão resolver isso lá fora.

Paul assente, ainda olhando para mim, e depois dá uma palmadinha na barriga do segurança.

– Tudo bem, Rod, já estou mesmo de saída.

Rod, o campeão do ringue, lança um olhar grave para Paul e depois para mim, visualizando os danos cataclísmicos que vai nos causar se insistirmos em brigar, depois volta para sua posição atrás do bar. Paul joga algumas notas na mesa.

– Paul – digo, com remorso. – Sempre me senti mal pelo que aconteceu.

– Só me responda uma coisa – começa ele, numa voz grave, tendo esgotado toda a raiva. – Quantas cirurgias eu fiz?

– O quê?

– Não estou falando de quando tudo aconteceu. Estou falando de depois que você saiu de casa. Quantas cirurgias?

Reflico um instante.

– Três, eu acho. Ou quatro se contarmos a que você fez logo depois que me casei. Aquele lance do enxerto.

Paul balança lentamente a cabeça, em negativa.

– Oito.

– O quê?

– Foram oito cirurgias. Enxerto de pele e nervos, enxertos de tecido, pinos cirúrgicos. E quantas vezes você me visitou no hospital ou mesmo ligou para saber como eu estava indo?

– Sei lá. Algumas?

Ele ergue dois dedos.

– Duas vezes. Você me visitou duas vezes. E só.

– Não pode estar certo.

– Não está certo, mas é verdade – diz ele, começando a se dirigir para a saída.

– Paul, espere um instante – chamo.

Ele se vira para me encarar, e fico chocado de ver uma lágrima lhe escorrer pelo rosto.

– Ir à casa de Rusco foi idiotice – diz ele. – Pode ter certeza de que todo dia eu me imagino voltando lá naquele dia para me impedir de fazer o que fiz, e penso em como seria o meu mundo hoje se aquilo não tivesse acontecido. Mas, idiotice ou não, eu fui lá por você. Quer me chamar de mau irmão? Talvez eu seja. Admito isso. Mas pode ser que você também seja.

Volto a sentar na minha banquetta e o vejo ir embora. Eu deveria chamá-lo, detê-lo, agora que estamos finalmente conversando. Mas não somos uma família muito boa em comunicação. Foram necessários dez anos de raiva reprimida e cinco cervejas só para falar esse tanto que falamos hoje. Estou esgotado, e ele também.

– Bom, acho que vocês dois fizeram um verdadeiro progresso hoje – diz Phillip.

– É? Então por que estou me sentindo um trapo?

Phillip me dá uma palmadinha nas costas e bagunça meu cabelo.

– O crescimento emocional dói. Nada que mais umas cervejas não curem – garante ele, desaparecendo na multidão que cerca o bar.

Fico sozinho na mesa para terminar o que resta na minha caneca e

assimilar a nova informação. Achamos que temos todo o tempo do mundo, e então nosso pai morre. Achamos que estamos muito bem casados, e então nossa mulher vai para a cama com nosso chefe. Achamos que nosso irmão é um babaca, mas então descobrimos que na verdade babacas somos nós. Tem sido instrutivo, para dizer o mínimo.

22h30

Phillip volta com oito cervejas, uma entre cada dois dedos de ambas as mãos: mais um de seus talentos inúteis. Sei lá como, viramos todas. A noite assume uma espécie de luminosidade caleidoscópica, e perco a noção de tempo e, vez por outra, de equilíbrio. Na volta de uma das minhas visitas ao banheiro, encontro em nossa mesa a ex-namorada de Phillip, Chelsea.

– Olhe só quem apareceu – diz Phillip.

Chelsea está vestida para caçar, numa saia jeans curta e uma camiseta que, quando ela se inclina para me dar um beijo no rosto, permite uma ampla visão do seu decote ligeiramente sardento.

– Que engraçado encontrar vocês aqui – comenta ela, para o caso de a observação de Phillip não ter sido suficiente para me fazer ver a total casualidade de sua presença aqui.

Chelsea sobe os dedos pelo braço de Phillip, como se ela estivesse tocando um instrumento de corda. Tento captar o olhar dele, mas meu irmão insiste em se fazer de distraído. Quero lhe dizer que ele não pode se comportar assim sob a minha vigilância, mas as cervejas fizeram meu sangue esquentar e torraram minhas veias, e alguém aumentou o volume da música, e para ser ouvido eu precisaria colar a boca em seu ouvido, como Chelsea está fazendo agora mesmo.

Na minha excursão seguinte ao banheiro, vejo Horry atracado com uma garota magricela num cantinho entre o banheiro masculino e a cozinha. Ela lhe transfere litros de saliva e sua língua escorrega da boca para lambar os lábios dele quando os dois se separam, mas Horry não parece se incomodar. *Sorte sua, Horry*, penso comigo mesmo. Estou bêbado e perdido e gostaria muito de estar atracado com alguém neste exato momento, esmagando nossas línguas com sabor de tequila, passando os dedos por uma pele macia e aquecida pelo álcool. Em vez disso, faço xixi durante meia hora, lendo

mensagens rabiscadas na porta do banheiro, ainda sentindo o cheiro do xampu de Chelsea de quando ela me beijou no rosto.

Quando volto para a mesa, Chelsea e Phillip já se foram. Está tocando novamente “Sweet Home Alabama” no jukebox, e acho que vou vomitar. Tem fila para o banheiro, por isso cambaleio até o estacionamento e vomito atrás de uma das lixeiras. Sinto-me um pouco melhor depois, a meio caminho da sobriedade. A chuva finalmente parou, ou quase, virando uma bruma fina e nebulosa que esfria minha pele ardente. Não sei como vou voltar para casa.

CAPÍTULO 41

23h15

NÃO ME LEMBRO se paguei ou não a conta, mas ninguém veio correndo atrás de mim, e só de pensar em voltar lá dentro já sinto engulhos, por isso presumo que esteja tudo bem. Resolvo caminhar. As luzes de néon da Route 120 se estendem à minha frente como a Las Vegas Strip. O P.F. Chang's, a Cheesecake Factory, o Pitch & Putt, o Sushi Palace, o Applebee's, o Rock & Bowl, o Szechuan Gardens e o letreiro digital do Multiplex AMC, tudo faiscando e piscando, desenhando a fogo listras cor-de-rosa e vermelhas sob minhas pálpebras quando fecho os olhos. Montes de vidro quebrado cintilam como purpurina na calçada. Adolescentes andam em grupos barulhentos que se formam e se dispersam conforme descem a rua. Celulares tocam, chovem palavrões. Carros pulsam nos recantos mais escuros de estacionamentos abandonados, por causa do sobe e desce que ocorre lá dentro. Estão trocando a canalização debaixo do asfalto há séculos e nem sequer se dão ao trabalho de retirar os tapumes nos finais de semana. Por isso, a cada dois ou três sinais de trânsito, o tráfego entra num ritmo de procissão, os carros sendo ejaculados do engarrafamento um a um, cantando pneus apenas por autoafirmação, já que não existe, na verdade, lugar algum por aqui para onde valha a pena correr. Eles passam como mísseis, esses carros lotados de garotos iguaizinhos àquele que já fui um dia. De vez em quando dá para ouvir as gargalhadas deles acima do estrépito oco dos pneus que chamuscam o asfalto como jatos de caça na pista de decolagem.

Há uma fonte em frente ao Sushi Palace, produzindo um gêiser vivamente iluminado e cujas cores mudam a cada poucos segundos. Vermelho, amarelo, verde e violeta. Paro e assisto por alguns momentos. Um casal de adolescentes está sentado na beirada da fonte, se beijando com tamanho ardor que sou forçado a desviar o olhar.

Estou andando quando um carro passa e freia bruscamente, obrigando os

veículos de trás a desviar para a esquerda e buzinar com raiva. Não se veem muitas Maseratis em Elmsbrook. O carro para no acostamento e Wade salta. Está usando o mesmo terno que usava mais cedo e tem um curativo no osso do nariz, uma mancha roxa se espalhando por sob o esparadrapo. Ele se aproxima de cenho franzido, ganhando velocidade no caminho.

– O que está fazendo? – pergunto.

Seu soco chega bem antes do meu drible inútil, acertando diretamente meu queixo e lábio inferior, e lá vou eu para o chão. Existe uma versão dessa briga na qual uma multidão de pedestres se forma à nossa volta enquanto nos atracamos e desferimos socos um no outro até que derrubo Wade e nós dois caímos na fonte do sushi, onde eu o forço a render-se à base de pancada e o observo de cima num desprezo vitorioso, cuspido sangue na fonte na maior tranquilidade. Mas estou bêbado e cansado demais para brigar, por isso me enrosco e fecho os olhos, preparado para receber os chutes que virão a seguir. Passados alguns segundos, ergo os olhos e vejo Wade de pé, parado, penteando o cabelo com os dedos.

– Isso foi pelo meu carro – diz ele.

Ergo-me num joelho só e sinto na boca o gosto salgado e metálico do sangue.

– Muito justo – digo, enxugando a boca com a manga da camisa e ficando em pé.

– Você está bêbado.

– E você é um babaca. Vai ficar aí constatando o óbvio?

Ele balança a cabeça e sorri para mim com afeto.

– Você nunca soube beber.

Metendo o braço pela janela quebrada do lado do carona, ele alcança o porta-luvas e tira de lá uma toalha branca, que joga para mim. Recostamo-nos no carro, e pressiono a toalha contra a boca. O tecido felpudo fica ensanguentado.

Universitários baderneiros e alcoolizados passam por nós num incessante borrão ruidoso, como se estivessem sendo produzidos em massa ou despejados de um cano – garotos furtivos em camisetas e bermudas cargo, garotas em calças jeans de cintura baixa e chinelos, espinhas e peitos e tatuagens e batom e pernas e alças de sutiã e cigarros; uma mistura colorida e sexy. Sinto-me velho e cansado e tudo o que quero é ser novamente como eles, quero ser jovem e burro, repleto de angústia e pose e tesão desenfreado. *Posso recomeçar do zero, por favor? Juro por Deus que vou saber*

aproveitar a chance dessa vez.

– Você estava certo no que disse a meu respeito – diz Wade.

– Como assim?

Ele balança a cabeça e olha por cima do ombro.

– Não sou um homem decente. Não mesmo. – Ele pega um cigarro e o acende. – Acho que sempre disse a mim mesmo que era, que em determinada altura cresceria e começaria a me comportar direito. – Ele massageia a nuca enquanto expelle a fumaça na bruma. – Sempre achei que podia parar quando quisesse.

– O que você quer, Wade?

Ele baixa o olhar por sobre o nariz e fita a brasa brilhante do cigarro:

– Não sei. Nada, para ser franco. Só vi você ao passar de carro e me dei conta de que nunca cheguei a lhe pedir desculpas.

– Por isso me bateu.

– É. Eu não sabia que ia fazer isso, quando vi já tinha feito.

– Entendi.

– Sei que não vai fazer diferença alguma, mas achei que era melhor dizer.

– Seu olhar varre o estacionamento. – Quer seu emprego de volta?

– Vá se ferrar.

– Bom, achei que devia perguntar. – Ele atira o cigarro numa poça. – Realmente sinto muito por tudo. Você era meu único amigo de verdade, e é uma merda não sermos mais amigos. Eu mereço, mas ainda assim é uma merda. E, quer você acredite ou não, espero sinceramente que vocês dois consigam se entender, cara. De verdade.

O planeta dá uma guinada sob meus pés.

– Do que você está falando?

Wade respira fundo e balança a cabeça.

– Eu estava me enganando. Não vou ser padrasto de criança nenhuma.

– Você rompeu com Jen?

Ele dá de ombros e depois desce da calçada, dando a volta para chegar até o lado do motorista da Maserati.

– Acho que é o melhor para todo mundo.

Eu o encaro, incrédulo, enquanto a raiva cresce dentro de mim.

– O melhor para você.

– Sei que é o que parece.

– Não é o que parece. É o que é. Era tudo muito bom para você desde que ela continuasse casada comigo, desde que você não precisasse assumir

responsabilidade alguma.

– Não é nada disso, Judd. Eu a amava de verdade.

– E agora não ama mais.

– Amor não basta.

– Ela terminou o casamento por sua causa.

Ele me olha por sobre o teto arranhado e amassado do carro. Seu sorriso é triste e sem jeito.

– Sou um canalha profissional, Judd. Por isso me pagam tão bem.

Apertando um botão no chaveiro, ele abre a porta do carro.

Seria tão perfeito se passasse bem agora um carro com um moleque ao volante que perdesse o controle na pista molhada e escorregadia e simplesmente o atingisse, irreversivelmente incrustando seu cadáver esmagado no aço e no couro de sua Maserati... Teriam que enterrar o carro junto com ele, e a justiça seria feita com floreios poéticos. Mas isso é a vida real, e na vida real Wade consegue comer minha mulher, ferrar com a minha vida, ensanguentar minha boca e depois me lançar um derradeiro sorriso pesaroso antes de sair em disparada sobre doze cilindros italianos. Os pneus derrapam de leve no asfalto escorregadio antes de se aprumarem e ganharem velocidade no tráfego, apenas mais um conjunto de faróis traseiros desaparecendo no horizonte.

Bom, pelo menos estou totalmente sóbrio agora.

Sento-me no muro de contenção de um estacionamento, minha cabeça a mil por hora. Jen foi largada. Jen está sozinha no mundo pela primeira vez em sua vida adulta – sozinha e grávida e vulnerável e arrependida e provavelmente morrendo de medo. Não sei o que pretendo fazer, ou talvez saiba, talvez eu saiba exatamente o que pretendo fazer. De um jeito ou de outro, minhas opções me agradam.

23h45

O motorista do táxi é o Sr. Ruffalo, que ensinava inglês e dava aulas de direção quando eu estava no ensino médio, até se apaixonar por uma de suas alunas, Lily Tedesco. Os dois saíam toda terça no carro da autoescola, as mãos de Lily firmemente posicionadas no volante, depois estacionavam atrás do parque municipal. Ali, os dois falavam sobre seus planos de fugirem

juntos após a formatura e ela se agachava entre as pernas dele, balançando sobre o freio de praticagem como prova do seu amor. O casal deve ter sido flagrado em algum momento, porque um dia a Sra. Ruffalo apareceu na porta da escola e tentou apunhalar o marido com um facão de carne escondido no bolso do penhoar de veludo vermelho. Ninguém jamais prestou queixa, mas o conselho escolar votou unanimemente pela demissão do professor. Agora ele está divorciado e dirige táxi de madrugada. Provavelmente jamais consegue encontrar os dois filhos, que hoje estão muito mais velhos do que na época dessas fotos – todas envergadas e desbotadas – que o Sr. Ruffalo prendeu no quebra-sol do carro. A vida pode ser fantástica, mas também pode mudar completamente num piscar de olhos.

– Você é Foxman, não? – indaga ele.

– Sou.

– Eu ensinei você a dirigir?

– Ensinou. Também foi meu professor de inglês.

– Sério?

– *Romeu e Julieta. Silas Marner. O apanhador no campo de centeio.*

– Muito bem.

– O senhor nos fez decorar um dos *Contos de Canterbury*.

Ele ri.

– Eu era meio babaca, não? É engraçado o que a gente guarda na lembrança – diz ele, abrindo uma fresta na janela para acender um cigarro. – Você se importa?

As luzes da Route 120 se transformam num arco-íris de cores, vistas pela janela suja do táxi. No rádio toca “Wonderful Tonight”, e paramos de falar para ouvir em silêncio. Preciso acreditar que a canção deixe Ruffalo tão triste e perdido quanto a mim. Ele para diante da minha casa precisamente quando a música está acabando.

– Você é o jogador?

– Não. Esse é meu irmão Paul.

Ele assente quando lhe entrego uma nota de 20 dólares.

– Aquele rapaz tinha talento. Foi realmente uma pena o que aconteceu com ele.

– Obrigado.

– A morte vem de cima – comenta ele, sombriamente. – Ninguém está seguro.

– Eu que o diga.

Exagero na gorjeta, embora suspeitando de que os 7 dólares extras não farão grande diferença no simulacro de vida que o Sr. Ruffalo leva hoje em dia.

23h55

Lá embaixo no porão, passo um pouco de água na espuma de barbear com que Ereto cobriu o espelho, para observar melhor meu reflexo. Meu lábio inferior está cortado e inchado, meus olhos turvos, meu rosto pálido e intumescido. Pareço um cadáver que foi retirado do rio uma semana após o suicídio. Chegou a hora de uma avaliação crua e fria. Tiro a camisa, que está suja de sangue e vômito na medida certa para sugerir uma noite bem mais selvagem do que realmente foi, e dou um passo para trás a fim de estudar meu torso. A impressão geral não combina com a imagem a que me agarro mentalmente. Minha barriga ainda não é o que alguém chamaria de pança, mas dá para ver onde a inevitável expansão vai ocorrer. Meu tórax é quase inexistente; poderia passar despercebido não fosse pelos dois mamilos carecas que mais parecem decalques colados ali. Ombros amplos criariam a ilusão de boa forma, mas também fico devendo nesse departamento. A impressão geral é de esbelto porém flácido – e cada vez mais flácido. É esse o pacote, minhas senhoras. Habilitem-se.

Eu deito no chão para fazer alguns abdominais e adormeço quase instantaneamente.

SEGUNDA-FEIRA

CAPÍTULO 42

6h10

ESTOU SENTADO NU na cadeira da shivá. O vinyl barato gruda na minha bunda como fita durex. Todas as pessoas que conheço estão aqui, andando para lá e para cá, entretidas conversando, mas a qualquer momento alguém vai notar. Não posso me levantar para ir embora, não posso me esconder. Estou totalmente exposto. Viro-me para Phillip, mas não é ele ao meu lado, e sim meu tio Stan, que estala os beijos e peida a mil por hora. Peço seu blazer. Ele me lança um sorriso desdentado e me diz que está vendo minhas bolas. Por cima das cabeças baixas de visitas sem rosto vejo Penny, ao fundo, me olhando de um jeito estranho, o que me deixa triste e envergonhado. Então chega Jen, aparentemente de nove meses, com o rosto redondo e radiante. Não posso deixar que ela me veja assim. Os presentes a cumprimentam calorosamente, comentam sobre sua barriga, que tocam com uma reverência informal. Ela avança pela sala e aí, bem a sua frente, eu o vejo. Está sentado nos fundos, um bebê nos braços. Parece-se comigo quando eu era bem mais jovem, grande e forte, com braços grossos e um peito vigoroso. Nossos olhares se encontram e ele pisca para mim, depois se levanta para ir embora. *Espere! Pai!* Mas ele não me ouve. Está se dirigindo para a porta, o bebê posicionado contra o ombro, mordendo sua camisa. Levanto-me de um pulo para segui-lo, minha nudez totalmente esquecida, mas só quando tento caminhar me dou conta de que tenho apenas uma perna e não estou usando a prótese. Caio pesadamente, minha pele batendo no assoalho de madeira com o sonoro ruído semelhante ao de um tapa. Todos se viram para olhar para mim, boquiabertos, enquanto vejo lá no final a cabeça de meu pai, que desce a escadaria principal e desaparece.

Acordo em frangalhos, ainda gritando seu nome para pedir que me espere.

CAPÍTULO 43

6h40

SUBO NO TELHADO e descubro que Tracy já está lá, fumando um dos cigarros de Wendy. Ela se vira, surpresa, depois abre um sorriso débil.

– Roubei seu lugar?

– Tudo bem – respondo, rastejando até ela. Sento-me a seu lado. – Sempre cabe mais um.

Ela me oferece o maço. Tiro um cigarro e o acendo com o dela. Depois ficamos ali sentados um tempinho, contemplando a paisagem dos telhados.

– O que houve com a sua boca? – pergunta ela.

– Um cara que veio me pedir desculpas.

Ela faz uma careta.

– Está doendo?

– Só quando eu sorrio.

– Acho que nunca vi você sorrir.

– Você não me conheceu no meu melhor momento.

– Sei disso. – Ela se vira e me encara. – Phillip anda dormindo com aquela garota, Chelsea, não é? – Não há raiva em sua voz, apenas uma triste resignação.

– Não sei.

– Dê um chute.

– Ele é meu irmão, Tracy.

– Entendo.

Ela dá uma tragada lenta e insegura no cigarro. Fumar não é algo que lhe é natural.

– Estou totalmente sozinha aqui, Judd. Preciso de um amigo, de alguém que me diga se sou doida ou não. Vai ficar só entre nós dois e o sol nascente.

– Ela se inclina, tira o cigarro da minha boca e o segura junto ao dela, contemplando as espirais de fumaça que saem de um e de outro e se

misturam. Depois apaga ambos na telha de ardósia. Está perigosamente próxima das lágrimas. – Não somos fumantes, nem você nem eu.

– Não, não somos.

Eu a observo durante um bom tempo. Ela é mais velha que eu, mas tem um quê de criança, alguma dor antiga, insistente, que jamais foi aplacada.

– Só entre nós dois e o sol nascente – repito.

– Isso.

– Não tenho certeza de que ele dormiu com ela. Mas apostaria que sim. E se não dormiu, vai dormir. E se não com ela, com alguém como ela. As Chelseas do mundo são atraídas para ele.

As lágrimas correm silenciosamente pelo rosto de Tracy, e ela abraça os joelhos.

– Obrigada.

– Sinto muito – digo. – Sei quanto isso dói.

Ela enxuga os olhos e solta o ar lentamente.

– A culpa é toda minha, na verdade. Por mais que ele tenha mentido, não foi nada em comparação com o tanto que eu mesma venho mentindo para mim.

– Você merece coisa melhor. Eu amo meu irmão, mas essa é a verdade.

– Sabe o que é triste?

– O quê?

Ela sorri de leve e ergue o rosto para o céu.

– Ele me ama de verdade. No fundo, ele quer ser o homem certo para mim. Mas simplesmente não é quem ele é.

– E você vai fazer o quê, então?

Ela reflete um instante e depois dá de ombros.

– Vou esperar até que a shivá acabe. Acho que é o certo a se fazer. Depois recolho o que resta da minha dignidade e vou embora.

– Ele vai ficar arrasado. Você sabe disso, não sabe?

– Vou deixar o Porsche com ele.

– Uau! – exclamo. – Presente de despedida.

– Ele se esforçou. Estou com 44 anos. Não tenho mais tempo para rancores.

– Acho que você é a melhor pessoa que eu já conheci.

Ela sorri e dá uma palmadinha no meu joelho.

– É que eu sei me promover.

– Onde você estava quando a minha vida degringolou?

– Estou sempre disponível.

Ela remexe nos bolsos e encontra um cartão de visita em alto-relevo. Contém seu nome, seguido de um rosário de acrônimos. Na parte inferior lê-se PSICOTERAPEUTA CREDENCIADA, e, logo abaixo, COACHER DE VIDA. E mais abaixo ainda, em negrito: TENHA UM PLANO.

– Tenha um plano – digo.

– Você tem?

– Seja lá o que for o oposto de um plano, é isso o que eu tenho.

– Posso lhe dar um conselho mesmo você não tendo pedido?

– Claro.

Tracy se vira para mim.

– Você se casou assim que saiu da faculdade. Está apavorado de ficar sozinho. Qualquer coisa que faça agora será motivada por esse medo. Você precisa parar de se preocupar em encontrar novamente o amor. Vai acontecer naturalmente. Adapte-se à ideia de ficar sozinho. Isso lhe dará poder.

– Poder para fazer o quê?

– Para ser o pai que você quer ser, o homem que quer ser. E então você vai estar pronto para traçar um plano.

Concordo com um movimento de cabeça. Estou vendo Jen, tremendo em sua cama vazia, devastada pelo arrependimento. Ela está sozinha. Eu estou sozinho. Nunca me senti tão próximo dela.

– Ficar sozinho não é para qualquer um – observo.

6h55

Tracy voltou lá para dentro. Continuo sentado no telhado, observando a cidade ganhar vida, quando vejo uma moça sair pela porta da frente da casa dos Callen. Ela usa um vestidinho preto e sapatos de salto alto. O cabelo está todo despenteado e o rosto, manchado com a maquiagem da noite passada. É a garota com quem vi Horry atracado no bar ontem. Ela aperta os olhos para o sol que nasce e olha em volta, meio desorientada. Não sabe direito onde está. No entanto, a vantagem de um beco sem saída é que existe apenas uma direção a tomar. Ela desce a rua, apressada. É cedo demais para que esteja atrasada para o trabalho. Ela não está correndo para algum lugar e, sim, de algum lugar.

Não vou à casa dos Callen há anos. O movimento sempre foi na nossa casa. O hall de entrada cheira a desinfetante e pot-pourri. O assoalho de tábua corrida range sob meus pés. A parede junto à escada ostenta fotos emolduradas de sóis poentes e florestas, tiradas por Linda em suas viagens.

Encontro Horry nos seus aposentos no porão, deitado nu no chão no último estágio de uma convulsão. Sua boca está cheia de espuma branca, que lhe escorre pelo queixo como se ele tivesse engolido sabão. O odor sufocante de sexo e suor toma conta do quarto escuro. Pego um travesseiro úmido da cama e o enfio sob a cabeça dele, que bate no chão de madeira em staccato. Depois o cubro e aperto de leve seu peito e seus ombros, para que ele saiba que estou ali. Ele se sacode debaixo de mim como um animal agonizante, o ritmo diminuindo, os músculos se distendendo conforme a convulsão aos poucos chega ao fim. Enxugo as lágrimas e o suor de seu rosto e, passado um tempinho, vejo, à claridade débil, que seus olhos se abriram.

– Você está aí?

– Estou – grunhe ele, a voz engrossada pela saliva. Seus olhos viajam pelo cômodo num movimento rápido e nervoso.

– Ela foi embora – digo.

Ele fecha os olhos.

– Com uma boa história para contar para as amigas.

– Devíamos ligar para o seu médico – sugiro.

Horry faz que não com a cabeça.

– Já vou melhorar. O sexo às vezes provoca isso. Ritmo cardíaco elevado, endorfina, adrenalina. Por aí.

– Não tem nenhum remédio que você possa tomar?

– Os remédios fazem brochar.

– Bom, então espero que ela tenha valido a pena.

Ele me fita. O branco de seus olhos está levemente rosado, como se tivessem manchado durante a lavagem.

– Se ao menos eu conseguisse me lembrar.

Passados mais alguns minutos, ele gira o corpo e se põe de pé. Ignora minha mão estendida e se levanta sozinho, o cobertor escorregando para o chão.

– Bem, vejo uns bons arranhões de unha na sua bunda – comento. – Isso é sempre um bom sinal.

Ele sorri debilmente e se abaixa para enrolar o cobertor na cintura. Horry tem o tipo de abdome que qualquer um gostaria de ter, o tipo que se retesa e

relaxa sem esforço sob a pele. Olhando para ele, não tem como não se lembrar de quem ele era, quem deveria ser agora. Todos começamos tão confiantes, achando que temos o mundo na palma da mão. Se pararmos para pensar no número infinito de situações que podem nos fazer desmontar, jamais sairemos do nosso quarto.

– Não conte nada a Wendy, está bem?

– Pode deixar.

Não está claro para mim qual parte ele quer esconder dela, mas, de todo jeito, essa não é uma conversa que eu gostaria de ter com a minha irmã.

– Obrigado. – Ele gira a cabeça, alongando os músculos, e respira fundo. – Ainda sinto o cheiro dela em mim.

Por algum motivo, não creio que ele esteja se referindo à garota que acabou de sair.

7h40

Alice está sentadinha na beira da minha cama quando saio do banho. Usa uma calça de moletom com camiseta e tem a expressão de um bichinho abandonado.

– Alice... – começo.

– Eu sei.

A água escorre pelas minhas pernas até os calcanhares, de forma que vou deixando uma trilha de pegadas úmidas no chão.

Ela franze o cenho e desvia o olhar.

– Eu só queria me desculpar por... por aquele dia.

– Tudo bem.

Não está nada bem, mas é o que se diz, certo?

– Fiquei meio doida, me desculpe. – Ela me dirige um sorriso oco, sem graça. – São todos esses hormônios que eu tomo.

– É.

– As coisas não precisam ficar estranhas entre nós.

– É.

– Você só sabe dizer “é”?

– Tudo bem.

– Vamos, Judd. Não seja tão duro comigo.

- Saia daqui, Alice.
- Por favor, Judd. Você nem está olhando para mim.
- Por que será?

Alice baixa os olhos para os próprios dedos, que, entrelaçados, fazem parecer que ela está rezando. Depois ela volta a olhar para mim.

– A questão é que você vai ter um filho por puro acidente. Wendy não dá o menor valor aos dela e nem parece gostar de verdade dos meninos, enquanto eu venho tentando há um tempão. Não é justo.

Ela fica ali sentada na beira da cama, bonita, triste e tragicamente conformada. Então me lembro de como ela correu para acudir Paul ontem, quando ele machucou o ombro, e sinto uma necessidade incontrollável de partir sua cara.

- Vocês têm um bom casamento – digo.
- O quê?
- Você e Paul. Vocês se amam, não?

Seu rosto fica vermelho e ela arregala os olhos como se fosse chorar.

- Sim, nos amamos.
- Isso é muito melhor do que ter filhos. É quase impossível, na verdade. E você está pondo tudo em risco.

Alice reflete um instante e depois assente.

- Tem razão. Sei que você tem razão.
- Alice, qualquer imbecil pode ter um filho, não é mesmo?
- Eu não posso.

Não tem como conversar com ela. E agora as lágrimas brotam, do nada. Onde foram parar todas as mulheres felizes e bem ajustadas? Cada uma com quem eu falo hoje em dia está a apenas uma palavra de uma crise de choro.

– Alice...

Não faço ideia do que dizer mais.

– Não – diz ela, fungando. – Você tem razão. Sinto muito. – Ela enxuga as lágrimas com o pulso e balança a cabeça. – Coloquei você numa posição horrível. Entendo isso. Só preciso saber que está tudo bem entre nós.

A essa altura, eu só quero que ela suma daqui.

- Não está, mas vai ficar.
- Promete?
- Claro.
- Obrigada.

Ela se levanta, ainda chorando, e me dá um abraço. Não tento afastá-la,

mas mantenho as mãos firmemente postadas na cintura para segurar a toalha.

– Muito bem. Acho que é melhor eu deixar você vestir uma roupa – diz ela.

– Seria ótimo.

– Obrigada por entender, Judd – conclui.

Ela só pode estar brincando, porque Alice, meu bem, eu iria até os confins da terra, daria meu braço direito, só para conseguir encontrar uma única coisa que eu conseguisse entender.

CAPÍTULO 44

10h15

NUNCA HOUVE UM grupo de enlutados mais digno de pena. O braço de Paul está numa tipoia. As costas da mão de Phillip estão quase pretas de tão roxas e mais parecem uma luva inflada, a ponto de não ser possível ver os nós dos dedos. Meu lábio está inchado e cortado. Imagine nós três ali na sala, mal instalados em nossas cadeirinhas baixas no sexto dia da shivá, todos de ressaca e zonzos depois dos fortes analgésicos que mamãe distribuiu como balas hoje de manhã. Apertamos os olhos sob a claridade do dia, que hoje parece agressiva e carregada de um brilho rancoroso. Wendy está exausta porque Serena não dormiu uma única noite inteira desde que chegou, e mamãe está descomposta e mal-humorada. Nem sinal de Linda desde a discussão das duas ontem.

Segundo o panfleto informativo deixado por Ereto sobre o piano, este é o último dia inteiro de shivá. Amanhã de manhã ele virá aqui e presidirá uma pequena cerimônia de encerramento; então apagará a vela de sete dias e tomaremos cada qual o próprio rumo, de volta aos destroços flamejantes de nossas vidas individuais. No meu caso, nem sequer faço ideia do que isso significa. Meu porão alugado me parece mais um filme ruim que vi e esqueci.

Todos evitamos nos olhar. Estamos fartos uns dos outros, feridos e zangados, assustados e tristes. Algumas famílias, assim como alguns casais, se tornam mutuamente tóxicos depois de uma exposição prolongada.

Mamãe dirige três grupos de terapia pós-parto semanais em sua sala de estar, onde mães jovens vêm compartilhar dicas sobre como aliviar cólicas e trocar a fralda dos filhos, enquanto extravasam suas frustrações por causa da falta de sono e dos maridos imprestáveis e dos últimos vestígios da gordura da gravidez, que fixaram residência permanente em seus traseiros. Quando éramos crianças, chamávamos essas mulheres de Mamães Tristes e as encarávamos com um misto de fascinação e pena, espionando lá dos últimos

degraus da escada para ver adultos de verdade chorarem. Algumas das mulheres chegavam a uivar, e de um jeito que nos fazia correr para nossos quartos para rir histericamente nos travesseiros. Hoje, graças a uma série de telefonemas entre si ou, o que é mais provável, a um grupo e-mails das Mamães Tristes, várias delas apareceram ao mesmo tempo para oferecer condolências. Isso acontece com frequência, já reparei. As pessoas formam alianças de shivá, chegando juntas para eliminar o risco de se verem a sós com os enlutados. Algumas das Mamães Tristes trouxeram seus bebês, que ficam dentro de pequenas mochilas amarradas aos colos repletos de leite dessas mulheres. Elas vibram inconscientemente em suas cadeiras para que os filhos não acordem.

– Não balancem as crianças – insiste mamãe, em tom severo. – Se fizerem isso agora, vão passar os próximos quatro anos escravas desse hábito. Vocês estão roubando deles a capacidade natural de adormecerem sozinhos.

Por isso elas dão tanta grana a mamãe.

– Você nos balançava? – indaga Wendy.

– Só balancei você – responde mamãe. – Aprendi do jeito mais difícil. Os outros aprenderam a pegar no sono sozinhos.

– Eu podia praticar agora – diz Phillip, descansando a cabeça em meu ombro.

Mas penso em Tracy e o afasto, talvez com um pouco mais de força do que pretendia. Phillip quase cai da cadeira.

– O que foi isso? – pergunta ele, baixinho.

– Perdão.

São sete mães, três das quais deixaram os filhos em casa com as babás. Estão aproveitando: brunch, shivá, manicure e depois uma rápida visitinha ao shopping.

– Que bom para vocês – diz mamãe. – Qualquer desculpa é válida para cuidarem de si mesmas.

Então, dá início a uma sessão de terapia. Paul, Phillip e eu ouvimos, impressionados, as mulheres falarem das inúmeras injustiças que são obrigadas a aguentar, dos sacrifícios que fazem para promover a propagação da nossa espécie. Mamãe as instiga, oferecendo sugestões, sabedoria e absolvição, que, na verdade, é o que elas estão comprando. Algumas das pérolas de mamãe:

– As crianças anseiam por disciplina.

– Não protejam seus filhos da raiva. Esse negócio de dizer “mamãe está

triste” quando você está zangada não passa de conversa mole dos modernos. Se o seu filho a irritou, diga isso a ele.

– Não importa como, mas voltem a ter orgasmos. Recuperem o próprio equilíbrio como mulheres.

– Amem seus filhos loucamente, mas exijam respeito deles.

As Mamães Tristes compartilham histórias e distribuem sorrisos debilitados, discutindo seus casamentos com ar cansado e expressões de vítimas. Uma delas, pele e osso e com os olhos tristes de um cãozinho, diz:

– Ter filhos muda tudo.

– Não ter também muda tudo – digo.

As mães olham para mim com respeito cauteloso, como se eu tivesse acabado de dizer algo complexo e profundo. Mamãe se ilumina e concorda, orgulhosa do filho emocionalmente abalado.

Uma loura com dois dedos de raiz escura e uma saia florida desabotoa a blusa tranquilamente e libera um seio grande, pesado, para amamentar seu bebê. Seu olhar beligerante percorre a sala como um sonar, desafiando qualquer um ali a se incomodar com isso. Jamais entendi completamente a plataforma das amamentadoras raivosas.

– Isso um dia já foi um peito – resmunga Phillip.

Wendy lhe dá um tapa na nuca, mas sem grande convicção.

11h30

Pode-se dizer o que quiser sobre as Mamães Tristes, mas elas não abusam da hospitalidade. Têm horários a cumprir, o sono e a amamentação dos bebês para coordenar, a hora marcada na manicure/pedicure e a ida ao supermercado. Levantam-se como se fossem uma só, puxando as calças de cintura baixa que realmente não deveriam estar usando nessa época da vida, oferecem condolências retóricas enquanto penduram no ombro as bolsas de bebê de grife, procuram as chaves de suas minivans e automaticamente enfiam chupetas ortodônticas – como se fossem rolhas – nas bocas dos bebês agitados. Seus saltos ressoam no corredor a caminho da porta como bateria de jazz, e fica um silêncio palpável e perfumado quando elas saem.

Algumas das visitas regulares estão de volta, em sua maioria mulheres, amigas e vizinhas que vêm filar o café da manhã, algumas trazendo a tiracolo

os maridos aposentados. Peter Applebaum também voltou, e há que se admirar sua tenacidade. Resolveu partir para uma abordagem mais discreta dessa vez, mas observa mamãe atentamente, aguardando o momento adequado para dar o bote. Sinto uma onda de empatia por ele. É possível fazer tudo certo e mesmo assim acabar sozinho, vendo o tempo passar no relógio.

Horry chega trazendo alguns documentos que Paul pediu. Aparentemente intocado pela convulsão de hoje mais cedo, ele se senta diante de Wendy para falar com ela. Os dois ficam sem assunto bem rápido, constrangidos por estarem no meio de nós, mas ele não faz qualquer movimento para sair dali, e ela parece contente de tê-lo por perto.

As mulheres estão conversando sobre um cruzamento perigoso no centro. O sinal de trânsito abre e fecha rapidamente e não existe pista específica para quem vai entrar à esquerda, e semana passada mesmo houve mais um acidente. Alguém devia tomar alguma providência. O assunto leva a histórias de batidas de carros, multas por excesso de velocidade e ao processo que os Paley moveram contra a cidade por conta da árvore que caiu em cima do telhado deles no último temporal; fala-se também das casas pretensiosas que estão em construção na vizinhança, contrariando as leis de zoneamento urbano, e da delegacia de Elmsbrook, e do shopping que estava sendo construído atrás do tribunal mas cujo projeto entrou em compasso de espera quando começou a crise do mercado imobiliário, de forma que o local virou ponto de skatistas e traficantes, e alguém deveria tomar providências. A conversa se desenrola seguindo infinitas associações aleatórias, sem que nenhum tópico se mantenha em foco por muito tempo. Ninguém faz perguntas ou escuta de verdade as outras, apenas aguardando que terminem de falar para poder acrescentar suas próprias contribuições à conversa.

E é precisamente no meio dessa algaravia que mamãe de repente se levanta e lança um olhar para o corredor por sobre as cabeças das visitas. Seguimos esse olhar e vemos Linda entrar e fechar a porta da frente, depois de limpar vigorosamente os pés no capacho. O sorriso de mamãe é pequeno e inseguro, algo raro para seu padrão. Linda a fita e dá um sorriso sem graça de desculpa. Mamãe passa por entre as cadeiras, ganhando velocidade aos poucos, chega ao corredor de entrada quase correndo e cai nos braços de Linda. As duas se abraçam ardentemente durante um momento e depois unem as cabeças, sussurrando sabe-se lá o quê uma para a outra, em lágrimas. Mamãe toma o rosto de Linda nas mãos e, com grande ternura, planta um beijo longo e

delicado na sua boca. Depois, pegando-a pelo braço, as duas saem pela porta da frente, deixando-nos aqui enquanto tentamos descobrir como respirar em um aposento no qual o fornecimento de oxigênio cessou súbita e inexplicavelmente.

Peter Applebaum é o primeiro a reagir. Ele pigarreia e fica de pé.

– Bem – diz ele –, isso foi inesperado.

Dá meia-volta, então, e se dirige para a porta, a cabeça baixa em derrota. Ele estava pronto para o desafio, talvez até animado com tal perspectiva, mas isso... Ele está velho demais para isso. Eu me levanto e o alcanço já na porta.

– Sr. Applebaum...

– Peter – corrige ele, se virando, surpreso.

– Peter. O senhor não precisa mais desse tipo de dor de cabeça.

Ele balança a cabeça e sorri debilmente.

– Tenho 72 anos. Tomo café sozinho toda manhã e durmo com a tevê toda noite. – Existem dores de cabeça, e existem *dores de cabeça*.

– Haverá outras viúvas. Afinal, o senhor viu os maridos que estiveram aqui?

Ele tem os olhos azuis cristalinos e o sorriso encabulado de um homem muito mais jovem.

– Deus o ouça.

– Elas vão chover na sua horta, pode acreditar.

Ele ri brevemente, depois dá uma palmadinha na minha bochecha.

– Não envelheça, garoto. Foi aí que eu errei.

Observo-o descer melancolicamente a rua. Não importa se você tem 72 anos: as mulheres ainda conseguem passar como um trator por cima do seu coração. Isso é algo que nunca me ocorreu e que considero assustador, mas curiosamente tranquilizante.

CAPÍTULO 45

MEUS PAIS TINHAM uma vida sexual ativa e indiscreta. Depois de anos sendo remexidas por papai, nossas paredes ficaram porosas e com isolamento ruim, e podíamos ouvi-los enquanto estávamos deitados em nossas camas à noite: a batida ritmada da cabeceira da cama, os gemidos graves de papai, os exagerados gritos de filme pornô de mamãe. Ignorávamos esses barulhos como ignorávamos todos os outros que uma casa faz: o retinir dos velhos canos de aquecimento, o ranger dos degraus da escada, o chiado do compressor da geladeira, os gorgulhos do encanamento nas paredes. Papai jamais conversou conosco a respeito de sexo. Acho que supôs que entenderíamos tudo por osmose.

Eu tinha 6 anos quando flagrei os dois na cama. Tinha acordado com dor de cabeça e saí meio zozinho pelo corredor até chegar ao quarto deles, os pezinhos do pijama sussurrando contra o assoalho de madeira. Mamãe estava por cima, de costas para mim, subindo e descendo. Pensei que fossem exercícios. Às vezes ela fazia ginástica diante da TV, de leggings e polainas que a faziam parecer uma gata.

– Estou tentando ficar tão bonita quanto ela – explicou-me certa vez, apontando com a cabeça para a mulher na tela, que, assim como mamãe, estava de quatro erguendo a perna atrás do corpo como se fosse um cachorro prestes a fazer xixi.

– Ela parece um cachorro – falei.

– É a Jane Fonda, e não parece cachorro coisa nenhuma.

Jane Fonda tinha o cabelo puxado para cima e preso por uma faixa, o que a deixava parecida com a Sra. Davenport, minha professora do jardim de infância. Mamãe, com seu rabo de cavalo alto e seu top, parecia a protagonista de *Jeannie é um gênio*, que para mim era a mulher mais bonita do planeta e com quem eu planejava me casar um dia. Moraríamos em sua garrafa azul, que ficaria numa prateleira na cozinha de mamãe, para que pudéssemos emergir numa coluna de fumaça toda noite para jantar com

minha família. Quando terminássemos, bastaria que Jeannie piscasse e todos os pratos estariam lavados.

– Você é mais bonita do que Jane Fonda – falei para mamãe.

– Claro que sou, meu amor – confirmou ela, grunhindo enquanto levantava a perna. – Mas o bumbum dela é melhor.

Eu ri daquela noção de um bumbum melhor.

– Mas ninguém vê o seu bumbum.

– As mulheres gostam de ter um bumbum bonito mesmo que ninguém veja.

– Que bobagem.

– Não é mesmo?

Na TV, Jane levantou a outra perna. Quando ficou claro que ela não iria fazer xixi, perdi o interesse.

Mamãe subia e descia na cama, mas não havia Jane Fonda na TV, apenas um resfolegar constante. Além disso, ela estava nua. Olhei para sua bunda e me perguntei se seria tão bonita quanto a de Jane Fonda.

– Mamãe?

Quando ela se virou, vi a cabeça desencarnada do meu pai, imprensada curiosamente contra a cabeceira, o cabelo despenteado e a testa molhada de suor. Parecia estar enterrado na areia até o pescoço.

– Oi, Judd – saudou mamãe, reduzindo o movimento sem cessá-lo, cada seio balançando levemente em ritmos diferentes.

– Vocês estão fazendo ginástica?

– Não, meu bem. Estamos fazendo amor.

– Meu Deus, Hill! – exclamou papai, tentando cobri-la.

– Minha cabeça está doendo.

– Está bem. Volte para a sua cama. Daqui a pouco eu levo um pouquinho d'água para você.

– Posso deitar aí na cama com vocês?

Papai soltou um “Nossa Senhora” e puxou o edredom, enquanto mamãe riu, do jeito como ria às vezes de coisas que eu não dizia com o intuito de fazer graça. Normalmente eu não me importava – era bom fazê-la rir –, mas naquela noite eu estava com dor de cabeça e de mau humor. Por isso voltei arrastando os pés pelo corredor, deitei na cama e sem demora bloqueei todo o episódio, que é o que todo mundo faz.

11h50

Você pode ver seus pais transando, pode ver sua esposa na cama com o seu patrão, mas nada disso tem o mesmo impacto surreal de ver sua própria mãe beijando outra mulher. Wendy despacha as visitas da shivá – *Obrigada a todos por terem vindo. Espero vê-los novamente em circunstâncias mais felizes* – enquanto Phillip, com um pouco menos de tato, dá um jeito nos retardatários e nos que não captam a mensagem: *Muito bem, Sr. e Sra. Cooper, vão em paz, e tomem cuidado para a porta não bater nessas duas almofadas que todos nós carregamos nas costas.* Restamos, então, apenas Wendy, Phillip, Paul, Horry, Alice, Tracy e eu, sentados na sala, tentando absorver a nova realidade.

Paul começa:

- O que foi isso, meu Deus?
- Você não sabia? – pergunto.
- Como assim? Você sabia?
- Tínhamos nossas suspeitas – diz Wendy.
- Quer dizer que mamãe agora é lésbica? Bacana – comenta Phillip.
- Não banalize – diz Tracy. – Foi, na verdade, algo muito tocante de se

ver.

- Ela não pode ser lésbica – observa Paul. – Ficou casada quarenta anos.
- Bom, é meio tarde para ela estar passando por uma fase de experimentação, não acham? – fala Wendy.
- Acho que as duas preferem o termo “bissexual” – diz Horry.
- Todos nos viramos para encará-lo.
- E você sabe disso porque...? – começa Paul.
- Horry dá de ombros, enrubescendo levemente.
- Desde quando? – quer saber Wendy.
- Desde sempre – diz Phillip.
- Vá brincar, Phillip, os adultos estão conversando – rebate Wendy. –

Desde quando, Horry?

- Não sei direito.
- Dê um chute.
- Acho que elas mesmas deviam responder.
- Meu pai do céu! – exclama Paul. – Mamãe é lésbica.
- Bissexual.
- Tanto faz.

– Bom, tanto faz mesmo – concorda Horry. – A minha também.

– Acho maravilhoso – opina Alice. – Quer dizer, as duas são amigas desde sempre. Como deve ser profundo o vínculo entre elas.

– Nossa, Alice! O corpo do meu pai ainda está quente! – Paul balança a cabeça. – Será que eu sou o único a ver um problema nisso?

– Problema é algo a resolver – intervém Phillip. – Se não há solução, não se trata de um problema. Pare de encarar como tal.

Todos nos viramos para Phillip.

– Até que isso quase faz sentido – diz Wendy.

– Aprendi com Tracy – explica Phillip. – Ela não é o máximo?

Ele se inclina para beijá-la, mas ela se esquivava.

– O que foi, gata?

– Aqui não.

– Eu apenas elogiei você. Por que essa irritação toda?

– Eu disse que aqui não.

– E eu perguntei por que essa irritação toda.

– Não é o lugar nem o momento certos.

– Minha mãe acabou de enfiar a língua na boca da melhor amiga na frente dos filhos e de metade dos vizinhos. Caso você não tenha notado, não somos muito ligados nessa coisa de certo ou errado.

– Vou embora – diz Tracy, ficando de pé.

– Desde quando você abandona uma discussão? Você adora discussões. O que você mais gosta na vida é de discutir toda e qualquer merda.

Ela baixa os olhos para ele e balança a cabeça devagar.

– Como você é babaca.

Depois se vira e toma a direção do escritório.

– Mas eu estou tomando parte no processo, amor! – grita Phillip, raivoso. – Estou me apropriando dos meus sentimentos. – Ele a vê sair, depois dá de ombros e volta a nos encarar. – Jamais namorem uma analista – resmunga. – É como tentar ler chinês.

CAPÍTULO 46

13h45

JEN DEIXOU O Marriott. Faço a viagem até Kingston em pouco mais de noventa minutos apenas e paro em frente a minha casa, como já fiz milhares de vezes. O jipe branco dela está estacionado, como de hábito, muito próximo ao centro, portanto preciso abrir a porta do meu carro com cuidado contra o muro de contenção para me esgueirar pela fresta.

Ela me recebe em um short dos tempos da faculdade e uma velha camiseta de banda que era minha. Elvis Costello & the Attractions. Fomos a alguns shows dele. Quando estou gripado, posso cantar “Almost Blue” que fica igualzinho. Isso nunca deixou de fazê-la dar boas gargalhadas. Temos uma história, Jen e eu, uma mistura de artefatos espalhados ao acaso atrás de nós. O cabelo dela está solto, mais comprido do que eu me lembrava, e seu rosto pálido parece cansado, os olhos inchados de tanto chorar. Qualquer um que a veja percebe que ela anda precisando de um abraço. Por isso eu a abraço e ela desmonta, soluçando violentamente em meu pescoço, seu corpo em tamanha convulsão que fico preocupado com o bebê.

O quarto cheira a Jen. Ela se deita atravessada na cama e fecha os olhos. *Vamos ter que jogar fora a cama*, penso comigo mesmo. *Vamos ter que jogar fora um monte de coisas.*

– Prepara um banho para mim? – pede Jen.

Ela deita na banheira, à sombra enviesada do sol da tarde, que penetra pelas venezianas, enquanto fico sentado na borda, desenhando letras na superfície da água. Conversamos por um bom tempo, tanto tempo que a água esfria duas vezes. Não sei sobre o que falamos – o bebê, o passado, a faculdade, nossa lua de mel. Ela chora quando menciona rapidamente Wade, não porque tem saudades dele, mas porque se sente humilhada. Eu me lembro do que Tracy disse sobre recolher o que restava de sua dignidade. Estes são os fatos: sou atraído por mulheres como Jen, que são atraídas por homens

como Wade, e isso não é saudável para nenhum de nós, mas é assim que é. As Tracys deste mundo sempre se apaixonarão pelos Phillips, que, pode ter certeza, sempre comerão as Chelseas. E continuamos girando em nossa dancinha patética, negando nossas verdadeiras naturezas em nome do amor ou de alguma coisa que passe como seu simulacro. Sinto que estou começando a me zangar de novo. Não sei com quem. Estou zangado há tanto tempo que é quase automático agora.

Quando Jen fica de pé na banheira, vejo a água escorrer pelas suas costas. É uma visão magnífica, e não me lembro de já ter tido esse prazer. Provavelmente já tomamos banho juntos, mas acho que há sempre algo novo para ver. De volta ao quarto, ela desaba na cama, enrolada numa toalha.

– Judd.

– Sim?

– Deita aqui comigo?

Este é o meu quarto. Esta é a minha cama. Esta é a minha mulher. Quando eu era pequeno, sabia semicerrar os olhos de modo a fazer tudo o que eu via ficar borrado. Se eu conseguir fazer isso agora com meu cérebro, uns minutinhos, apertá-lo até que certos pensamentos se tornem nebulosos, esta pode voltar a ser a minha vida. Arranco os lençóis do meu lado da cama e me deito direto no colchão. Jen me observa e entende, depois me dá as costas e coloca meus braços em torno de seu corpo, me vestindo como a uma capa.

– Você acha que um dia as coisas podem voltar a ser o que eram? – pergunta ela. Jen está sumindo, sua voz afinando como a de uma garotinha.

– Não sei.

– Ou talvez não exatamente o que eram. Um tanto diferentes, mas boas.

– Talvez.

Ela suspira e depois estremece, pressionando as costas contra meu peito enquanto sua respiração se acalma. Encosto os lábios no seu ombro nu e inspiro seu aroma familiar. Escorrego as mãos pelo peito dela até abaixo do umbigo, onde o ventre está endurecendo. Ela pega minhas mãos e as escorrega até um pouquinho mais embaixo, logo acima do osso pélvico, e as aperta de encontro a um lado da barriga e depois o outro.

– Aí está ela – sussurra. Inclina a cabeça para trás, o rosto roçando de leve no meu.

– Ela?

– Sim. É uma menina.

Não vejo nenhum motivo para que isso me faça chorar. Jen se vira para

mim e me abraça, o cabelo molhado cobrindo meu rosto como um toldo, e me nina, para a frente e para trás, exatamente como mamãe lhe diria para não ninar o bebê, sob pena de continuar a niná-lo até os 5 anos. Ela beija meus olhos. Minha face. Meu queixo. Minha boca, suave e muito ternamente. Posso sentir o gosto das minhas lágrimas em seus lábios. O sono se fecha sobre nós como uma cortina pesada.

16h40

Acordo assustado. O quarto está banhado por sombras do crepúsculo e fico desorientado por um momento. Levo um minuto para filtrar os fatos e determinar os que são reais e os que são vestígios de sonhos. Estou na minha casa, na minha cama, com Jen dormindo ao meu lado. Assim, do nada, o pesadelo acabou, a maldição foi quebrada. Jen ronca de leve. Ela jamais acreditou quando eu disse que ela roncava, e sempre ameacei gravá-la durante o sono, mas, é claro, nunca fiz isso. Era uma daquelas discussões de brincadeirinha que levaríamos conosco até a velhice sem nunca chegar a uma solução. Ergo os olhos para a conhecida mancha marrom de infiltração no teto. Se é possível sentir afeto por uma infiltração, é isso que sinto por aquela manchinha marrom.

A toalha de Jen se desenrolou durante o sono, e um seio solitário espreita como uma sentinela, montando guarda. Corro o dedo suavemente pelo seu pescoço, pelo seu ombro, descendo pelo braço. Adormecida, os anos não lhe pesam, o cenho permanece lisinho, a boca entreaberta, como uma garotinha assistindo a um truque de mágica. Eu a amo há tanto tempo. Nosso passado nos segue, deixando um rastro que é como a cauda de um cometa, o futuro estendido à nossa frente como o universo. Coisas acontecem. As pessoas se perdem e o amor se rompe.

Quero perdoá-la, e acho que consigo, mas não é como emitir um certificado. Vou ter que continuar a perdoá-la pelo tempo que for necessário, e, conhecendo a mim e a ela como conheço, nem sempre será fácil. Mas neste momento, enquanto ela dorme ao meu lado com nossa filhinha na barriga, posso perdoá-la. Inclino-me para beijá-la no ponto em que a face encontra a têmpora, e fico assim por um instante, inspirando o aroma limpo de seu cabelo, meus lábios pousados nela. Então sussurro para ela, minha boca

roçando a carne macia do lóbulo de sua orelha. Fico parado à porta que nem um fantasma, semi-iluminado pelas luzes do corredor, observando-a dormir. Então saio correndo, atravessando o corredor e descendo a escada, que range em todos os pontos conhecidos dos degraus, e cruzo a porta da frente, onde o ar frio da noite penetra em minhas narinas como uma droga.

CAPÍTULO 47

18h30

PHILLIP ESTÁ NO telhado. Não na área ampla em que às vezes nos sentamos, mas na parte mais alta, que encima o sótão, empoleirado como uma gárgula. Lá embaixo há um carro preto de passeio, o porta-malas aberto como uma boca escancarada. Um motorista grandalhão em um terno preto está encostado no carro, fumando. Salto do meu carro e me junto a Paul, Alice, Horry e Wendy na extremidade do gramado. Serena, no colo de Wendy, chupa, satisfeita, uma chupeta. Tracy está de pé no meio do gramado, olhando para Phillip lá no alto.

– Por favor, desça daí! – grita ela. – Você vai se matar!

– É mais ou menos essa a ideia – grita Phillip em resposta. Ele se levanta, apoiando um pé de cada lado do revestimento de ardósia, e abre os braços para se equilibrar. – Mande a limusine embora.

– O que está havendo? – pergunto.

– Phillip pediu Tracy em casamento – responde Wendy. – Na frente de todos nós.

– E o que ela respondeu?

Wendy faz uma caretinha para mim.

– Onde você estava?

– Fui me encontrar com Jen.

– Sério? E como foi?

Ergo os olhos para Phillip, mal equilibrado no telhado, os braços abertos como Jesus Cristo.

– Tudo é relativo, eu acho.

– Ele está sendo bem maduro – comenta Paul.

– Juro por Deus que se você entrar nesse carro eu me atiro!

Tracy se vira para nós.

– Vocês não acham mesmo que ele se atiraria, acham?

Wendy olha para Phillip no telhado e balança a cabeça:

– Acho que só tem um jeito de descobrir.

– Eu amo você! – grita Phillip.

– Você está sendo infantil e manipulador!

– Contanto que funcione!

Mamãe e Linda atravessam a rua correndo.

– Que diabos está acontecendo aqui? – indaga Linda.

– Tracy não vai se casar com Phillip – respondo.

– Tracy não é boba – diz mamãe. Ela vai até o gramado e encara a mulher.

– Só tem um jeito de lidar com pirraça: ignorar.

– Ignorar?

– É.

– Mas ele não tem 4 anos.

– Querida, todos temos 4 anos.

Tracy parece dividida:

– E se ele pular?

– Aí vou ter que repensar minha teoria.

Tracy olha para mamãe durante um bom tempo, os olhos se enchendo de lágrimas.

– A senhora deve me achar uma idiota.

Mamãe retribui o olhar com imensa ternura.

– Você não tem nada de idiota. Não é a primeira mulher que quis acreditar em Phillip, mas é, de longe, a melhor de todas, e sinto muito vê-la ir embora – diz ela, se adiantando e envolvendo Tracy num abraço caloroso.

– O que está havendo aí? – grita Phillip lá de cima.

Tracy olha para ele.

– Estou indo embora.

– Por favor, não!

Tracy se vira para nós e sorri.

– Foi um prazer conhecer todos vocês. Lamento muito se minha presença causou algum problema. – Aproximando-se de mim, ela me abraça. – Depois me conte como tudo acabou – sussurra ela.

– Não vá! – grita Phillip.

Mas Tracy vai. Ela lança um derradeiro olhar melancólico para ele e depois entra graciosamente no carro. O motorista joga o cigarro fora para pegar a maleta e bate com força a tampa do porta-malas. Todos observamos o carro descer lentamente o Knob's End e depois nos viramos para o telhado,

onde Phillip está agora sentado, com a expressão de um derrotado.

– Não acredito que ela foi mesmo embora – diz ele.

– Quer descer daí agora? – interpela mamãe.

– É, acho que vou descer.

Mas quando ele fica de pé para passar a perna por cima da placa de ardósia, sua calça prende em um dos rebordos de proteção contra neve. Phillip perde o equilíbrio e escorrega pela lateral, tentando em vão se agarrar às telhas. Só tem tempo de exclamar “Ferrou!” enquanto desliza pelo telhado e depois por cima das calhas. Por um instante alça voo, de braços abertos, antes de aterrissar pesadamente nos arbustos que margeiam a lateral da casa. Todos corremos para vê-lo caído de costas em cima de um arbusto amassado, olhando fixo para o céu como se estivesse drogado.

– Philly! – grita mamãe, caindo de joelhos diante dele. – Não tente se mexer.

– Já repararam como o céu parece mais próximo quando estamos deitados? – comenta ele.

– Você consegue mexer as pernas? – pergunta Wendy.

– Se eu quiser, sim. – Ele fecha os olhos um segundo. – Isso doeu.

– Vou chamar uma ambulância – diz mamãe.

Ele abre os olhos e a encara.

– Mãe?

– Sim, meu amor.

– Então quer dizer que, tipo, você agora é lésbica?

19h30

Mamãe cuidava de papai 24 horas por dia. Quando a escada se tornou um problema, ela mandou instalar uma cama hospitalar no escritório, onde o acomodava para dormir para só depois subir para o próprio quarto e passar a noite sozinha na cama de casal. Estava cansada e sem energia, por isso Linda começou a lhe fazer companhia durante a noite. Numa delas, mais por distração do que qualquer outra coisa, Linda lhe confessou que havia tido várias amantes do sexo feminino nos anos que se seguiram à morte do marido. Mamãe jamais beijara outra mulher, fato do qual se envergonhou imediatamente. Que tipo de celebridade da psicologia jamais experimentara o

mesmo sexo? Ela devia isso a seus leitores.

– Estávamos as duas tristes, solitárias e necessitadas, e não demorou para que começássemos a nos agarrar feito duas adolescentes.

Ninguém deseja realmente ouvir em detalhes como a própria mãe se tornou lésbica, certo? Não se trata de preconceito. Eu também jamais desejei ouvir os detalhes da vida heterossexual da minha mãe. Mas mamãe é difícil de frear. Empoleirada no braço gordo da poltrona de couro da sala, ela conta sua história. Linda está sentada no outro braço, para dar simetria ao cenário. Fica claro que as duas já haviam imaginado esse momento.

– Tudo começou como algo puramente surreal e físico – explica mamãe em seu tom televisivo, como se estivesse narrando o documentário de seu despertar bissexual. – Mas Linda e eu já éramos muito próximas havia muito tempo. Era mais que natural que um relacionamento físico evoluísse para mais que isso.

– Você faz parecer que é tudo perfeitamente normal – diz Paul.

– Bom, sim. Acho que foi assim que me pareceu.

– Tirando o mero detalhe de que você estava traindo seu marido moribundo.

– Paul – intervém Alice.

– Não, tudo bem – diz mamãe. – Ele sabia.

– Papai sabia? – pergunto.

– Seu pai era um homem muito esclarecido, sexualmente falando.

– O nosso pai? – indaga Phillip.

– Vou contar uma história sobre o pai de vocês.

– Por favor, não – diz Wendy.

Linda pigarreia.

– O pai de vocês sempre foi maravilhoso comigo e com Horry. Ele nos aceitou como parte da família, cuidava das nossas finanças. Quando Horry foi hospitalizado e eu passei aquele tempo todo gastando até o que não tinha para pagar o tratamento dele, o pai de vocês tomou para si as prestações da nossa casa por um ano inteiro. Eu jamais o trairia. Hillary foi o amor da vida dele, e Mort morreu sabendo que ela não ficaria sozinha. Ele me disse isso várias vezes já perto do fim.

– Então papai aceitava numa boa – diz Phillip.

– Ele disse que sempre tinha sentido algo no ar – acrescenta mamãe.

– Então por que não nos contar? – pergunto. – Você sempre foi tão franca quanto à sua vida sexual.

– Eu não quis complicar o luto de vocês. Mort foi um marido generoso e amoroso. Foi um bom pai para todos vocês. Merecia ser pranteado sem qualquer distração.

Algo me ocorre, então.

– A ideia da shivá não foi do papai, foi?

Mamãe enrubesce e baixa o olhar.

– Garoto esperto.

Ouvem-se exclamações e muxoxos de consternação dos meus irmãos.

– Ah, por favor! – diz mamãe. – Vocês sabiam como Mort encarava a religião. Não sei como ninguém desconfiou antes.

– Achamos que tivesse sido o último desejo dele! – diz Paul. – Santo Deus, mãe! Onde você estava com a cabeça?

– Vocês fazem ideia da dificuldade de juntar todos os quatro no mesmo lugar durante mais que algumas horas? Meu marido, o pai de vocês, tinha morrido. Eu precisava dos meus filhos. E vocês precisavam uns dos outros, ainda que não soubessem disso.

– Ereto acobertou você – comento.

Mamãe dá de ombros.

– Charlie sabe direitinho quem deve bajular.

– Tracy não teria me dado um chute se não tivesse vindo para cá – diz Phillip, balançando a cabeça em lamentação.

– De nada, meu filho.

– Você arruinou a minha vida.

– Ora, Phillip! – exclama mamãe, com ternura. – Posso ter sido superprotetora e cometido muitos erros, mas acho que está na hora de você assumir um mínimo de responsabilidade quanto a onde escolhe pôr o seu próprio pênis.

– Está vendo? Isso aí já é um erro. Por favor, não mencione o meu pênis. Ele está fora da sua jurisdição. Mães não ficam falando sobre os pênis dos filhos adultos.

– Então cresça, e eu paro.

– Você mentiu para nós – diz Wendy, baixinho.

– É, menti.

– Mas você nunca mente para nós. É a sua palavra de honra.

– Eu também nunca tinha transado com uma mulher – rebate mamãe com orgulho. – As pessoas mudam. Não com muita frequência, e quase sempre não para melhor, mas acontece.

É preciso enfatizar que mamãe está adorando tudo isso. Seus filhos estão chocados e mortificados e sorvendo cada palavra sua. Ou seja: um replay da nossa infância. É como se jamais tivéssemos saído de casa.

Phillip desliza do sofá fazendo uma careta de dor e se põe de pé.

– Muito bem. Eu perdoo você pelas mentiras e pela infidelidade. – Vai até mamãe e Linda e envolve as duas num único abraço. – Estou feliz por vocês duas – diz ele, desabando na poltrona entre ambas. – Alguém tem um analgésico? Acho que estou com hemorragia interna.

CAPÍTULO 48

20h15

MAMÃE E LINDA estão na casa dos Callen comemorando a oficialização da relação. Paul e Alice estão no meu quarto, de porta fechada, procriando sob o meu pôster do The Cure. Boa sorte para eles. Dou banho em Cole e Ryan enquanto Wendy põe Serena para dormir, o que significa ficar do lado de fora do quarto dela e ouvi-la berrar. Enxugo Ryan enquanto Cole espadana água na banheira, brincando ruidosamente com os golfinhos de borracha que espirram água quando apertados.

– *Gofinhos* – diz ele.

– Não seja bundão, Cole! – exclama Ryan.

– Ei!

– Bundão é a mesma coisa que bumbum – atalha Ryan, rindo.

– Não venha dar uma de sabichão comigo – digo.

Ele concede à questão um instante de reflexão.

– Você é um salsichão – conclui.

– Preste atenção ao palavreado ou eu chuto seu salsichão.

Ele demora um segundo para registrar o que ouve, depois ri com tanta vontade que dá para ver suas costelas vibrarem.

– Chuto seu salsichão – repete Cole na banheira. Ele ergue os golfinhos acima da cabeça e os atira com força na água, molhando a nós dois. – Babaca!

– Cole! – sibila Wendy da porta. Ela me dirige um sorriso sofrido. – Estamos tentando melhorar isso.

– Parece que ele pegou o espírito da coisa.

– Gofinho babaca! – exclama Cole, satisfeito.

Vou ser pai, penso comigo mesmo.

20h45

– Sinto como se fosse o último dia na colônia de férias – comenta Wendy. Ela está sentada na beira da cama de Cole, e eu, na beirada da de Ryan, no que um dia foi o quarto de Wendy. – Amanhã todos nós seguimos nossos caminhos.

– Você vai dar conta dos três no avião? – pergunto.

Bloquear emoções com logística. É a nossa especialidade. Papai continua vivo em cada um de nós. Nossos progenitores podem continuar nos ferrando mesmo depois de mortos, e assim mantêm seu legado. Meus irmãos e eu nunca enfrentaremos uma emoção genuína sem muito esforço. Vamos conseguir, em graus variados, com gente de fora, mas vamos falhar constantemente, às vezes de forma espetacular, uns com os outros. A fiação elétrica é simplesmente complexa demais, como acontece por trás das paredes desta casa; disjuntores acionados à menor pressão.

– Eu me viro.

– E quanto a Barry?

– O que tem ele?

– Nada. Esqueça.

Wendy deixa escapar um suspiro e baixa o olhar para o filho adormecido. Sua expressão é um amálgama complexo de amor, dor e medo. Ainda não conheço essa sensação, mas logo hei de conhecer.

– Eu tenho uma vida muito boa, com um homem bom – diz Wendy. – Amo Barry pelo que ele é. Às vezes o que ele é não me basta, mas na maior parte do tempo sim. Algumas mulheres se separariam para encontrar algo melhor. Eu as invejo, mas também sei que não sou como elas. E quantas dessas mulheres realmente encontram um homem melhor? – Ela dá de ombros. – Não existem estatísticas oficiais.

– E Horry?

– Não existe nenhum Horry. Horry é uma fantasia. E isso é tudo o que eu sou para ele. Uma viagem no tempo. Dormimos juntos como um favor que prestamos aos adolescentes que fomos um dia, não porque exista de fato algo além do passado e de um amor totalmente inútil.

Ela se levanta da cama e se ajoelha para beijar a testa de cada um dos meninos adormecidos. Wendy me ensinava palavrões, escolhia minha roupa, penteava meu cabelo para ir à escola e me deixava dormir em sua cama quando eu tinha pesadelos. Apaixonava-se toda hora, e com grande

estardalhaço, mergulhando em cada romance com a concentração de uma nadadora olímpica. Agora, como esposa e mãe, tenta fazer sua bebê dormir apesar da choradeira, tenta impedir os filhos de aprenderem palavrões e chama de inútil o amor romântico. Às vezes corta o coração ver nossos próprios irmãos como as pessoas em que se transformaram. Deve ser por isso que nos mantemos afastados uns dos outros.

20h55

Desço a escada para o porão e encontro Phillip sentado na minha cama mexendo na minha sacola cheia de dinheiro vivo.

– Quanta grana.

– Pois é.

– Posso pegar um pouco?

– O que seria “um pouco” para você?

Phillip pensa a respeito por um instante.

– Uns mil?

– Vai usar para jogar?

– Não.

– Vai comprar drogas?

– Nossa, Judd. – Ele atira a sacola no chão e se dirige para a escada. – Não precisa mais não.

– Phillip.

Ele se vira.

– Eu não tenho nada, Judd. Não tenho casa, emprego, coisa nenhuma. Passei esse último ano trabalhando como garçom e vivendo à custa de Tracy. Só estou querendo uma chance de recomeçar. A ideia era trabalhar com Paul, mas ele está sendo um grande pentelho quanto a isso.

– Bom, talvez você precise trabalhar para ele um tempo, antes de trabalhar com ele.

Phillip reflete um instante, depois dá impulso com as pernas e se senta na mesa de pingue-pongue.

– Talvez eu possa ser convencido a fazer isso.

– Vou falar com Paul – digo.

– É, porque vocês são unha e carne.

– As pessoas mudam.

Phillip ri e volta a se sentar na cama.

– Foi legal aqui, essa semana. Voltamos a ser irmãos.

– Nunca deixamos de ser irmãos.

– Mas era o que parecia.

– É, acho que parecia sim.

– Bom, vou ter que ficar perto de você para ver meu novo sobrinho, não é?

– Sobrinha. É uma menina.

Phillip sorri.

– Uma menina. Legal.

– É.

– Estou concentrando meus esforços em ser menos problemático.

– Sei disso.

Ele se levanta e se dirige para a escada.

– Vou deixar você dormir.

– Phillip.

– Sim?

– Pegue mil. – Dezesseis mil dólares numa sacola de compras parece muito mais que dezesseis mil dólares no banco.

– Valeu, cara – diz ele, já subindo a escada.

– Estou falando sério. Venha pegar.

Phillip sorri e dá uma palmadinha no bolso traseiro da própria calça, que, agora vejo, ostenta uma protuberância retangular.

– Não brinco em serviço, irmão.

CAPÍTULO 49

21h25

PENNY ABRE A porta escovando os dentes, de camiseta e calça de ginástica.

– Oi – digo.

– Oi.

– Espero que não seja tarde demais.

– Tarde demais para quê?

– Pois é. Boa pergunta. Bom, em primeiro lugar, para me desculpar.

Penny me olha como se estivesse tentando ver através da bruma. Vislumbro ao fundo um pedacinho do apartamento solitário e atravancado e tenho a sensação de que a culpa é minha.

– Não é tarde demais – garante ela.

– Fico feliz.

– Já foi?

– O quê?

– O seu pedido de desculpa. Não entendi direito. Às vezes as pessoas dizem que querem se desculpar e depois isso acaba sendo a própria desculpa, quando, na verdade, ao dizer que querem se desculpar elas conseguem evitar o pedido de desculpas real.

– Ah.

Ela dá de ombros.

– Já me pediram desculpas um bocado de vezes.

– Penny.

– Tem alguma coisa que você queira me dizer, Judd? Então diga. Você nunca vai ter uma plateia menos ameaçadora.

– Eu não pensei muito, simplesmente vim.

– Bom, então não corre o risco de parecer ensaiado demais.

Um pedacinho de pasta de dente branca se alojou no canto da boca de Penny. Penso em limpar, mas concluo que é melhor não.

– Sinto muito mesmo por ter deixado você sozinha no Wonderland.
Ela balança a cabeça.

– Não é por isso que você quer se desculpar.

– Não?

– Você sente muito por não ter me contado que Jen estava grávida, que se sentiu bastante dividido quanto a isso, que ainda continua apaixonado por ela e que provavelmente era o pior sujeito com quem eu deveria ir para a cama.

– É. Sinto muito por isso. Estou envergonhado, na verdade. Levei dez minutos só para arrumar coragem para tocar a sua campainha.

– Eu sei. Vi pela janela.

– Sinto muito, de verdade. Você merecia coisa melhor.

– Eu perdoo você.

– Sério? Assim, sem mais?

– É, sem mais.

– Você ainda parece zangada.

– Pareço distante. Porque estou. Porque por mais que eu ache bacana você ter vindo, passei o dia de ontem levantando um muro bem alto entre nós dois, e vou ficar aqui, do lado de cá desse muro.

– Acho que entendo.

– Não é nada pessoal.

Ficamos ali parados em silêncio um instante. Não sei o que eu esperava.

– E então, a shivá acabou?

– Acho que sim. Amanhã de manhã.

– E depois, o que vai ser?

Balanço a cabeça.

– Para ser bem franco, nem sei.

– Bom, nada o impede de dedicar algum tempo a tentar descobrir.

– É, é verdade.

– Vá devagar. Passinhos de bebê – diz ela, rindo sem alegria. – Hum, me desculpe, péssima escolha de palavras.

– Tudo bem.

– Bom, voltamos ao constrangimento, e você sabe que isso não me agrada. Assim, vou lhe dar um abraço... – Ela se aproxima e me abraça. Sinto-a quente e leve, e um profundo arrependimento toma conta de mim enquanto o cabelo dela faz cócegas nos meus dedos. – E agora você devia ir embora.

– Até logo, Penny. Espero ver você de novo.

Seu sorriso se abre sem muita vontade, mas de certa forma é genuíno.

– Se cuida, Judd Foxman.

21h35

Estou a caminho do carro quando ouço passos às minhas costas.

– Judd.

Eu me viro e ela se atira em meus braços, sem tocar o chão durante um átimo de segundo antes do impacto, me deixando sem fôlego. Ela envolve minha cintura com as pernas, e eu a seguro nessa posição enquanto ela me abraça. Quando se afasta, exhibe um sorriso radiante em meio às lágrimas.

– Nunca fui boa nessa coisa de muro – diz ela.

– É mesmo, nunca foi.

– Queria que você soubesse que ainda vou manter minha parte no pacto.

– É?

– É. Temos cinco anos para bolar um plano melhor. Do contrário somos nós dois, benzinho.

Concordo com a cabeça.

– Nós dois.

– Assim está bem para você?

– Está bem para mim.

Então, como o poste da rua lança sobre nós uma luz que parece de cinema, e como neste momento eu a amo mais do que jamais amei alguém na vida, puxo-a para mim e beijo seus lábios. Quando ela abre a boca sob a minha, sinto o gosto da pasta de dentes em sua língua.

– *Refrescância de menta* – observo.

Ela ri de um jeito musical, como o ressoar de sininhos; o tipo de riso que é capaz de fazer um homem se sentir um pouco mais inteiro.

TERÇA-FEIRA

CAPÍTULO 50

8h15

ERETO APARECE PARA encerrar oficialmente a shivá. O lado esquerdo de seu rosto ainda está bem inchado, na altura da têmpora, o ponto em que Paul o acertou com a bola, e ele não parece lá muito feliz por nos ver mais uma vez. Ao longo dessa semana que passamos aqui, machucamos sua cabeça, ressuscitamos seu apelido vergonhoso e lhe infligimos lesões corporais. Ele pede que nos sentemos nas nossas cadeirinhas baixas mais uma vez. Depois que estamos todos instalados, ele se senta numa das cadeiras desmontáveis e fala como se estivesse lendo um roteiro.

– Durante a última semana, esta foi uma casa enlutada – diz ele. – Vocês receberam consolo uns dos outros e da comunidade. Naturalmente, a dor não se encerra com a shivá. Na verdade, a parte mais difícil ainda está por vir: voltar à vida normal, a um mundo sem o marido e o pai de vocês. E assim como vocês se confortaram mutuamente durante essa semana, é preciso que continuem a cuidar uns dos outros, sobretudo da mãe de vocês, a falar de Mort, a manter sua lembrança viva, sabendo que não estão sozinhos.

Ele se levanta.

– Os dois trechos a seguir são do livro de Isaías: “ O seu sol nunca se porá, e a sua lua nunca desaparecerá, porque o Senhor será a sua luz, para sempre, e os seus dias de tristeza terão fim. Assim como uma mãe consola seu filho, também eu os consolarei.”

– Seria tão bom acreditar em Deus – murmura Phillip para ninguém especificamente.

Todos olhamos para Ereto com expectativa, como formandos que aguardam o momento de lançar para o alto seus capelos.

– Agora – diz ele, dispensando, com um sorriso, o formalismo –, fiquem de pé por favor.

Todos obedecemos, e a shivá se encerra. Estamos contentes que tenha

acabado, mas tristes de ver seu fim. Gostamos uns dos outros, mas não conseguimos ficar juntos durante muito tempo. É um pequeno milagre o fato de termos conseguido chegar intactos até aqui, depois de sete dias. Mesmo agora, sorrimos uns para os outros, mas nossos sorrisos são forçados e mal nos encaramos. Já começamos a nos afastar novamente.

– Agora é costume todos os parentes deixarem a casa juntos – diz Ereto.

– E irem para onde? – pergunta Paul.

– Deem uma volta no quarteirão.

– Para quê? – indago.

– Durante os últimos sete dias, vocês se afastaram do mundo para se concentrar na morte. Dar uma volta lá fora restabelece o convívio de vocês com os vivos.

– Só uma volta no quarteirão?

– É – responde Ereto, aborrecido. – Seria ótimo.

Lá fora faz mais frio do que eu esperava, um dia reluzente mas turbulento, os primeiros ventos do outono sussurrando por entre as folhas. Mamãe caminha entre Phillip e Wendy, de braços dados com eles, acrescentando um toque de procissão ao nosso passeio. Paul e eu acompanhamos sem graça o cortejo, nossas mãos enfiadas nos bolsos para aquecê-las.

– E então – diz Paul –, o que vai fazer agora?

– Na verdade não sei.

– Bom, se eu puder fazer alguma coisa... – Sua voz vai sumindo no ar.

Mantenho o olhar fixo à frente.

– E quanto a Phillip?

– O que tem ele?

– Ele precisa de um emprego.

– Você precisa de um emprego.

– Abro mão da minha parte se você o contratar.

Paul me lança um olhar ferino, depois suspira.

– Tenho plena certeza de que não foi a última vez que Phillip ferrou com a própria vida.

– Você tem razão, provavelmente.

Caminhamos em silêncio durante algum tempo. Chuto uma pedrinha no chão. Quando a alcançamos, é Paul quem a chuta, mantendo-a em jogo.

– Papai sempre teve certa predileção por ele, não é?

Concordo com a cabeça.

– Ele era tudo o que papai não foi.

– Doido, você quer dizer.

– Extrovertido. Caloroso. Emotivo. Papai gostava de nós porque éramos meio que parecidos com ele e gostava de Phillip porque Phillip era totalmente o contrário.

Paul suspira.

– Do que estamos falando, afinal?

– Papai se foi – respondo. – E, junto com a empresa, herdamos a obrigação de socorrer Phillip.

Ele chuta a pedra com um pouquinho de força demais, fazendo-a cair da calçada para o meio da rua.

– Está bem. Vamos fazer o seguinte: você fica com a sua parte. Boto Phillip na loja em regime de experiência. Mas quando ele aprontar alguma coisa, você e eu somos sócios. Meio a meio com os prejuízos. Topa?

– Topo.

É gostoso conversar assim, como irmãos. Viramos a esquina e entramos na Lansing, uma rua curta em forma de lua crescente que contorna o Knob's End por trás.

Paul para de andar e pigarreia.

– Quero dizer outra coisa.

– Sim?

– Sobre aquela noite. Eu falei umas coisas.

– Nós dois falamos.

– Bem, a questão é que durante muitos anos fiquei com raiva de você e isso foi ruim para nós dois. Perdi muito tempo sentindo raiva, tempo que não terei de volta. E agora que vejo você tão zangado pelo que aconteceu com o seu casamento, só quero dizer que a certa altura não interessa quem estava certo e quem estava errado. A certa altura, ficar zangado um com o outro não passa de um mau hábito, como fumar, e você continua se envenenando sem se dar conta disso.

– Entendi. Obrigado.

Paul me dá uma palmadinha nas costas.

– Faça o que eu digo, não faça o que eu faço, certo?

– Certo. Obrigado, Paul.

Ele recomeça a andar, um passo adiante de mim.

– De nada, maninho.

No que tange a reconciliações, a nossa é estranha e vaga, mas a vantagem de ser emocionalmente inepto como somos é que só isso já dá para o gasto.

Assim, seguimos em frente, mais leves do que quando partimos, o clicar em staccato do salto agulha de mamãe soando como um código Morse no cimento da calçada enquanto ela nos conduz de volta para casa.

9h10

Mamãe chora quando vai dar um beijo de despedida em Wendy. Ela consegue ser sempre tão exagerada que quando as emoções normais entram em cena parece quase irreal. Mas somos seus filhos, e estamos todos a deixando mais uma vez. Beijo meus dois sobrinhos e os coloco em suas cadeirinhas no carro.

- Divirtam-se no avião. E se comportem.
- Eu moro na Califórnia – anuncia Cole solenemente.
- É, você mora lá.
- Tchau, tio Judd – despede-se Ryan.

Da próxima vez que eu vir os dois, Cole estará falando frases completas e Ryan será um adolescente mal-humorado e fã de esportes com a primeira penugem lhe cobrindo as pernas. Provavelmente não me deixará mais lhe dar beijos. A ideia me enche de tristeza, e lhe beijo mais uma vez.

- Salsichão – diz ele, e partilhamos uma risada conspiratória.

Cole não sabe direito qual é a graça, mas ri junto também, porque tem dois anos e por que não rir?

Wendy me abraça.

– Trate de se divertir enquanto pode – aconselha ela. – Faça sexo inconsequente. Amasse as mulheres como se fossem latinhas de cerveja. Um tantinho de misoginia vai lhe fazer bem.

- Boa viagem.

– Você é um bundão, Judd. Mas eu amo você. Venho quando o seu bebê nascer.

Ela me beija bruscamente, depois vai se despedir de Phillip, Paul e Alice. Então pega Serena no colo, adormecida em sua cadeirinha, e se instala no banco traseiro da van. No momento em que o veículo começa a se afastar do Knob's End, vejo Horry de pé à porta de sua casa, erguendo a mão num aceno de despedida imóvel. A van para diante da casa dele, e Horry desce os degraus da entrada. As janelas do carro são de vidro escuro e não se abrem.

Horry põe a mão no vidro, tentando enxergar o interior. Não consigo ver nada dentro da van, mas imagino Wendy pondo a mão no vidro, alinhando os dedos com os dele durante um bom tempo, antes de voltar a se recostar no banco e dizer ao motorista para pisar fundo porque ela tem que pegar um avião.

9h25

Na gaveta de cima da cômoda de mogno de meu pai encontro um amontoado de lembranças: um passaporte vencido; seu anel de formatura no ensino médio; um canivete suíço com monograma; uma carteira surrada; algumas abotoaduras descombinadas; o velho relógio Tag Heuer que ele pretendia mandar consertar; vários boletins de escola nossos, amarrotados e presos com elástico; um punhado de chaveiros daqueles que se ganha de brinde por aí; uma caneta-tinteiro com aparência de cara; um isqueiro de ouro, também com monograma; um punhado de parafusos soltos, roscas e fios de extensão; um alicate para desencapar fios; e, numa pequena moldura de prata, um retrato preto e branco de minha mãe nua em toda a glória de sua juventude, antes que os filhos e os implantes de silicone alterassem a topografia de seu corpo. Ela é esbelta e vivaz, mas parece pouco à vontade nessa pose, como se ainda não tivesse amadurecido totalmente. Pelo seu sorriso vejo que era meu pai atrás da câmera. A moldura reluz sem qualquer vestígio de ferrugem. Papai cuidava bem dessa fotografia.

Vou deixar o canivete suíço para Paul e o isqueiro para Phillip. Tiro meu Rolex do pulso, guardo-o no bolso e pego o velho Tag Heuer de papai. Quando eu era pequeno, costumava pegar no pulso dele e girar o aro rotativo, adorando o ruído que fazia sobre o mostrador. Giro o aro algumas vezes. O barulhinho soa diferente sem o pulso de meu pai como âncora. Viro o relógio e vejo que nas costas existe uma gravação. VOCÊ ME ENCONTROU. Palavras de minha mãe, seu amor desnudo registrado no aço. É difícil imaginar que ela tenha se sentido perdida algum dia, mas não temos como conhecer quem foram nossos pais antes de se tornarem nossos pais. No entanto, eles realmente tinham um vínculo forte. Acho que jamais me dei conta plenamente disso até agora. A princípio, o aço é frio de encontro ao meu pulso, mas logo se aquece contra minha pele, como se dotado de vida. Fecho a gaveta com cuidado e me sento

na cama, do lado em que meu pai costumava dormir, e fico apreciando o relógio. Meu pulso não é nem de longe tão grosso quanto o dele, portanto vou ter que mandar tirar alguns elos da pulseira quando consertá-lo. No momento, os ponteiros estão imóveis sobre o mostrador branco – o relógio parou de funcionar anos atrás –, mas não tenho muitos horários a cumprir atualmente.

9h40

Mamãe, Phillip, Paul, Alice e Horry estão sentados à mesa, fazendo um lauto brunch que consiste das sobras da shivá. Phillip conta uma história que os faz, alternadamente, abrir a boca de espanto e gargalhar. Ele tem muitas histórias capazes de provocar tal efeito, e algumas talvez até sejam verídicas. Eu os observo do corredor durante um momento, sem ser visto, depois me dirijo, calado, até a porta. Por motivos que não entendo totalmente, me ver no meio de abraços de despedida e votos de felicidade é demais para mim agora. Alice se mostrará estranha; Paul, constrangido; Phillip, exuberante; e mamãe há de chorar, o que me fará chorar, e já chorei o bastante.

– Peguei você saindo à francesa.

Eu me viro e vejo Linda, ao pé da escada, me observando.

– Não, eu só...

– Tudo bem – diz ela, baixinho. – Sete dias são muito tempo de convívio. Venha me dar um abraço.

Ela me toma nos braços e me dá um beijo em cada bochecha.

– Estou feliz por você e mamãe – digo.

– Sério? Não é estranho demais para você?

Ela enrubesce um tantinho, parecendo mais jovem e repentinamente vulnerável, e consigo vê-la mais ou menos como mamãe a vê.

– É um tipo bom de estranheza.

– Isso foi a descrição perfeita – diz ela, me abraçando de novo. – Obrigada.

– E então, vocês duas vão morar juntas?

– Veremos – responde Linda, com um pequeno sorriso sem jeito. – Estamos progredindo aos poucos. Sua mãe não namora há muito tempo. Tudo é muito novo para ela.

– Imagino que sim.

– Ah. É, tem isso também.

Ela me olha longamente, me avalia.

– Você está com uma aparência melhor do que quando chegou.

– Cheguei como um marido traído. Agora sou um futuro pai.

Ela sorri.

– Não suma, Judd.

– Pode deixar.

Lá fora, o sol ilumina as folhas vermelhas dos arbustos, banhando o pátio em suaves tons de âmbar. Do outro lado da rua, dois jardineiros com ruidosos aspiradores de jardim levantam um redemoinho de folhas multicoloridas que deixam o gramado e saem voando numa lenta e graciosa procissão até a calçada. Um gato toma sol no parapeito de uma janela. Uma mulher se exercita correndo enquanto empurra um bebê num carrinho. Incrível como o mundo pode parecer tão inofensivo às vezes.

9h55

Estou sentado à toa num posto de gasolina que fica pouco antes da altura da estrada estadual. Desenho mapas mentalmente. Posso chegar ao ringue de patinação em dez minutos. Posso estar de volta em Kingston em noventa. Segundo o GPS, posso estar no Maine em sete horas e sete minutos. Meu carro não tem GPS, mas o Porsche de Phillip tem, e é o que estou dirigindo. Deixei um bilhete para Phillip com as chaves do meu carro. Hoje de manhã, com a pulga atrás da orelha, contei o dinheiro da minha sacola e descobri que faltavam 2 mil dólares, não apenas mil, portanto é válido tomar algo como garantia.

Penny. Jen. Maine. Nenhuma das opções acima. O que importa é que existem opções.

A moça que parou com seu Toyota azul para abastecer tem um grande volume de cachos castanhos, presos por uma faixa preta para evitar que caiam no rosto. Sua pele é maravilhosa, e os óculos escuros moderninhos sugerem uma inteligência sexy. Ela é colunista de uma revista, ou talvez fotógrafa. Quando me olha e me vê olhando para ela, eu sorrio. Ela sorri de volta, ao que me apaixono momentânea e violentamente.

Opções.

Estou louco para me apaixonar de novo, motivo pelo qual não me encontro

em condições de correr atrás disso. Mas espero que eu consiga perceber quando esse momento chegar. O relógio do meu pai chacoalha em meu pulso, grande demais para mim, as palavras de mamãe de encontro a minha pele, escondidas. VOCÊ ME ENCONTROU. Elas me dão esperança.

Pego a estrada, arranhando a embreagem uma ou duas vezes até engatar a quarta marcha. Papai nos fez aprender como em um manual, flexionando os braços potentes enquanto passava a marcha. *Segure firme, passe a marcha, puxe, acelere. Segure firme, passe a marcha, puxe, acelere.* Escuto mentalmente sua voz e sorrio. Todos sabemos passar as marchas. Todos sabemos trocar pneus. Todos sabemos reprimir nossos sentimentos até que nos envenenem. É um legado complicado.

Não sou fã de música country, mas não existe ritmo melhor para quem dirige. Coloque a música certa no som do Porsche, ajuste o volume alto o bastante e você será engolido por inteiro. O passado é um prelúdio e o futuro, um buraco negro, mas neste momento, ao cruzar a toda velocidade a estrada sem qualquer motivo especial, devo dizer que me sinto muito bem em ser eu mesmo. Hoje à noite vou dormir no Maine. Amanhã, veremos. Minha filhinha está a caminho, tenho um Porsche emprestado e 14 mil dólares numa sacola de compras.

Tudo pode acontecer.

AGRADECIMENTOS

Obrigado:

A Lizzie, pelo apoio e estímulo infinitos. A Spencer, Emma e Alexa, que continuam a me encantar e inspirar. A Simon Lipskar, que, nove anos e cinco romances depois, continua a me representar com paixão, sabedoria e a conta certa de irreverência. A Ben Sevier, meu editor, que leu vários esboços deste livro, fornecendo opiniões preciosas e sugestões valiosas a cada passo do caminho. A Kassie Evashevski, Tobin Babst, Rebecca Ewing, Maja Nikolic e Josh Getzler.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



COMO FALAR COM UM VIÚVO

Doug Parker não foi um aluno brilhante, não conseguiu entrar para nenhuma universidade de prestígio e era demitido dos empregos de redator com relativa frequência. Enfim, não levava nada muito a sério até conhecer Hailey, bonita, inteligente e cerca de 10 anos mais velha que ele.

Quando os dois se casam, Doug deixa para trás a descompromissada vida de solteiro e se dedica a esse amor, acreditando finalmente ter encontrado seu rumo. Mas, dois anos depois, Hailey morre em um acidente de avião e tudo perde o sentido.

Tentando lidar com o luto, Doug passa a escrever uma coluna chamada “Como falar com um viúvo”, em que desabafa sua dor, relata a dificuldade de expressar seus sentimentos e se lembra da esposa de maneira sincera e cativante. A coluna se torna um grande sucesso – algo com que ele sempre sonhou – só que, infelizmente, no momento errado.

Em meio a seu drama, Doug se vê às voltas com o enteado rebelde e a irmã

gêmea que se mudou para sua casa decidida a fazê-lo voltar a se relacionar com outras mulheres. E então nada mais é como antes: sua vida passa a se desenrolar em uma divertida sucessão de encontros desventurados e insólitas confusões familiares.

Entre tropeços, atropelos e as mais loucas situações, Doug começa a tocar sua vida, ainda que não saiba muito bem para onde. Afinal, muitas vezes o melhor a fazer é seguir em frente.

Engraçado, melancólico, sensual e inteligente, *Como falar com um viúvo* é um romance sobre encontrar seu próprio caminho, mesmo quando não se tem ideia do lugar aonde se quer chegar.



TUDO PODE MUDAR

Aos 32 anos, Zachary King é um homem que parece ter a sorte a seu favor. Possui um emprego estável, divide um apartamento luxuoso com um amigo milionário e está noivo de Hope, uma jovem inteligente, sensual e muito acima de seu nível social.

Mas tudo começa a mudar quando ele encontra sangue em sua urina. Preocupado, procura imediatamente um médico, que o aconselha a investigar a causa do sangramento.

Obcecado pela ideia de que se trata de um câncer, Zack começa a refletir sobre sua vida e as escolhas que fez até então. Nada parece satisfazê-lo de verdade. Seu trabalho é estressante demais e ele não tem certeza se ama Hope da forma como deveria.

À medida que o casamento se aproxima, Zack é assombrado pela lembrança de Rael, seu melhor amigo, morto em um acidente dois anos antes, e por seus sentimentos cada vez mais complicados por Tamara, a bela viúva de Rael.

Como se tudo isso não fosse ruim o bastante, seu pai, um homem

inconsequente e viciado em Viagra, reaparece após 20 anos de ausência tentando reparar os erros do passado.

Mesmo relutando em aceitar a presença do pai, Zack vai aos poucos se deixando influenciar pelo seu comportamento irresponsável e acaba tomando atitudes extremas, com resultados desastrosos. Em pouco tempo, sua vida amorosa se torna caótica e sua existência, antes tão bem estruturada, entra em um redemoinho que foge ao seu controle.

Tudo pode mudar é um romance inteligente, emocionante e sexy – uma história cruelmente divertida sobre as armadilhas do amor e as reviravoltas da vida.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



FIQUE COMIGO

Harlan Coben

Megan é uma típica dona de casa rica que já esteve do lado selvagem da vida. Ray, um fotógrafo falido. E Broome, um detetive que não desiste de um antigo caso não solucionado.

O que três pessoas tão diferentes podem ter em comum? Todas elas são assombradas por um acontecimento que mudou suas vidas: Stewart Green, um pai de família viciado em frequentar boates de striptease, desapareceu sem deixar vestígio.

Agora, 17 anos depois, um jovem chamado Carlton Flynn sumiu na mesma data que Stewart. O que poderia ser apenas uma coincidência se torna um padrão quando Broome, que foi designado para o caso, descobre que, ao longo desse tempo, outros homens sumiram do mapa sob as mesmas

circunstâncias.

No mesmo dia, Ray é agredido na saída de um trabalho. Aquilo que inicialmente parecia um assalto comum se revela um ataque encomendado que pode ter relação com seu passado. Enquanto isso, alguém que Megan conheceu há muitos anos reaparece inesperadamente e ela percebe que a vida que construiu para si está ameaçada.

Essa sequência de eventos digna de um filme de Hitchcock arrasta os três para um mundo sombrio de sexo, mistérios e violência, em que seus segredos mais profundos são colocados em risco. Ao mesmo tempo, os leva a reavaliar suas escolhas e a questionar se finalmente não chegou a hora de a verdade vir à tona.



RETRATO DE UMA ESPIÃ
Daniel Silva

Aposentado do serviço secreto israelense, o restaurador de arte Gabriel Allon decide passar um fim de semana em Londres com sua esposa, Chiara. Mas seus sentidos estão sempre em alerta, sobretudo depois dos recentes atentados suicidas em Paris e Copenhague.

Em meio à multidão, Gabriel detecta um suspeito. Um homem-bomba. Quando está prestes a atirar para matar, ele é detido pela polícia britânica e acaba presenciando um terrível massacre.

Já de volta à sua casa na Cornualha e ainda assombrado por não ter sido capaz de impedir o ataque, o agente é convocado a comandar um esquema global contra a guerra santa muçulmana. Uma nova rede terrorista se espalha pela Europa e só há uma solução para derrotá-la: infiltrar um agente duplo.

A espiã ideal é uma bilionária saudita que vive de dissimulações, transitando entre os mundos islâmico e ocidental. Treinada por Allon, ela deve evitar que o terror se dissemine.

Numa trama que espelha as tensões e conflitos da atualidade, Gabriel precisa identificar o inimigo para, enfim, chegar a seu covil: o plácido porém

implacável deserto da Arábia Saudita.



O INFERNO DE GABRIEL
Sylvain Reynard

Enigmático e sedutor, Gabriel Emerson é um renomado especialista em Dante. Durante o dia assume a fachada de um rigoroso professor universitário, mas à noite se entrega a uma desinibida vida de prazeres sem limites.

O que ninguém sabe é que tanto sua máscara de frieza quanto sua extrema sensualidade na verdade escondem uma alma atormentada pelas feridas do passado. Gabriel se tortura pelos erros que cometeu e acredita que para ele não há mais nenhuma esperança ou chance de se redimir dos pecados.

Julia Mitchell é uma jovem doce e inocente que luta para superar os traumas de uma infância difícil, marcada pela negligência dos pais. Quando vai fazer mestrado na Universidade de Toronto, ela sabe que reencontrará alguém importante – um homem que viu apenas uma vez, mas que nunca conseguiu esquecer.

Assim que põe os olhos em Julia, Gabriel é tomado por uma estranha sensação de familiaridade, embora não saiba dizer por quê. A inexplicável e

profunda conexão que existe entre eles deixa o professor numa situação delicada, que colocará sua carreira em risco e o obrigará a enfrentar os fantasmas dos quais sempre tentou fugir.

Primeiro livro de uma trilogia, *O inferno de Gabriel* explora com brilhantismo a sensualidade de uma paixão proibida. É a história envolvente de dois amantes lutando para superar seus infernos pessoais e enfim viver a redenção que só o verdadeiro amor torna possível.



O GUARDIÃO
Nicholas Sparks

Quarenta dias após a morte de seu marido, Julie Barenson recebe uma encomenda deixada por ele. Dentro da caixa, encontra um filhote de cachorro dinamarquês e um bilhete no qual Jim promete que sempre cuidará dela.

Quatro anos mais tarde, Julie já não pode depender apenas da companhia do fiel Singer, o filhotinho que se tornou um cachorro enorme e estabanado.

Depois de tanto sofrimento, ela enfim está pronta para voltar a amar, mas seus primeiros encontros não são nada promissores. Até que surge Richard Franklin, um belo e sofisticado engenheiro que a trata como uma rainha.

Julie está animada como havia muito tempo não se sentia, mas, por alguma razão, não consegue compartilhar isso com Mike Harris, seu melhor amigo. Ele, por sua vez, é incapaz de esconder o ciúme que sente dela.

Quando percebe que seu desconforto diante de Mike é causado por um sentimento mais forte que amizade, Julie se vê dividida entre esses dois homens. Ela tem que tomar uma decisão. Só não pode imaginar que, em vez de lhe trazer felicidade, essa escolha colocará sua vida em perigo.

O *guardião* contém tudo o que os leitores esperam de um romance de Nicholas Sparks, mas desta vez ele se reinventa e acrescenta um novo ingrediente à trama: páginas e mais páginas de muito suspense.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[_Quarta-Feira](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[_Quinta-Feira](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[_Sexta-Feira](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Sábado](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Domingo](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Segunda-Feira](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Terça-Feira](#)

[Capítulo 50](#)